CANCIONEIRO
DE
MUSICAS POPULARES

CONTENDO

LETRA E MUSICA

DE

Canções, serenatas, chulas, danças, descantes, cantigas dos campos e das ruas, fados, romances, hymnos nacionaes, cantos patrioticos, canticos religiosos de origem popular, canticos liturgicos popularisados, canções politicas, cantilenas, cantos maritimos, etc. e cançonetas estrangeiras vulgarisadas em Portugal

---

COLLECÇÃO RECOLHIDA E ESCRUPULOSAMENTE TRASLADADA

PARA

CANTO E PIANO

POR

CESAR DAS NEVES

COORDENADA A PARTE POETICA

POR

GUALDINO DE CAMPOS

PREFACIADO PELO EX.^mo^ SNR.

DR. THEOPHILO BRAGA

VOLUME II

COM UMA APRECIAÇÃO CRITICA DO EX.^mo^ SNR. DR. SOUSA VITERBO

PORTO

EMPRESA EDITORA

CESAR, CAMPOS & C.ª

116 — Rua de D. Pedro — 116

1895

CANCIONEIRO DE MUSICAS POPULARES

Cancioneiro de Musicas Populares

Está publicado o primeiro volume do **Cancioneiro de musicas populares** e isto significa já um valioso serviço prestado á nacionalidade portugueza. Estivessem assim coordenadas as outras funcções da sua actividade, e comprehender-se-hia facilmente, n'um relance d'olhos, o contingente que Portugal tem fornecido ao desenvolvimento geral da civilisação. São estes trabalhos de compilação que faltam na nossa litteratura e emquanto não estiverem compendiados todos os elementos de qualquer especialidade, muito difficil será formular um juizo synthetico sobre o valor da representação mental portugueza na equação do progresso.

Não diremos que o **Cancioneiro de musicas populares** seja um monumento de primeira ordem, uma obra impeccavel, correspondendo com uma exacção mathematica á sua indole, ao seu intuito, ao seu titulo. A sciencia deu as mãos ao folklorismo e um e outro foram por esses campos fóra, colhendo um pouco ao acaso as flôres, que espontaneamente rebentavam a seus pés, acceitando com um sorriso na bôca as que lhes offereciam no caminho e lhes atiravam gentilmente ao regaço. Fez-se a colheita, não se fez ainda a selecção e essa tarefa só mais tarde é que se poderá realisar em condições satisfactorias. Bastantes dos trechos colleccionados teem um sabor erudito, não perderam ainda a sua patina litteraria, e embora já andem na bôca do povo, ainda não se aclimaram facilmente, ainda não despiram os habitos palacianos, ainda se não depuraram no cadinho da tradição popular. Longe, porém de ser um inconveniente, quer-nos parecer que tem muito de vantajoso o conglobar n'este ramo a flora da sala a par da flora das ruas, as rosas dos jardins esmerados ao lado das rosas dos prados e das serranias. Ficar-se-ha assim conhecendo como é que naturalmente se estabelece esta endosmose artistica e litteraria; como é que a musa do povo vem buscar no alto a sua fonte de inspiração e como é que a musa do cultismo vae revigorar-se muitas vezes e tonificar o seu organismo nas origens primitivas, tão rusticas na apparencia mas tão encantadoras no seu fundo de sinceridade e singeleza.

É cedo ainda para fazer-se uma analyse profunda e um estudo comparativo sobre a exuberancia e variedade das nossas bellas melodias populares. O **Cancioneiro de musicas populares**, se não é a primeira tentativa, póde dizer-se que é uma empreza inicial no seu genero. Seria insensatez e seria absurdo exigir-se d'elle um trabalho completo, exhaustivo, como se alguem tivesse a velleidade de affirmar que obras d'esta natureza sahem completas da cabeça de seus auctores como Minerva da cabeça de Jupiter. Logo que esteja publicado o segundo volume, então se poderá mais seguramente e com maior somma de documentos proceder ao inquerito da nossa evolução artistica, estudada em si propria e nas suas relações com a arte estrangeira. Hoje não se comprehende um estudo d'esta ordem sem ser fundado no parallelismo, isto é, sem que se comparem as manifestações estheticas d'um povo com as manifestações estheticas d'outro povo. O que ás vezes, sob um ponto de vista absoluto, suppômos resultante d'uma força original, não passa d'uma corrente transmittida e lá vamos encontrar em outra parte, com fórmas mais caracteristicas e mais archaicas ainda, o que suppunhamos privativo d'uma região e da indole d'um determinado paiz.

O **Cancioneiro** não se limita a ser o archivo das riquezas melodicas: é tambem um inventario poetico e choreographico. Não deixará de ser curioso averiguar se muitas das canções que nos vieram do estrangeiro foram importadas unicamente pelo que diz respeito á parte musical, se com respeito tambem á parte poetica, pelo menos ao fundo essencial da letra.

Embora nos falte absolutamente a competencia e auctoridade technica para formular e comprovar esta theoria, não duvidamos todavia emittir a hypothese de que muitas das cantilenas vulgares provieram da influencia religiosa e theatral. Sabe-se que o nosso theatro do se-

culo XVI era adornado de córos, que faziam o encanto dos saraus palacianos e dos frequentadores dos pateos das comedias. Alguns dos dramaturgos, como Gil Vicente, é que compunham as musicas que ornamentavam as suas peças e nada mais natural que muitas d'essas toadas ficassem na tradição popular. Assim como o poeta levava para o palco as cantigas do povo, assim o povo aprenderia tambem do dramaturgo, pagando-se d'esta fórma mutuamente as suas dividas poeticas.

A egreja na idade média desempenhou o mesmo papel que o *agora* e o *forum* representaram na civilisação grega e romana. A vida religiosa e a vida civil apertava-as um estreito laço d'união. Muitos actos de importancia effectuavam-se á sombra do campanario, sob o alpendre da galilé, e no proprio templo as massas populares de envolta com a fidalguia e com a realeza assistiam a cerimonias d'um aspecto e d'um caracter dramatico, como eram os autos nas festas do Natal. Mais tarde a egreja viu-se obrigada a cohibir muitos abusos praticados sob o manto da religião e que não eram senão um resurgimento das antigas praticas gentilicas. Na visitação á egreja de S. João de Mocharro, feita em 1467 pelo celebre cardeal d'Alpedrinha, arcebispo de Lisboa, lêem-se disposições interessantissimas ácerca das vigilias e romarias, prohibindo as *cantigas mundanas*, que por este motivo se faziam nas egrejas, assim como as danças e jogos deshonestos [1].

Quando Beckford no principio d'este seculo esteve em Portugal, na volta d'um passeio a Alcobaça e Batalha, pousou em Cadafaes e ahi teve occasião de assistir á festa de Santo Antonio n'um convento franciscano. O que mais o impressionou foi um hymno entoado pelo povo e que elle diz que os portuguezes costumavam cantar, como grito de guerra, nos dias das luctas supremas. Que pena que o humoristico escriptor inglez não tivesse tido o cuidado de nos transmittir a letra e a musica d'esse hymno! Observou-nos o nosso erudito amigo Gabriel Pereira, que bem poderia ser o *Bemdito*. Effectivamente na singeleza d'este canto ha o quer que seja de marcial e divino e é ainda com profunda saudade que nos recordamos d'elle quando o ouviamos em criança, nas ruas do Porto, entoado melancolicamente pela voz rude dos marinheiros que levavam como voto, offerenda a algum santuario em voga, a vela enrolada do seu navio em perigo.

Não foi só o elemento christão que predominou na musica portugueza; a influencia judaica e mourisca devem ter deixado fatalmente os seus vestigios. Não obstante a inquisição, que produziu, pela mais inqualificavel violencia, a unidade religiosa, o predominio da tradição arabe prolongou-se indefinidamente. D. Manuel era apaixonado pela musica e recreava-se particularmente em ouvir os seus cantores e tangedores mouriscos. Na côrte de D. João III

[1] Esta visitação foi publicada por Borges de Figueiredo no tomo I da sua *Revista archeologica e historica*.

apparecem-nos bastantes bailadores de mourisca, que não se limitavam unicamente a dançar, mas que tocavam igualmente e por certo cantariam tambem [1].

Abre este segundo volume com uma peça musical de grande valor historico: o hymno que os soldados portuguezes cantavam na infeliz jornada d'Alcacer Quibir. A Miguel Leitão de Andrade deve a archeologia artistica portugueza a conservação de tão precioso documento, que decerto não seria o unico. Tudo leva a crêr que os guerreiros portuguezes não se limitassem a cantar os romances e trovas populares, e que celebrassem tambem as suas victorias e aventuras. Infelizmente ninguem teve a piedosa lembrança de colligir esse cancioneiro, que hoje seria o mais admiravel commentario á nossa odysseia secular. Falta de curiosidade, falta de patriotismo e falta de comprehensão historica!

A batalha d'Alcacer Quibir é uma das paginas mais lutuosas do nosso passado, mas é ao mesmo tempo uma das mais pittorescas e suggestivas. Só a imaginação popular é que comprehendeu bem o alcance d'essa catastrophe, envolvendo-a na neblina vaporosa d'uma tradição messianica. Um povo d'aventureiros não podia expirar d'outra sorte. D. Sebastião foi o ultimo cavalleiro andante; o seu logar não é na historia, o seu verdadeiro logar é na lenda.

Não foi á falta de musica e á falta de poesia que a batalha real se perdeu. D. Sebastião levava comsigo mais d'um poeta para lhe cantar a imaginaria victoria. Diogo Bernardes e Fernão d'Alvares do Oriente lá ficaram chorando, em troca, as amarguras do captiveiro. Conta-nos Caverel, narrando a viagem que o embaixador Saint-Vaaz

[1] «Dom Joham & A quamtos esta minha carta virem faço saber que avendo eu respeito aos seruyços que tenho recebydos de Francisco Teixeira, *tangedor de mourysqua*, querendolhe por yso fazer graça e merce, tenho por bem e me praz que elle tenha e aja de mym, em cada hũu anno, de janeiro que vem de b^{c}xxxiiij (1534) em diamte, dous myll rs em dinheiro e hum moyo de trigo homde quer que estyuer, em quanto minha merce for, pagos per esta so carta jerall sem mays tirar outra de minha (falta aqui a palavra *fazenda)* no almoxarifado de Tauilla: porem mando ao almoxarife ou recebedor do dito almoxarifado de Tauilla, que ora he e a qualquer outro que ao diante o dito carreguo tyuer, que do dito janeiro em diante, em cada hũu ano, pague ao dito Francisco Teixeira os ditos dous myll rs e ho moyo de tryguo ou a dinheiro ao preso que valer na teraa, per esta soo carta sem mais mostrar outra de minha fazenda, e pello trellado della, que sera registada no lyuro de sua despesa pello escryuão de seu carguo, e seu conhecimento, mando aos contadores que lhos leuem em comta e mamdo a dom Rodrigo Lobo, do meu conselho e vedor de minha fazenda, que lhos faça asy asentar no lyuro dos geraes della e no lyuro das minhas moradias no tytollo do dito Francisco Teixeira fica posta verba como não avera mays moradia por se apousemtar e com o que dito he. Domingos de Payua a fez em Euora a 23 de nouembro de myil b^{c}xxxiij (1533). E eu Dimião Diaz a fiz escreuer. E pello dito moyo de tryguo lhe pagares tres myll rs, posto que em cyma digua que lhe pagues pello estado da terra».

(Torre do Tombo — Chancellaria de D. João III, L.º 7.º, fol. 224 verso).

fizera á côrte de Filippe II em 1582, que não menos de dez mil guitarras deixaram os soldados portuguezes em Alcacer. Dir-se-hia que eram estas as suas armas de combate. Não é este, porém, o unico absurdo que o snr. Caverel edita tão levianamente por conta propria, querendo porventura amesquinhar-nos, quando não faz senão pôr em relêvo a sua falta de criterio.

É certo todavia que os documentos dão-nos noticia de bastantes musicos que lá ficaram estirados, embalando nas ultimas harmonias guerreiras o somno tragico da morte. De não menos de cinco charamellas mortos encontramos nós noticia pelas mercês concedidas ás viuvas e filhos. Um d'elles, Luis Jaquez, era o charamella-mór e tinha sessenta e tantos mil réis d'ordenado. Antão Rodrigues, atabaleiro, tambem lhe ficou fazendo companhia.

Conta Fr. Bernardo da Cruz na sua *Chronica de D. Sebastião* (pag. 308) que este monarcha levava na sua companhia para entretenimento e recreio um seu musico da camara, Domingos Madeira, que durante a viagem cantou uma vez, ao som da viola, o seguinte romance:

> Ayer fuiste rey de España,
> Hoy no tienes un castillo...

Estes versos produziram em todos os circumstantes uma impressão de tristeza e logo Manuel Coresma lhe disse que se calasse e que cantasse outros mais alegres.

Fr. Bernardo da Cruz narra este episodio como um dos casos agourentos da empreza, mas se a victoria a coroasse não faltaria quem registasse os presagios nunciatorios de ventura!

Domingos Madeira tambem foi dos que ficaram captivos em Alcacer, libertando-se á sua custa. Parece que era homem de alguns bens de fortuna; pelo menos possuia numerosa familia; não menos de cinco filhos e quatro irmãs. Parece tambem que era musico de fama e merecimento. Filippe II o mandou vir de Torres Vedras para Lisboa, fazendo-lhe por esse motivo algumas mercês [1].

O hymno de Miguel Leitão de Andrade trouxe-nos dolorosas recordações, mas a historia é mais um cemiterio que uma via triumphal.

Venham as cantigas populares, com a sua melopeia festiva, envolver esta tristeza em flôres ou pelo menos convertêl-a em saudade!

Lisboa, 23 de maio de 1895.

Sousa Viterbo.

---

[1] «Dom Felipe &c faço saber aos que esta minha carta virem que avendo respeito aos serviços de Domingos Madeira, meu musyco de camara, e a ir na jornada de Africa com ho senhor Rey dom Sebastyão, meu sobrinho, que sancta gloria aja, e se hachar na batalha d Alcacere, onde foi catiuo e se resguatar a sua custa e se vyr por meu mandado de Torres Vedras com sua casa, molher, cinquo filhos e quatro irmãas, viuer a esta cidade de Lisboa pera seruir ao cardeal archeduque, meu muito amado e prezado sobrinho e irmãao, he ha continuação de seu seruiço e a sua pobreza e asy a vaguarem por falecimento de Jeronimo Carualho, seu sogro, $\overline{LR}$ rs (noventa mil rs) que tynha de temça cada ano e elle ser seu herdeiro per renũciação que nelle fez Miguel Perdigão, ey por bem e me praz de fazer merce ao dito Domingos Madeira de coremta mill rs de temça cada ano pellos $\overline{LR}$ rs que asy vaguarão pello dito seu sogro, os quaes $\overline{R}$ rs (40 mil reaes) de temça começara a vemcer de xxiij dias dagosto deste ano presente de b[c]lxxxb (1585) em diamte, em que lhe fiz esta merce, a quall lhe asy faço alem das mais merces que lhe jaa tenho feito pellos mesmos respeitos, e por tamto mamdo a dom Fernando de Noronha, conde de Lynhares, do meu conselho do estado e vedor de minha fazenda, que lhos faça asemtar no Livro della e do dito tempo em diamte despachar cada ano em parte homde delles lhe sejão bem paguos, e por firmeza de todo lhe mãdey dar este por mim asynado e asellado do meu sello pemdemte. Antão da Rocha a fez en Lisboa a xx doutubro, ano do nacimento de nosso Senhor Ihũu xpo de jb[c]lxxxb (1585), e eu Manuel d Azevedo o fiz escrever».

(Torre do Tombo — D. Filipe I — Doações, L.º 15.º, fol. 173 verso).

Se um dia o grande enfermo do Occidente
Quizer saber se ainda existe ou não,
Ponha sobre este livro a mão tremente
E sentirá palpitar o coração.

José Simões Dias.

Esta estrophe foi recitada pelo snr. conde de Samodães, com a mão sobre os *Lusiadas*, em uma das conferencias no Palacio de Crystal por occasião do tricentenario de Camões. Julgamol-a tão apropriada á nossa obra, que aqui a reproduzimos.

PREAMBULO

A alma d'um povo manifesta-se nos seus cantos, assim como a actividade do seu espirito se patenteia nas suas obras. Enebria-se nas grandes alegrias; abate-se nas grandes dôres; acalma-se perante as grandes calamidades; ora enaltece o amor, a virtude, o talento e o heroismo; ora estigmatisa o cynismo, o vicio, a imbecilidade e o crime; para cada vicissitude da vida tem uma fórma especial de expressão, franca, simples e sincera, que applica sem circumloquios nem preambulos: é a ideia explodindo vigorosa.

Se o poema popular d'uma nacionalidade brota espontaneamente do sentimento do povo que a constitue, pela assimilação de seus proprios elementos n'elle se consubstancia o estado psycologico que lhe dá a homogeneidade, e a concentração de todas as suas forças vitaes lhe caracterisa a independencia.

A poesia é innata do coração do homem, e d'alli subiu a povoar-lhe o cerebro de imagens seductoras, de visões mysticas e de devaneios eroticos; a mulher prescrutou-lhe o sonhar e embalou-o, soltando a sua voz flexivel em ondulações de sonoridade argentina, e o homem na sua infancia acordou cantando na rudez viril mil protestos de amor e promessas de intrepidez, protectora da sua idealidade materialisada na fragil companheira.

E' esta, talvez, a genese da arte da musica, nata com o primeiro homem, não o *homem darwiniano*, mas o homem de larynge sonora, que canta para exprimir o chromatismo de todos os seus sentimentos heroicos, guerreiros, amorosos e mysticos.

Volvidos tantos annos, a especie não degenerou: a humanidade canta ainda como no primeiro dia, para exprimir os seus affectos e paixões; sómente revela em sua musica os progressos da sua cultura.

⁂

Da musica primitiva do povo rude, ainda se conservam, na sua simplicidade nativa, algumas d'essas toadas, em fórma de cantos guerreiros, que lhe serviam de incentivo aos grandes commettimentos.

A musica simplesmente rythmica foi provavelmente a que fez as delicias dos primeiros povos da nossa nacionalidade. As marchas e contramarchas que os povos eram obrigados a fazer, conforme o espirito guerreiro da epocha das cruzadas, davam-lhe o sentimento da uniformidade do compasso binario, na cadencia da ordenança relativa, emquanto que as danças a que se entregavam, quer nos regosijos publicos, quer nos particulares, eram formadas pelo sentimento do rythmo ternario.

D'estes rythmos, a musica que nos resta acha-se mais ou menos ligada ás solemnidades religiosas, tendo por instrumentos predominantes os tambores e o *zabumba* (vulgo *Zé-P'reira)*, enorme bombo, cujas dimensões regulam de $0^{m},70$ de altura por $0^{m},80$ de diametro.

Todos temos ouvido e visto esses typos classicos de tamborileiros, tanto na frente das procissões sertanejas, como no alto d'um monte, e ainda nos suburbios do Porto, em dias de romaria, tocando, e até dançando simultaneamente, com passo pesado e grave, um rythmo caprichosamente cadenciado n'aquelle instrumento.

O *zabumba* raras vezes se apresenta só; quasi sempre se acompanha d'um outro tambor menor, a *caixa de rufo*. Ha aldeias que se ufanam de possuir tamborileiros habilissimos.

A marcha grave d'estes instrumentos é vulgarmente a seguinte:

Tambor
Zabumba

Pum pum, pum, pum; Zé P'reira Zé pum, Pum, Pum, pum, pum, pum.

Os rapazes costumam metter a letra de *Pum, pum, pum, Zé-P'reira, Zé-pum.*

Nas festas populares mais pomposas das provincias do Minho e Tras-os-Montes ha tambem o gaiteiro, *tocador de cornemusa* (vulgo *gaita de folle),* que toca as melodias populares, emquanto o zabumba e tambores batem o rythmo.

Outras vezes a grandeza da festa prima pelo maior numero de zabumbas que se reunem. Ainda no anno de 1892, em Amarante, para a festa de S. Gonçalo foram contractados cento e quatorze zabumbas, dos quaes compareceram só noventa e sete, dirigidos por um tambor-mór que, na frente do bando, de enorme bastão em punho, gingando e gesticulando, marcava o compasso e o rythmo áquella horda atroadora.

Não é só nas aldeias e villas que se conserva a musica ruidosa dos tambores; nas cidades principaes de Portugal temos tambem o uso d'esses instrumentos em solemnidades de certa gravidade; em Lisboa e Porto, na procissão de *Corpus-Christi,* ainda acompanha o S. Jorge que, a cavallo, precede o cortejo, uma charanga de tambores do exercito que vae executando continuamente a seguinte marcha, com redobres:

6/8

tocada a dois tempos em 6 por 8, na cadencia de 112. O andamento da ordenança, applicado a esta monotona marcha, comquanto seja bastante vivo, caracterisa o chouto pesado da antiga cavallaria, sobrecarregada com fortes armaduras.

Os primitivos cantos populares foram rudes e unicamente rythmicos, como a musica dos instrumentos de percussão; e alguns ainda hoje se conservam empregados pelo povo, quando toma parte mais ou menos activa em certas solemnidades religiosas.

Ainda não ha muitos annos que no Porto, na segunda quinta-feira da quaresma, sahia, á noite, da egreja de S. João Novo e ia em procissão para a Sé, a imagem do Senhor dos Passos: na frente do prestito, uma multidão de garotos e marmanjos entoava, continuamente, este estribilho tradicional:

ANDANTINO 2/4

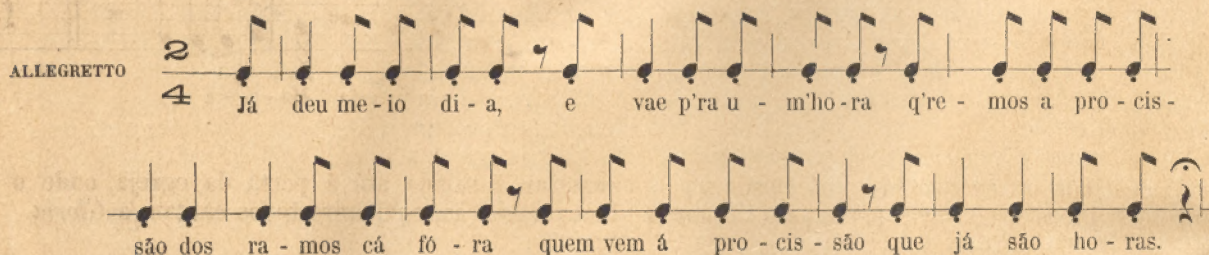
Oh que bel - la quin - ta fei - - ra, oh que bel - lo ra - ma - lhe - te que vem
o Se - - nhor dos Pas - sos pe - la por - ta da Sé den - tro.

No dia seguinte, de tarde, voltava a procissão, com maior solemnidade, para a egreja d'onde sahira, precedida da mesma multidão, que ia apedrejando o *Fagote,* —um pobre diabo vestido de soldado romano, segundo a phantasia do armador, e que na frente do cortejo abusinava n'uma corneta lisa uns sons de postilhão, quasi sempre interrompidos por alguma pedrada dos garotos e pela vozearia que, com a mesma entoação da vespera e palavriado indecoroso, apostrophava o *Fagote.*

A ultima vez que sahiu, em 1882, esta procissão, já não levava o *Fagote;* mas na vespera foi acompanhada com a tradicional cantiga.

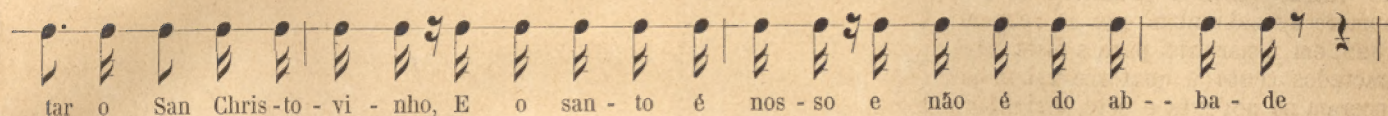
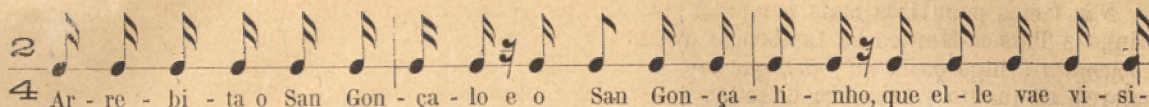
Outra solemnidade religiosa, em que os rapazes do povo portuense tomam parte, é a benção dos ramos, no quinto domingo da quaresma; tanto durante a ceremonia da benção, como ao retirarem da egreja, entoam a seguinte lenga-lenga:

ALLEGRETTO 2/4

Já deu me - io di - a, e vae p'ra u - m'ho - ra q're - mos a pro - cis -
são dos ra - mos cá fó - ra quem vem á pro - cis - são que já são ho - ras.

Ainda outra festa, em que o religioso e profano se confundem, a ponto de se tornar d'um ridiculo carnavalesco, é a festa de S. Gonçalo, na freguezia de S. Christovão de Mafamude, em Villa Nova de Gaya. No dia 10 de janeiro, ou no domingo immediato, junta-se n'aquella villa, em logar determinado, um bando composto principalmente de marinheiros ali domiciliados, tendo á frente uma horrivel fanfarra, organisada pelos festeiros com os instrumentos mais extravagantes que podem obter, tanto de sopro como de corda e percussão, abundando os zabumbas e tambores. Com este ruidoso charivari, desfila o cortejo até casa do mordomo, depositario do santo, e d'ali para o arraial, levando um dos da sucia o santo ao collo; e toda a multidão marcha, entoando a seguinte cantiga:

ANDANTE

Ar - re - bi - ta o San Gon - ça - lo e o San Gon - ça - li - nho, que el - le vae vi - si-

tar o San Chris-to - vi - nho, E o san - to é nos - so e não é do ab - - ba - de

Depois de percorrer o arraial, volta aquella multidão a guardar o santo em casa do mordomo e a entregar-se a *libações do vinho novo,* que é costume abrir-se n'aquelle dia.

Estes costumes são ainda uns restos de paganismo que se conservam entre o povo, não só n'esta localidade, mas em muitas outras, e que só leis severas podiam e deviam expurgar, por dignidade do culto e do bom senso.

Muitos outros cantos rudes, ou simplesmente entoações rythmicas, se conservam pelas nossas provincias, mas todos approximadamente se submettem á metrica dos que acabamos de expôr.

*

Os cantos populares podem agrupar-se em sete classes:

A 1.ª comprehende os cantos religiosos recebidos pela influencia directa dos actos ecclesiasticos e de lendas inspiradas em sentimentos de piedade, e pelo oratorio, ou melodrama sacro.

A 2.ª comprehende as cantigas amorosas, os descantes, as danças campestres e as chulas.

A 3.ª comprehende as cantigas das ruas, satyricas, allusivas e politicas.

A 4.ª comprehende os cantos maritimos, fados e cantigas eroticas.

A 5.ª comprehende as modinhas, as canções e as serenatas.

A 6.ª comprehende as composições lyricas recolhidas ou apropriadas pela musa popular.

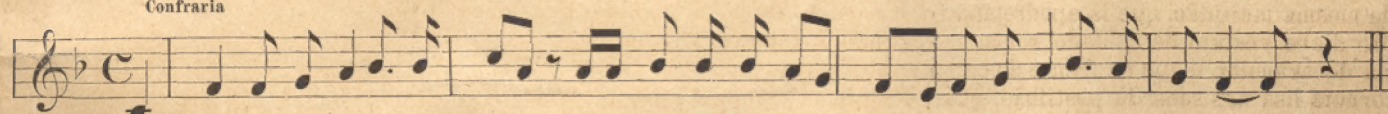
A 7.ª comprehende os cantos patrioticos e os impostos officialmente, como são: os hymnos e marchas triumphaes.

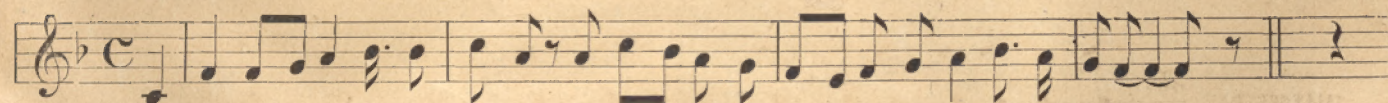
Cada uma d'estas classes, e ainda cada uma das suas subdivisões, acompanha-se d'um material sonoro apropriado, muitas vezes caracteristico de determinadas predilecções locaes, ou sujeitas a conveniencias e a regras estabelecidas.

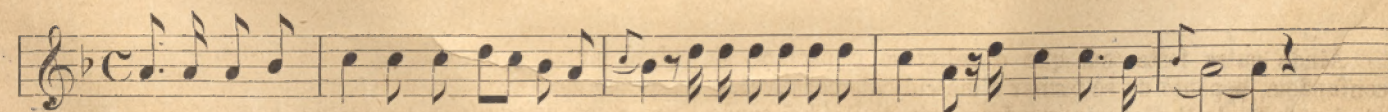
Os canticos religiosos, quando o povo toma parte nas solemnidades liturgicas, são quasi sempre a secco, ao ar livre, quer em simples entoação, quer em córos unis, ou a duas e mais partes; porém, dentro dos templos, o orgão acompanha-os, se são rituaes.

Quando o Viatico vae de noite aos enfermos, é costume, no Porto, e em quasi todo o paiz, cantar-se o Bemdito: os irmãos que vão ao pallio, ou umbella e lanternas, cantam a primeira parte, e o povo que os segue responde. Em algumas freguezias já não permittem este uso.

GRAVE

Confraria

Bem di - to e lou-va-do se-ja o San-tis-si - mo Sa-cra - men - to da Eu-cha-ris - ti - a

Povo

Do fru-cto do ven-tre sa - - gra-do da Vir - - gem pu-ris - si - ma San-ta Ma - ri - a

Este canto continúa ininterrompidamente desde a porta da egreja até á do enfermo, onde pára, para tornar a começar á sahida até á porta da egreja, onde o padre lança a benção, emquanto todos cantam a *Gloria.*

Glo-ria se - ja ao Pa - dre, ao Fi - - lho tam - bem, Gloria ao Espirito San-to pa - rá sem-pre a - men

Em algumas localidades o sacerdote leva só a Particula necessaria para o enfermo, e por isso á porta d'este canta-se a *Gloria,* e o prestito debanda.

Entre os mareantes, o Bemdito é o cantico mais expressivo da sua devoção; é com elle que acompanham seus votos, n'uma reverencia respeitosa e commoventissima.

Quando as furias da tempestade lhes açoutam o pobre lenho, tendo as forças exgotadas na lucta e a esperança perdida pela impotencia de seus esforços, imploram a protecção do Bom Jesus ou da Virgem Santa. Um dos tripulantes escreve com um carvão na vela grande o nome da imagem que invocam, e todos prostrados esperam cheios de fé a protecção divina. Ao chegar a terra, e sêcca a vela, arreia-se, enrola-se, enfeita-se com flôres, e toda a tripulação, descalça e descoberta, levando-a á mão, percorre os centros populosos da localidade onde aproaram, esmolando para o voto. A vela é depois avaliada em arrematação, e o seu valor, rateiado pelos tripulantes, junto com o producto das esmolas, é consagrado a uma solemnidade religiosa.

O Bemdito, cantado pelos homens do mar, cujas vozes estão enrouquecidas pelos mil accidentes d'aquella vida, não tem a entoação musical precisa; é, comtudo, por tal modo suggestivo, que nos faz participantes do sentimento do seu espirito.

Este cantico, que impressiona melancolicamente quando entoado pelos naufragos; que incita á devoção quando acompanha o Viatico, é dulcificante de candura e innocencia quando entoado por vozes femininas juvenis.

Nas aldeias são vulgarissimos os córos de raparigas, cantando o Bemdito, quasi sempre a duas partes, quando vão em peregrinação cumprir alguma promessa. A estes grupos coraes chamam *novenas*.

ADAGIO

Bem-di-to e lou-va-do se-ja o San-tis-si-mo Sa-cra- men-to da Eu-cha-ris-ti-a Do

fru-cto do ven-tre sa--gra-do da Vir-gem pu--ris--si-ma San-ta Ma---ri-a

Com a mesma musica cantam a *Gloria*.

Quando as novenas são de crianças, estas cantam o Bemdito a unisono.

Nas grandes peregrinações solemnes, os canticos processionaes são acompanhados com instrumental de sopro ou de corda, conforme as circumstancias ou a phantasia dos romeiros o permitte.

As lendas piedosas teem quatro fórmas: a solo, em dialogo, em côro unis, ou a duas partes, e raras vezes se acompanham de qualquer instrumento.

Os mendigos vagabundos usavam antigamente a *sanfona* para se acompanharem nas suas canções.

As cantigas campestres são a solo ou alternadas por duas pessoas, tanto durante os trabalhos de lavoura, lavanderia e outros mestéres ruraes, como nas grandes esturdias. Os descantes ao desafio, as chulas e danças são acompanhadas por um instrumental mais ou menos rico, conforme as circumstancias ou o improvisado das esturdias. A *viola d'arame* (viola chuleira com cordas de arame d'aço) é o instrumento generico, não só em todo o paiz, mas em qualquer outra parte onde exista uma pequena colonia portugueza. Basta um só tocador para animar um numeroso rancho de individuos d'ambos os sexos, sem distincção de idade, e provocar as cantigas e as danças.

Nas festas campestres do Minho, taes como as espadeladas e as esfolhadas, que são as mais importantes dos serões d'aquella provincia, a orchestra que acompanha os cantadores e as cantadeiras é mais numerosa, compondo-se approximadamente da fórma seguinte: violas d'arame, violões, bandolins, cavaquinhos, rebecas, flauta, e, algumas vezes, o clarinete, o saxhorn e o violoncello. Em uma ou outra esturdia lá apparece o harmonico, mas não é bem acceite; o ouvido do nosso povo não tolera por muito tempo aquelle instrumento.

Na provincia de Tras-os-Montes usa-se o mesmo instrumental do Minho; mas nas povoações raianas dominam a gaita de folle, a flauta, o tambor, as castanholas e paulitos. As danças de paulitos consistem em cada dançador ter na mão um pequeno pau com que vae batendo e repicando nos paus dos outros, ao compasso e rythmo caprichoso da musica.

Na provincia do Douro é predominante a *rebeca chuleira,* instrumento que tem a caixa de resonancia (cabaço lhe chamam os tocadores) como a rebeca de marca; mas o braço é curto, apresentando só metade do comprimento que devia ter. Este instrumento executa a parte melodica, acompanhado nas festas por flauta terceira (em Mi b), clarinete, viola, violões, ferrinhos e tambor.

Na fabricação do vinho, no lagar, a pisa da uva é feita ao compasso da chula, que um rebequista, empoleirado n'uma dorna ou pipa, varía infinitamente, com vivacidade e capricho.

Na provincia da Beira predominam a viola, a guitarra, os violões e outros instrumentos de orchestra. Nas montanhas os pastores usam a tibia pastoril, o flautim e flauta terceira, o tambor, o adufe e os cascaveis.

A Beira é a provincia de Portugal mais fecunda em descantes e danças populares. O gosto pelo canto é talvez devido não só ao espirito poetico indigena, mas á linguagem (phonopêa) suave, e á pronuncia sympathica das tricanas.

Na provincia da Extremadura a musa é luxuriante; o fado e as modinhas sensualistas são a sua especialidade; e por isso nenhum outro instrumento que não seja a guitarra, com seus gemidos e harpejos, lhe imprime o sentimento languido e apaixonado do povo.

No Alemtejo as canções são sentimentaes; a guitarra é o instrumento favorito, e as danças são muito figuradas.

No Algarve é a viola e a guitarra que prestam seus acompanhamentos mais vulgares a variadissimas canções e a danças extravagantes.

Nas ilhas é a viola o instrumento mais generalisado entre o povo.

Estas breves indicações sobre os meios materiaes de que dispõe a classe popular de cada provincia para se auxiliar na expansibilidade de seus folguedos não fórma regra precisa e inalteravel, pois que continuamente circumstancias accidentaes ou de vida economica lhe transformam toda a face caracteristica do seu systema rotineiro.

⁂

Antes da vulgarisação do piano, era a guitarra o instrumento favorito nas salas para acompanhar as canções, os madrigaes e outros cantos da epocha; as senhoras dedicavam-se a estudar este instrumento, como o clavicembalo, o manicordio e o psalterio.

As musicas nacionaes tinham a primazia nos salões familiares; e ainda nos fins do seculo passado e principios do presente, as *modinhas* faziam as delicias nos serões das familias mais illustres. Houve compositores que se distinguiram n'este genero de musicas, e muitas *modinhas* tiveram grande voga pela sua originalidade; mas a maior parte não passavam de desastradas imitações das arias de Mozart, Beethoven, Cimarosa, etc., pretenciosamente sobrecarregadas de volatas, grupetos, trillos, e todos os artificios de agilidade vocal, que tornava ridicula esta musica.

Com o apparecimento de novos genios musicaes que formaram a celebre pleiade de Rossini, Bellini, Donizetti, Mercadante e Meyerbeer, a modinha teve o seu occaso, para dar logar ás arias e cavatinas das operas lyricas da nova escóla italiana; mas, desgraçadamente, os editores em Portugal, explorando o gosto derrancado da sociedade de então, publicavam aquelles trechos com lettra portugueza, sem analogia alguma com a musica, do que resultavam os mais crassos disparates; e assim se conservaram por algum tempo nas salas burguezas.

No emtanto, os capatazes de musicos de egreja, chamados por autonomasia mestres de capella, applicavam sem sciencia nem consciencia ás operas lyricas o latim liturgico e faziam d'ellas missas solemnes: havia, pois, a missa da *Norma*, a do *Propheta*, a do *Moysés*, a dos *Puritanos*, etc. Felizmente, esta especulação intoleravel não prevaleceu por muito tempo, porque a auctoridade ecclesiastica, em muitas localidades, teve de cohibir taes abusos.

Nas ruas, o povo servia-se dos mesmos motivos, applicando-lhes lettra demasiadamente livre.

Ao principiar a segunda metade d'este seculo, findas as guerras civis, a musica popular desperta para a canção tranquilla, e para os hymnos do trabalho. Poetas e musicos concorrem para esta transformação: Visconde de Castilho collabora com Joaquim Casimiro Junior, Santos Pinto, Moraes Pereira e outros; Luiz A. Palmeirim collabora com Miró e anonymos; Soares de Passos e Camillo Castello Branco com o grande anonymo, que é o seu melhor interprete.

Vem depois João de Lemos, e os Dorias com os seus fados e balladas, e as innumeras *romanzas* brazileiras.

Hoje destaca-se, com uma proeminencia notavel, Augusto Hilario, academico conimbricense de medicina, com os seus fados serenatas de uma contextura nova, verdadeiramente peninsular.

Esta musica é rica de modulações e emotiva, ora apaixonada e sensual, ora pathetica e romantica.

As balladas, composições mais complexas do que o fado, apparecem hoje com pretensões a lyrismo artistico, o que mostra bastante cultura intellectual e sentimento esthetico de seus auctores.

Hoje, os cantos populares reduzem-se a estas especialidades e a algumas cantigas que a provincia da Beira produz, mas que ultimamente não primam em originalidade.

Nos seculos passados nada nos revela ter a musica do povo mais amplo desenvolvimento que o da sua propria essencia popular, pois os cancioneiros eruditos que recolheram alguns de seus cantos, apenas nos indicam phrases simples e unitonicas em um ou outro villancico.

O curso evolutivo tem sido morosissimo, e mesmo estacionario durante algumas epochas; é provavel que os meios de expressão fossem n'outro tempo mais caracteristicos, devido á influencia dos cantores das reaes camaras e dos paços dos nobres que actuariam, ainda que indirectamente, no espirito do povo.

Actualmente, a musa popular portugueza quasi que emmudeceu, porque o nosso povo hoje chora, não canta; vive das recordações do passado; preoccupa-se com as luctas pela existencia; emigra; e, no exilio, só se lembra das canções maternas que lhe embalaram a infancia, e das que mais tarde lhe inebriaram a adolescencia. Não tem um canto novo que mande á patria: tem apenas uma lagrima nostalgica para a familia, e uma esperança consoladora para seu coração: esperança de voltar a ouvir ainda os descantos da sua terra natal, que o echo das serras e das florestas repercutia e que ainda conserva em seus ouvidos. Os que ficam presos ao torrão onde nasceram, sem affectos, sem pão e sem abrigo, têem as lagrimas do desalento, pois lhes morreu a voz na garganta com o ultimo adeus aos que lhes eram caros, e, soluçando saudades, procuram o suicidio de toda a expansibilidade affectiva com a resignação dos martyres. Não cantam, succumbem sem um lamento.

Assim se estanca a musa d'um povo que cantou victorias, entoou hymnos a Deus, ao amor, á virtude e ao trabalho; e desapparece, insultada pelas gargalhadas satanicas que as bôcas do theatro atiram, nos seus *couplets* descompostos, sobre as multidões indifferentes.

Junho, 1895.

Cesar das Neves.

BATALHA DE ALCACER-QUIBIR

LENDA

A S. M. a Rainha a Snr.ª D. Maria Amelia.

156

Pues - - - - - - tos es - tan fren - - - te a fren - -
Pues - tos es - - tan fren - te a fren - - -
Pues - - tos es - - - tan fren - - - te a fren - te

te los dos va - le - ro - sos cam - - - - - - pos u - no es del
te los dos va - le - ro - - - sos cam - - - pos u - no es del
los dos va - le - ro - sos cam - - - - - - - pos u - no es del

Rey Ma - lu - - - co o - - - - tro de Se - - bas - - ti - - -
Rey Ma - lu - - - - - co o - - tro de Se - - - - - - - - - - - - - -
Rey Ma - lu - - - co o - - - - tro de Se - - bas - - ti - - -

a - - - - - - - - - - - - - - - no el lu - - si - - ta - - - - - -
bas - ti - a - - - - - - - - - no el lu - si - - - - - ta - -
a - - - - - - - - - - - - - no el lu - - si - - ta - - - - - -

no el lu - si - ta - - - - - - - - - - - - - - - - - - - no
no el lu - si - ta - - - - - - - - - - - - - - - - - no
no el lu - si - ta - - - - - - - - - - - - - - - - - - - no

BATALHA DE ALCACER-QUIBIR

—Puestos estan frente a frente
Los dos valerosos campos:
Uno es del Rey Maluco,
Otro de Sebastiano
El lusitano.

Moço animoso y valiente,
Robusto, determinado,
Aunque de poca experiencia
Y no bien aconsejado
El lusitano.

Quando los Moros sin cuenta
Su hueste la van cercando
Que pera uno de los suyos
Son mais deziocho tantos.

Ardiendo en fuego su pecho
Rabia por ponerlos mano,
Piensa que todos son nada,
Manda a pelea echar bando
El lusitano.

Brama que envistan los moros
Y el exercito contrario,
Ya se van llegando cerca
A ellos (dize) Santiago
El lusitano.

Dispara la artilharia,
La nuestra mal disparando,
Llueven balas, llueven muertes,
Saetas y mosquetazos.

Empuxan picas los moros,
Ya huyen rotos rodando,
Los ventureros victoria
Pregonan con grande aplauso,

Que mataran el Maluco,
Y lo ha llevado el diablo,
Porque junto a su litera
Lo passaron de un balazo.

Y en la mora artilharia
Dos banderas se han ganado,
Con victoria tan pujante,
Que semejó a milagro.

Pero por peccados nuestros
La gozamos poco espacio;
Que a seccorrer retroguardia
La delantera ha parado.

Que por los lados ya todos
Es vanguardia nuestro campo.
Y con sangre de los muertos,
Está hecho un grande lago.

Todo lo anda el buen Rey,
Dando muertes muy gallardo,
La espada tinta de sangre,
Lança rota, y sin cavallo.

Que el suyo passado el pecho
Ya no puede dar un passo,
A George d'Albuquerque pide
Le dé su rucio rodado.

Daselo de buena gana,
Y el-Rey cavalga de un salto,
Mirale el-Rey como jaze,
De espaldas casi espirando.

Mas le dize que se salve,
Pues todo és roto en pedaços,
Y el-Rey se vá a los moros,
A los moros Sebastiano,
El lusitano.

Busca la muerte en dar muertes,
Busca la muerte Sebastiano el lusitano,
Diziendo: *Aora es la hora,*
Que um bel morir, tuta la vita honora [1].

Miguel Leitão d'Andrada, que foi um dos companheiros do Rei D. Sebastião na desastrada batalha de Alcacer-Quibir, recolheu na sua *Miscellanea* a presente musica e competente poesia, que diz ter-se popularisado logo depois do desastre.

A musica vem na citada obra, escripta a tres partes distinctas; não tem divisões de compasso: a parte superior, em clave de Dó em 1.ª, é designada por *Cantus;* a parte média, em clave de Dó em 2.ª, é designada por *Altus;* e a parte grave, em clave de Dó em 4.ª, é designada por *Bassus;* transcrevêmol-a rigorosamente, collocando por cima da parte superior e por debaixo da média e grave a lettra como está no original, addicionando-lhe apenas as divisões de compasso para melhor comprehensão das pessoas que não conhecem a musica antiga. Esta musica não é puramente de invenção popular, porque a fórma de contraponto em que está escripta indica proveniencia mais erudita.

[1] «Palavras que este Rey trazia d'antes na bôca, e costumava dizer muitas vezes».—Miguel Leitão d'Andrada, 1629 *(Miscellanea).*

TRADUCÇÃO

Postos estão, frente a frente,
Os dois valerosos campos:
Um é do Rei Maluco,
Outro de Sebastião
O lusitano.

Moço animoso e valente,
Robusto, determinado,
Ainda que de pouca experiencia
E não bem aconselhado
O lusitano.

Quando vê mouros sem conta
A sua hoste cercando,
Que p'ra cada um dos seus
Mais de dezoito tocando.

Ardendo em fogo seu peito,
Furioso por pôr-lhe as mãos,
Pensa que todos são nada
Manda á peleja deitar bando
O lusitano.

Brada que envistam os mouros
E o exercito contrario,
Já se vão approximando
—A elles (diz) Santiago
O lusitano.

Dispara a artilheria,
A nossa mal disparando,
Chovem balas, chovem mortes,
Setas e fuzilaria.

Puxam d'arma branca os mouros
E fogem em debandada,
Os aventureiros victoria
Pregoam com grande applauso,

Que mataram o Maluco
E o levára o diabo,
Pois junto á sua liteira
O passaram com um balazio.

E na moura artilheria
Duas bandeiras ganharam,
Com victoria tão pujante,
Que mais parecia milagre.

Porém, por nossos peccados,
Pouco a tivemos gosado,
Que em soccorro á rectaguarda
A dianteira ha parado.

Que já por todos os lados
E' vanguarda nosso campo,
E com o sangue dos mortos
Está feito um grande lago.

Percorreu-o todo o bom Rei,
Dando mortes mui galhardo,
Em sangue tingida a espada,
Rôta a lança e sem cavallo.

Que o seu, traspassado o peito,
Já não póde dar um passo;
Pede a Jorge d'Albuquerque
Lhe dê seu russo rodado.

Dá-lh'o de boa vontade
E o Rei cavalga d'um salto,
Vê-o o Rei como jaz
De costas, quasi expirando.

Mais lhe diz que se salve,
Que é tudo despedaçado,
E o Rei investe com os mouros,
Aos mouros Sebastião
O lusitano.

Busca a morte dando mortes,
Busca a morte Sebastião
O lusitano,
Dizendo: «Agora é a hora
Que uma bella morte toda a vida honra».

LUIZINHA, AGORA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Guilhermina da Silva Graça.

ALLEGRETTO

157

De jo - e - lhos fui ao mar, Oh Lu i - - zi - - nha, De jo - e -

lhos fui ao fun - do: a - - go - ra a-go - ra a - go - ra, Lu - i - zi - nha a-

go - ra. A - - go - ra, pos - so di - zer, Oh Lu-i - zi - - nha,

que já dei a vol - ta ao mun - do. A - go - ra, a-go-ra a - go - ra, Lu-

i - - zi - nha a - go - ra, dá vol-ta e vi - ra e va - mos em - bo - ra.

LUIZINHA, AGORA

De joelhos fui ao mar,
Oh Luizinha,
De joelhos fui ao fundo.
Agora, agora, agora,
Luizinha, agora.
Agora posso dizer,
Oh Luizinha,
Que já dei a volta ao mundo.
Agora, agora, agora,
Luizinha, agora,
Dá volta e vira
E vamos embora.

A musica d'esta cantiga foi a que serviu de canto revolucionario aos patuleias, antes de apparecer o hymno da Maria da Fonte, e lhe applicavam uma lettra de occasião, conservando, comtudo, o estribilho, que levava para o ridiculo todo o sentido dos versos. Exemplo:

Já lá se vão os Cabraes,
Oh Luizinha,
Já se lhe abaixou a crista,
Agora, agora, agora,
Luizinha, agora.
Falta abaixar a cabeça,
Oh Luizinha,
Ao João Pereira Baptista.
Agora, agora, etc.

A 9 de outubro de 1846 entrou a barra do Porto o duque da Terceira, que vinha com o fim de suffocar a revolta popular contra os excessos tributarios do governo cabralista. Na noite d'esse mesmo dia, pelas 9 horas, um grupo de populares e cabos de policia dirigiu-se ao palacio do conde de Terena, onde o duque se havia hospedado, e alli o cidadão Antonio de Campos Navarro, em nome do povo, intimou ordem de prisão ao duque, o qual se entregou, seguindo depois para o castello da Foz acompanhado por Manuel da Silva Passos e outras summidades do partido patuleia. Depois da prisão do duque, o povo que não tinha armas foi recebêl-as á casa da Camara, e juntamente com os cabos de policia marchou para a rua do Heroismo (então 20 de Setembro), onde morava o administrador João Pereira Baptista. Durante esta marcha todo o povo entoava em côro a lettra que acima indicamos com a musica da Luizinha; muitas outras quadras lhe foram applicadas, até que appareceu o hymno do Minho.

Olha o duque, olha o duque,
Oh Luizinha, etc.
Olha o duque da Terceira;
Elle vinha por esperto,
Mas cahiu na ratoeira.

Olha o duque, olha o duque,
Olha o duque macacão;
Vinha metter mêdo ao Porto,
E cahiu no alçapão!

A Rainha não conhece
O seu povo verdadeiro;
Só reconhece os Cabraes,
Que nos roubam o dinheiro.

Durante o periodo da revolução da patuleia, prevaleceu a musica da Luizinha, na qual a musa popular empregava os versos mais satyricos e brejeiros. Os Cabraes, não podendo sustentar-se contra o crescente movimento revolucionario, abandonaram o poder e emigraram para Hespanha; o povo cantava-lhes as seguintes trovas:

O Cabral fugiu p'ra Hespanha
Com uma carga de sardinha:
Com a pressa que levava
Nem disse adeus á rainha.

O Cabral fugiu p'ra Hespanha,
Já la vae para a Galliza:
Com a pressa que levava
Nem disse adeus á Luiza [1].

O Cabral queria ser rei,
A mulher quer ser rainha;
Foram-se os Cabraes embora,
Só ficou a Luizinha.

Aprende, rainha, aprende,
Mede agora o teu poder:
Tu d'um lado, o povo d'outro,
Qual dos dois ha de vencer?

---

[1] Chamava-se D. Luiza a esposa do marechal Saldanha.

HYMNO DO MINHO

(Vulgo MARIA DA FONTE)

CANTO PATRIOTICO

Lettra de Paulo [illegible]si.
Musica de Frondoni.

Á Ex.ma Snr.a D. Libania Ferreira Loureiro.

MARCIAL

158

f

Voz

mf

Ba - que - - ou a ty - - ran - ni - - - - a, no - bre

po - vo, és ven - ce - dor, ge - ne - ro - so, ou - sa - do e li - vre, dê - mos

CORO

glo - - ria ao teu va - lor.

Eia, á - - van - te Por - tu - - gue - zes, Eia, á - van - te, não te - - mer, Pe - la san - ta li - ber - da - - de trium - phar ou pe - re - cer tri - um - - phar ou pe - - re - cer.

Este hymno foi cantado a primeira vez no dia 24 de junho de 1846 em casa do marquez de Niza, por uma dama do theatro lyrico.

HYMNO DO MINHO

Baqueou a tyrannia,
Nobre povo, és vencedor.
Generoso, ousado e livre,
Dêmos gloria ao teu valor.
Eia, ávante, portuguezes,
Eia, ávante! Não temer!
Pela Santa liberdade
Triumphar ou perecer!

Algemada era a nação,
Mas é livre ainda uma vez;
Ora, e sempre, é caro á Patria
O heroismo portuguez.
Eia, ávante, etc.

Lá raiou a liberdade,
Que a nação ha de additar!
Gloria ao Minho, que primeiro
O seu grito fez soar.
Eia, ávante, etc.

Segue, oh povo, o bello exemplo
De tamanha heroicidade,
Nunca mais deixes tyrannos
Ameaçar a liberdade.
Eia, ávante, etc.

Fugi, despotas, fugi,
Vós, algozes da nação!
Livre, a Patria vos repulsa!
Terminou a escravidão.
Eia, ávante, etc.

O povo portuguez, e especialmente o do Minho, fez d'este hymno a sua canção revolucionaria, e, ainda hoje, quando a *soberania popular* dá signal da sua vitalidade, repercutem por todos os pontos do paiz as notas bellicosas d'essa *Marselheza* de Portugal.

Este hymno foi muito cantado no theatro de S. João, onde, n'aquella epocha, estava em scena um aproposito da revolução do Minho, em que o personagem principal se chamava Maria da Fonte. Foi do theatro que sahiram muitas das estrophes que se cantavam pela rua, e que eram da lavra do actor Abel, e talvez a denominação que deram ao movimento revolucionario da Junta do Porto.

Eis as cantigas das ruas:

Viva a Maria da Fonte,
Com as pistolas na mão,
Para matar os Cabraes,
Que são falsos á nação.
Eia, ávante, portuguezes,
Eia, ávante, e não temer,
Pela Patria e liberdade
Triumphar até morrer!

Viva a Maria da Fonte,
A cavallo, sem cahir,
Com as pistolas á cinta,
A tocar a reunir.
Eia, ávante, portuguezes,
Eia, ávante sem temer,
Pela Patria e liberdade
Batalhar até morrer.

As duas quadras seguintes attribuem-se ao partido miguelista, representado então na guerrilha do padre Casimiro:

Temos um rei estrangeiro,
Estrangeirada facção,
A rainha estrangeirada,
Só portugueza a nação!
Leva ávante, portuguezes,
Leva ávante d'uma vez,
Nós não queremos que governe
Senão um rei portuguez!

A lettra que se segue é coimbrã; n'ella transparece o vigor e enthusiasmo do nobre patriotismo da mocidade academica d'aquella epocha:

Cáia um throno, cáia um rei,
Onde impéra a tyrannia,
Mas d'um povo a liberdade
Não se perca nem um dia!
Eia, ávante, portuguezes,
Eia, ávante, e não temer,
Pela Patria e liberdade
Triumphar até morrer.

Tendo entrado no Porto o general Povoas, organisou-se no dia 22 de fevereiro de 1847 um espectaculo de gala no theatro de S. João, em que se cantou o hymno com a seguinte lettra:

Fulgiu hontem sobre o Porto
Um meteóro de gloria:
Chegou Povoas, e com elle
Chegou o deus da victoria.
Armas! ferro! guerra! guerra!
Tremulem nossos pendões.
Contra a vil horda d'escravos
Marchae, livres, batalhões.

Atravez d'eternos gêlos
Passou com sabia ousadia [1].
Deus proteje o nobre arrojo
Contra a feroz tyrannia.
Armas! ferro!, etc.

Uma côrte corrompida
Fascina o sceptro real;
Escravisar elles vão querendo
Este nosso Portugal.
Armas! ferro!, etc.

Opprimir tentam o povo
Com perversa atrocidade?
Querem sangue? haja sangue!
Regue sangue a liberdade.
Armas! ferro!, etc.

Povoas, Antas, Guedes, Cesar,
Almargem, Sá da Bandeira,
Vão cingir d'immortaes louros
A mocidade guerreira.
Armas! ferro!, etc.

Ora sus! ergue-te, oh povo,
Qual gigante ingente e forte,
Eis o teu grito de guerra:
Ou liberdade ou a morte.
Armas! ferro!, etc.

D'entre os numerosos versos que o povo applicava ao hymno do Minho, durante a revolução da *Patuleia*, recordamos os seguintes, por terem directa ou figuradamente descripto os factos que se iam succedendo:

O Saldanha já mandou,
Suas tropas retirar,
Porque tem medo da fome
E a palha está-se a acabar [2].

Já lá vae para Hespanha,
A divisão do Casal [3];
Deus a leve em boa hora,
Que não volte a Portugal.

A rainha não podendo
Vencer os nossos guerreiros,
Foi pedir, oh que vergonha!
Protecção aos estrangeiros [4].

Deu origem a muitos versos populares a revolução do Minho, cuja lenda é a seguinte:

Os excessivos tributos com que o governo do marquez de Thomar, Antonio Bernardo da Costa Cabral, havia sobrecarregado o povo, traziam este excitado a ponto de que o menor pretexto, serviria a uma explosão hostil. Foi o caso, que, tendo ordenado o governo não fazerem mais exhumações dentro dos templos, como era de uso, encontrou esta lei grande opposição, principalmente nas aldeias, onde não havia cemiterios. Succedeu então na Povoa de Lanhoso ter fallecido uma mulher, e o regedor, no cumprimento da lei, não consentiu que se enterrasse na egreja; porém, umas sete mulheres que tinham acompanhado o cadaver, teimaram em fazer alli a exhumação, resultando grande lucta com a auctoridade. Salientou-se, d'entre aquellas, uma chamada Maria Angelina, do logar da Fonte, ou natural de Fonte Arcada, que mandou tocar o sino a rebate com todo o vigor. N'um instante, alarmou-se toda a freguezia, e o regedor teve de fugir ás unhas das matronas, que enterraram o cadaver na egreja:

As sete mulheres do Minho,
Mulheres de grande valor,
Armadas de fuso e roca,
Correram o regedor!

Findo o enterro, o povo amotinado percorre as estradas e praças, armado dos instrumentos agricolas, que mais á mão encontrou, clamando pela revogação da lei e dos tributos; a Maria lá marchava na frente, enthusiasmada e enthusiasmando, até que teve de entregar o commando ao celebre padre Casimiro [1], de quem o povo cantou:

Viva o padre Casimiro,
Que é mesmo um anjo do céo:
Pois traz sempre o crucifixo
No forro do seu chapéo.

A Maria tambem teve a sua glorificação:

Essa mulher lá do Minho,
Que da fouce fez espada,
Ha de ter na lusa historia
Uma pagina dourada.

E nós aqui lh'a escrevemos, para honra e gloria do esforço feminino.

Depois de terminar a revolução, foi por muitas vezes prohibido o hymno do Minho, tanto cantado, como tocado, e até assobiado, conforme o partido que estava no poder.

---

1 Povoas tinha sido cercado na serra da Estrella pelos generaes Sólla e Lapa; mas de noite escapou-se com os seus por um atalho, ficando logrados os sitiantes. Povoas era miguelista, mas prestou serviços á Patuleia.

2 O general Saldanha era cabralista; porém depois foi elle que derrubou aquelle governo.

3 General que em dezembro de 1847 atacou o Porto e em seguida retirou-se para Hespanha.

4 Allude á intervenção hespanhola e ingleza.

1 O padre Casimiro José Vieira falleceu, na casa da Alegria, em Felgueiras, a 30 de junho do corrente anno de 1892, com 78 annos de idade, pobre e abandonado. Aos 29 annos tomou parte importante na revolta do Minho, querendo encaminhar a revolução para o seu ideal absolutista. Era muito estimado pelo povo, que o acclamou *Defensor das Cinco Chagas, e general commandante das forças populares do Minho e Traz-os-Montes*. Em 1847, por diploma de 7 d'abril, foi nomeado pelo logar-tenente de D. Miguel I, n'este reino, (dr. Candido Rodrigues Alves de Figueiredo Lima), *Commandante geral de todas as forças populares ao norte do Minho, com honras de brigadeiro.*

JOVENS SEREIAS

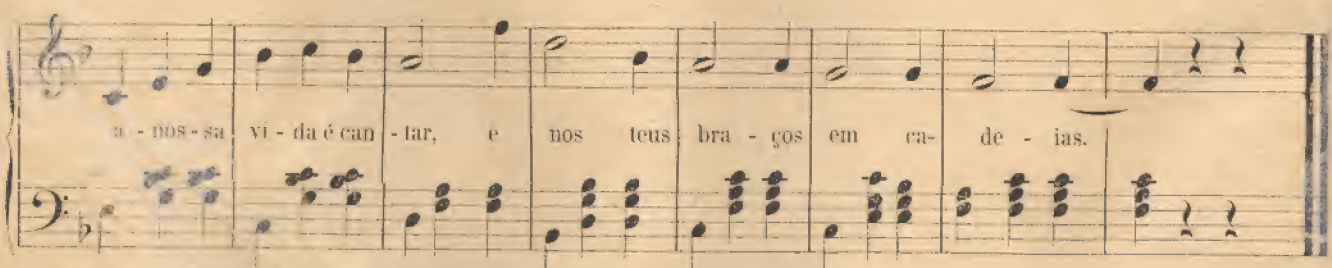
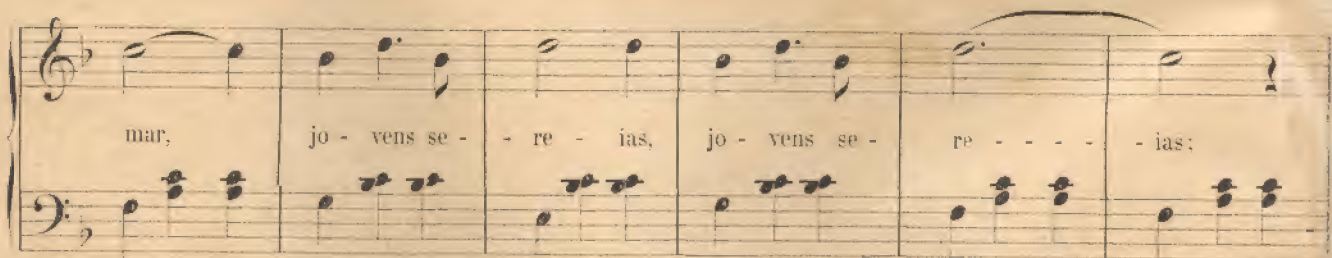
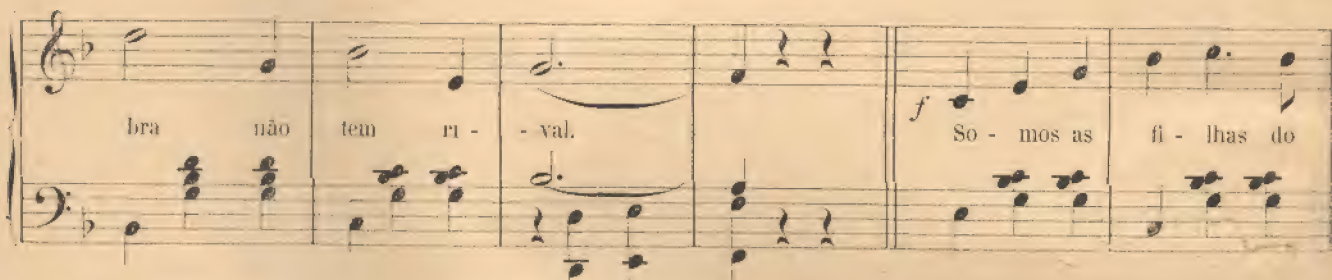
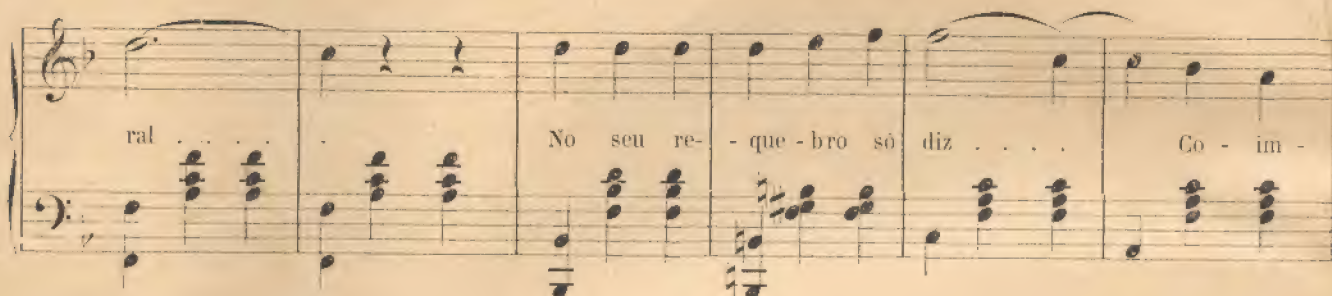
CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Olympia Augusta Pinheiro.

ALLEGRETTO.

159

p O rou-xi - nol quan - do can - - - ta, á noi - te no sal - guei - ral . . . . . No seu re- - que - bro só diz . . . . Co - im - bra não tem ri - - val.

f So - mos as fi - lhas do mar, jo - vens se - - re - ias, jo - vens se - re - - - - - ias; a - nos - sa vi - da é can - tar, e nos teus bra - ços em ca- de - ias.

Recolhida em Coimbra por F. P. Nogueira.
A musica d'esta cantiga é uma valsa applicada á letra. Não tem originalidade, nem é de origem popular; mas está popularisada.

DANÇA. — Durante a cantiga é dança de roda; no estribilho *grand-chaine*.

JOVENS SEREIAS

O rouxinol quando canta,
A' noite, no salgueiral,
No seu requebro só diz:
—Coimbra não tem rival.

Somos as filhas do mar,
Jovens sereias, jovens sereias;
A nossa vida é cantar,
E nos teus braços em cadeias.

Diz a Lapa dos Esteios
Ao penedo da Saudade:
—Não ha terra mais formosa,
Nem tão rica em mocidade.

Oh areal do Mondego,
Não sei como tens areia;
A toda a hora do dia
O meu amor te passeia.

Deitei o limão correndo
De Santa Clara ao caes,
Para vêr se me esquecias,
Cada vez me lembras mais.

Adeus, ponte de Coimbra,
Aguas claras do Mondego,
Diga-me, minha menina,
Se quem ama tem socego.

Não me fales em Coimbra,
Que são penas que me daes,
Tenho lá os meus amores,
Não quero m'os lembres mais.

Coimbra, nobre cidade,
Bem te podem chamar côrte,
Que tens a Rainha-Santa
Da banda de além da ponte.

✢

Não sei que terra é Figueira,
Que tão nomeada é;
Figueira que não dá figos,
Oh, quem lhe cortasse o pé!

Das meninas da Figueira
O seu dote é uma cêsta;
Andam de porta em porta:
—Quem compra sardinha fresca?

Adeus, oh caes das Ameias,
Com teu lindo arvoredo;
De dia gósto de ti,
De noite tenho-te mêdo.

✢

Nunca me lembrou Bragança,
Nem que tal cidade havia;
Agora já não me esquece
Nem de noite, nem de dia.

Oh Villa Real alegre,
Provincia de Traz-os-Montes,
Nos dias que te não vejo
Meus olhos são duas fontes.

Eu conheço uma menina,
Que por ella morro tanto;
Hei de pôr os pés em Roma
A pedil-a ao padre santo.

Já fui soldado em Braga,
Alferes em Penamacôr,
Agora sou general,
Capitão do meu amor.

✢

Quem canta, seu mal espanta;
Quem chora, seu mal augmenta;
Eu canto para espalhar
Uma dôr que me atormenta.

Uma saudade me mata;
Um suspiro me detem;
Uma esperança me anima
De tornar a vêr meu bem.

Amar, morrer, padecer
Não póde ser tudo junto;
Quem morreu acaba a vida,
Quem ama padece muito.

E's espelho onde me vejo
Cada vez que te visito;
E's igual ao meu desejo,
Não ha nada mais bonito.

Os olhos pretos são falsos,
Os castanhos matadores;
Os azues, da côr do céo,
E' que são os meus amores.

ONDE LEVA A MOÇA?

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Lydia Gomes da Silva.

160

ANDANTE.

An - do por a - - qui de noi - te, as fo - - lhi - nhas me põe mê - do, bem po- - dé - ras tu, me- - ni - na, ti - rar- - me d'es - te de - - gre - do.

On - de le - va a mo - ça, oh se - nhor sol - da - do? le - vo - a rou - - ba - da que é do meu a- - gra - do.

Recolhida em Freixiel, Traz-os-Montes, por F. P. Nogueira.

Ando por aqui de noite,
As folhinhas me põe mêdo,
Bem podéras tu, menina,
Tirar-me d'este degredo.
  Onde leva a moça,
  Oh senhor soldado?
  — Levo-a roubada,
  Que é do meu agrado.

Quero ter-te sobre o peito,
Onde bate o coração;
Mas não digas a ninguem
Os suspiros por quem são.
  Onde leva a moça,
  Oh senhor sargento?
  — Levo-a roubada
  P'ra o meu regimento.

Alevanta esses teus olhos
Debaixo d'essas pestanas,
Que eu quero conhecer bem
As luzes com que me enganas.
  Onde leva a moça, etc.

Oh meu amor não estranhes
De eu para ti não olhar:
Isto são disfarces meus
Para o mundo não falar.
  Onde leva a moça, etc.

Triste quem d'amores morre,
Mais triste quem d'amores vive,
Que eu morro pelos que tenho
E p'los amores que já tive.
  Onde leva a moça, etc.

O mal d'amor's não tem cura?!
O mal d'amor's cura tem;
Ajuntem-se dois amores,
Mal d'amor's cura-se bem.
  Onde leva a moça,
  Senhor capitão?
  — Levo-a roubada
  P'ra o meu batalhão.

[...]a. — Durante a cantiga é dança de roda: damas pelo lado de dentro e cavalheiros por fóra, com os braços levantados, dando os dedos; no estribilho os pares abraçam-se e dão uma volta para a direita e outra para a esquerda.

AVÈ-MARIA, DE LA VENDÉE

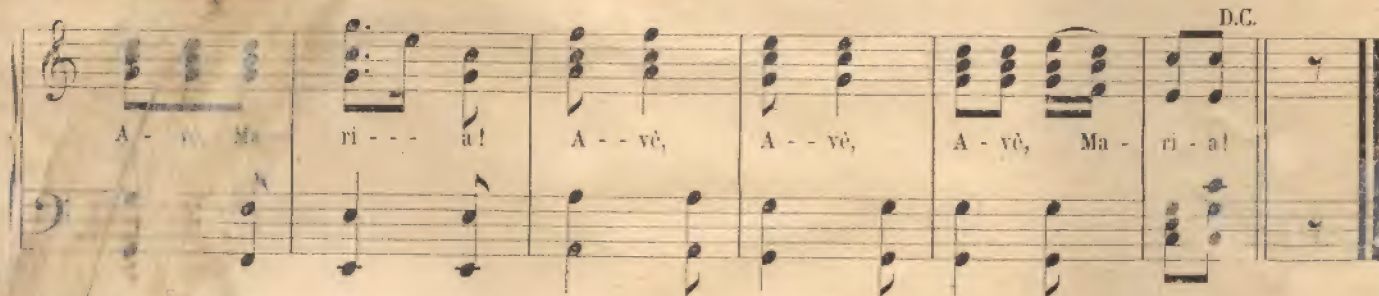
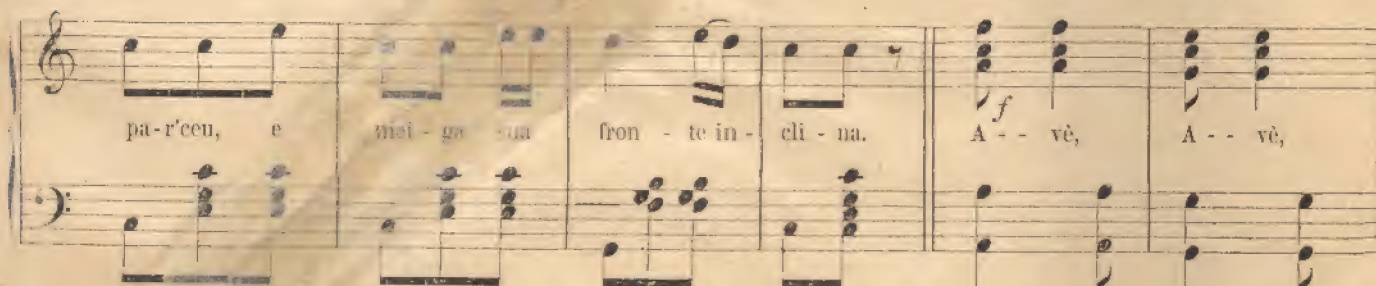
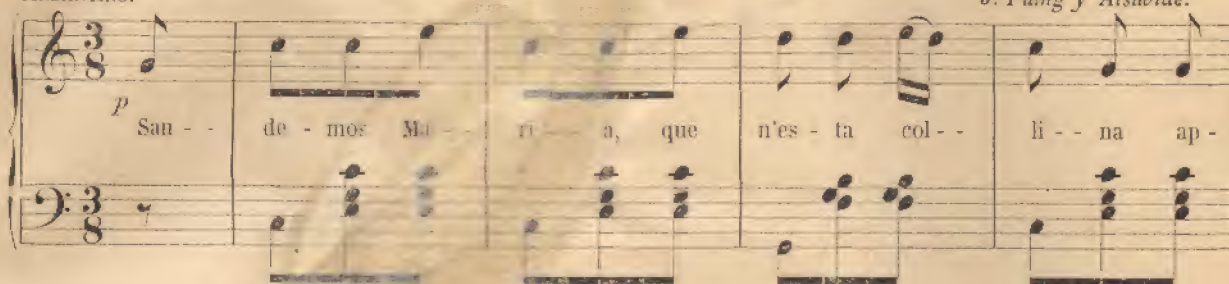
CONSAGRADA A NOSSA SENHORA DE LOURDES

A Ex.ma Snr.a D. Maria Engracia da Conceição Pinto de Vasconcellos.

ANDANTINO. — *J. Puing y Alsubide.*

161

San - - de - mos Ma - - ri - - a, que n'es - ta col - - li - - na ap - pa-r'ceu, e mei - ga - a fron - te in - cli - na. A - - vè, A - - vè, A - vè, Ma ri - - - a! A - - vè, A - - vè, A - vè, Ma - ri - a!

D.C.

Este cantico popular, escripto pelo organista da cathedral de Air, foi consagrado ás peregrinações francezas a Lourdes, mas rapidamente se vulgarisou por todo o orbe catholico, propalado pelos peregrinos de todas as nações, que lhe addicionaram varias poesias.

TRADUCÇÃO

Saudemos Maria,
Que n'esta collina
Appar'ceu, e meiga
Sua fronte inclina.
Avé, Avé, Avé, Maria!

A' criança timida,
Que no valle orava,
Do Gave[1] á torrente
Seu nome ensinava.
Avé, Avé, Avé, Maria!

Repetia o ecco
Da onda o murmurio,
Que ia resoando
De choça em tugurio.
Avé, Avé, Avé, Maria!

Escuta-o a França;
A Virgem saudando,
Se põe a caminho,
Em côro cantando.
Avé, Avé, Avé, Maria!

Voz meiga e materna
—Vinde aqui—lhe diz,
—Eis-me—lhe responde
O povo feliz.
Avé, Avé, Avé, Maria!

Sobre este logar
Desceu lá dos céos
A graça divina,
Bafejo de Deus.
Avé, Avé, Avé, Maria!

De nós, peregrinos,
A prece acceitae,
E noss'alma e corpo
Nos purificae.
Avé, Avé, Avé, Maria!

ORIGINAL FRANCEZ

Sur cette colline
Marie apparut;
Au front qu'elle incline
Rendons le salut.
Avé, Avé, Avé, Marie!

A l'enfant timide
Priant au vallon,
Au Gave rapide,
Elle a dit son nom.
Avé, Avé, Avé, Marie!

L'enfant le repete
Comme un doux echo
Le Gave lui prête
La voix de son flot.
Avé, Avé, Avé, Marie!

La France l'ecoute
Se leve soudain;
Et se met en rout
Chantant le Refrain.
Avé, Avé, Avé, Marie!

La voix maternelle
Dit: «Venez ici».
Le peuple fidéle
Repond: «Me voici»
Avé, Avé, Avé, Marie!

Un souffle de grace
Pousse vers ce lieu,
Ce souffle qui passe
Est celui de Dieu.
Avé, Avé, Avé, Marie!

Reçois la priére
De tes pélerins
Montre-toi leur mère
De tous fais de saints.
Avé, Avé, Avé, Marie!

[1] *Gave*, nome que nos Pyrineus se dá á torrente que desce das montanhas.

AVÈ-MARIA!

CANTICO EXPOSITIVO DAS APPARIÇÕES DE LOURDES

I

Era d'harmonias
Hora singular:
As Avè-Marias
Ia o sino a dar.
Avè, Avè, Avè, Maria!
Avè, Avè, Avè, Maria!

Bernardette sente
Que o seu anjo então
A leva á torrente,
Pela propria mão.

Uma aragem passa,
E á menina diz:
— «A Divina Graça
«Te fará feliz!»

Seu olhar, que salva
Da montanha além,
Crê que a estrella d'alva
Despontando vem.

Mas é pura imagem,
Que irradia amor;
Cinge-lhe a paragem
Crystallino albor.

Traz do Paraiso
No olhar a luz;
Seu meigo sorriso
A esperar induz.

Do lyrio a candura
Veste-a em branco véo,
E tem por cintura
Um traço do céo.

Sobre os pés lhe brilha
Rosa virginal,
Gentil maravilha
Do prado eternal.

Pende-lhe um rosario
Da bemdita mão,
Guia, itinerario
Da santa oração!

Exhala, vibrando,
Seu fundo sentir
Bernardette, quando
Volve a repetir:

II

Vem rumor de gente
D'extase acabar:
Ergue-se a vidente,
Mas para voltar!

A cada ante-aurora
Diz-lhe o coração
Que outra vez é hora
Da linda visão.

— «Minha mãe na terra,
«Ai! se me quer bem,
«Deixe-me ir: — na serra
«Eu tenho outra Mãe.

«Parece uma estrella!..
«Saber devo emfim,
«Se posso revêl-a,
«O que quer de mim».

Pomba da alliança,
Parte com ardor;
Vôa, e logo alcança
O novo Thabor.

— «Senhora que adoro,
«Eis-me á vossa lei:
«Minha sina imploro;
«Dizei-m'a, dizei».

— «Vinde acompanhada
«*Quinze vezes mais:*
«Parae na assomada;
«E a voz me escutaes.

«Ditosa criança,
«*Oh! crêr-me podeis,*
«*Bemaventurança*
«*Nos céos havereis!*».

— «Senhora, sois boa;
«Mas o mundo não,
«E não me perdoa
«A minha visão!

«Do sabio a vaidade
«Negará sem dó:
«A minha verdade
«Me defende só».

III

O povo affluente,
Mal a manhã sae,
Atraz da vidente
Por seu turno vae.

Como se já fôra
Anjo sem labéo,
Transita a pastora
Entre terra e céo.

Vêde-a, que se enleva
No encanto immortal,
Que é dos filhos d'Eva
Fito natural.

E mudança tanta
Faz seu rosto alli,
Qual se a Imagem Santa
A chamára a si.

Toda a absorve a prece
N'esta devoção:
N'ella resplandece
A luz da Visão.

E a turba prostrada,
Pasma ao contemplar
Da eterna alvorada
O fulgor sem par.

— «*Que tendes,* Senhora?»
A criança diz.
— «Minha protectora,
«Que magua sentis?

«Essas vossas dôres
«*Que remedio tem?*»
— «Pelos peccadores
«*Rezae!*» — torna a Mãe.

«E a grey, com que eu conto
«Venha em procissão
«N'este mesmo ponto
«Fazer-me oração.

«Depois, sem detença
«*Capella* erigi,
«Que a minha presença
«Rememore aqui!»

IV

Mysterio profundo
D'um profundo amor!
Tal Mãe nega ao mundo
O dado penhor?..

Uma e outra aurora
Torna a triste a vir;
E em vão geme e exora,
E o céo sem se abrir!

— «Senhora clemente,
«Pois não sabeis vós
«Que á vossa vidente
«Movem guerra atroz?»

— «Pastorinha, alenta;
«Confia; bem é
«Que seja a tormenta
«O crysol da Fé.

— «Eil-a! ouvi-a! vi-a!
«Mal o posso crêr!
«Novamente envia
«O enlevo ao meu sêr!

«Oh Visão celeste!
«Ouve-me o clamor;
«Esta pobre atteste
«Qual o teu favor.

«Exigem-me prova
«Clara como o sol:
«Prodigio renova
«Da verdade em prol.

«Que onde ahi se inclina
«A teus pés o urzal,
«*Brote flôr divina*
«*O bravo espinhal*».

A Imagem sorria,
Como que a dizer
Aquella porfia:
— «Melhor has de ter.

«A flôr pouco dura,
«Perde viço e côr;
«Maternal ternura
«Dá mais que [illegible]

V

«*Esses, se a procuras,*
«*A fonte verão,*
«Cujas aguas puras
«Meu presente são!»

A ingenua á paragem
Do *Gave* desceu;
Acena-lhe a Imagem,
E ao signal volveu.

O sitio indicado
Com as mãos sondou;
De terra um punhado
Humido mostrou!..

Fonte dos auspicios,
Fonte salutar,
Os teus beneficios
Quem póde contar?

—«Vós que o mundo acclama
«E taes dons fazeis,
«Angelica Dama,
«Quem sois, não direis?

«Vosso nome á crente
«Serva a deprecar,
«A' vossa vidente
«Quereis occultar?»

D'este rogo o anceio
Quatro vezes faz
No materno seio
Gemer pertinaz!..

Canta em festa a nave:
A Egreja fiel
Solemnisa o *Ave*
Do Anjo Gabriel.

A Imagem, mais bella,
Surge triumphal,
E a Virgem revela
O arcano afinal.

A' sua afilhada
Nova apparição
Já da *Immaculada*
Consente a menção.

VI

Alta mensageira
A' patria voltae,
E da terra inteira
As preces levae.

Chamaveis os filhos,
E elles a abundar
Dos diversos trilhos,
Quaes rios ao mar.

Salvè, terra amada,
Throno montanhez,
Onde a Immaculada
Sua estancia fez!

A Imagem, que escuta
Os votos mortaes,
A' fragosa *Gruta*
Attrae mais e mais.

Qual a fonte corre
Sem nunca parar,
A turba concorre
Sem jámais cessar!

Pio santuario,
Cada dia vês,
Numeroso e vario,
Um grupo francez!

Teus tectos, viveiros
De sacros pendões,
Acolhem romeiros
De todas nações.

E' do amor divino
Aberto o solar:
Passa o peregrino,
E torna a passar.

N'este santo abrigo
Feliz quem pousou:
Para o céo comsigo
Passagem levou!..

Luz propiciatoria,
Que o vosso clarão
Nos conduza á gloria
Da eterna visão!

Esta poesia, que se canta em algumas egrejas, foi distribuida ao povo, em folha volante, e vem datada de Madrid de 15 de janeiro de 1886.

Tambem se cantam os seguintes versos em algumas egrejas do Porto:

Oh Virgem Maria,
Canto com fervor,
Com grande alegria
O teu doce amor.
Avè, Avè, Avè, Maria!

Minh'alma suspira
Por ti, oh Maria!
Meu peito respira
Com santa alegria.

Oh Anjo ditoso!
Oh feliz Gabriel!
Saúda amoroso
A Virgem fiel.

Oh Virgem formosa!
Tu sempre serás
A Mãe carinhosa,
Que me salvarás.

Eu ás tuas plantas
Quero descançar;
P'ra virtudes santas
Sempre meditar.

Amar-te, Maria,
Amar-te é gosar,
Amar-te, Mãe pia,
Amar-te é reinar.

Quizera, Maria,
Amar-te melhor;
Quizera, Senhora,
Ai! morrer d'amor!

Por ti a pobreza,
Oh Mãe, soffrerei,
E toda a riqueza
Em ti acharei.

Das enfermidades,
Oh Mãe, cuidarás;
As minhas maldades
Tu perdoarás.

Pobres navegantes
Para o céo olhae;
Em todos os instantes
Maria chamae.

Nos teus doces braços
Eu expirarei,
Entre teus abraços
Feliz morrerei.

Por ti, a victoria
Eu alcançarei;
Corôa de gloria
Por ti cingirei.

Foi em 1858 que teve logar a apparição da Senhora a Bernardette.

Lourdes é uma pequena cidade, que n'aquella data apenas contava cinco mil almas. Está situada nos Pyrineus, na diocese de Torbes; ao lado tem uma montanha de rocha, banhada pela corrente *Gave;* a pouca distancia está a gruta, que mede quatro metros d'altura por quatro de largura, e n'ella se abriga uma bella imagem da SS. Virgem. Proximo está a fonte da agua milagrosa e a casa de banhos.

Em maio de 1877 foi a Lourdes, onde chegou no dia 20, uma peregrinação portugueza, acompanhada pelo Em.mo Cardeal Patriarcha de Lisboa.

A MODA DA RITA

DANÇA DE RODA

Á Ex.^ma Snr.^a D. Maria Adelaide Monterroso.

ALLEGRETTO.

162

Uma voz

p

Se eu qui-ze-ra a- mo - - res ti-nha mais d'um cen - - to, bo-ne - cos de pa-lha, oh la-ré! ca - be - ças de ven - - to.

Côro

f

Es - ta foi a mo - - da que a Ri - - ta can- tou: lá na Pra - ia No-va, oh la-ré! nin-guem lhe ga - nhou.

Se eu quizera amores
Tinha mais d'um cento,
Bonecos de palha,
Oh laré!
Cabeças de vento.

Esta foi a moda
Que a Rita cantou:
Lá na Praia Nova
Oh laré!
Ninguem lhe ganhou;

Ninguem lhe ganhou,
Ninguem lhe ganhava:
Esta era a moda
Oh laré!
Que a Rita cantava.

Se eu quizera amores
Tinha mais de mil,
Lindos macaquinhos
Que vêm do Brazil.
Esta foi a moda, etc.

Se eu quizera amores
Tinha-os ás mãos cheias,
Rapazinhos loiros
Que vêm das aldeias.
Esta foi a moda, etc.

Se eu quizera amores
Tinha-os ao milhão,
Lindos bonifrates
Que vêm do Japão.
Esta foi a moda, etc.

Eu não quero amores,
Quem gosta repete;
Se um amor se vae,
Ficam seis ou sete.
Esta foi a moda, etc.

Se eu quizera amores
Tinha-os aos punhados,
Mas não quero amores,
Não quero cuidados.
Esta foi a moda, etc.

Esta cantiga parece ser do principio d'este seculo.

TENHO PENA, TENHO DÔR

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Augusta d'Araujo.

ANDANTINO. Voz

163

Quem me dé - ra ir ao Por - - - to vêr o du - que da Ter - cei - ra: Ai,

Côro

ai! te-nho pe-na, te - nho dôr; te-nho pe - na d'el-le, que e-ra o meu a - mor. E eu tam bem, e eu tam- bem, e eu tam- bem, meu lin - do bem.

Esta cantiga foi popularissima na provincia da Beira Alta em 1846-47.
Recolhida em Vizeu por J. A. Ferreira da Silva.

Quem me déra ir ao Porto
Vêr o duque da Terceira:
Ai, ai!
Tenho pena, tenho dôr;
Tenho pena d'elle,
Que era o meu amor.
Côro: E eu tambem,
Meu lindo bem.
Era fino, muito fino,
Mas cahiu na ratoeira.
Ai, ai!, etc.

Foi a espada mais nobre
A do duque da Terceira;
Ai, ai!, etc.
Foi tão bravo, tão valente
No ataque d'Asseiceira.
Ai, ai!, etc.

No Porto, Manuel Passos
Prende o duque da Terceira,
Ai, ai!, etc.
Por andar de noite occulto
Conspirando na Ribeira.
Ai, ai!, etc.

Já nos referimos em outro logar á prisão do duque, para desfazer absurdos que porventura appareçam nos versos.

HYMNO DE D. FERNANDO

SEGUNDO MARIDO DE D. MARIA II

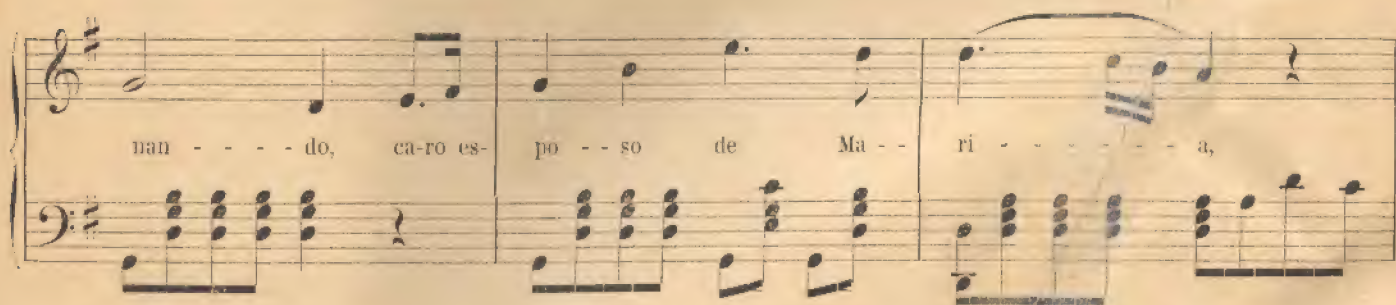
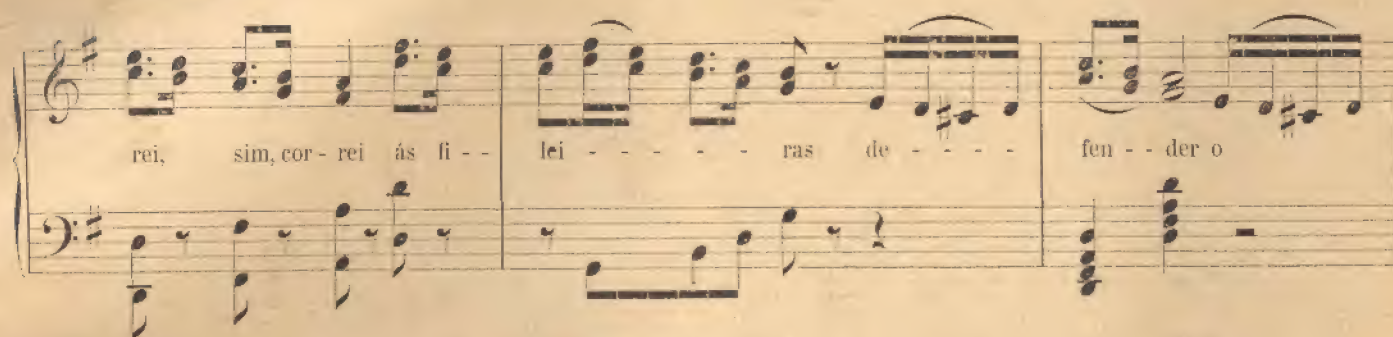
Á Ex.ma Snr.a D. Maria Augusta Ferreira Carmo.

MARCIAL.

164

f

Vi - va, vi - - - va, Dom Fer - nan - - - - do, ca-ro es- po - - so de Ma - - ri - - - - - - - a, ge - - - ne-ral e de - fen- sor da so - be - ra - - - - - na dy - nas-

ti - - - - - - a! *ff* Á - - - van - te, sol - - - da - dos, cor - - - - - rei, sim, cor - rei ás fi - - lei - - - - - - ras de - - - - fen - - der o tim - - bre das nos - - sas ban-dei - - - - ras!

Viva, viva, D. Fernando,
Caro esposo de Maria,
General e defensor
Da soberana dynastia!
    Ávante, soldados,
    Correi ás fileiras
    Defender o timbre
    Das nossas bandeiras!

Imitae, oh portuguezes,
Sempre a régia valentia,
Defendei o excelso throno
Da soberana dynastia.
    Ávante, etc.

Ávante, ávante, guerreiros,
Brilhante estrella vos guia,
Defendei a justa causa
Da soberana dynastia.
    Ávante, etc.

Rei do povo lusitano,
Vae findar a rebeldia,
Vae prostrar os inimigos
Da soberana dynastia.
    Ávante, etc.

Sobre o regio diadema
Verdes louros enlaçando,
Guia o anjo das batalhas
O valor de Dom Fernando.
    Ávante, etc.

O principe D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha, segundo marido da rainha D. Maria II, tomou o titulo de rei depois do nascimento do primeiro filho e foi nomeado em 6 d'outubro de 1846, a instancias da rainha, commandante em chefe do exercito; foi por esta occasião que lhe fizeram o presente hymno. Porém, comquanto D. Fernando fosse um principe bastante instruido e diplomata distincto, era avesso ás guerras civis e nunca entrou em campanha, entregando, nas occasiões opportunas, o commando do exercito aos generaes mais affectos á causa que o throno protegia, expondo-se a apupos e insultos indecorosos.

Este hymno era o repto dos cabralistas ao hymno do Minho.

FADO MADRUGADA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Herminia da Silva Graça.

ANDANTINO. — *Por F. P. Nogueira.*

165

p

Es- con- - de - - se a luz do sol . . .
ao teu o - lhar fas - - ci - nan - - te. Es- con- - de - -
se a luz do sol ao teu o - - - lhar fas - ci -

nan - - te, e fi- ca em tris-te ar - - re- bol a - - quel -

la luz scin - - til- lan - - te. E fi- ca em tris-te ar - - re-

bol a - - quel- la luz scin - - til - lan - - te.

Esconde-se a luz do sol
Ao teu olhar fascinante,
E fica em triste arrebol.
Aquella luz scintillante.

Em teu olhar tens a esp'rança,
Em teu seio brinca o amor;
Não ha no mundo criança
Com tanta vida e frescôr.

Não ha joia, assim tão bella,
No céo, na terra ou no mar!
Nem ha no mundo uma estrella
A quem tanto possa amar.

Os doces cantos d'amor,
Que d'esses labios desprendes,
Oh! manda-os, sim, ao Senhor!
São graças que tu lhe rendes.

O meu coração naufraga
No grande mar do teu peito,
Ou desce ao fundo e se alaga,
Ou sobe e fica desfeito.

Se vejo esconder teu rosto
Nas nuvens d'esse cabello,
Sinto em minh'alma o desgosto
De não mais tornar a vêl-o.

Os teus segredos d'amor
Fazem lembrar céos d'anil
Com rosas de varia côr,
Colhidas no mez d'abril.

O teu sonhar é loucura,
O meu cantar é tristeza;
Tu sonhas na formosura,
Eu chóro a tua frieza.

Levae, oh ventos da sorte,
Os meus cantos doloridos:
E venha, depois, a morte
Suffocar os meus gemidos.

Se eu podésse ser ladrão,
Sem que tu, amor, soubesses,
Roubava-te o coração,
Embora tu não quizesses.

RICARDO D'ABREU.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA III

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Herminia de Santa Gertrudes Ferreira.

Poema de T. A. Gonzaga.

Parte II. Lyra VI.

ANDANTE.

166

p

Os ma - - - res, mi - nha bel - - - - la, não se mo - vem; o

bran - do nor - te as-so - - pra, nem di - vi - so u- ma nu-vem se-quer naesphera

to - da; o des-tro nau-ta aqui não é pre- ci - so; eu

só con - du - zo a nau, eu só mo - - de - - ro do

seu go - - ver - - no a ro - - - - - - da.

tr

Continuado do 1.º volume, paginas 226 e 253.

MARILIA DE DIRCEU

Os mares, minha bella, não se movem;
O brando norte assopra, nem diviso
Uma nuvem sequer na esphera toda;
O destro nauta aqui não é preciso;
Eu só conduzo a nau, eu só modero
Do seu governo a roda.

Mas ah! que o sul carrega, o mar se empola,
Rasga-se a vela, o mastaréo se parte!
Qualquer varão prudente aqui já teme;
Não tenho a necessaria força, e arte.
Corra o sabio piloto, corra e venha
Reger o duro leme.

Como succede á nau no mar, succede
Aos homens na ventura e na desgraça;
Basta ao feliz não ter total demencia;
Mas quem de venturoso a triste passa,
Deve entregar o leme do discurso
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o céo se cobriu, os raios chovem;
E esta alma, em tanta pena consternada,
Nem sabe aonde possa achar conforto.
Ah! não, não tardes, vem, Marilia amada,
Toma o leme da nau, marêa o panno,
Vae-a salvar no porto.

Mas ouço já de Amor as sabias vozes:
Elle me diz que soffra, senão morro:
E perco então, se morro, uns doces laços.
Não quero já, Marilia! mais soccorro;
Oh! ditoso soffrer, que lucrar póde
A gloria dos teus braços!

AS CARVOEIRITAS

CHOREOGRAPHICA

À Ex.ma Snr.a D. Maria Sara Martiniano Ferreira.

ALLEGRETTO.

167

Ra- pa - zes da bei - ra mar mi - rae a nos - - sa bel- le - za, que te - mos na nos - sa fes - ta to- - da a gra - ça por-tu - - gue - za.

Ai, nós so-mos as car-vo - ei- ri - tas, ca - ti - tas! mo- re - nas fi - lhas do mar, nos-so o-lhar!

Nos-so pei - to se in- flam-ma, tem cham-ma! tem cham-ma que faz quei- mar.

D.C.

Recolhida na Figueira da Foz em 1888 pelo snr. dr. Antonio Vianna.

Rapazes da beira mar
Mirae a nossa belleza,
Que temos na nossa festa
Toda a graça portugueza.
Ai, nós somos as carvoeiritas
Catitas!
Morenas filhas do mar,
Nosso olhar!
Nosso peito se inflamma,
Tem chamma!
Tem chamma que faz queimar.

Rapazes, tirae o par,
Vinde para a nossa roda:
Que estar triste e pensativo
Isso já passou de moda.
Ai, nós somos, etc.

Nosso vapor não tem rosas,
Nem brancos lyrios do valle;
Mas tem bellos marinheiros
Que não temem temporal.
Ai, nós somos, etc.

DANÇA. — As damas fazem roda, de mãos dadas, voltadas para fóra; os cavalheiros formam outra roda exterior, voltados para as damas, durante a estrophe; no estribilho faz-se *gran-chaine*.

CONSTANCIA

JOGO CHOREOGRAPHICO

Á Ex.ma Snr.a D. Rosa Candida d'Azevedo Simões.

Andantino

168

p Cons - tan - cia, mi-nha cons- tan - cia, não sei que de ti se - rá, são a - - ca-sos da ven - tu - - ra, são vol - tas que o mun-do da. *f* Oh Cons - tan-cia não me dei - xes, que eu a- in - da te não dei- xei; dis- far - ça e a-bra-ça ou - trem, que eu tam - bem as-sim fa- rei.

Constancia, minha Constancia,
Não sei que de ti será,
São acasos da ventura,
São voltas que o mundo dá.

Oh Constancia não me deixes,
Que eu ainda te não deixei:
Disfarça e abraça a outrem,
Que eu tambem assim farei.

Entre tantas damas bellas
Só a uma escolherei:
Escolhe tu quem quizeres,
Que eu tambem assim farei.

Oh Constancia não me deixes,
Que eu inda te não deixei:
No jardim de tantas rosas
Qual d'ellas escolherei?

Este jogo é muito antigo, e vulgar em todo o paiz, e especialmente na provincia do Douro.

Dança — E' preciso que o numero de pessoas que entram na dança seja impar: Todos os pares dão as mãos, fazendo grande roda, ficando no centro a pessoa que não obteve par: giram para o lado esquerdo durante oito compassos, depois soltam as mãos e as damas giram em roda pelo lado de dentro sobre a direirta em quanto os cavalheiros continuam a rodar para a esquerda, no entanto a pessoa que estava no centro encorpora-se na roda interna, durante quatro compassos, de repente cada pessoa da roda interna abraça outra da roda externa e dançam em passo de galope em volta da que ficou sem par. Repete-se esta dança tantas vezes quantas for o numero dos pares.

CONDESSINHA D'ARAGÃO

JOGO CHOREOGRAPHICO

Á Ex.ma Snr.a D. Zaida Simões.

169

Andante

p

Oh Con-des-sa, oh Con-des- -si - nha; Oh Con-des - sa d'A - ra- -gão, ve-

nho pe - dir-te u - ma fi - lha de bo - ni - tas que el-las são. Mi - -nha fi - lha não te

dou que me cus - tou a cre- -ar, nem por ou - ro nem por pra - ta nem

por san- gue de Dra- -gão.

D. C. *Allegretto*

f

FINAL Sou vi - u- -vi - nha da ban da d'a- -lem, que-ro ca-

zar e não a-cho com quem, só com -ti - go, só com -ti - go, só com -ti - go, meu bem.

CONDESSINHA D'ARAGÃO

Este jogo infantil é dos que antigamente se usavam nas escolas, em horas de recreio; executa-se da seguinte forma:

Um numero impar de creanças organizam roda, no meio da qual fica uma menina, de pé, em quanto as que a circumdam se sentam, ou se poem de joelhos, segurando-lhe na orla da saia do vestido ou aba do babeiro. A que está no meio representa a Condessa e as que estão em volta representam filhas. Por fora da roda um numero egual de creanças representa cavalheiros que vão pedir em casamento as filhas da Condessa; e um canta:

Oh Condessa, oh Condessinha,
Oh Condessa d'Aragão:
Venho pedir-te uma filha
De bonitas que ellas são.

A Condessa responde:

—Minha filha não t'a dou
Que me custou a crear
Nem por ouro, nem por prata
Nem por sangue de Dragão. (1)

A roda dos cavalleiros gira e o primeiro vae cantando:

—Tão contente que eu vinha,
Tão triste me vou achar;
Pedi a filha á Condessa,
Condessa não m'a quiz dar.

A Condessa torna a cantar:

—Volta atraz, oh cavalleiro,
Se fores homem de bem
Dar-te-hei a minha filha
Se m'a estimares bem.

Com esta mesma musica cantam as creanças a letra da Constancia.

Responde o cavalleiro:

Estimo-a bem como bem,
Sentada n'uma almofada,
Enfiando contas d'ouro,
Salta cá minha esposada.

E retira uma menina, das filhas da Condessa, e vem passear de braço por fora da roda dos cavalheiros, em direcção contraria.

Segue-se os outros cavalheiros que repetem o mesmo jogo.

No fim a Condessa fica só, e então os pares que andavam em volta dão as mãos e formam grande roda e a Condessa canta:

Eu sou viuvinha,
Da banda d'alem,
Quero casar
Não acho com quem:
Só comtigo, só comtigo, só comtigo
Meu bem.

E abraça um cavalheiro, e a menina que fica sem par vae servir de Condessa, se querem repetir o jogo.

(1) Vulgarmente dizem Lagarta.

HYMNO DE MAIO

CANTICO RELIGIOSO

Á Ex.ma Snr.a D. Perfeita do Nascimento Pereira Fernandes.

Andante

170

ff

Ped. * Ped. * Ped. * Ped. * Ped. *

p

Sois chei - a de gra - ça, sem cul - pa ge - ra - - da, pa - ra ser dos ho - - mens ter - na ad - vo - ga - - da.

f

Ou - vi nos - sos ro - - gos ten - de com-pai - xão dos que ve - ne - - ram Vos - so co - ra - ção.

HYMNO A NOSSA SENHORA

Sois cheia de graça,
Sem culpa gerada,
Para ser dos homens
Terna advogada.

POVO

Ouvi nossos rogos,
Tende compaixão
Dos que adoram
Vosso coração.

Para sermos gratos
A vossos favores,
Aqui nos juntamos,
No mez das flores.

E' n'este mez
A Vós consagrado
Que o vosso nome
Deve ser louvado.

Não trazemos flores
P'ra Vos offerecer;
Louvores só queremos
Hoje aqui render.

Immensas flores
Os campos matizam
Ainda mais virtudes
Em Vós se divisam.

Suave perfume
Lançam sem cessar
Que ao vosso Throno
Não tem de chegar

O que lá se ouve
São os gemidos
Dos corações
P'ra Deus convertidos.

Acceitae, Senhora
Nossa devoção;
Para conseguirmos
Fructo d'esta oração.

Cantam-se com a mesma musica as seguintes

SAUDAÇÕES Á SANTISSIMA VIRGEM

N'este mez tão santo
De summa alegria,
Seja nosso encanto
A Virgem Maria.

POVO

Virgem , nossa guia
Sêde, e nossa luz;
Por nós, oh Maria,
Rogae a Jesus.

Jámais nos cancemos
De mostrar-lhe amor;
Cantemos, cantemos
Sempre em seu louvor.

Mãe mui carinhosa
De todos nós é,
Nos ama, estremosa,
Como amou José.

E' nosso conforto
Na tribulação;
Nos leva a bom porto,
Nos dá salvação.

Sem ella, perdidos
Erramos sem norte,
Soltando gemidos
Agudos, de morte.

Com ella, a alegria
E' o nosso quinhão,
Pois ella nos guia
A' Santa Sião.

Como é nossa Mãe
Por nós intercede;
Só quer nosso bem
E a Jesus o pede.

O seu valimento
Tanto poder tem
Que n'um só momento
Perdão nos obtem.

Que, pois, sem cessar
Se louve, á porfia,
A Estrella do Mar,
A Virgem Maria.

Este cantico é vulgarissimo em todas as egrejas, durante o mez de Maio.
A musica é atribuida a Sá Noronha.

A MORENA MALFADADA

XACARA

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia Adelaide Wendel.

171

Frei Jo- -ão se a-le-van- -tou n'u - ma ma - nhã de ge - a - - da Pa-ra ir ver a su - a da-ma a Mo- -re - na mal-fa- -da - da.

D.C.

Frei João se alevantou,
N'uma manhã de geada,
Para ir ver a sua dama,
A Morena malfadada.
Apertando seu calção,
Tomando sua guitarra,
A' porta da Morena
Um romance lhe cantara.
—Abre-me a porta Morena,
Que estou com os pes na geada;
Se me não abres a porta
Não és morena, nem nada.
«Como te hei de abrir a porta,
Frei João da minha alma,
Se estou com meu filho ao peito
E meu marido á ilharga.
—«Dize-me tu, mulher minha,
A quem dás as tuas fallas?
«E' á moça da padeira,
Que vem saber se amassava;
Se o pão era de leite
Que lhe não deitasse eu agua.
Se o pão era de trigo,
Que pouca agua bastava,
—«Ergue-te d'ahi mulher minha,
Vae reger a tua casa,
Manda os captivos á lenha,
Manda os creados á agua.
«Levantae-vos, homem meu,
Ide c'os cães á caçada
Que não ha caça mais certa
Do que a da madrugada.

Assim que elle caminhou
Ella toda se aceiara,
Com sua saia de seda
Pela cidade arrastava,
Com sua capinha nova,
Seu nó de fita rosada,
Com seu chapeu na cabeça,
Que com seu oro abanava.

Chegara á portaria
Por frei João perguntara!
Frei João que tal ouviu,
Se havia correr saltava;
Pegara-lhe pela mão
Levara-a p'ra sua sala,
Com gallinhas e capões
Nada de comer faltava...
Dera-lhe pão e vinho,
Do que a sua ordem dava;
Comprou-lhe saia de seda,
De cem mil reis cada vara.

Ao sahir da portaria
Seu marido encontrara:

—«D'onde vindes, mulher minha,
Que vindes tão aceiada?
«Venho d'ouvir missa nova,
Que venho bem regalada.
—«Dize-me qual foi o padre
Que essa missa cantara?
E dize-me mulher minha,
Quem assim te regalara?
«Foi o padre frei João
Que assim me regalara.

—«Quem me te dera, mulher,
N'uma fogueira queimada,
Com cem carradas de lenha,
Todas cem t'eu atiçara.
«Quem me te dera, meu bem,
N'umas meias laranjadas,
Todas lavradas em sangue
Com duas mil adagadas.
—«Deixae estar, mulher minha,
Temos contas p'r ajustar
Para fim de tua vida
Já te podes preparar.
«Não se me dá de morrer
Que eu nasci para acabar;
Dá-se-me dos meus filhinhos
Que me ficam por crear.
—«Não te importes c'os teus filhos,
Que outra mãe lhe hei de dar
Importa-te da tua alma,
As contas que tem a dar.
«Não se me dá de morrer
Que eu nasci para acabar
Dá-se-me da triste conta
Que a Deus tenho para dar.
—«Pega lá uma facada
Do lado do coração,
P'ra te eu não tornar a vêr
Em braços de frei João.

«Se vires a frei João
Dizei-lhe, que digo eu,
Que não ponha chapeu pardo,
Que a Morena já morreu.

O LIMÃO VERDE

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Sr.a D. Candida Sotto-Maior e Menezes

172

Oh Se- | -nhor do - no da | lo - ja dei - te | lá mei - a ca - | na - da, | To - ma li - mão | ver-de, a - gua | fres - ca, li - mo- | - na - - da.
O di- | -nhei - ro pa - ga | tu - do não se | fi - ca a de - ver | na - da.

Oh senhor dono da loja
Deite lá meia canada;
Toma limão verde,
Agua fresca limonada.
Que o dinheiro paga tudo,
Não se fica a dever nada;
Toma limão verde,
Agua fresca, limonada.

Senhora Dona Maria
O seu dom não vale nada
Toma limão verde
Agua fresca, limonada.
Vae á fonte, vae ao rio,
Vae á missa sem creada
Toma limão verde.
Agua fresca, limonada.

Esta musica é antiga, mas foi popularissima durante o periodo de 1846 a 1850, e com ella se cantava muitas allusões politicas; em que o estribilho tambem tinha a variante: *Oh do limão verde, etc.*

A' porta da capital
Está um chafariz de vidro: (1)
Onde o [illegible]al vae chorar
Lagrimas de arrependido.

Já lá vem o inglez,
Da banda de Santarem,
De preparar-nos pasteis,
Mas pasteis não nos convem. (2)

Dona Maria segunda
Está a fiar n'uma roca
Para pagar ao Saldanha
E o pret á sua tropa.

O Saldanha come ervilhas
O Conde come morangos,
Coitados cá dos pequenos
Que elles lá se entendem ambos.

Todos dizem que o Saldanha
E' o rei dos generaes:
Mas afinal, em campanha.
E' um homem como os mais.

O Saldanha quer ser rei
A mulher quer ser rainha:
Hão de ser, mas só se fôr.
Dos *Aloques da Biquinha.* (3)

(1) Refere-se á legação ingleza.
(2) Allude-se á oganisação do ministerio de conciliação
(3) No sitio onde hoje está, na cidade do Porto, a rua Mousinho da Silveira, na extenção aproximada de duzentos metros, corria outr'ora, a descoberto, uma levada de agua immunda, denominada Rio da Villa, que no sitio chamado Biquinha, por existir alli uma fonte d'agua de composição duvidosa, (antes de voltar para o largo de S. Domingos) se sumia por debaixo da rua de S. João para ir desaguar no rio Douro. D'um e doutro lado havia lojas antigas, com grandes tanques que haviam sido feitos para cortume de coiros, mas que na epocha d'esta cantiga eram aplicados a depositos de immundicies para adubos ogricolas. Este sitio era unicamente habitado por enormes ratazanas.

O DESCRIDO

ROMANCE

À Ex.ma Snr.a D. Maria Amelia Solano d'Abreu.

Andante

173

f

Que me im -por-ta ri-que-zas da ter-ra, d'es sas gal-las o lou co fu-

ror. *mf* Que me im- por - ta o ru-gir da por - - cel - la, d'es - ses

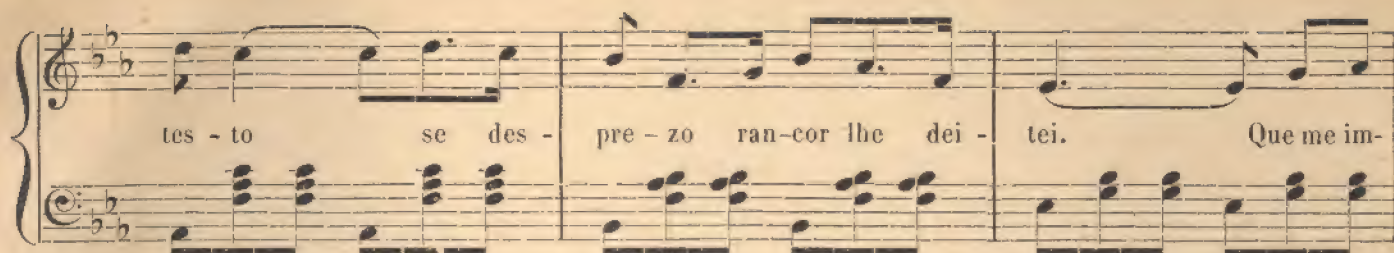
cres

ra-ios, co-ris-cos de hor ror. Que me im -por-ta que o mun-do se a - ca - be que na

tre - ra eu só fi - que re - i, que me im -por - ta se o mun-do eu de-

tes - to se des - pre - zo ran-cor lhe dei - tei. Que me im-

por - ta se o mun-do eu de- tes - to se des- pre-so ran-cor lhe dei- tei. D. C,

---

Que m'importam prazeres da terra
D'essas galas o louco furor;
Que m'importa o rugir da tormenta,
D'essas vagas, faiscas de horror?

Que m'importa que o mundo se acabe,
Que na terra só eu fique rei;
Que m'importa, se o mundo eu detesto,
Se desprezo e rancor lhe votei?

Venha embora coriscos e raios
Roubar dôce esperança de amor,
Que este peito de marmore e gelo
Sò tem fé no tormento e na dôr.

Tive fé, muita fé, n'esta vida,
Crenças mil n'este meu coração
Mas qu'importa se seccas, mirrhadas,
Eil-as todas perdidas no chão?

Já não tenho uma esp'rança n'est'alma
Que o cynismo varou-me de fel;
Além sim que só podem caveiras,
N'esta fronte cingir um laurel.

Eia, ávante, meu peito, eia, ávante,
Solta um brado de terno estampido
Que soando, soando nos ares,
Lá repita bradando—Descrido.

Recolhida em 1860. Esta canção é muito popular no Brazil e em Portugal.

FADO DA FIGUEIRA DA FOZ

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Calem.

Moderato

174

p

Rou - bei- -te bei - jos, não

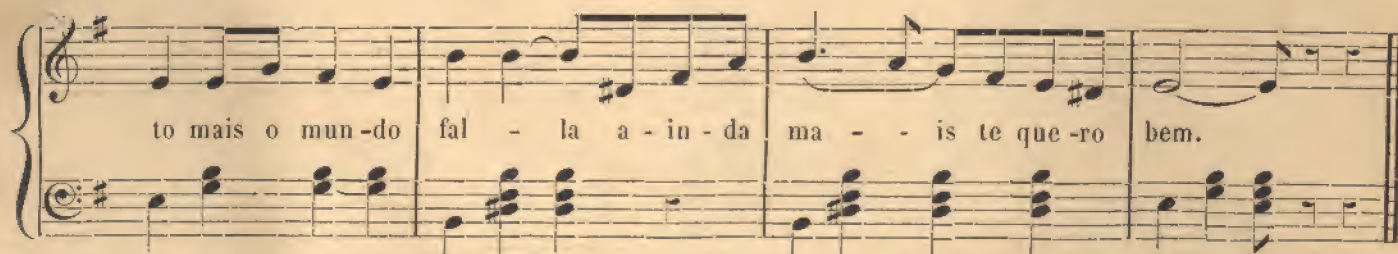
di - - - gas a nin- -guem que fui la- -drão, Rou - bei-

-te bei - jos, não di - - gas a nin- -guem que fui la- -drão. Foi só-

men - te um rou - bo d'al - ma que guar -dei no co - ra - -ção, Foi só-

men - te um rou - bo d'al - ma que guar -dei no co - ra- -ção. Oh

meu a- mor a - ma, a - ma, me - te rai - - va a quem a tem, Quan-

to mais o mun -do fal - la a - in - da ma - - is te que -ro bem.

Eu tive, quando nasci,
Agoiro de má ventura;
Choveu muito, o ceu cobriu-se,
Poz-se a terra muito escura.

Uma pomba côr da noite
Por cima da nossa casa,
N'aquelle dia tão negro,
Tres vezes bateu a aza.

Ouviu-se piar um mocho
No alto do campanario...
Negro signal de quem tinha
De cumprir o seu fadario.

Entrou pela porta dentro
Uma coruja assustada...
Mal peccado que eu morresse
Antes de ser desgraçada!

Já minha mãe me contava,
Quando eu era pequenina,
Coisas que diziam bruxas
Da minha sorte malina.

Vê tu lá! juntos nascemos,
Brincamos da mesma edade,
Tu morreste e eu fico ainda
Para chorar de saudade!

Por ti choro e não me canço
Nunca me quero cançar;
Bemdito seja o Senhor
Que poz na terra o chorar!

Se eu tive, quando nasci,
Agoiro de má ventura!
Choveu tanto! o ceu cobriu-se,
Poz-se a terra muito escura.

E essa chuva das estrellas,
Essas lagrimas do ceu —
Quiz o meu triste destino
Que depois as chorasse eu!

Luiz Osorio.

OH VINDIMA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Francisca Peres do Rego Barreto.

Andantino

175 *f* A me- -ni-na vae ao bai-le oh vin- -di - ma, a me- -ni-na vae ao bai-le oh vin-

di - ma; le- - - - va sai - a de ba-lão, brin-quem to-dos, to-dos, to-dos, brin-quem

to - dos quan-tos 'stão brin quem to - dos, to - dos, to-dos, brin-quem to-dos quan-tos 'stão.

A menina vae ao baile,
  Oh vindima;
Leva saia de balão,
  Brinquem todos, todos, todos,
  Brinquem todos quantos 'stão,
Tambem leva outra cousa,
  Oh vindima;
Meia fina d'algodão,
  Brinquem todos, todos, todos,
  Brinquem todos quantos 'stão.

A menina vae ao baile,
  Oh vindima;
Leva lencinho na mão
  Brinquem, etc.

Tambem leva outra cousa,
  Oh vindima;
Sapatos de cordovão.
  Brinquem, etc.

A menina vae ao baile,
  Oh vindima,
Leva relojo e cordão
  Brinquem, etc.

Tambem leva outra cousa,
  Oh vindima:
Seu amor no coração,
  Brinquem, etc.

Recolhida no Porto em 1856.

GIRALDINHO

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.ma Snr.a D. Guilhermina d'Araujo.

Allegretto

176

Mui-to bem se-ja ap - pa - re - ci - do, oh do Gi - ral- di - nho, n'es - ta fun-

ção; ba-te pal - mas co'o seu pei- xi - nho, co'o seu pei- xi - nho, co'o seu pei-

xão, Lá co'o seu fer - ra - ca - tão. Me-ia vol - ta que de - ra eu, que da-ri - as

tu, que da-ria ou não: Ou-tra me - ia que mais não de - ra, oh do Gi- - ral-

di - nho, oh do Gi - ral- dão. Lá co'o seu fer - ra - ca - tão.

Dança. — E' em marcha, batendo palmas a compasso, e dando voltas e meias voltas de quatro em quatro compassos.

Esta cantiga, humoristica, allusão a Giraldo-sem-pavor, era uma ironia dirigida a D. Fernando, esposo de D. Maria II, quando se apresentou commandante do exercito, por occasião da revolta de 1847.

A SALOYA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria da Conceição Pinto Vasconcellos.

Andante

177

p *p* Que-ro can-tar a Sa-

lo-ya; Que-ro can-tar a Sa-lo-ya, já que ou-

tra mo-da não sei, já que ou-tra mo-da não

sei, mi-nha mãe e-ra Sa-lo-ya, mi-nha mãe e-

ra Sa-lo-ya, Eu com el-la me cri-ei: Eu com

el - - - la me cri- - ei, Mi - nha mãe e - - ra Sa-

lo - ya, eu com el - - - la me cri- -ei, Mi-nha mãe e

ra Sa -lo - ya eu com el - - la me cri- -ei.

D. C.

Quero cantar a Saloya,
Já que outra moda não sei,
Minha mãe era saloya,
Eu com ella me criei.

Sou Saloya, trago botas,
Tambem trago o meu manteu,
Tambem tiro a carapuça
A quem me tira o chapeu.

Ja fui amada d'um grande,
Lindos olhos me piscou,
Tambem quiz dar-me um abraço,
E estas fallas me soltou:

Oh Saloya dá-me um beijo,
Que eu te darei um vintem;
Os beijos d'uma Saloya
São caros, mas sabem bem.

A musica d'esta canção é muito artistica, para ser de origem popular; parece ter sido peça de composição theatral portugu[illegible]em que se popularisou por todo o paiz e Brazil no começo do presente seculo. [illegible]osa.

A VOLTA DA FOGUEIRA

DANÇA DE RODA

À Ex.ᵐᵃ Sur.ª D. Julia de Souza Pimentel Barruncho.

178

Andantino

dolce

Na has - te do cas - ta- -nhei - ro, na has - te do cas ta- nhei - ro eu vi ar - re - ar a lu - a ar-re - ar a lu - a ar-re - ar a lu - a; As mo - ças d'es-ta fo- -guei - ra, as mo - ças d'es-ta fo- guei - ra an - dam a bri - lhar na ru - a a - bri - lhar na ru - a a - bri - lhar na ru - a.

D. C.

A salsa pelas paredes
Está aos bicos como a renda;
Estas raparigas d'agora
Não ha quem as entenda.

E' tristeza e alegria,
E magua, prazer e dôr,
Amor, não é outra coisa
Amor, é somente amor.

Guardo fechado no peito
Como prendas d'alto valor,
As cartas que me escreveste
Em que me juras amor.

Estou triste de te ver triste,
Choro de te ver chorar;
Só uma pena me assiste,
De te ver, não te abraçar.

Os labios do meu amor
São gomminhos de limão,
Que misturados com beijos
Dão allivio ao coração.

Defronte de mim 'stão arvores
Raminhos a dar a dar;
[illegible] espera sempre alcança
Os teus carinhos lograr.

O CARVALHO MILAGROSO

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.ma Snr.a D. Lucinda Verde.

Allegretto

179

As ra- pa-ri-gas da Ma-ia pe-di-ram a San Jo-sé que lhes des-se um car-va-lhi-nho que an-das-se pe-lo seu pé. Ai que me a lei-jas, ai que me a-lei-jas-te, ai que me fris-te ai que me ma-tas-te.

As raparigas da Maia,
Pediram a S. José
Que lhes desse um carvalhinho
Que andasse pelo seu pé.

Ai que me aleijas,
Ai que me aleijaste,
Ai que me feriste,
Ai que me mataste.

Raparigas cá da roda;
Vinde aqui p'ra o nosso pé,
Não vá armal-as o demo,
Que o carvalho santo é.

Ai que me aleijas,
Não sejas teimoso,
Vamos raparigas
Ao carvalho milagroso.

O carvalho milagroso
Tem uma biquinha ao pé;
Alegrae-vos, raparigas,
Que o carvalho vosso é.

Ai que me aleijas,
Ai que me dóe tanto,
Dá-me um copo d'agua
Do carvalho santo.

No principio d'abril do corrente anno de 1895, proximo de Leça do Balio, foi arrancado, por um violento temporal, um mediano carvalho que estava n'uma ribanceira, e arrastado pelo enxurro até ao meio d'um campo onde ficou de pé, a pouca distancia d'um veiosito de agua. O povo simples da aldeia, ao dar pela mudança da arvore, tomou o facto por milagre, correndo em romaria a reverenciar o carvalho que denominou de Santo, e a utilisar a agua, com a fé de que servia para curar varias enfermidades. O phenomeno divulgou-se rapidamente e a gente supersticiosa da cidade do Porto secundou a perigrinação dos aldeãos. Muitos curiosos foram tambem disfructar a agglomeração de povo que enchia os vastos campos, chegando um dia a calcular-se ali reunidas oitenta mil pessoas. Houve especuladores que tentaram explorar a crendice popular, mandando fazer do tronco da arvore uma imagem da Virgem, e erigir no local uma capella; porém a auctoridade ecclesiastica não o consentiu; comtudo os supersticiosos disputaram todos os fragmentos da arvore para reliquias e até uma hysterica disse que, quando o carvalho recebeu o primeiro golpe do machado, por esta ferida correra sangue e exclamara: *Ai que me aleijaste; Ai que me feriste; Ai que me mataste.*

Os esturdios menos crentes improvisaram esta cantiga e outros versos menos decorosos, allusivos ás Irmãs da Caridade, de quem parece supporem ter sahido a ideia do *milagre;* e percorriam o arraial e estradas, cantando-a com toda a rudez da troça maliciosa. Hoje está vulgarisada por todo o norte do paiz.

GRA, GRE, GRI

CARNAVALESCA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Laura de Souza Coutinho.

Adagio

180

SOLO G r a Gra

CORO Gra

SOLO G r e Gre

CORO Gra Gre

SOLO G r i Gri

CORO Gra Gre Gri

SOLO G r o Gro

CORO Gra Gre Gri Gro

SOLO G r u Gru

CORO Gra Gre Gri

TODOS *Più mosso*

Gro Gru. E es - tas são as re - gras do

Gra, gre, gra, gre, gra, gri, gra, gri, gra,

gra, gre, gri, gro, gru. E es - tas são as re - gras do

gro, gra, gro, gra, gru, gra, gru, gra, gre, gra, gre, gra, gri, gra, gri, gri,

gra, gre, gri, gro, gru, gra, gre, gri, gro, gru, gra, gre, gri, gro, gru.

gro, gra, gro, gra.

G-r-a = Gra : — Gra.
G-r-e = Gre : — Gra, Gre.
G-r-i = Gri : — Gra, Gre, Gri.
G-r-o = Gro : — Gra, Gre, Gri, Gro.
G-r-u = Gru : — Gra, Gre, Gri, Gro, Gru.
Estas são as regras
Do Gra, Gre, Gri, Gro, Gru.

Esta cantiga é uma das canções bachicas da mocidade Coimbrã. Deve ser antiga.

A JARDINEIRA

CANÇÃO

À Ex.ma Snr.a D. Maria Carlota Peres do Rego Barreto.

Andantino

181

p

Sou a po-bre jar-di-nei-ra, ve-nho can-ça-da de an-dar: Car-re-ga-di-nha de flo-res sem nin-guem m'as q'rer com-prar.

cresc.

1.a vez — prar. 2.a vez — prar.

Sou a pobre jardineira,
Venho cançada de andar,
Carregadinha de flores
Sem ninguem m'as qu'rer comprar.

Sou a pobre jardineira
Que vos trago lindas flores,
Comprae, comprae, cavalheiros,
P'ra dar aos vossos amores.

Recolhida em Montemor-o-Novo, em 1878, pelo ex.mo snr. Antonio de Mattos Heitor.

A FLOREIRA

CANÇÃO

À Ex.ma Snr.a D. Carolina Augusta da Conceição Pimenta.

182

com 8ª a piano

Andante

dolce

p

Meu Se-nhor, eu ven-do flo-res, mas nim-guem m'as quer com-prar. São tão ba-ra-tas, tão lin-das, mais lin-das não po-de a-char, São tão ba-ra-tas, tão lin-das, mais lin-das não po-de a-char.

Ped. *

Comprae, comprae, cavalheiros,
Comprae, comprae, meus senhores,
Não deixeis que eu volte a casa
Carregadinha de flores.

Meu senhor, eu vendo flores,
E ninguem m'as quer comprar;
São tão baratas, tão lindas,
Mais lindas não póde achar.

Recolhida em 1880, no Pinheiro da Bemposta, pelo Ex.mo Snr. Dr. Manuel Maria de Castro Corte Real.

FADO DE COIMBRA

Á Ex.ma Snr.a D. Beatriz Megre Restier..

Andantino

183

p

Co-

im-bra, no - bre ci- da - de, on - de se for - mam dou- to - res, Co - -

im-bra, no - bre ci- da - de, on - de se for mam dou- to - res. a - -

qui tam-bem se for- ma - ram os meus pri - mei - sos a- mo - res; a -

qui tam-bem se for- ma - ram os meus pri - mei - ros a - mo - res.

FADO DE COIMBRA

Coimbra, nobre cidade,
Onde se formam doutores,
Aqui tambem se formaram
Os meus primeiros amores.

Oh Coimbra, oh Coimbra,
Que fazes aos estudantes?
Vem de casa uns santinhos,
Vão de cá feitos tratantes.

A capa do estudante
E' como um jardim de flores,
Toda feita de remendos,
Cada um de varias côres.

Oh minha mãe não me mande
A Coimbra vender pão,
Que lá vem os estudantes:
Padeirinha de feição.

Adeus ponte de Coimbra,
Aguas claras do Mondego,
Diga-me, minha menina,
Se quem ama tem socego?

Nunca eu fôra a Coimbra,
Nem passara por Sansão,
Nunca vira esses teus olhos,
Que tanta pena me dão.

Não me falles em Coimbra,
Que são penas que me daes,
Tenho lá os meus amores,
Não quero m'os lembres mais.

Oh ribeira de Cozelhas,
Quando eu te passeava,
Tinha olhos e não via
A cegueira em que andava.

Egreja de Santa Cruz,
Feita de pedra morena,
Dentro de ti ouvem missa
Dois olhos que me dão pena.

Quem me dera agora estar
Onde tenho o pensamento,
D'esta terra para fóra,
De Coimbra para dentro.

Coimbra nobre cidade,
Bem te podem chamar côrte,
Que tens a Rainha-Santa
Da banda de alem da ponte.

Estudantes de Coimbra
Tem dois peccados mortaes,
Não fazem caso dos livros
E gastam dinheiro aos paes.

Se houver de tomar amores
Ha de ser com um estudante;
Ainda que não tenha dinheiro,
Tem o passear galante.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA IV

Á Ex.ma Snr.a D. Emilia Nunes de Paiva.

Lettra de F. Antonio Gonzaga.—Lira VIII.

184

Andantino dolce — *pf.* — *dolce* — *ff*

De que te quei - xas lin-gua im-por - tu - - na? de que a For tu - na rou - bar - te quei - ra o que te deu? Es-te foi sem - - - - pre o ge-nio seu. o ge-nio seu, o ge-nio seu.

Levou, Marilia,
A impia sorte
Catões à morte;
Nem sepultura
Lhes concedeu.
Este foi sempre
O genio seu.

A outros muitos,
Que vis nasceram,
Nem mereceram,
A grandes thronos
A impia ergueu.
Este foi sempre
O genio seu.

Espalha a cega,
Sobre os humanos,
Os bens e os damnos;
E a quem se devam
Nunca escolheu.
Este foi sempre
O genio seu.

A quanto é justo,
Jámais se dobra;
Nem egual obra
C'os mesmos deuses
Do claro ceu,
Este foi sempre
O genio seu.

Sòbe ao ceu Venus
N'um carro ufano;
E cáe Vulcano
Da pura espera,
Em que nasceu.
Este foi sempre
O genio seu.

Mas não me rouba
Bem que se mude,
Honra e virtude:
Que o mais é d'ella,
Mas isto é meu.
Este foi sempre
O genio seu.

Continuado da musica 166. Pagina 22 do 2.º volume.

A CANTADEIRA

DESCANTE

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Candida Natividade Reis.

Gracioso

185

p

Não can-to por bem can tar, nem por bo-as fal-las ter. Can-to pa-ra dar a - li - - vio ás pe - nas do meu sof-frer, can-to pa-ra dar a - li - - vio ás pe - nas do meu sof-frer.

D. C.

Não canto por bem cantar,
Nem por ter fallas d'amante,
Eu canto para dar gosto
A quem me pede que cante.

Não canto por bem cantar,
Nem por bem cantar o digo;
Canto para aliviar
Penas que trago commigo.

Não canto por bem cantar,
Nem por boas fallas ter;
Canto para cegar olhos
A quem me não póde vêr.

Eu hei de morrer cantando,
Já que chorando nasci,
Já que os gostos d'esta vida
Se acabaram para mim.

Quem me ouvir a mim cantar,
Quem souber as minhas penas,
Dirá: Oh triste coitada,
Que ainda de cantar te alembras.

A cantar ganhei dinheiro,
A cantar se me acabou;
O dinheiro mal ganhado
Agua o deu, agua o levou.

Foi minha sina cantar,
As cantigas esqueci;
Cantigas d'amor não digo,
Meu amor, tudo perdi.

Quero cantar e não posso,
Falta-me a respiração;
Falta-me a luz dos teus olhos,
Amor do meu coração.

Coração, coraçãosinho,
Como vives magoado!
Vaes para cantar e choras,
Lembra-te o tempo passado.

OH MÃE DE DEUS

CANTICO

À Ex.ma Snr.a D. Maria do Carmo Bandeira Neiva.

Lettra de J. Mascarenhas.
Musica do Padre Alexandre João do Nascimento.

Maestoso

186

p

CANTO

Sal - vè Ra- -i - - nha, Mãe do Se- nhor,

sè nos - - sa gui - a, nos - so men- -tor;

só tu és bo - - a que es - tás nos ceus,

só tu és grande que és Mãe de Deus.

CORO

Se o fra - - gil bar - co per - den - - do o le - me

por en - - tre as va - gas de es - pu - - ma ge - me,

o ma - - - re - - an - te, fi - tan - do os ce - us

cha - ma por ti. oh Mãe de Deus.

Este cantico canta-se em algumas egrejas do Algarve durante o mez de maio.

OH MÃE DE DEUS

CORO

Salve Rainha,
Mãe do senhor;
sê nossa guia,
nosso mentor.
Só tu és boa
que estás nos ceus,
só tu és grande
que és Mãe de Deus.

Se o fragil barco,
perdendo o leme,
por entre as vagas
de espuma geme,
o mareante,
fitando os ceus,
chama por ti,
oh Mãe de Deus.

Salve, Rainha,
Mãe do Senhor;
sê nossa guia,
nosso mentor.
Só tu és boa
que estás nos ceus,
só tu és grande
que és Mãe de Deus.

Se, nas campanhas,
bala fatal
fere o soldado,
ou general,
é só teu nome
que aos labios seus
vem espontaneo,
oh Mãe de Deus!

Salve, Rainha,
Mãe do Senhor;
sê nossa guia,
nosso mentor.
Só tu és boa
que estás nos ceus,
só tu és grande
que és Mãe de Deus.

Se ao caminheiro,
lá entre a serra,
surprehende a noite,
e o trilho erra,
a quem recorre
fitando os ceus,
senão a ti,
oh Mãe de Deus?!

Salve, Rainha,
Mãe do Senhor;
sê nossa guia,
nosso mentor.
Só tu és boa
que estás nos ceus,
só tu és grande
que és Mãe de Deus.

'Té no prostibulo,
onde a virtude
é encerrada
em podre ataúde,
a ti recorre
a filha impura,
oh Mãe de Deus,
Mãe de doçura!

Salve, Rainha,
Mãe do Senhor;
sê nossa guia,
nosso mentor.
Só tu és boa
que estás nos ceus,
Só tu és grande
que és Mãe de Deus.

O PRETO

TANGO

Á Ex.ma Snr.a D. Carmen Gomes da Silva.

Gracioso

187

p

Quem | qui-zer que o Pre-to | fa-ça o

ser-vi - ço de von- | ta-de, dê- | lhe vi - nho e a guar- | den-te tra- | te-o com ca - ri-

da-de. Traz | traz quem | é é o | Pre-to que vem d'An- | go-la com

seu ca-chim-bo na | boc-ca, seu | cha-peu á hes - pa- | nho-la.

D. C.

Quem quizer que o Preto faça
O serviço com vontade,
Dê-lhe vinho e aguardente
Trate-o com caridade.

Traz, traz, quem é?
É o Preto que vem d'Angola,
Com seu cachimbo na bocca,
Seu chapeu á hespanhola.

Quem quizer que o Preto faça
Serviços á *liberté;*
Dê-lhe vinho e auguardente,
Chocolate e mais café.

O Preto é rei dos bichos,
Imperador dos macacos!
Não posso levar avante
O Preto calçar sapatos.

Ai! o Preto tambem canta
Cantiguinhas á viola;
Ai! o Preto tambem dansa,
O Preto tambem namora.

Quem quizer que o Preto faça
Serviço com perfeição,
Não o trate como um bicho,
Trate-o como um cidadão.

Recolhida em 1868.

ROSA TYRANNA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Elisa A. de Freitas Lima.

Andante

188

p

Que é das tu - as fal - las do - - ces, oh Ro - - - - - - sa ty-

ran - na, que me da - vas al - gum dia; Tró - ló - - ró, ló-

ró, ló- - ró. Que é dos teus ter - nos o - - lha - res, oh

Ro - - - - - - sa, ty - ran - na, que é da tu - a ty - ran-

nia, Tró - ló - - ró, lo- - ró, ló- - ró.

D. C.

ROSA TYRANNA

Que é das tuas fallas doces,
Oh Rosa!
Tyranna!
Que me davas algum dia?!
Tró-ló-ró, ló-ró, ló-ró.
Que é dos teus ternos olhares,
Oh Rosa!
Tyranna!
Que é da tua tyrannia?!
Tró-ló-ró, ló-ró, ló-ró.

Olha a ponta do titan,
Oh Rosa!
Tyranna!
Está voltada para mar!
Tró-ló-ró, ló-ró–, ló-ró.
Foi assim que me juraste
Oh Rosa!
Tyranna!
Que me havias de estimar!
Tró ló-ró, lo-ró, ló-ró.

Que é d'aquelle teu bem querer,
Ganho no caes da Paixão?!
Que é das tuas cinco libras
Para a tua livração?!

Coitadinho de quem tem
Seu amor alem do rio;
Quer-lhe fallar e não pode,
Do coração faz navio.

Oh rola, que vaes rolando
A fugir do gavião?
Ella vae na veia d'agua,
Barqueiro, tende-lhe a mão.

Lá vem o barco á vela,
Lá vem a sardinha boa,
Lá vem o meu amorzinho,
Assentadinho á prôa.

Anda cá, perola fina,
Que o meu peito desejava:
Ainda não eras nascida,
Já meu coração te amava.

Oh Rosa, já hoje em dia
Quem mais faz menos merece;
E' a terra que nos cria,
Deus do Ceu quem nos conhece.

Eu hei de te amar, amar,
Que estão mal agradecida;
Por bem fazer mal haver,
E' a paga d'esta vida.

Quando digo que te amo
Julgas tu que eu te minto:
As magoas que por ti soffro
Deus as sabe e eu as sinto.

Quando eu era pequenina,
E minha mãe me embalava
Já uma voz me dizia
Que eu para ti me creava.

Tudo o que é triste no mundo
Tomára que fosse meu,
Para ver se tudo junto
Era mais triste que eu.

Recolhi-a em Leça de Palmeira em 1887, em que a ouvimos cantar pela primeira vez pelas mulheres ovarinas.

A INDIANA

ROMANCE

Á Ex.ma Sur.a D. Laura de Barros Freire.

Moderato

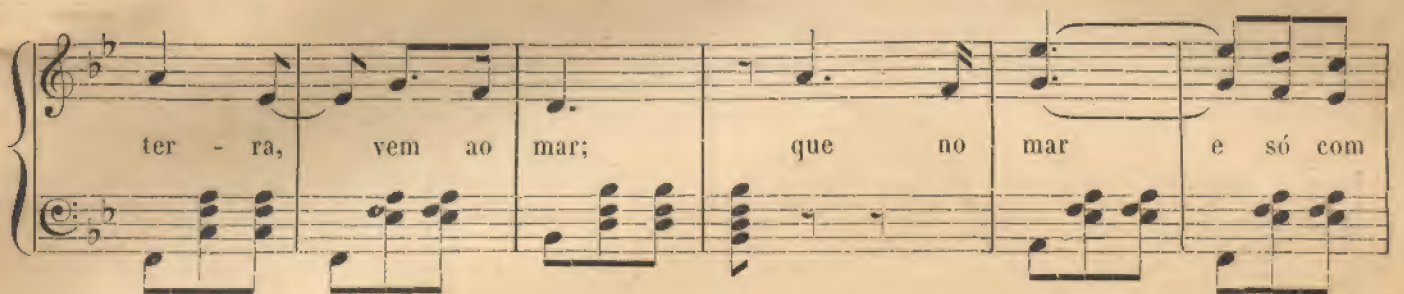
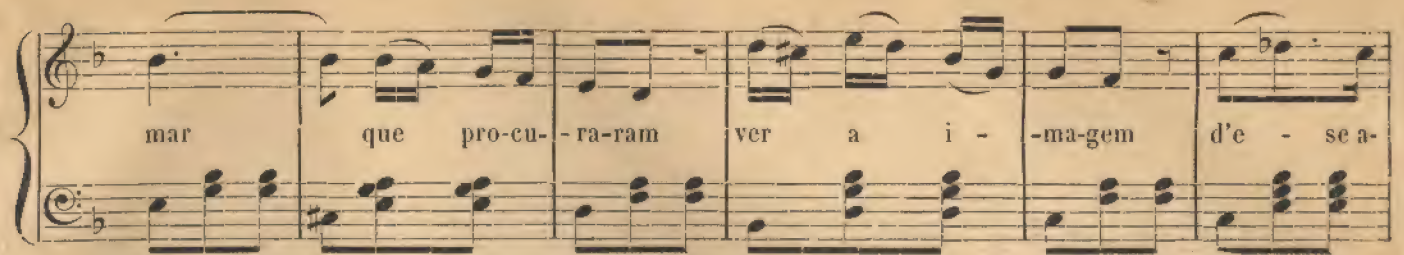
189

f *p*

Sim, é

bel - lo, en-tre os mais bel - los, o pa- - iz on - de nas-

ces - te; pra - do ou moi - ta, se re- ves - te com a

rel - va sem - pre em flor; mas no di - a em que teus

o - lhos tan - to a - -mor me re - - ve- - la - ram foi no

mar que pro-cu- -ra-ram ver a i - -ma-gem d'e - se a-

mor. Vem, oh pal - li - da, vem com- - mi - go, dei - xa a

ter - ra, vem ao mar; que no mar e só com

ti - go, tu ve- -rás se eu sei a - -mar.

Sim, é bello, entre os mais bellos,
O paiz onde nasceste;
Prado, ou moita, se reveste
Com a relva sempre em flôr.

Mas no dia em que os teus olhos,
Tanto amor me revelaram,
Foi no mar que procuraram
Ver a imagem d'esse amor.

Vem, oh pallida, vem commigo,
Deixa a terra, vem ao mar;
Que no mar e só commigo,
Tu verás se eu sei amar.

Este romance que é muito conhecido em Portugal e no Brazil, parece ser antigo.

AS ESCADAS DO CASTELLO

DANÇA DE RODA

À Ex.ma Snr.a D. Zulmira Carneiro de Mello.

190

Andante

Oh que ja-nel-la tão al-ta! Mais al-to vae meu in-ten-to; Oh que ja-nel-la tão al-ta! Mais al-to vae meu in-ten-to, Quem me de-ra pôr os o-lhos on-de te-nho o pen-sa-men-to.

CORO

En-tão por que não, por-que não, en-tão por-que não ha de ir? En-tão por que não por-que não, En-tão por-que não ha de ir?

As es-ca-das do cas-tel-lo são al-

UMA VOZ

más de su- -bir. São al- -tas más de su- -bir, são al- -tas más de bai-

CORO

En- -tão, por-que não por-que não já não ha quem quei-ra a -mar.

D. C.

lla tão alta,
ne meu inten o:
dera pôr os ol os
o pensamen .

orque não, por que não?
rque não ha de r?
as do castello
s, más de subir.

s más de subir,
s más de baixar;
porque não, porque não?
ha quem queira amar.

Oh castello, não te rendas,
Deita bandeira se queres:
Na batalha dos amores
Quem vence são as mulheres.

Hei de ir para aquella serra
Com meus ais quebrar penedos,
Para fazer um castello,
Para fechar meus segredos.

As estrellas se admiram
D'este meu andar de noute;
As passadas serão minhas,
O proveito será d'outrem.

OH ANNA BRITES

AMPHIGURI

Á Ex.ma Snr.a D. Izilda Augusta da Conceição Pimenta.

Andante

191

O gal - lo can - ta, o ga - to mi - a, fa

ri - a no pra-tel- lei - ro; ve - io o ten - dei-ro de ca-ra - pu - ça,

chu - ça c'um bom fu - nil.

Para a[…] bar. Por estes
os dois c[…]mpassos antec[…]

Oh Anna Brites,
Tem-te, não caias,
Regaça as saias,
Oh meu amor:
Já tem bolor
O pão biscouto,
Feito no Souto,
Do Carvalhido.
Com homem perdido
Ninguem se metta,
Vou para a calceta.

. . . .
O gallo canta,
O gato mia,
Faz avaria
No pratelleiro;
Veio o tendeiro
De carapuça,
Atraz lhe chuça
Com um bom funil.
No mez d'abril
Nasce o janota,

Aperta a bota,
Diz á casaca,
Ponha de estaca
Toca timballe,
Em salsa crua,
Amejoa nua
E' bom petisco,
Banha de pisco,
Unto de cobra,
Faz a redobra.
. . . .

Desde 1845 que se fizeram para esta musica innumeros amphiguris allegoricos á politica da occasião, ma[…] […]la decencia.

[…]sica d'este amphiguri é um plagiato da «Dona del Lago», de Rossini. […]e nã

HA DE SE CHAMAR GONÇALO

RETRETA

Á Ex.ma Snr.a D. Laurinda Carneiro de Mello.

Imitando a corneta

192

f Ha de se cha-mar Gon- - ça -lo, o-lé! Ha de se cha-mar Gon- - ça - lo,

Ha de se cha-mar Gon- - ça -lo, o - lè! Ha de ir ba - pti - sar - se á Sé!

Imitando o tambor

Ra - io no pa- trão que ba -te na pa- -trô -a; ra - io na pa- -trô- a que ba-te no pa- -trão; a pa -trô- a diz que sim, o pa-trão diz que não; ra - io na pa - -trôa que ba - te no pa - -trão.

Ha de se chamar Gonçalo, olé!
Ha de ir baptisar-se á Sé.
Raio no patrão que bate na patrôa;
Raio na patrôa que bate no patrão.
A patrôa diz que sim o patrão diz que não;
Raio na patrôa que bate no patrão.

A origem d'esta cantiga:

Em tempos que já vão longe, conta-se que no paço real discutiam o rei e a rainha o nome que deviam pôr ao principe que estava para nascer. O rei queria um; a rainha queria outro, e n'estas teimices foi-se azedando a questão até se tornar violenta. Transpirou fora do paço aquella discussão intima, e das casernas sahiu esta cantiga ironica composta com uma parte de ordinario de corneta liza, e outra de redrobre de caixa forte.

HYMNO DE D. PEDRO V

À Ex.ma Snr.a D. Albina Laura de Sá Pereira Queiroz.

193

Grave

f

Fol- -gae, por - - tu - - -gue - - - zes, no

thro - no ho - je te - - mos, fol- -gae, Por - tu - -gue - - zes, no

thro-no ho - - je te - - mos, um *f* Rei que sa - -be - - - - mos do

1.ª vez

te - - - - mos o no - vo rei - na - - - - - do.

2.ª vez

Folgae, Portuguezes,
No throno já temos
Um rei que sabemos,
Do povo adorado.

A Pedro sem par,
Fé pura, juremos,
Alegres cantemos
O novo reinado.

Virtudes excelsas,
Dadivas, heranças,
Firmam esperanças
Que o ceu nos ha dado.

A Pedro, etc.

D'austera justiça
Será o penhor;
Fiel defensor
Do culto sagrado.

A Pedro, etc.

Risonho porvir
O ceu nos augura,
E á patria assegura,
Governo illustrado.

A Pedro, etc.

Os dias d'Astrea
A nós volverão,
E a Lysia darão.
Seculo dourado.

A Pedro, etc.

Este hymno foi composto para a acclamação de S. M. El-rei D. Pedro V, em 16 de setembro de 1855, por Manuel Innocencio Liberato dos Santos, mestre da Real Capella de Sua Magestade.

MORENINHA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Josepha Corrêa Teixeira Pinto do Amaral.

194

Se tu não fô-ras mo-re - na, se tu não fô-ras mo-re - na, te-ri-as a-bra-ços meus, te-ri-as a-bra-ços meus; mas, co-mo tu és mo-re - na; mas, co-mo tu és mo-re - na, mo-re-ni - nha,a-deus, a-deus; mo-re-ni - nha,a-deus, a-deus.

Quem se ajoelha aos teus pés,
Como quem vem confessar,
Se tivesse outros amores,
Não te vinha procurar.

Se tu não fôras morena,
Terias abraços meus;
Mas, como tu és morena,
Moreninha, adeus, adeus.

Apalpei o lado esquerdo,
Não achei o coração,
De repente me lembrou
Que estava na tua mão.

Deste-me alecrim por prenda,
E elle bem me prendeu;
Quem acceita prendas d'outrem,
Não diga está livre seu.

Puz-me a chorar ao pé da agua,
Lagrymas de sentimento;
A agua me respondeu:
Nada cura como o tempo.

De cada vez que me lembro
Que de ti me hei de ausentar,
Enchem-se-me os olhos d'agua,
Viro p'rá banda a chorar.

DANÇA: —Durante a desgarrada dança-se de roda, de mãos dadas; no estribilho soltam-se as mãos e em quanto se diz — *Se tu não fôras morena* faz balancé com o seu par; em quanto se diz: *terias abraços meus*, dão uma volta abraçando-se; em quanto se diz: *Mas como tu és morena*, fazem-se mesuras e ademanes de despedida; em quanto se diz: *Moreninha, adeus, adeus*: fazem-se com as mãos accionados de adeuses, e o cavalheiro passa para o outro par adeante, e assim de seguida até chegar outra vez ao seu par.

Esta musica é muito antiga. A mesma musica serve para a desgarrada e para o estribilho. A desgarrada deve ser cantada por damas e o estribilho por cavalheiros.

CRUEL SAUDADE

MODINHA DO VIDIGAL

Á Ex.ma Snr.a D. Margarida Dias de Carvalho.

Andante

195

f *p*

Cru - - - el sau - - da - - - - de
de meus a - - mo - - res, que de dis-sa -bo - res me
faz vi - - - -ver. (1.a vez) ver; (2.a vez) me - - -lhor me fô -
ra an - tes mor - - - -rer, me-
lhor me fô - ra an - - tes mor - -rer.

CRUEL SAUDADE

Cruel saudade
De meus amores,
Que de dissabores
Me faz viver.
  Melhor me fôra
  Antes morrer.

Subo aos montes,
Desço aos valles,
Lá me persegue,
Lá me vae ter.
  Melhor me fôra
  Antes morrer.

Mesmo dormindo,
Por entre sonhos,
Casos medonhos
Me vem trazer.
  Melhor me fôra
  Antes morrer.

Tenho perdido
A doce esperança
De ver mudança
No meu pad'cer.
  Melhor me fôra
  Antes morrer.

Devemos esta modinha á amabilidade da Ex.ma Snr.a D. Sophia Clementina de Sousa Leite Viterbo que a transcreveu d'um livro inglez *Sketches of portuguese life, manners, costume, and character. By A. P. D. G.* Impresso em Londres em 1826.

OS TEUS OLHOS

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia Ferreira Dias de Carvalho.

196

Andantino

f *p*

Es-te in-fer-no d'a-mar, co-mo eu a-mo, quem m'o

poz a-qui n'al-ma quem foi? Es-ta cham-ma que a-len-ta e con-so-la, que é

vi-da, e a vi-da des-troe. *menos* Co-mo é que se veio a-te-ar? co-mo

é que se veio a-te-ar? Quem a veio, ai de mim, des-per-tar? Quem a

rall. veio, ai de mim, des-per-tar? Quem a veio, ai de mim, des-per-tar? *rall.*

Recolhida em Avanca, em 1893 pelo Ex.mo Snr. Dr. M. M. de Castro Cort Real.

OS TEUS OLHOS

Este inferno d'amar, como eu amo,
Quem m'o pôz aqui n'alma, quem foi?
Esta chamma, que alenta e consola,
Que é vida, e a vida destroe,
Como é que se veio atear,
Quem a veio, ai de mim, despertar?

Eu não sei, não me lembra o passado,
Outra vida que d'antes vivi;
Foi um sonho, somente um sonho,
Em que paz tão serena dormi.
Oh! que doce era aquelle sonhar,
Quem o veio, ai de mim despertar?

Só me lembro que um dia formoso,
Eu passei, — dava o sol tanta luz! —
Os meus olhos, que vagos giravam,
Nos teus olhos ardentes os puz.
Que fez ella? Eu que fiz? Não o sei...
Mas, n'essa hora, a viver comecei!...

A FARRAPEIRINHA

CHULA

À Ex.ma Snr.a D. Clara Bessa de Queiroz Vasconcellos.

Allegretto

197

f

Oh mi- nha far - ra - pei- -ri - nha, oh mi- nha far-ra-pei- -ro - na, oh mi- nha far-ra-pei- -ri-nha oh mi- nha far-ra-pei- -ro-na: já tra- zes a sai-a ro-ta da a-pa- nha da a-zei- -to-na; oh mi- -nha far-ra-pei- -ri-nha, oh mi- nha far-ra-pei -ro-na, já tra- zes a sa-ia ro-ta da a-pa- nha da a-zei- -to-na.

D. C.

Recolhida na Beira por F. P. Nogueira, em 1883.

FARRAPEIRINHA

inha farrapeirinha,
inha farrapeirona,
res a saia rota,
anha da azeitona.

diabo leve os homens
nfiados n'um cordel;
O primeiro seja Antonio,
O segundo Manoel.

O diabo leve os homens,
Aquelles que bebem vinho;
Não me ha de levar o meu
ue esse bebe poucochinho.

u minha farrapeirinha,
inguem mais do que eu te quer,
ei de pedir-te a teu pae
ra ser's minha mulher.

uem me dera ser retroz,
u linha de toda a côr,
ara andar junto ao teu corpo
ervindo de atacador.

Já te quiz, já te não quero,
Já te amei, já te não amo,
A minha pouca assistencia
Dar-te-ha o desengano.

Algum dia meu brinquinho,
O meu regalo era vêr-te:
Agora tanto me vale
Ganhar-te como perder-te.

Oh minha bella menina,
Quanto tenho te darei
Dar-te-hei a vista dos olhos,
Cego por ti andarei.

Oh minha bella menina,
Hoje sim, ámanhã não,
Hoje me tiras a vida,
Amanhã o coração.

Muito brilha o branco branco,
Ao pé do branco lavado;
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado.

Oh menina diga, diga,
Por sua bocca confesse,
Se já teve em sua vida
Amor que mais lhe quizesse.

Menina, se quer saber
Como agora se namora,
Metta o lencinho no bolso
Com a pontinha de fóra.

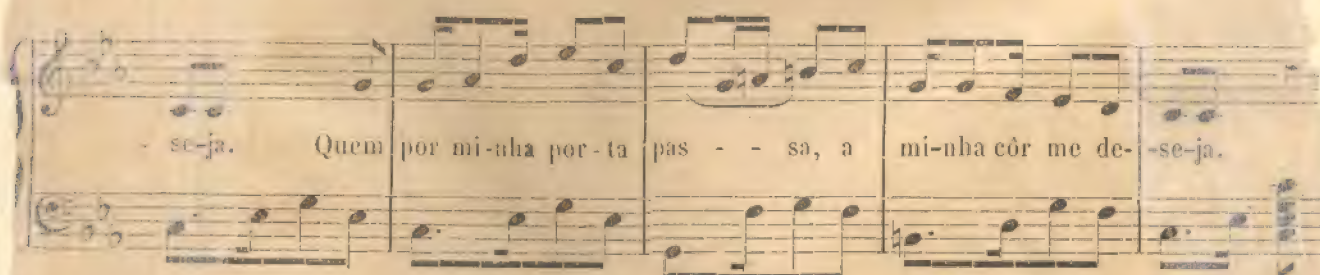
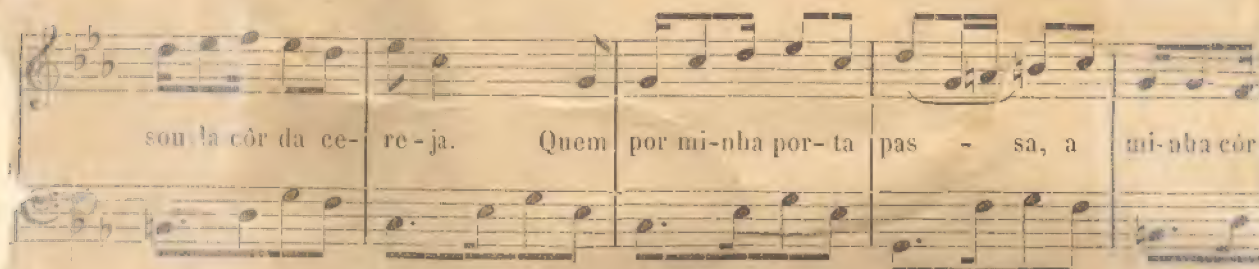
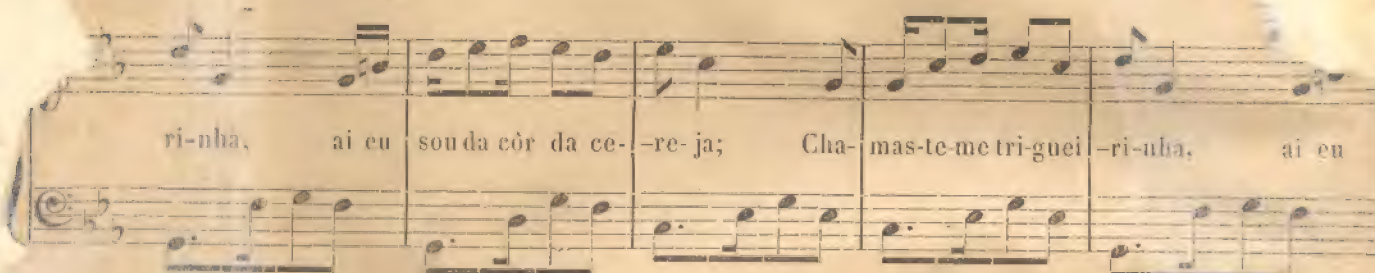
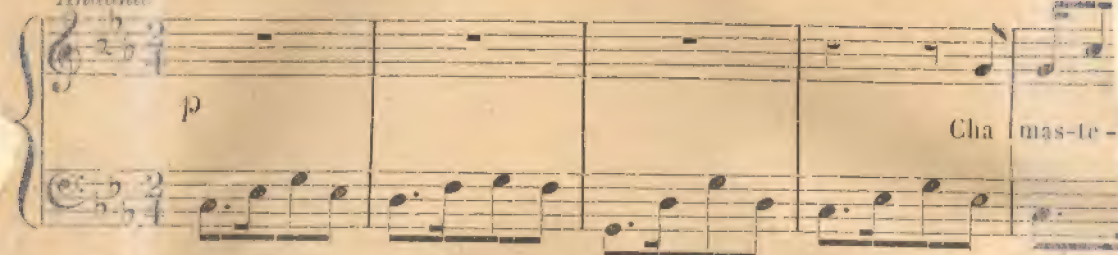
Nem tanto estar á janella,
Nem tanto olhar para o chão;
Nem tanto tirar o lenço
Da algibeira para a mão.

Menina, se quer ser minha,
Ponha o pé na segurança,
Pois ha de andar tão direita
Como o ouro na balança.

TRIGUEIRINHA

LUNDUM

...ma Snr.ª D. Anna Corrêa Teixeira Pinto do Amaral.

Andante

p

Cha mas-te- ri-nha, ai eu sou da côr da ce- -re- ja; Cha- mas-te-me tri-guei -ri-nha, ai eu sou da côr da ce- re - ja. Quem por mi-nha por- ta pas - sa, a mi-nha côr - se-ja. Quem por mi-nha por - ta pas - - sa, a mi-nha côr me de- -se-ja.

Chamaste-me trigueirinha,
Ai, eu sou da côr da cereja;
Quem por minha porta passa,
A minha côr me deseja.

Chamaste-me trigueirinha,
Isto é do pó da eira;
Tu me verás ao domingo,
...mo a rosa ... roseira.

Chamaste-me trigueirinha,
Eu não me escandalisei;
Trigueirinha é a pimenta
E vae á mesa do rei.

Chamaste-me trigueirinha,
E eu tenho d'isso vaidade.
As trigueiras são mais firmes,
Amam com mais lealdade.

O LAGARTO

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Carmina Ernestina da Costa Malta.

Andantino

199

f

O La - -gar - to, coi - ta - - di - nho, pó, pó, pó, ti - ro - li - ro li - ro- ló; 'stá en - - ter - ra - do na a- -re - ia, pó, po pó, pó, pó; Quem o fôr des-en-ter- -rar, pó, pó, pó, ti - ro - li - ro - li - ro- ló; tem cem an-nos de ca - - de-ia, pó, pó, pó, pó, pó.

O Lagarto, coitadinho,
 Pó-pó-pó, ti-ro-li-ro-li-ro-ló
Já lá vae a enterrar:
 Pó-pó-pó, pó, pó.
Quatro cães e sete gatos
 Pó-pó-pó, ti-ro-li-ro-li-ro-ló,
O foram acompanhar
 Pó-pó-pó, pó, pó.

O Lagarto, coitadinho,
Está enterrado na areia,
Quem o fôr desenterrar
Tem cem annos de cadeia.

O Lagarto, coitadinho,
 Pó-pó-pó, ti-ro-li-ro-li-ro-ló
Está enterrado no lôdo:
 Pó-pó-pó, pó, pó.
Quem o fôr desenterrar
 Pó-pó-pó, ti-ro-li-ro-li-ro-ló,
Ganha um cruzado nôvo (1)
 Pó-pó-pó, pó, pó.

O Lagarto, coitadinho,
Está enterrado no chão:
Quem o fôr desenterrar
Tem cem annos de perdão.

1 Moeda de prata que valia 480 réis; chamava-se, vulgarmente, *Pinto*.
Esta musica inglezada cantou-se muito durante a epocha da invasão franceza. Parece datar do tempo da guerra peninsular.

HYMNO DA RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

1.º DE DEZEMBRO DE 1640

Á Ex.ma Snr.a D. Rosa de Barros Freire.

Marcial

200

f

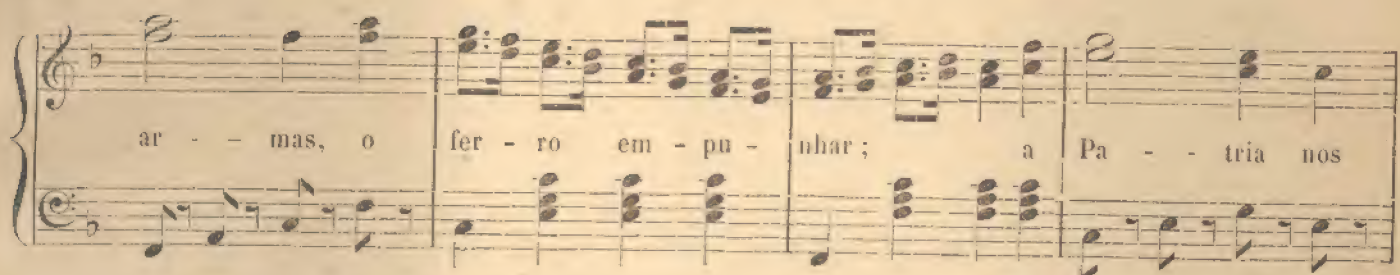
Lu - - zi - ta - nos, é che - ga - do o di - - - a da re dem - pção, ca - bem do pul-so as -al- - ge-mas, re - - sur - - - - ge li - vre a na- -ção. O Deus de Af - fon-so em O - ri-que, dos li-vres nos deu a lei, nos - sos bra -ços a sus

ten-tem, pe - la Pa - - tria, pe-lo Rei. A's ar - mas, ás

ar - - mas, o fer - ro em - pu - nhar; a Pa - - tria nos

cha - - - ma, con- -vi - - - - da a li- dar: a li-

dar, a li- -dar; ás ar- mas, ás ar-

mas; a Pa - tria nos cha - -ma.

A musica d'este hymno foi composta pelo professor Eugenio Ricardo Monteiro d'Almeida, em 1861, para o drama: *1640 ou a Restauração de Portugal*, escripto por F. D. d'Almeida Araujo, e F. J. da Costa Braga, e dedicado ao Rei D. Pedro V.
Este hymno é popularissimo e tem-lhe sido applicadas muitas poesias sobre o assumpto da restauração de Portugal.

HYMNO DA RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Lusitanos, è chegado
O dia da redempção,
Cahem do pulso as algemas,
Resurge livre a nação.

O Deus de Affonso, em Ourique,
Dos livres nos deu a lei:
Nossos braços a sustentem,
Pela Patria, pelo Rei.

A's armas! ás armas!
O ferro empunhar!
A Patria nos chama,
Convida a lidar.

Excelsa casa Bragança
Remiu captiva nação:
Pois nos trouxe a liberdade,
Devemos-lhe o coração.

A's armas! ás armas!
O ferro empunhar!
A Patria nos chama,
Convida a lidar.

Bragança diz hoje ao povo:
«Sempre, sempre te amarei»;
O povo diz a Bragança:
—Sempre fiel te serei.—

CAROLINA

CANÇAO

Á Ex.ma Snr.a D. Joaquina Brizida d'Almeida.

Andante

201

f *p* A gen- -til Ca-ro-li-na e-ra bel-la, co-mo é bel-la nos cam-pos a flor; em seu ros-to bri-lha-va a in-no-cen---cia, em seu pei-to o fo-go d'a- -mor.

A gentil Carolina era bella,
Como é bella nos campos a flor;
Em seu rosto brilhava a innocencia,
Em seu peito o fogo d'amor.

Aos encantos de lindo mancebo,
Coração, alma e vida entregara;
Era d'elle, só d'elle, e por elle
O seu peito d'amor palpitara.

Tambem elle era d'ella, e por ella
Ternamente o seu peito batia;
Tanto extremo d'amor, puro e firme,
Peito humano sentir não podia.

Carolina que as horas contava,
Meia noite, medrosa estremece,
Lança os olhos além da janella,
Branca lua no ceu lhe apparece.

Eis que vae a passar os canteiros,
De repente, scismando, parou:
E as folhas que o vento agitava
Ao clarão do luar contemplou.

—Aonde vaes, Carolina, a estas horas?
Que teu peito não treme de dôr?
—Ai! Não, não, que as forças me sobram
Vou levada nas azas do amor...

Recolhida em 1870. Esta canção é mais antiga, e muito vulgar principalmente na provincia de Traz-os-Montes.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA V

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia de Lima Cruz.

Lettra de F. Antonio Gonzaga.—Lira X, parte II.

202

Allegro moderato

p

Eu ve - jo, oh mi - nha bel - la, a-quel - le nu-men,

a quem o no - me de - ram de For- -tu-na, pe- gar- me pe - lo bra - ço, e com voz im - por- -tu - na me diz que mo - va o

cadenza pas - - - - - - - - - - - - - so; que en- *a tempo* -tre no gran - de tem-plo em que se en- -cer-ra

quan- -to o des - - -ti - - - no manda,

que el - - - - - la o - - - - - - bre so - - - - - - - - - - brea ter - - - - - - - - - - - - - - - - - -ra.

Eu vejo, ó minha bella, aquelle numen,
A quem o nome deram de Fortuna;
Pegar-me pelo braço,
E com voz importuna
Me diz que mova o passo;
Que entre no grande templo, em que se encerra
Quanto o destino manda,
Que ella obre sobre a terra.

Que cousas portentosas n'elle encontro!
Eu vejo a pobre fundação de Roma;
Vejo-a queimar Carthago;
Vejo que as gentes doma;
E vejo o seu estrago.
Lá floresce o poder do assyrio povo;
Aqui os Médos crescem,
E os perde um braço novo.

Então me diz a deusa: «E que pretendes?
Todas estas medalhas vêr agora?
Ah! não, não sejas louco!
Espaço de annos fôra
Para isso ainda pouco:
Deixa estranhos successos, vem commigo;
Verás quanto inda deve
Acontecer comtigo.»

Levou-me aonde estava a minha historia,
Que toda me explicou com modo e arte.
«Tirei-te libras de ouro,
me diz, e quero dar-te
Todo aquelle thesouro.»
«Não suspira por bens um peito nobre,
Severo lhe respondo,
Vivo afeito a ser pobre.»

Aqui me enruga a deusa irada a testa,
E fica sem fallar um breve espaço.
«Alegra, alegra o rosto,
Prosegue, ahi te faço
Restituir o posto.»
Respondo em ar de mófa, e tom sereno:
«Conheço-te, Fortuna,
Posso morrer pequeno.»

«Aqui te dou, me diz, a tua amada;»
Então me banho todo de alegria.
«Cuidei, me torna a cega,
Que essa alma não queria
Nem esta mesma entrega.»
«E' esse o bem, respondo, que me move,
Mas este bem é santo,
Vem só da mão de Jove.»

Queria mais fallar; eu insoffrido
D'esta maneira rompo os seus accentos:
«Basta, Fortuna, basta,
Estes breves momentos
Lá n'outras cousas gasta;
Da minha sorte nada mais contemplo.»
E, chamando Marilia,
Suspiro, e deixo o templo.

BEMDITA SEJAES

PARAPHRASE DA AVE MARIA

Á Ex.ma Snr.a D. Olympia Lopes Braga.

Musica do dr. J. M. de Padua. (Algarve).

Moderato

203

p

CANTO

com 8ª o piano

p

Di - zei á Se- -nho - ra Quan - do a lou - va - - - es:

A - vè, oh *Ma-* -*ri* - *a*, Bem - -di - - - ta se- -ja - - - es.

CORO

f

Di - zei á Se- -nho - - - ra quan - do a lou- -va - - es:

A - *vè*, oh *Ma-* - *ri* - - - - *a*, Bem -di - ta se - ja - - -es.

D. C.

Recolhida em Almancil pelo Rev.mo Prior A. J. do Nascimento, que a ouviu ao povo em varios pontos do Algarve.

BEMDITA SEJAES

Dizei á Senhora,
Quando a louvaes:
Avé, oh *Maria*
Bemdita sejaes. (1)

Virgem Soberana,
Que o mundo alegraes:
Cheia sois de graça
Bemdita sejaes.

Nos ceus e na terra
Está, onde estaes,
O Senhor comvosco,
Bemdita sejaes.

Celeste Princeza,
Tudo dominaes:
Bemdita sois vós,
Bemdita sejaes.

Oh doce Maria,
Oh Mãe dos mortaes:
Entre as mulheres,
Bemdita sejaes.

De vós, flor mais bella,
Que todas as mais:
Bemdito é o fructo,
Bemdita sejaes.

Por novo mysterio,
Corpo ao Verbo daes:
Só *do vosso ventre*,
Bemdita sejaes.

Com pasmo dos Anjos,
Aos peitos creaes:
Virgem *a Jesus*;
Bemdita sejaes.

Louvores vos demos,
Glorias immortaes:
Oh *Santa Maria*,
Bemdita sejaes.

Ouvi-nos, Senhora,
Nossos tristes ais;
Pois sois *Mãe de Deus*,
Bemdita sejaes.

Por nós, miseraveis,
Lá onde habitaes:
Rogae, sim, rogae;
Bemdita sejaes.

A graça alcançamos,
Por que vós oraes:
Por nós, peccadores,
Bemdita sejaes.

Vós sois, oh Mãe nossa,
Quem nos consolaes:
Sempre como agora;
Bemdita sejaes.

Vós daes prompto auxilio
Aos filhos que amaes:
Na hora da morte;
Bemdita sejaes.

Vós, emfim, levae-nos
Ao Ceu que gozaes,
Digam todos: *Amen*;
Bemdita sejaes.

(1) Esta quadra repete em côro e egualmente depois de cada uma das estrophes seguintes.

O DERRIÇO

DANÇA

À Ex.ma Snra. D. Izabel Maria Marques Moreira.

Allegretto

204

p Meu a- | mor que es-tás tão | tris - te, di - zei- | -me por-que cho | -ra - es; Meu a-

mor que es-tás tão | tris - te, di - zei- | -me por- que cho | -ra - es; São mf. sau | -da - des do der-

ri - ço, sus-pi- | -ros, e na - da | mais. São sau- | -da - des do der- | -ri - ço, sus - pi-

ros, e na-da | mais. f Ai, Je- | -sus, não sei que é | is- so, a - bra ços e | bei-jos me dá o der-

ri-ço; der-ri - ço cons | -tan-te do meu co-ra- | -ção, a bra-ços e | bei-jos, dá cá a tu - a | mão.

Esta cantiga é vulgar na provincia do Minho, onde foi recolhida em 1880.

O DERRIÇO

Meu amor que estás tão triste,
Dizei-me por que choraes?
São saudades do derriço,
Suspiros e nada mais.

Ai, Jesus,
Não sei que é isso,
Abraços e beijos
Me dá o derriço...
Derriço constante
Do meu coração:
Abraços e beijos,
Dá cá a tua mão.

Não ponhas o pé no meu,
Nem a mão na minha cinta;
E' crime de mão cortada
Quem com o amor d'outro brinca.

Eu jurei e tu juraste
Constancia, firmeza, amor.
Sinta mil vezes a morte
Aquelle que ingrato fôr.

Os olhos dos namorados
Tem um certo não sei quê,
Que serve de subscripto
A' carta que se não lê.

Passei pela verde murta
Que tem a folha ao desdem,
Quem vive na terra alheia,
Falla não sabe com quem.

Suspiros, ais, e tormentos,
Imaginações, cuidados,
São o manjar dos amores
Quando vivem separados.

Não ha flor como o suspiro
Cà na minha opinião;
Todas as flores se vendem
Só os suspiros se dão.

Ai, Jesus,
Não sei que é isso,
Abraços e beijos
Me dá o derriço...
Derriço constante
Do meu coração:
Fechemos a roda
Dá cá a tua mão.

Lagrimas me põem á meza,
Suspiros são meu comer;
Saudades são meu sustento,
Até te tornar a vêr.

Suspiros me dão combates
Por não estar á tua vista;
Deus me chegue ainda a tempo
Que de continuo te assista.

Suspiros me dão combates
Commigo batalhadores,
Desgraçado é quem toma
Por pouco tempo amores.

Suspiro que nasce d'alma
Que á flor dos labios morreu,
Coração que o não entende
Não o quero para meu.

Dei um ai, e não ouviste,
Suspirei, não déste fé;
O meu coração é teu,
O teu não sei de quem é.

Suspiro por ti, meu bem,
Mas que vale suspirar?
Quanto mais por ti suspiro,
Menos te posso lograr.

Do ceu cahiu um suspiro
Que no ar se desfolhou;
Quem n'este mundo não ama,
No outro se não salvou.

Suspirar continuado
Tambem serve de alimento;
Ai! quantos ha que suspiram
A má hora e a mau tempo!

Suspirava por te vêr,
Já matei esta saudade;
Muito custa uma ausencia
A quem ama na verdade.

Suspirar é meu destino
Quando de ti ando ausente;
Nada me serve de alivio,
Só comtigo estou contente.

Oh meu amor, quem te disse
Que eu dormindo suspirava?
Quem te disse não mentiu,
Que eu alguns suspiros dava.

Foram tantos meus suspiros
Ao ver que me ias deixar,
Que as mesmas aguas do rio
Inda vão a suspirar.

Dança. — Durante a cantiga giram os pares em grande roda. No estribilho soltam-se as mãos, os cavalheiros abraçam as damas, dão uma volta e passam á dama seguinte com quem dão outra volta; em seguida tomam as mãos, formam outra vez a grande roda e repetem o mesmo até tornarem ao seu par.

A MENINA DOS OLHOS NEGROS

FADINHO

Á Ex.ma Snr.a D. Analide Amalia da Costa Malta.

Moderato

205

Me- -ni-na dos o-lhos ne - gros, ar- -do por ti de pai- xão; Me- - ni -na dos o- lhos ne - gros, ar- -do por ti de pai- xão; Me- - ni - na dos o - lhos ne-gros, que -res tu meu co - ra ção? Me- -ni-na dos o-lhos ne-gros, que- res tu meu co -ra- - ção.

Como tu não ha na terra
Tão linda, tão bella flor;
Menina dos olhos negros,
Queres tu o meu amor?

Da capella d'um archanjo
E's luzinha desprendida,
Menina dos olhos negros,
Queres tu a minha vida?

São elles duas estrellas
Tiradas do firmamento:
Menina dos olhos negros,
Queres tu meu pensamento?

Quero ser teu e tu minha,
Por uma doce união,
Dou-te todo o pensamento,
Alma, vida e coração.

Esta canção é brazileira.

AVÈ MARIA

CANTICO RELIGIOSO DA ILHA DE S. MIGUEL

Á Ex.ma Snr.a D. Emilia Alice Bandeira Neiva.

Largo

206

A-vè Ma-ri-a, chei-a de gra-ça, o Se-nhor é con-vos-co, bem-di-ta sois vós, bem-di-to é o fru-cto do vos-so ven-tre, Je-sus.

Este cantico foi recolhido pelo Ex.mo Snr. tenente-coronel Henrique das Neves, que obsequiosamente nos enviou, com a seguinte carta:

«Por volta de 1880, houve na ilha de S. Miguel um *castigo*. O *castigo* foi a sécca que esterilisou a cultura dos campos e annullou quasi de todo as novidades. Ainda hoje, entre os açorianos, os phenomenos naturaes de que resultam calamidades publicas, — inundações, séccas, erupções vulcanicas, fortes abalos de terra, etc. — são recebidos como *castigos de Deus*. Houve *castigos* que marcaram epocha, como n'este seculo, a erupção de 1808, que devastou algumas freguezias da ilha de S. Jorge. Entre as ultimas gerações dos jorgenses, aquella catastrophe serve de ponto de partida na contagem dos annos, como entre os nossos velhos camponeos a «vinda dos francezes.»

Nos principios de junho de 1880, em S. Miguel, plantas e gados ameaçavam morrer; o povo, porém, não tinha perdido de todo a esperança na misericordia divina e começou de fazer preces. Estava eu passando o verão na Fajã de Baixo, proximamente uma legua da cidade. Certa noite, pelas onze e tanto, já estava deitado e entrava de adormecer, quando me pareceu ouvir uma toada religiosa que vinha de longe; assentei-me na cama, como mystificado, sem atinar claramente com a origem da impressão recebida. As vozes tinham cessado. — Teria sido sonho? — Por aquelle tempo ainda eu não conhecia os costumes da ilha.

Recomeça de novo a toada: era perceptivelmente um côro religioso, d'um largo rythmo e d'um accento fundamente implorativo. Todos os da minha familia, já acordados, escutavamos, silenciosos, aquella musica suave, mas supplicante e com um quê de pungitivo, que no silencio dos campos, na calada da noite, se nos coara ás almas como de proveniencia sobrenatural. Sentiamos-nos subjugados. — Que será isto?! — O côro de vozes, avolumando-se, arredondando-se gradualmente aos nossos ouvidos, denunciava que vinha em direcção ao nosso logar.

Foi o meu *camarada*, um legitimo ilheu, que veio desvendar o mysterio: era a gente do logar de Rasto-de-Cão, que se encaminhava á Senhora dos Anjos, orágo da freguezia de Fajã, e de muita fé entre o povo, a implorar a sua divina mediação para com o Todo-Poderoso.

Vi-os, então, desfilando pela estrada sobre que davam as janellas do meu quarto. Seriam uns sessenta entre homens e mulheres. A oração que entoavam era unicamente a Avè-Maria, alternada entre dois grupos: elles e ellas, fazendo accordes, afinavam a primor, o que mais tarde deixa de ser admiração, quando se vem a conhecer a disposição natural para a musica nos michaelenses.

Por um bello luar de junho, ajoelharam todos nas lages do adro, e de cabeças descobertas ergueram em côro, do fundo de seus corações, com voz firme, mas lacrimosa, a oração da Avè-Maria, depois do que benzeram-se, beijaram o chão, e partiram silenciosos... e esperando.

Durante onze annos que demorei em S. Miguel, depararam-se-me varias occasiões de conhecer, em situações devotas, semelhantes áquella, ou outras, que aquelle canto religioso é verdadeiramente popular em bastantes freguezias da ilha, embora bem affastadas entre si.

— E' elle de origem propriamente popular? — Ficaria entre o povo, desde o tempo das missões Radmacker, em S. Miguel (1870 a 80)?

Nada ouvi, com segurança, da sua procedencia. Quando, porém, pelo seu cunho se julgue, ou conheça ser composição de artista culto, entendo não ficará estranho no repositorio das nossas musicas populares, pois que musica popular não deve ser considerada sómente a que o povo produz, mas tambem a que o povo adopta...

Outra observação: a emoção produzida em mim, na primeira vez que ouvi a Avé-Maria, mercê das circumstancias que revestiram o caso, não foi sómente o que dispoz o meu sentimento esthetico a admirar este cantico; das mais vezes que repetidamente o escutei, notei n'elle, como ainda hoje, não o verdadeiro salvè, a saudação áquella que é a *Cheia de graça*, áquella que para os crentes é *Vida, Doçura* e *Esperança*, mas sim a angustia que implora, o grito afflictivo de quem supplica misericordia, de quem roga que o salvem. Não será a verdadeira interpretação d'aquella suave e doce oração, será antes um brado dos filhos de Eva, que gemem e choram n'este valle de lagrimas, enviado á sua advogada. E' que o povo trabalhador dos campos, sem tempo para decorar cantos varios, serve-se d'um apenas, fazendo na entoação a variante correspondente ao estado d'espirito.

Henrique das Neves.

A NAU CATHERINETA

ROMANCE MARITIMO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria d'Assumpção da Fonseca Campos.

207

Largo — Uma voz

Lá vem a Nau Ca-the-ri-ne-ta,
que traz mui-to que con-tar;

CORO

Lá vem a Nau Ca-the-ri-ne-ta,
que traz mui-to que con-tar;

Uma voz

Ha se-te an-nos e um di-a
que andam na vol-ta do mar!

CORO

Ha se-te an-nos e um di-a
que andam na vol-ta do mar!

A musica que apresentamos julgamol-a authentica, porque é a mais vulgarisada, com maior unidade e menos variantes que se encontra na tradição popular, tanto no paiz como no Brazil, especialmente nas localidades aonde se conservam os autos ou bailes de marujos.

Este romance canta-se de duas maneiras: ou como está escripto, repetindo o côro o que a voz cantou, ou cantando uma voz só seguidamente, eliminando os compassos do côro.

A NAU CATHERINETA

Lá vem a Nau Catherineta,
Que traz muito que contar:
Ha sete annos e um dia
Que andam na volta do mar!
Não tinham já que comer,
Nem tão pouco que manjar;
Já mataram o seu gallo
Que tinham para cantar.
Já mataram o seu cão
Que tinham para ladrar.
Não tinham mais que comer,
Nem tão pouco que manjar.
Botaram sóla de molho,
P'ra ao outro dia jantar.
A sola era mui dura,
Não a puderam rilhar.
Botaram sortes ao fundo
A qual haviam de matar,
A primeira que cahiu
Foi ao capitão general.

— Arriba, gageiro, arriba,
Arriba ao mastro real!
Olha se vês minhas terras,
Areias de Portugal!?
«Eu não vejo tuas terras
Ou reinos de Portugal,
Vejo tres espadas nuas
Todas para te matar.
— Arriba, Chiquito, arriba,
Arriba ao tope real!
Valha-me a Virgem Maria
E a Hostia do Altar!
Palavras não eram ditas,
Chiquito cahiu ao mar:
Eram botes e escaleres
Sem o poder agarrar.

— Arriba, Pedro, arriba,
Meu marinheiro leal;
Olha se vês minhas terras
Ou reinos de Portugal.
O gageiro lá em riba,
Em altas vozes gritára:
«Alviçaras, senhor, alviçaras,
Meu capitão general!
Que eu já vejo as tuas terras
E reinos de Portugal.
Se não nos faltar o vento
A terra iremos jantar.
Lá vejo muitos ribeiros,
Lavadeiras a lavar;
Vejo muito forno acceso,
Padeiras a padejar.
E vejo muitos açougues,
Carniceiros a matar.
Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal.
Uma lavrando ouro,
Outra a prata real;
A mais bonitinha d'ellas,
Em procura do dedal.
— Essas tres são minhas filhas,
Todas tres t'eu hei-de dar.
Uma para te vestir,
Outra para te calçar,
A mais bonitinha d'ellas
Para comtigo casar.
«Não quero as tuas filhas,
Que Deus t'as deixe gosar:
Que eu tenho mulher em França,
Filhinhos a sustentar;
Quero a Nau Catherineta
Para n'ella navegar.
— A Nau Catherineta, amigo,
Eu te não posso dar.
Assim que chegar a terra,
Pois ella vae a queimar.
Dar-te-hei tanto dinheiro,
Que o não saibas contar.
«Não quero o teu dinheiro,
Que te custou a ganhar;
Quero a Nau Catherineta
Para n'ella navegar,
Que assim como escapou d'esta
D'outra ainda ha de escapar.
— Essa Nau já não é minha,
E' do rei de Portugal,
Elle, assim que ella chegar,
Elle a mandará queimar.
E solto o panno que havia
Poz-se tudo a manobrar.
E á tarde a Nau Catherineta
Estava na terra a varar.

Ainda da Nau Catherineta
Muito havia que contar;
Que sete annos e um dia,
Andou na volta do mar.

Este romance é referente ao naufragio da *Nau Santa Catherina*, commandada por Jorge d'Albuquerque Coelho, na volta do Brazil, em 1565 (Hist. Tragico-maritima, t. II, pags. 7 a 59). A seguinte nota, do ex.mo snr. dr. Theophilo Braga, illucida plenamente este romance:

«Das terriveis fomes que passaram no mar, e das luctas de morte que entre si tiveram, conta-nos o velho marinheiro (Bento Teixeira Pinto, que se achou n'este transe): «Faltava a agua e mantimento na Nau, e padeciam-se muitas necessidades de fome e sêde; e sabendo Jorge de Albuquerque a necessidade em que vinhamos, e que não havia na Nau mais mantimento, que o que elle trazia para si, e para os seus criados, mandou trazer diante de todos todo o seu mantimento e o repartiu pela companhia irmãmente, sem querer nada por elle, posto que todos lhe queriam pagar por valer muito, e elle não quiz por elle cousa alguma, com o que ficaram contentes todos, e se consolaram, e sustentaram por espaço de alguns dias. Mas o *demonio*, que não soffre ver ninguem contente, semeou entre os marinheiros e passageiros, que vinham na dita Nau, brigas e discordias com que se houveram de perder de todo: etc.» Na altura das Ilhas o galeão foi acommettido por um Corsario francez, que se apossara d'elle e da manobra.

«Logo na mesma hora que amainaram... nos entraram pela quadra *desessete francezes armados* de armas brancas, com suas espadas, e broqueis, e pistoletes, e alguns d'elles com alabardas: os quaes, sem se lhe poderem estorvar, se senhorearam da Nau, etc.» Um piloto francez cahiu ao mar quando se renovou o temporal; seria esse o perfido gageiro da tradição popular? O maravilhoso do *diabo,* que se encontra na lição do Algarve, tambem anima a relação em prosa: «os mares davam na Nau, que pareciam que a queriam abrir: e isto com tantos relampagos, que pareciam que *andavam alli os demonios do inferno.*» A presença dos francezes na Nau, a exagerada e insupportavel fome, fizeram passar pela mente dos marinheiros portuguezes as iguarias da meza de Thyestes: «N'este tempo, *por não haver mantimento,* e os nossos estarem lastimados dos francezes, se quizeram levantar contra elles: etc.» Porém em outro logar descreve a assombrosa tentação de antropophagia, e como o primeiro que esteve em perigo foi o *Capitão general*: «Aos vinte e sete d'este mesmo mez, que foi dia de Sam Cosme e Sam Damião, começamos a lançar ao mar algumas pessoas que tinham morrido de fraqueza, e com pura fome e trabalhos: e foi tanta a necessidade da fome que padeciamos, que alguns dos nossos companheiros se foram a Jorge de Albuquerque, e lhe disseram: Que bem via os que morriam e acabavam de pura fome, e os que estavam vivos não tinham cousa de que se sustentar; e que pois assim era, *lhes desse licença para comer os que morriam,* pois elles vivos não tinham outra cousa de que se manter. Abriu-se a alma a Jorge de Albuquerque de lastima e compaixão, e arrazaram-se-lhe os olhos de agua quando ouviu este espantoso requerimento, por ver a que estado os tinha chegado sua necessidade, e lhes disse com muita dôr, que aquillo que lhe diziam era tão fóra de razão, que erro e cegueira muito grande seria consentir em tão bruto desejo; mas que bem via, que vencidos da necessidade presente tomavam aquelles conselhos que lhes dava tão ruim conselheiro, como a fome era, mas que lhes pedia que olhassem bem o que queriam fazer, porque elle emquanto fosse vivo tal não havia de consentir, e que depois d'elle morto, podiam fazer o que quizessem, *e comel-o a elle primeiro.* As facas e as espadas que o gageiro vê como conta o romance, tambem vem citados na relação em prosa: «veiu a saber que estavam todos os que haviam vivos na Nau, postos em bandos e em brigas... na Nau não havia mais que uns pedaços de *facas e paus para poder brigar.*» A peripecia do romance popular, de apparecerem os cançados mareantes de repente na barra de Lisboa, está admiravelmente descripta na relação: «Estando no misero estado que tenho dito, com a necessidade, fome, sede e trabalho que contei, sem sabermos onde estavamos, nem para onde caminhavamos, a misericordia de Nossa Senhora, que nunca faltou a quem por ella chama, nos soccorreu tão favoravelmente, que *milagrosamente,* a dois dias do mez de outubro, a uma terça feira, sem o cuidarmos, nos achamos entre as Berlengas e a Roca de Cintra, defronte de Nosssa Senhora da Pena, a qual casa vimos a horas do meio dia, *acabando se de desfazer um grande nevoeiro e nebrina,* que se fizera pela manhã...» E' natural que o povo romanceasse de preferencia este naufragio de Jorge Coelho de Albuquerque, por isso que foi o que mais lhe fallou á imaginação, como se vê por esta passagem: «o Infante D. Henrique, Cardeal n'este reino de Portugal, que n'este tempo governava, mandou uma Galé para que trouxesse a Nau pelo rio acima, como se fez, e se poz a dita nau defronte da igreja de S. Paulo, que ora é freguezia, *e por espaço de um mez, ou mais que esteve, ia tanta gente vel-a, que era cousa espantosa, e todos ficaram admirados, vendo o destroço e davam muitas graças* e louvores a Nosso Senhor, por livrar os que n'ella vinham de tantos perigos como passaram.»

NÃO CHORES

ROMANZA

Poesia de Estacio da Veiga.
Musica de José Veloso Daniel e Hortas.

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Amalia do Amaral Berquó.

Larghetto (M. ♩.=44).

208

p ff p

VOZ *dolce* pp

Que pe-ro-las pu-ras são

o piano con 8a

es-sas que sol-tas dos teus o-lhos lin-dos, es-pe-lhos dos ceus? São

pp

la-gri-mas tris-tes, for-mo-za don-zel-la, que ver-tem, que cho-ram, ar-chan-jos de Deus?

ff

dolce p con 8a

Se-rão as sau-da-des dos tem-pos pas-sa-dos que

pp pran - to só- men - te, con- -so - lo não é! é *f* pran - to só-

retard. *Più vivo*

men - te, con- -so - - lo não é.

p *dim.*

con 8a

ff

Que perolas puras são essas que soltas
Dos teus olhos lindos, espelhos dos ceus?
São lagrimas tristes, formosa donzella,
Que vertem, que choram, archanjos de Deus?

Serão as saudades dos tempos passados,
Que n'alma te accendem tão viva paixão?
Ou são meus amores que amores te inflammam
No intimo d'alma, no teu coração?

São ellas de crença, de fé ou de esperança,
As lagrimas puras que estás a verter?
Ou é um martyrio que n'alma tu sentes,
Martyrio que a vida te faz esquecer?

Mas sejam saudades, amores, ou crença,
Ou sejam esperanças, martyrios, ou fé.
Não chores, donzella, que o pranto que vertes,
E' pranto sómente, consolo não é.

Esta *romanza* é um *especimen* da musica da actualidade para sala, que veio substituir a *modinha*.

OH BALANCÉ

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Pereira Guimarães.

Andantino

209

p Di- -zem que o a - mor ma - ta, ai, quem me de - ra mor- rer; va- - le mais mor-rer d'a- -mo - res do que sem el - les vi- ver.

f Oh ba - lan - cé, ba - lan- - cé, oh ba- -lan - cé da ou - tra ban da, Hei- -de a - mar es- ses teus o- lhos in- -da qu eu po -nha de- man-da.

Dizem que o amor mata,
Ai, quem me dera morrer;
Vale mais morrer d'amores,
Do que sem elles viver.

Oh balancé, balancé,
Oh balancé da outra banda,
Hei-de amar esses teus olhos,
Inda que eu ponha demanda.

Já o meu amor dá penas,
Já tenho com que escrever,
Quantas mais penas me der,
Muito mais eu lhe hei-de querer.

D'aqui para a minha terra
E' tudo caminho chão,
Cheio de cravos e rosas,
Postos pela minha mão.

Nem a rosa da roseira,
Nem outra qualquer flor,
Nem a primavera inteira
Vale mais que o meu amor.

Ter amor é muito bom,
Quando ha correspondencia,
Mas amar sem ser amado
Faz perder a paciencia.

Recolhida em Villa-Flôr, em 1895, por F. Pinto Nogueira.

Dança.—Durante os primeiros 8 compassos formam os pares grande roda, caminhando, sobre a direita, a primeira vez que cantem, e sobre a esquerda, na repetição. Nos 4 compassos seguintes, quando dizem: *ó balancé*, etc., fazem os pares balancé, dançando os compassos seguintes em passo de polka.

TRICANA D'ALDEIA

ROMANCE

À Ex.ma Snr.a D. Branca Maria Pereira.

210

Andante

mf. *p* *p*

Tri- -ca - na d'al- -de - ia, que fa - zes a- qui? és mei - ga, sin -ce - ra, eu gos - to de ti.

f

Nos mon - tes, na ser - ra, meu pei - to sen- tiu sau - da - des por el- la, mas el - la fu- giu.

rall. *a tempo*

In- gra - ta fu - gis - te, dei-

xas - te - me so, nos mon - tes, na ser - ra, sem pe - na nem

dó. *f* FINAL

Tricana d'aldeia,
Que fazes aqui?
E's meiga, sincera,
Eu gosto de ti.

Nos montes, na serra,
Meu peito sentiu
Saudades por ella,
Mas ella fugiu.

Ingrata, fugiste,
Deixas-te-me só;
Nos montes, na serra,
Sem pena, nem dó!

Teu rosto me encanta,
Linda tricaninha;
Não fujas, não fujas,
Oh meiga pombinha.
Nos montes, etc.

Que fazes, sósinha,
N'esta serrania,
Vestida d'encanto,
Cheia d'alegria?
Nos montes, etc.

Não penses que trago
Punhal de assassino;
Sou homem, respeito
Do fado o destino.
Nos montes, etc.

Ora olha, escuta,
No meu coração;
Não fujas, não fujas,
Não me fujas não...
Nos montes, etc.

Tricana, tricana,
Minha tricaninha,
Minha rosa branca,
Oh mansa pombinha.
Nos montes, etc.

Esta canção data, approximadamente, de 1850.

FADO CAMPESTRE

À Ex.ma Snr.a D. Christina Pereira Guimarães.

Andante

211

dolce

A- qui n'es - te can-to, can - to, a - qui n'es - te re-can

ti - nho, a - qui n'es-te can-to, can - to a - qui n'es-te re-can

ti - nho a - qui mo-ra mi-nha so - - gra a mae do meu a-mor-

zi - nho, a - qui mo-ra mi-nha so - - gra, a mãe do meu a mor -si-nho.

Aqui, n'este canto, canto,
Aqui, n'este recantinho,
Aqui mora minha sogra,
A mãe do meu amorzinho.

Toda a vida fui pastor,
Toda a vida guardei gado,
Tenho uma chaga no peito
De me encostar ao cajado.

Os meus cordeiros, nos montes,
Não comem, ficam pasmados,
Até os brutos lamentam
Os meus dias desgraçados.

Tenho meu peito ralado,
A' força de padecer;
Esta pena é um segredo
Que ninguem ha de saber.

Tenho dentro do meu peito
Duas pennas a bulir;
Uma diz que quer amores,
Outra d'elles quer fugir.

Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar fechadinha,
Que eu vou para muito longe,
Quando voltar serás minha.

Recolhida no Porto, em 1870.

O CEGUINHO

LENDA

Á Ex.ma Snr.a D. Emilia Brütt.

212

Andante

p

A-bre a por ta An - na, a - bre de man si - nho,

que ve-nho can-ça-do, mor to do ca- mi-nho; que ve-nho can-ça-do mor-to do ca- mi-nho.

—Abre a porta Anna,
abre de mansinho,
que venho ferido,
morto do caminho.

—Se vindes ferido,
lá muito embora;
porta nem postigo
não se abre agora.

—Ai. a tua porta
a mim se ha de abrir;
sou um pobre cego
que ando a pedir.

—Minha mãe, acorde
do doce dormir,
venha ouvir o cego
cantar e pedir.

—Se elle canta e pede,
dá-lhe pão e vinho
e que o pobre cego
siga o seu caminho.

—Não quero o seu pão,
não quero o seu vinho,
só quero que a Anninhas
me ensine o caminho.

—Carrega a roquinha
de estopa ou de linho
e ao triste cego
ensina o caminho.

— Espiou-se a roca,
acabou-se o linho;
adiante, cego,
lá vai o caminho.

—Anda, Anninhas, anda
mais um bocadinho;
sou um pobre cego,
não vejo o caminho.

— Ai, valha-me Deus
e a Virgem Maria!
vejo tanta gente
e cavallaria!

—A cavallaria
é p'ra te levar
e todo o mais povo
vai-te acompanhar.

—De condes e duques
já fui pretendida,
e agora d'um cego
me vejo vencida!

Adeus, minha casa,
Adeus, minha terra,
Adeus, minha mãe,
que tão falsa me era!

No tempo dos ricos senhores feudaes vivia n'uma aldeia, em companhia da mãe, uma formosissima rapariga chamada Anna, cuja peregrina belleza tinha captivado muitos condes e duques. Um d'estes nobres, não podendo vencer a formal recusa da bonita aldeã disfarçou-se em cego pedinte e, de combinação com a propria mãe de Anna, bateu-lhe uma noite á porta, pedindo para que lhe ensinassem o caminho de que se tinha perdido. Anna carregando a roca do branco linho foi então encaminhar o cego, o qual tendo fóra da aldeia muitos creados á espera, a montou a cavallo, levando-a para o seu castello.

Recolhida na Povoa de Lanhoso, em 1895, por Gonçalo Sampaio. Deve ser antiquissima

HYMNO DOS INVALIDOS MILITARES DE RUNA

Soldado só idolatra,
A sua terra natal,
Nunca curvou a cervis,
Um filho de Portugal...

E' nosso hymno de guerra,
Coragem brio e valor,
Quando á lucta nos convida
A rouca voz do tambor.

Avante meus bravos,
Que além o tambor,
Convida a marchar,
Coragem, valor!...

Se acaso immensos perigos,
Affrontamos por dever,
Não succumbimos na dôr,
Nunca sabemos tremer.

Se caminhamos p'ra guerra,
O prazer em nós se acalma,
Mas a bravura, e o amor,
Levamos impressos n'alma.

Avante meus bravos,
Que alem o tambor,
Convida a marchar,
Coragem, valor!...

Entre o fogo dos combates,
Honramos a patria, e rei,
E' santa a nossa missão,
Liberdade é nossa lei!

As promessas do estrangeiro,
Banimos com altivez,
Que sabe sempre ser livre,
Um soldado portuguez!...

Avante meus bravos,
Que além o tambor,
Convida a marchar,
Coragem, valor!...

Conhecemos a musica d'este hymno desde 1860, que foi o primeiro adoptado pelas commissões de festejos patrioticos *1.º de Dezembro de 1640.*

DIGO DAE, OH TIROLÉ!

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Else Biel.

214

Allegretto

mf.

Te - -nho um a-mor, te - nho dois. di - go, dae, di - go dae, dae, dae, te - nho tres não que - ro mais, té, té, oh ti - ro - lé! té, té, *f* oh ti - ro- lé; *mf.* Pa ra que hei de q'rer a- -mo-res, di - go dae, di - go dae, dae dae, Se el- les me não são le- aes, té, te, oh ti - ro - lé, te té, *f* oh ti - ro- -lé!

Tenho um amor, tenho dois,
Tenho tres, não quero mais;
Para que hei de querer amores
Se elles me não são leaes?

Se te adorei foi um sonho,
Se te quiz foi falsidade,
Foi emquanto não achei
Amor á minha vontade.

Eu tenho quatro amores,
Dois de manhã, dois de tarde;
Com todos me rio e brinco,
Só a um fallo verdade.

Prendi-me na silva verde
A' porta da viuvinha...
Quem de viuva nos prende
Que faria em solteirinha!...

Recolhida em Aveiro em 1880; é conhecida em todo o paiz.
A notação pequena nos dois ultimos compassos, indica uma variante mais entoada que cantada, que é vulgar no Porto.

O ULTIMO FADO

SERENATA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Sebastiana de Queiroz Barros Teixeira.

De Augusto Hilario.

Andante espressivo — O piano con 8a

115

f p

Se-nho-ras, ve-nho de lon-ge ve-nho de ao pé do lu-ar; Se-nho-ras, ve-nho de lon-ge, ve nho de ao pé do lu-ar: ve-nho pe-dir-vos a es-mo-la, a es-mo la do vos-so o-lhar; ve-nho pe-dir-vos a es-mo-la, a es mo-la do vos-so o-lhar.

dolce

O meu ar-ra-bil a-ma-do, é o meu bor-dão de ro-mei-ro; o meu ar-ra-bil a-ma do, é o meu bordão de ro-

mei-ro; e o meu gui-a n'es - ta vi - da, é o vos-so o-lhar fei - ti- cei- ro; e o

meu gui - a n'es - ta vi - da, é o vos - so o-lhar fei - ti- cei - ro.

A' porta do Infinito,
A traços largos, profundos,
A mão de Deus tinha escripto:
Os teus olhos são dois mundos.

O mar tambem tem amante,
O mar tambem tem mulher,
E' casado com a areia,
Dá-lhe beijos quando quer.

A minha capa velhinha
Tem a côr da noite escura;
Não a quero por mortalha
Quando fôr p'ra sepultura.

Eu quero que o meu caixão
Tenha uma fórma bizarra,
A fórma de um coração,
A fórma d'uma guitarra.

Guitarra, minha guitarra,
Solta teus ais, minhas queixas,
E's tu a unica amante
Que por outro me não deixas!

Vae alta a lua, vae alta,
Brilha nos céus, branca lua;
Vem tu vel-a, minha amada,
Illuminando esta rua.

Ouvi dizer ao Luar
Com trinados na garganta:
— *Quem canta seu mal espanta*...
E puz-me então a cantar.

As minhas canções vermelhas
Rimal-as-hei com martyrios
Ao rythemo das abelhas
Nas folhas roxas dos lirios.

E no Paiz das Chimeras
Mil vozes d'anjos dispersos,
A musica das epheras,
Hão de cantar-te os meus Versos.

Mas é tão fria a luz calma
Do teu olhar... que flagello!
Se a tua Alma é um mar de gelo
E o olhar é o espelho da alma...

Serve-te a madeixa negra
De moldura ao rosto franco,
Como se uma toutinegra
Pousasse n'um lirio branco.

E as minhas quadras singelas,
Feitas de crenças e anhelos,
São pequeninas estrellas
Que atiro p'ra os teus cabellos.

N'esse teu labio vermelho
Ha risos do sol d'agosto:
A Alvorada é um espelho,
Onde se mira o teu rosto.

A Lua, onde os olhos fito,
A face em nuvens recata,
Como lagrima de prata
Na palpebra do Infinito...

As vezes, quando indeciso
Me curvo p'ra o teu olhar.
Vem n'uma lagrima um riso:
— Raio de sol sobre o Mar!

E passo a vida tristonho
A cantar, por não saber
Se a Vida está só no Sonho
E a Realidade em morrer...

Pequenas da minha terra,
Dou-vos Canções; dae-me Beijos!
A quem sua Alma descerra,
Vae-se-lhe a Alma em desejos!

Tenho já secca a garganta:
E como é que isto é, não sei!
— *Quem canta seu mal espanta*...
Puz-me a cantar ... e chorei!

Quando, nas ferias de 1895, Hylario se hospedou em uma dependencia do escriptorio da nossa Empreza, offereceu-nos esta composição dizendo-nos que era o seu *ultimo fado*, mas que tencionava addicionar-lhe algumas variações, e que reservassemos a publicação para quando elle as tivesse composto definitivamente. A morte acaba de surprehender este sympathico academico, que se tornou celebre em todo o paiz pelos seus fados, dos quaes é este o terceiro e ultimo que publicamos, sem ter podido recolher as variações promettidas. Augusto Hylario Costa Alves, terceirannista da Universidade e aspirante a medico naval, falleceu em Vizeu, em casa de sua familia onde tinha ido passar as ferias da Paschoa do presente anno de 1896.

As ultimas doze estrophes são do academico Fausto Guedes Teixeira.

COSTUREIRINHA GALLEGA

DANÇA

Á Ex.ma Snr.ª D. Bertha Flavia d'Azevedo.

216

Cos - tu- -rei - - - ri - nha gal-

le - - - ga, tu que es -tás, tu que es -tás a cos-tu- rar? Um len-

ci - - - nho de tres pon - - - tas pa - ra o nos-so pa - ra o nos so ge-ne-

CORO

ral. An - da a ro - da, an - da a ro - da, an - da a

ro-da, an - da a ro-da de re- -dor; quan - to mais a ro - da

an - da mais te que - ro, mais te que ro meu a - mor.

Costureirinha gallega
Tu que estás a costurar?
— Um lencinho de tres pontas
Para o nosso general.

Anda a roda, anda a roda,
Anda a roda de redor,
Quanto mais a roda anda,
Mais te quero, meu amor.

Costureirinha gallega,
Tu que estás a costurar?
— Uma camisa de renda
P'ra dama que vae casar.

Anda a roda, etc.

Costureirinha gallega,
Tu que estás a custurar?
— A sobrep'lix do cura,
Que a outra foi p'ra lavar.

Anda a roda, anda a roda,
Anda a roda em de redor,
Quanto mais a roda anda
Mais te quero, meu amor.

Costureirinha gallega
Tu que estás a costurar?
— Um enxoval muito rico
Para quando eu me casar.

Anda a roda, etc.

Recolhida em Chaves por P. Ribeiro. Esta musica é antiga.

Dança.—Forma-se roda, dando todos as mãos e ficando, no centro, uma dama; chegando á palavra costurar, todos ajoelham, fingindo costurar, e a dama que está no centro responde o que segue. Chegando ás palavras *Anda a roda*, todos se levantam e continua a andar a roda. Depois vem outra dama para o meio.

OS TEUS ENCANTOS

DUETTO

Á Ex.ma Snr.a D. Olympia Maria de Jesus Mello.

Largo

217

f

Oh ce - us! oh ce - us! eu mor - ro e mor - - - - ro d'a- mo-res quan-do me ve-jo a teu la - do; Se es- tás de mim se-pa- ra - - - - da eu mor - ro d'an-gus-tia e de dor. Sim! Oh ceus,eu mor - ro, mor-ro d'a- mor.Sim, sim,sim,eu

mor - ro d'a - mor. Sim, sim sim, sim, eu mor - ro d'a - mor.

Allegro

dolce

Jun - - to a ti sin- to a ter- nu - - ra au - zen- te de

ti sau- da - de. Não sei em qual d'es - tes lan - ces te - nho

me - nos li - - ber- da - de. Jun - to a ti sin- -to a ter- nu - ra,

au - zen- te de ti sau- da - de; não sei em qual

d'es - - - - tes lan - ces te - - nho me - nos li - ber-

da - de, te - - nho me - nos li - - ber- da - de.

Oh ceus! Eu morro d'amor
Quando me vejo a teu lado;
Se estás de mim separado
Eu morro d'angustia e de dôr.

Junto a ti sinto ternura,
Ausente de ti saudade;
Não sei em qual d'estes lances
Tenho menos liberdade.

Este dueto pertence á classe das *modinhas*, do principio d'este seculo.
O *Sim*, que ameudadas vezes se repete n'esta musica, era quasi declamado.

AO LEVANTAR FERRO

CANÇÃO MARITIMA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Joaquina de Carvalho.

Adagio

218

mf. A gran - de nau Ca-thri -ne-ta tem os mas-ta-reos de pi-nho; f ai lé, ai lé, ai lé, ma-ru ji-nho ba-te o pé. mf. O la-drão do com-mis-sa-rio rou-bou á ra-ção do vi-nho. f Ai lé, ai lé, ai lé, ma-ri-nhei-ro vi-ra a ré.

A grande nau Catherineta
Tem os seus mastros de pinho,
Ai lé, lé, lé,
Marujinho bate o pé.
O ladrão do dispenseiro
Furtou a ração do vinho.
Ai lé, lé, lé,
Marinheiro vira a ré.

Antes de caçar as gaveas,
Põe-se o ferro sempre a pique;
Ai lé, lé, lé,
Cada qual mostra o que é.
Para a nau ficar a nado,
Abrem-se as portas ao dique.
Ai lé, lé, lé,
Chega tudo cá pr'a ré.

Quando as gáveas vão aos rizes,
A maruja talha o lais;
Ai lé, lé, lé,
Quem é moiro não tem fé.
Sobem dois a impunir,
A rizar sobem os mais.
Ai lé, lé, lé,
Tu com tu, e cré com cré.

Quando o barco faz cabeça
Alla braços, iça a giba;
Ai lé, lé, lé,
Vá de longo que é maré.
Quando elle arranca o ferro,
Vira então de leva arriba.
Ai lé, lé, lé,
Vira mar e San José.

E' de usança ao quarto d'alva,
Matar na coberta o bicho:
Ai lé, lé, lé,
Deixa a marca, põe a pé.
Antes da baldeação
Varre o moço, apanha o lixo.
Ai lé, lé, lé,
Peito á barra, finca o pé.

Todo o barco que anda a côrso
Caça outro que se veja.
Ai lé, lé, lé,
Muito cafre tem Guiné.
Todo o moço do convés
Caça a isca na bandeja
Ai lé, lé, lé,
Mazagão não é Salé.

LAMENTOS DA FREIRA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria José d'Oliva Castro e Abreu Guimarães.

Andantino

219

mf.

p

A-pe- nas ti-nha com- ple - to qua - tor- ze an nos de e -da - de quan - do meus paes sem pie- da - - de me a-qui me- te - ram me a-qui me- te - - ram.

Romanza recolhida na Ponte da Barca pelo Ex.mo Snr. Gonçalo Sampaio.

LAMENTOS DA FREIRA

Apenas tinha completo
Quatorze annos de edade
Quando meus paes sem piedade
Me aqui metteram.

Que era boa, me disseram,
Das freiras a triste vida
E menina bem nascida
Ser freira deve.

Mas, se acaso, em tempo breve,
De freira me arrependesse,
Uma vez que eu bem quizesse,
Me casaria.

O que ainda ser podia
Depois de ter professado;
Jurou-m'o, e tendo jurado,
Acreditei.

A minha roupa arranjei
Para vir para o convento;
Com lagrimas cento a cento
Me despedi.

A meu caro pae pedi
Que suas bençðes me desse,
E que se me arrependesse
Me acceitasse.

Elle beijando-me a face
A tudo disse que «sim»
E junta com elle vim
Para o convento.

Caminhando a passo lento
Cá chegamos finalmente,
E uma freira alegremente
Me abriu a porta.

Cahi no chão quasi morta
Quando meu pae se ausentou,
Mas o alento me tornou
E entrei para dentro.

Apenas tomei assento
Logo chegou a abbadessa
Dizendo — «Não esmoreça,
Minha menina.

Porque assim de pequenina
E' que é bom o professar
E Deus a ha de ajudar
Se freira fôr.» —

Eu, sem me lembrar de amor,
Como louca professei,
Sem pensar como pensei
De arrepender-me.

Mas quando cheguei a ver-me
Sem o meu louro cabello,
Com um medonho capello,
Quasi esmoreço!

Chamo a abbadessa e lhe peço
Para freira já não ser;
Ella me chega a dizer:
— «Não tem remedio.

Se da cella tinha tedio
Não chegasse a professar;
Mas depois de assim obrar...
Tenha paciencia.» —

Fiquei perdendo a existencia
Quando tal coisa me diz;
Então reparo é que fiz
Que me enganaram.

As minhas vozes clamaram
Vingança contra meu pae,
O qual enganar-me vai
Tão cruelmente!

De meus olhos a corrente
Jàmais de correr deixou;
O meu rosto descorou,
Tudo perdi.

O lembrar-me que fugi
A doces gosos de amor
Me causava mais horror
Do que morrer.

Se vou ao jantar comer
Acho tudo desgostoso;
O manjar mais saboroso
Me desagrada.

Só o pranto não me enfada;
Choro sempre e chorarei,
Pois enganar-me deixei
Para ser freira.

Corro a cerca toda inteira
Como louca passeando,
Depois á cella voltando
Dou mil gemidos.

Quando soa a meus ouvidos
O sino que ao côro chama,
Pego de cima da cama
O breviario.

Mas meu pensamento vario
Jámais em Deus está posto,
Porque não reso com gosto
Mas obrigada.

Minha sorte amargurada
E' hoje e sempre o será;
Só a morte acabará
O meu penar.

Mas quem o ha de pagar
Será meu pae, certamente,
Por me enganar falsamente
Sem eu pensal'o.

Permitta o ceu castigal-o
Já que de amor me privou;
Os gostos que me tirou
Elle os não tenha.

Mais duro do que uma penha
Foi seu peito para mim,
Pois fez que não tenha fim
Minha desgraça.

Nenhuma menina faça
O que eu loucamente fiz;
Não queira ser infeliz
Como eu sou.

Estes conselhos vos dou
A vós, meninas solteiras,
Se eu cahi em taes asneiras
Não cahais vós.

A PARTIDA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Ermelinda de Souza Dias.

Poesia de Soares de Passos.

220

Andante

p

dolce

p

Ai, a- deus a - ca- ba -ram - se os di - as que di- -to - so vi- vi a teu la - do; Sò - a a ho - ra, o mo- men- to fa- da - - do é for- ço - so dei- xar -te e par- tir. Sô - a a ho - ra o mo- men-to fa- da - - do é for- ço - so dei- xar -te e par- tir.

Esta musica appareceu pouco depois da poesia, que se vulgarisou rapidamente por todo o paiz e no Brazil.

A PARTIDA

Ai, adeus! acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado;
Sôa a hora, o momento fadado;
E' forçoso deixar-te e partir.
Quão formosos, quão breves que foram
Esses dias d'amor e ventura!
E quão cheios de longa amargura
Os da ausencia vão ser no porvir!

Olha em roda estas margens virentes:
Já o outomno lhes despe os encantos;
Cêdo o inverno com gelidos mantos
Baixará das montanhas d'alem.
Tudo triste, sombrio, e gelado,
Ficará sem verdura nem flores:
Tal meu seio, privado d'amores,
Ficará de ti longe tambem.

Não sei mesmo, não sei se o destino
Me dará que eu te abrace na volta...
Ai! quem sabe onde a vaga revolta
Levará meu perdido baixel?
Sobre as ondas, sem norte, e sem rumo,
Açoutado por ventos funestos,
Sumirá por ventura seus restos
Nas voragens d'ignoto parcel.

Mas ah! longe esta ideia sombria!
Longe, longe o cruel desalento!
Após dias d'amargo tormento
Virão dias mais bellos talvez.
Dá-me ainda um sorriso em teus labios,
Uma esp'rança que esta alma alimente,
Essa volta da quadra florente,
Eu co'as flores virei outra vez.

Mas, se as flores dos campos voltarem,
Sem que eu volte co'as flores da vida,
Chora aquelle que em tumba esquecida
Dorme ao longe seu longo dormir;
E cada anno que o sopro do outomno
Desfolhar a verdura do olmeiro,
Lembra-te ainda do adeus derradeiro,
D'este adeus que te disse ao partir!

CANTA, CANTA, ROUXINOL

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Zulmira Rosa de Carvalho.

221

Andante

p

UMA VOZ

p

Tu cha- | mas-te-me tu - a | vi-da, mas tu- | a al-ma que - ro | ser, que a

vi - da mor-re com o | cor - po, e a | al-ma e - ter - na hade | ser. Se o a-

cres.

mor du-ra a-lem da | mor-te, cons-tan | te sem - pre hei-de | ser. *f* Se o a- | mor du-ra com a

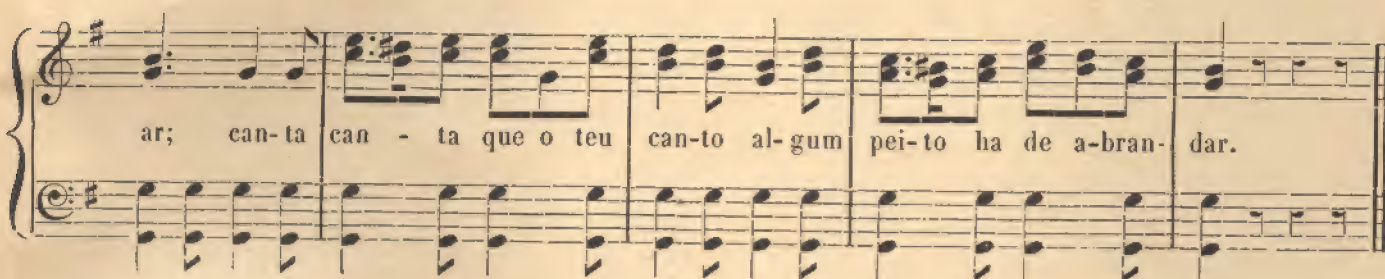
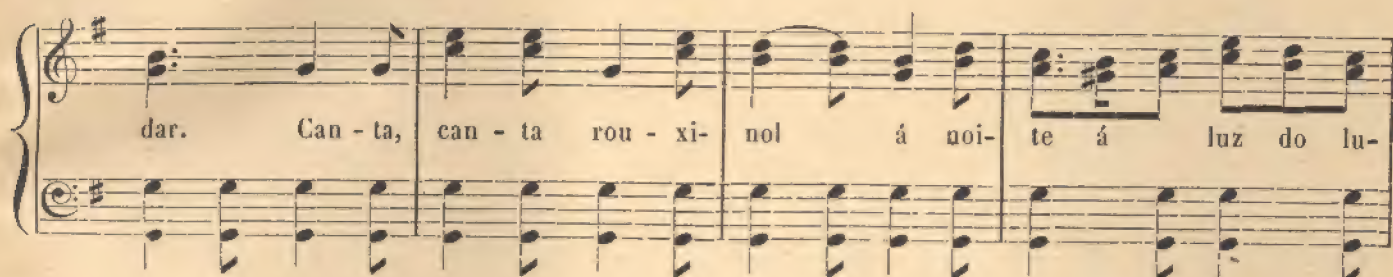
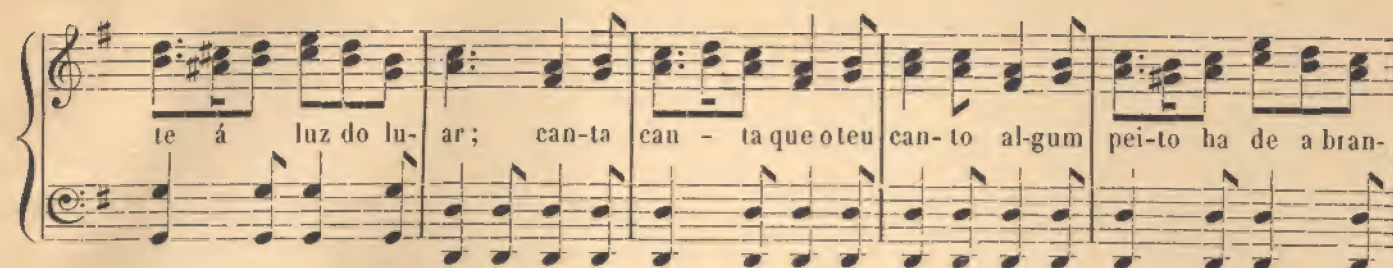
vi - da, hei de a- | mar - te a - té mor- | rer. Can-ta, | can - ta, rou-xi- | nol, de noi-

CORO

f

te á luz do lu- ar; can-ta can - ta que o teu can- to al-gum pei-to ha de a bran-

dar. Can - ta, can - ta rou - xi- nol á noi- te á luz do lu-

ar; can- ta can - ta que o teu can-to al- gum pei- to ha de a-bran- dar.

Tu chamas-me tua vida,
Mas tua alma eu quero ser;
Que a vida morre com o corpo,
E a alma eterna ha de ser.

Se amor dura alem da morte
Constante sempre hei-de ser;
Se amor dura só na vida,
Hei-de amar-te até morrer.

Canta, canta, rouxinol,
A' noite, á luz do luar;
Canta, canta que o teu canto,
Algum peito ha de abrandar.

Quem disser que a vida acaba,
Digo-lhe eu que nunca amou;
Quem deixou ficar saudades
Nunca a vida abandonou.

Amar e escolher amantes
Ensinou-me quem podia,
A amar a natureza
A escolher a sympathia.

Canta, canta, rouxinol,
A' noite, á luz do luar;
Canta, canta que o teu canto,
Algum peito ha de abrandar.

A roda da desventura
Sobre mim constante gira;
Nada a faz retroceder;
Infeliz de quem suspira.

Aquelle que tanto amei,
Esqueceu meu pensamento;
Como o rio esquece as rosas
Que retratou n'um momento.

Canta, canta, rouxinol,
A' noite, á luz do luar;
Canta, canta que o teu canto,
Algum peito ha de abrandar.

Esta musica parece ser mirandeza. Recolhida em 1870.

DANÇA.—Durante as duas quadras da voz a dança é de grande roda. No coro os cavalheiros dão a mão direita á direita da dama, erguendo os braços, e vão girando sobre si e no percurso da grande roda, como se faz na valsa.

MARIANNA COSTUREIRA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Rachel da Costa Cardoso.

Allegretto

222

mf.

Ma - - - ri - - an - na, cos - tu - - rei - - - - - - ra,
sua a - gu - lha me pi - - cou.
não é na - da, não é na - - - - da,
ao co - - ra - ção me che - gou.
Oh ai, oh ai, oh ai, meu bem.
Ma - ri - an - nae - ra es - per - ta não lhe che - ga - va nin - guem.

D. C.

MARIANNA COSTUREIRA

Marianna, costureira
Sua agulha me piccou;
Não é nada, não é nada,
Ao coração me chegou.
Oh ai, oh ai,
Oh ai, meu bem!
Marianna era esperta,
Não lhe chegava ninguem.

Marianna diz que tem
Sete saias de balão:
Que lhe deu um caixeirinho
A occultas do patrão.
Oh ai, oh ai,
Oh ai, amor!
Das ligas da Marianna
Nunca ninguem viu a côr.

Marianna diz que tem
Uma capa de velludo;
Que lhe deu um caixeirinho
Na semana do Entrudo.
Oh ai, oh ai,
Oh ai, lindinha
Marianna tinha brio
Em andar sempre sósinha.

Marianna diz que tem
Um vestido de setim,
Que lhe deu um caixeirinho
Lá das bandas do Bomfim.
Oh ai, oh ai,
Oh ai, prazer,
Do porte de Marianna
Ninguem tinha que dizer.

Marianna diz que tem
Luvas e perfumaria
Que lhe deu um caixeirinho
Na missa do meio dia.
Oh ai, oh ai,
Oh ai, oh ai
Marianna é sósinha
Já não tem mãe nem tem pae.

Marianna é baixinha
Arrasta a saia na rua:
— Essa saia, Mari nna,
Parece que não é tua.
Oh ai, oh ai
Oh ai, que amar,
Marianna era honesta
Não tinha de que corra.

Esta cantiga appareceu no Porto em 1875. Por esta occasião inaugurou-se no Porto o caminho de ferro do Porto á Povoa e o povo serviu-se do estribilho d'esta cantiga para lhe dirigir allusões, exemplo:

Oh ai, oh ai,
Oh ai, meu bem!
O carro americano
Vae p'r'a Povoa sem ninguem.

Oh ai, oh ai,
Oh ai, amor!
O carro americano
Corre mais do que o vapor.

BASTA, SIM, BASTA

CHOREOGRAPHICA ALENTEJANA

Á Ex.ma Snr.a D. Guilhermina Baptista de Carvalho.

223

Allegretto — con 8a — *f*

Quem ti- ver dois co - ra- ções dê - me um que bem o em- pre - ga; eu um

só que ti - nha dei - o a quem a - go ra m'o ne - ga.

poco meno

Bas- ta, sim bas - ta, meu pen-sa men-to; tu és a cau - sa do meu tor- men-to.

meno

Dá-me os teus bra - ços, da - rei-te os me - us que eu vou-me em- bo - ra, a - deus, a- de - us.

Variante da ultima parte, em Elvas

meno

f

Dá-me os teus bra-ços, da-rei-te os me-us; já te vaes em-bo - ra, pois a- deus a- de-us.

Quem tiver dois corações } bis
Dê-me um que bem o emprega, }
Eu um só que tinha dei-o } bis
A quem agora m'o nega }

Basta, sim, basta, (1)
Meu pensamento;
Tu és a causa
Do meu tormento, (2)
Dá-me os teus braços, (3)
Darei-te os meus; (4)
Que eu vou-me embora;
Adeus, adeus! (5)

O meu amor diz que tem
Outras paredes mais altas,
Desengana-te de mim,
Que eu não sirvo para as faltas.

Olhos azues são ciumes;
Os meus olhos azues são
Tenho ciume nos olhos,
Firmeza no coração.

O coração do meu bem
E' de vidro, está na mão,
Quem se quizer vingar d'elle
Atire com elle ao chão.

Eu fui á roda do mar,
Silva verde é meu encosto,
Que importa que o mundo falle,
Se eu amar-te é do meu gosto?

Silva verde não me prendas,
Que eu não tenho quem me solte
Olha que eu tenho quebrado
Outras cadeias mais fortes.

Já não tenho coração,
Já m'o tiraram do peito,
Onde eu tinha coração
Nasceu-me um amor perfeito.

Cada vez que eu considero,
Bate a terra, treme o chão,
Em considerar que deixo
Segredos na tua mão.

Meu amor diz que tem outra,
Com isso me não consumo,
Deito-me na minha cama
Muito descançado e durmo.

A flôr da amendoeira
E' a primeira no anno,
Tambem eu fui a primeira
Que te dei o desengano.

Recolhida no Alemtejo pelos snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almeida.

Dança — Apezar de marcial, a musica da cantiga é excessivamente vagarosa. Dança se durante esta, tomando os homens, com a mão direita, a mão direita da dama, por cima, e a esquerda por baixo, voltados um para o outro, ou quasi; a dama com as costas para o centro da roda. Assim gira esta para a direita (dos homens), caminhando os pares lateralmente ao cadenciado da musica, firmando-se alternadamente n'um e n'outro pé, e tambem alternadamente levantando o braço direito e esquerdo, sem largar as mãos, e requebrando o corpo para um e outro lado. Aos ultimos dois versos a roda retrocede do mesmo modo para a esquerda, passando os braços esquerdos para cima dos direitos. O estribilho, ou requebre, canta-se parado, da fórma das indicações seguintes:

(1) Balancé com a dama e estallinhos com os dedos.
(2) Meia volta cada um com o seu par, no seu logar.
(3) Abraça-se o par.
(4) Abraça-se a dama da esquerda.
(5) Faz-se adeus com a mão ao par, e encaminha-se para diante a tomar o immediato.

ELLA POR ELLA

LUNDUM

Poesia de João de Lemos.
Musica de José Doria.

Á Ex.ma Snr.a D. Laura Mattos Sotto-Maior.

Allegretto *dolce gracioso*

224

Mais flo- ri - do que um pal -mi - to, ro- sa- do, pim-pão, bo- ni-to, vi-nha o se-nhor Ma -noel, noi- va ao la - do o pei-to em bra-za, e com el- la pa-ra ca - sa em do- ce lu-a de mel; e com el-la pa-ra ca - sa em do- ce lu-a de mel.

Mais florido que um palmito,
Rosado, pimpão bonito,
Vinha o Senhor Manuel,
Noiva ao lado, o peito em brasa,
E com ella para casa
Em doce lua de mel.

Fidalgo, de que é rendeiro,
Mal que o lá viu no terreiro
Foi-lhe por perto passar,
E sem mais guar-te, nem pejo,
A' noiva furta-lhe um beijo,
E o beijo fêl-a corar.

O pobre esfregava o olho
E carregava o sobr'olho,
Como quem diz — não gostei;
Diz-lhe o fidalgo: — da renda
D'aquella boa fazenda
Esta escriptura lavrei.

Correram dias, e um dia
Vinha com toda a alegria
Da egreja a casa tambem
O fidalgo e a fidalguinha
Noiva d'elle, e ella tinha
Uns olhos como ninguem.

Sem mais tir-te, senão quando,
Já mesmo a casa chegando,
Sente-se um beijo estallar...
—Olá, Manuel, endoudece!
«Não, senhor, se lhe parece
Venho-lhe a renda pagar.»

Recolhido em Coimbra em 1888

ROSA, PASTORINHA

XACARA

Á Ex.ma Snr.a D. Rosaria de Jesus e Mello.

Andante

225

p

Que fa - zeis, me- ni - na, por en - tre a ri- bei - ra? ti- rae - vos do sol, que o sol vos quei - ma.

3 3 3

—Que fazeis, menina,
Por entre a ribeira?
Tirae-vos do sol,
Que o sol vos queima.
—O sol não me queima,
Já 'stou avezada,
Ao frio e á néve,
Ao rigor da calma.
—Que gentil mulher
Para guardar gado,
Dê-me cá o cesto,
Tambem o cajado.
—Não quero criados
De meias de seda,
Não quero que as rompam
Por essas estevas.
—Sapatos e meias
Tudo romperei.
P'lo amor que vos tenho
Tudo eu farei.
—Razão como essa
Outra não ouvirei,
Vou guardar meu gado,
Que alem deixei.
—Menina é ingrata,
Menina é ingrata,
Se quer ser ingrata
Passe muito bem.
—Voltae cá meu mano,
Voltae cá, correndo,
Que o amor é cego
Já me vae vencendo;
Aqui dou um grito.
Alem dou um brado,
Senhora da Penha
Guardae o meu gado.

Recolhida em Elvas pelo Ex.mo Snr. Antonio Thomaz Pires.

NOSSA SENHORA DA SAUDE

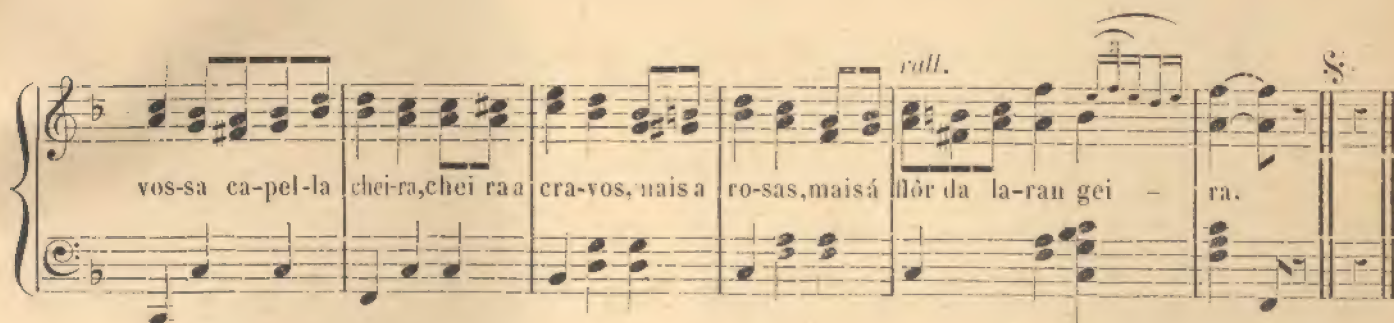
CORO DE ROMEIROS

Á Ex.ma Snr.a D. Maria José do Amaral Ferrão.

Andante

226

p

A Se- nho-ra da Sa- u - de, só el - la pó - de bri- lhar; tem a su - a ca - pel- li - nha le-van- ta - da á bei-ra mar. Oh Se- nho-ra da Sa - u - de, a vos - sa ca - pel - la chei-ra, chei-ra a cra - vos, mais a ro - sas e á flôr da la-ran- gei - - ra, e mais á flôr da la-ran- gei - - ra.

A Se nho-ra da Sa- u - de, só el - la pó - de bri- lhar; tem a su - a ca- pel-

li -nha le- van- ta - da á bei- ra mar. Oh Se - nho-ra da Sa- u - de, a

rall.

vos-sa ca-pel-la chei-ra, chei ra a cra-vos, mais a ro-sas, mais á flôr da la-ran gei - ra.

A Senhora da Saude,
Só ella póde brilhar;
Tem a sua capellinha
Levantada á beira mar.

Oh Senhora da Saude,
A vossa capella cheira,
Cheira a cravos, mais á rosa,
Mais á flor da larangeira.

Oh Senhora da Saude,
Sois pequenina e bem feita;
Livrae os homens do mar,
Dae-lhe a vossa mão direita.

Oh Senhora da Saude,
Eu hei de ir lá para o anno;
Hei de ir casada ou solteira,
Ou levada pelo mano.

Oh Senhora da Saude,
Senhora tão marinheira,
Inda cá hei de voltar,
Ou casada ou solteira.

Oh Senhora da Saude,
Que daes aos vossos romeiros?
—Dou agua da minha fonte,
Sombra dos meus castanheiros.

Oh Senhora da Saude,
Senhora tão marinheira,
Dae-me vós o vosso amparo
Que eu serei vossa romeira.

Oh Senhora da Saude,
Senhora, Virgem e Rainha,
Chamae-me vós afilhada,
Que eu vos chamarei madrinha.

Recolhida na Figueira da Foz em 1870.

AMORES, AMORES

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Izabel Moreira Marques.

Poesia de João de Deus.
Musica de José Doria.

Allegretto

227

f

p

Não sou eu tão tô - la que caia em ca- sar, mu- lher não é ro -la que te nha um só par.

Gracioso

Eu te-nho um mo- re - no, te- nho um d'ou tra côr, te- nho um mais pe- que- no, te- nho ou-tro mai- or: eu te-nho um mo- re- no, te- nho um d'ou - tra cor, te- nho um mais pe- que-no te- nho ou tro mai -or.

AMORES, AMORES

Não sou eu tão tola
Que caia em casar;
Mulher não é rôla
Que tenha um só par;

Eu tenho um moreno,
Tenho um d'outra côr,
Tenho um mais pequeno,
Tenho outro maior.

Que mal faz um beijo,
Se apenas o dou,
Desfaz-se-me o pejo
E o gosto ficou?

Um d'elles, por graça,
Deu-me um e depois,
Gostei da chalaça,
Paguei-lhe com dois.

Abraços, abraços,
Que mal nos farão?
Se Deus me deu braços,
Foi essa a razão.

Um dia que o alto,
Me vinha abraçar,
Fiquei-lhe, d'um salto,
Suspensa no ar.

Amores, amores,
Deixal-os dizer;
Se Deus me deu flores
Foi para as colhêr.

Eu tenho um moreno,
Tenho um d'outra côr,
Tenho um mais pequeno,
Tenho outro maior.

A NAU AFFONSO

FADO DA RIBEIRA NOVA

À Ex.ma Snr.a D. Aurora Candida de Sampaio e Brito.

Moderato

228

f Nau Af - fon - so quan - do vol - tas, a dar - me con-so - la-

ção? O - lha tu que lá me tens al - ma, vi - da e co - ra-

ção. *p* Nau Af - fon - so que vai- do - sa, vaes sul - can - do os cres - pos

ma - res de meus sau - do-sos pe- za - res, és a cau - sa ri - go-

ro - sa; *mf.* tu, que na pro-a for- mo - sa, ter - nos a - mo-res es-

col - tas, quan - do ao ven-to as ve - las sol - tas, me le - vas o co - ra-

ção. Ah! diz - me por com-pai - xão, Nau Af - fon - so,quan - do

vol - tas? Ah! diz - me por com-pai -xão, Nau Af - fon - so,quan -do vol - tas?

Nau Affonso quando voltas
A dar-me consolação?
Olha tu, que lá me tens
Alma, vida e coração.

Nau Affonso, que vaidosa
Vaes sulcando os crespos mares,
De meus saudosos pezares
E's a causa rigorosa:
Tu, que na prôa formosa
Ternos amores escoltas,
Quando ao vento as velas soltas,
Me levas o coração;
Ah! diz-me por compaixão,
Nau Affonso, quando voltas.

Ardendo n'um fogo intenso
Sempre te encontro commigo;
Se durmo, sonho comtigo;
Se vélo, só em ti penso:
Parece-me o tempo immenso
Da tua separação;
Ah! tem de mim compaixão,
Volta já, não te detenhas,
Senão morro antes que venhas
A dar-me consolação.

Em quanto as ondas sulcares,
Raiem dias bonançosos;
Não soprem ventos raivosos,
Não urrem com furia os mares:
Fujam de te vêr pezares,
O ceu chova em ti mil bens,
Meus votos crê, que em refens
Da minha pura amizade,
D'esta alma a dôce metade
Olha tu, que lá me tens.

Se agua ou vento te faltar
Para vir d'esses retiros,
Meus olhos e meus suspiros
Vento, e agua te hão de dar:
Mas ceus, que triste pezar
Me turba a luz da razão!
Dando estou vozes em vão;
Surdo baixel, se eu pudera,
Para me ouvires te dera
Alma, vida, e coração.

O CANNAVIAL

DESCANTE

À Ex.ma Snr.a D. Elvira Silva Tavares.

Andantino

229

Ao can- na-vi al das can - nas quem te man-dou a-qui vir? Se eu te a-go-ra ma-

ta - se quem te ha-via de a - cu- dir? Quem te ha - via de a -cu- dir? ai, la-

ri-lo - lo,meu bem, ai,se eu te a-go-ra ma- tas - se, não o sa-bi - a nim- guem.

Ao cannavial das cannas,
Quem te mandou aqui vir,
Se eu te agora matasse,
Quem te havia de acudir?

Quem te havia de acudir,
Oh lari-lo-lo, meu bem,
Se eu te agora matasse,
Não o sabia ninguem.

Chamas-te ao meu cabello
Cannavial de Cupido;
Tambem eu chamei ao teu,
Laços que me tem prendido.

Recolhida em Coimbra em 1870.

DANÇA DO REI DAVID

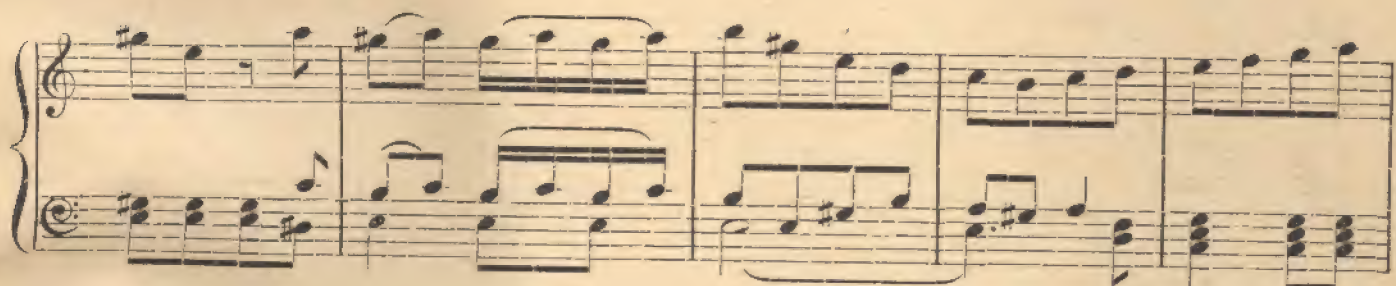
CHULA

À Ex.ma Snr.a D. Maria Adelina Vieira Soares.

Allegretto

330

f

f

É tradicional esta chula que se toca em Braga, só na manhã do dia 24 de Junho, e faz parte do programma dos festejos ao S. João, que n'aquella cidade se fazem durante tres dias com o maximo explendor, no seu genero de festa popular, conservando ainda alguns costumes antiquissimos.

No presente anno o programma, n'esta parte, diz: *Dia 24.— A's seis horas da manhã sahirá da parochial egreja de S. João do Souto a tradicional dança do Rei David e sua côrte e o carro triumphal dos pastores, percorrendo diversas ruas da cidade; etc.*

A dança do Rei David e sua côrte, é formada por um grupo de individuos vestidos a caracter, tocando varios instrumentos, como rebeca, flauta, violoncello, violão, viola, bandolim, cavaquinho, etc., e dançando uma contradança de bastantes evoluções.

A musica d'esta chula, que é a marcha do cortejo, é um aggregado d'algumas phrases de musica erudita, e talvez fosse um trecho artistico que a impericia d'alguns Reis David, de Braga, em successivas gerações, deturpou; tal como a apresentamos é como a tocam actualmente.

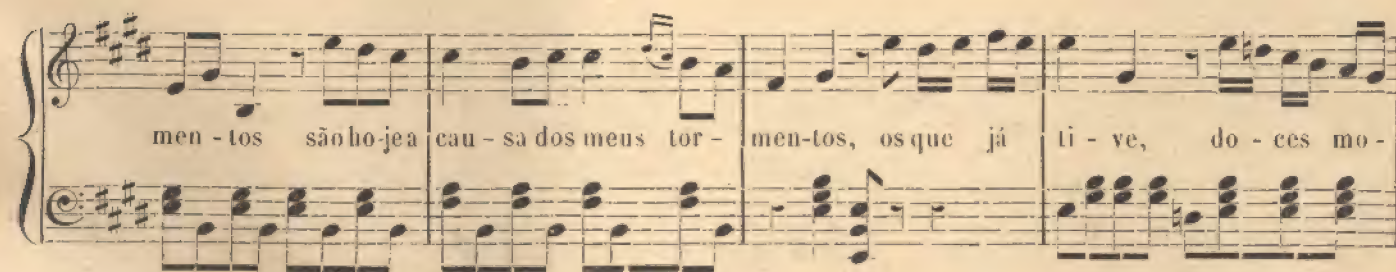
OS MEUS TORMENTOS

MODINHA

Á Ex.ma Snr.a D. Helena Sant'Anna Dias.

Andante

231

Quan-do as glo-rias que go - zei, vou na i-dê - a re - vol - ver, vou na i-dê - a re - - - vol-ver, Sin-to á for - ça da sau - da - - de meu tris - te pran-to cor rer, sin to á for - ça da sau - da - de meu tris - te pran -to cor - rer. Sin-to á for - ça da sau - da - - de meu tris - te pran-to cor-rer; sin-to á for - ça da sau -

da - de meu tris - te pran - to cor - - rer. Os que já ti - ve do - ces mo-

men - tos são ho-je a cau - za dos meus tor- men-tos, os que já ti - ve, do - ces mo-

men - tos são ho je a cau - sa dos meus tor- men-tos, os que já ti - ve do - ces mo-

men - tos são ho-je a cau - sa dos meus tor - men-tos, os que já ti - ve, do - ces mo -

men- tos são ho je a cau - sa dos meus tor -men-tos são ho - je a cau - sa dos meus tor- men-tos.

OS MEUS TORMENTOS

Quando as glorias que gosei
Vou na ideia revolver,
Sinto á força da saudade,
Meu triste pranto correr.

Os que já tive,
Doces momentos,
São hoje a causa
Dos meus tormentos.

Encantos que já não goso,
Mas que não posso esquecer,
Fazem dos meus olhos tristes,
Meu triste pranto correr.

Os que já tive,
Doces momentos,
São hoje a causa
Dos meus tormentos.

Eu bem sei para que amor
Me quiz ditoso fazer:
Foi para vêr de continuo,
Meu triste pranto correr.

Os que já tive,
Doces momentos,
São hoje a causa
Dos meus tormentos.

Esta *modinha* foi popularissima, principalmente no Brazil, no principio d'este seculo.

ORAÇÃO DO AMARGOSO FEL

RELIGIOSA

Á Ex.ma Snr.a D. Amelia d'Araujo Mello e Motta.

Andante

232

p

Pe-lo a-mar-go-so fel, que sup-por-tas-te na cruz, Dae-me tão for-te au-xi-lio, p'ra que eu si-ga a vos sa luz.

Pelo amargoso fel
Que supportaste na cruz,
Dae-me tão forte auxilio,
P'ra que eu siga a vossa luz.

Pelas vossas cinco chagas
Que vos fizeram na cruz,
Dáe-me todo o vosso amparo,
P'ra que eu siga a vossa luz.

Pelo precioso sangue
Que derramaste na cruz,
Salvae, Senhor, a minh'alma,
Para sempre, Amen, Jesus.

Recolhida na Ilha de S. Jorge, pelo Rev.mo Snr. P.e Manoel d'Azevedo da Cunha. Esta oração é cantada em familia, pelos velhos habitantes da Ilha.

O ESCRAVO

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Haydée Fernandes Andrade Mello.

Poesia de Pires Ferrão.

Andante

233

p

mf.

p

N'u - ma al - ta e fron - do - sa Bra - si - lia flo - res - ta, que o sol a - çou - ta - va em ca - li - da ses - ta, que o sol a - çou - ta - va, em ca - li - da ses - ta.

Esta canção veio do Brazil e vulgarisou-se muito em Portugal.

O ESCRAVO

N'uma alta e frondosa
Brasilia floresta,
Que o sol açoutava
Em cálida sêsta;

Ao som compassado
Da fouce pesada,
Que os troncos derruba,
Prepara a *queimada;*

Com voz rude e triste
Que ao longe eccoava,
Um pobre captivo
Taes queixas soltava:

«Em simples palhoça
Eu livre nasci,
Mas preso e vendido,
Captivo me vi.

O filho, a mulher,
Forçado deixei,
A pobre familia
Não mais avistei.

São livres os *brancos,*
Não soffrem rigor;
Mas, eu por ser negro,
Eu tenho—um *senhor.*

Com elles nem devo
Co'as dôres chorar;
Mas devo, soffrendo,
Chorando cantar.

A dôr, o prazer,
Em mim crimes são;
Castigos por isso
No corpo me dão.

Á chuva e ao sol
Sempre a trabalhar,
De pouco descanço
Eu posso gozar.

Os fructos da terra,
Que cavo a suar,
Não são p'ra meus filhos,
Que vejo penar.

O ouro que ganho
Me não faz ser rico,
Por muito que dê,
Eu forro não fico.

O mesmo sustento
Que dão me, grosseiro,
Dão-me porque temem
Perder *seu dinheiro.*

De um tal captiveiro,
Soffrendo os rigores,
Minha mocidade
Gastou-se entre dôres.

Ao peso dos annos
Já hoje curvado,
P'ra todo o serviço
Sou inda chamado.

Ao *branco,* se é velho,
Teem todos respeito!
Eu inda ao chicote
Vivo hoje sujeito!

De que serve a vida
A quem, como eu,
Sem ter liberdade
Já tudo perdeu?

Só uma esperança
Eu sempre hei de ter:
Morrendo, outra vez
Eu livre hei de ser.

Meu bom Pai do ceu,
Ah! tende clemencia!
Ouvi minhas vozes,
Findae-me a existencia!»

Aqui o captivo,
Cançado, parou,
E co'a mão callosa
O pranto enxugou.

E o ecco passado,
Que a voz repetia,
—Findae-me a existencia!
Ao longe dizia.

A ERMIDA NO MAR

ROMANCE

À Ex.^ma Snr.^a D. Ernestina Bentes Moreira dos Santos.

234

Andante

f — *mf.*

Ma - ri- a pon - do a me - za pa - ra seu pae jan - tar, viu vir u - ma nau á vel - la, viu vir á vel- la por es- se por es - se mar; São os a - mo - res de Ma - ri - a que a vem e - na - mo - rar.

FINAL

f Al - le - lu - i - a.

Recolhida, a musica, nos Açores pelo Rev.^mo Snr. Padre Manuel d'Azevedo da Cunha.
Esta musica é tradicional dos foliões da Ribeirinha da Ilha do Pico, tem por unico acompanhamento as pancadas seccas d'um tambor, fazendo o rythmo. No fim cantam unisono a Alleluia.

A ERMIDA NO MAR

Maria, pondo a meza,
Para seu pae jantar,
Viu vir uma nau á vella,
A' vella por esse mar.
São os amores de Maria
Que a vem enamorar!
—Se são amores de Maria,
Eu não a quero casar!
Ella não se dá d'isso,
O mandou apregoar;
Seu pae quando o soube
O mandaria matar.
«Se o mandares matar,
Mandae-me a mim degollar.

Mandou-o matar a elle,
E a ella degollar.
O senhor se enterraria
Antes do gallo cantar,
E a senhora rainha
Antes do sol arraiar!
Um se enterrou na capella,
Outro ao pé do altar;
A um nasceu um craveiro,
A outro um pinheiro real;
Foram crescendo e andando,
Se vieram a abraçar!
Seu pae com toda a inveja,
Os mandaria cortar;
Da mais alta rocha que havia,
Os mandou botar ao mar.
Andavam os marinheiros
Tirando peixe do mar,
D'onde viram uma Ermida
Que a fossem baptisar.
Ajuntou-se muita gente,
Na companhia ia o pae;
Seu pae, quando que a viu,
Começou de prantear:

«Que tendes pae da minha alma
Que estaes tanto a chorar?
Casamentos que Deos fez
Não os façás desmanchar;
Tudo o que tendes resado,
Seja á Virgem do Pilar,
Que esta é a vossa filha
Que aqui está no altar.

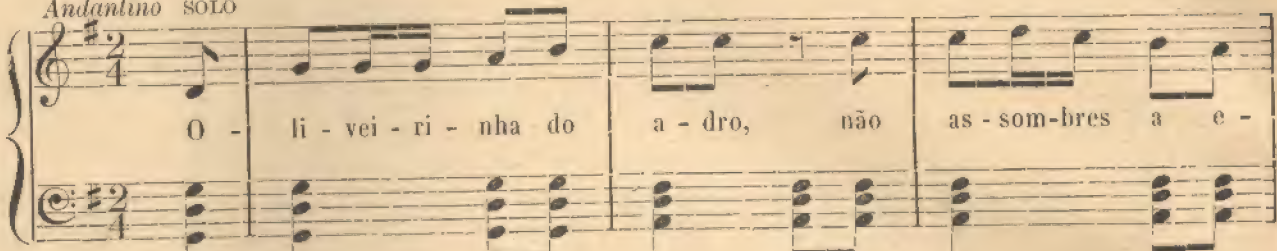
O Ex.mo Snr. Dr. Theophilo Braga, recolheu na Ilha de S. Jorge tres variantes d'este romance, e como ellas se completam umas ás outras, aqui as damos todas sob os differentes titulos por que n'aquella Ilha são conhecidas:
Ha no continente outras variantes d'este romance, porem são com outra musica e outra designação.

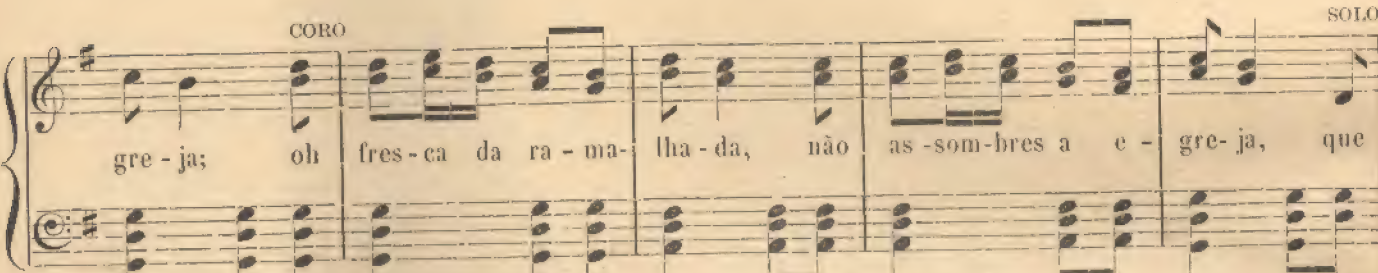
ROMANCE DA FILHA MARIA

—E sentae se quereis ouvir
Um rico doce cantar!
Devem de ser as marinhas
Ou os peixinhos do mar?
«Elle não são as marinhas,
Nem os peixinhos do mar;
Deve de ser Dom Doardos
Que aqui nos vem visitar.»
—Elle, se for Dom Doardos,
Eu o mandarei matar!
«Se o mandares matar,
Mande-me a mim degollar.»
Quando D. Doardos chegou,
O rei o mandou matar,
E tambem o rei mandou
A' princeza degollar.
Elle se enterrou ás grades,
Ella á porta principal;
Ella se formou em arvor',
Elle n'um pinho real;
Um cresceu, outro cresceu,
Ao ar se foram abraçar.
Seu pae tanto que o soube
Os mandou logo cortar.
Nunca houve ferramenta
Que com elles podesse entrar.
Ella se tornou em pomba,
Elle n'um pombo real;
Um voou, outro voou,
Longes terras foram dar.
Ella se formou em ermida,
Elle n'um altar real!
Seu pae tanto que o soube,
Logo os foi visitar.

«Ajoelhae, pae da minha alma,
E começae a rezar;
Que eu sou a filha Maria
Que não quizeste casar;
Alimpae as vossas lagrimas
Não caiam a este mar;
Nunca haja pae nem mãe
Que tal torne a augmentar:
Apartar o matrimonio
Que Deus tem para juntar.

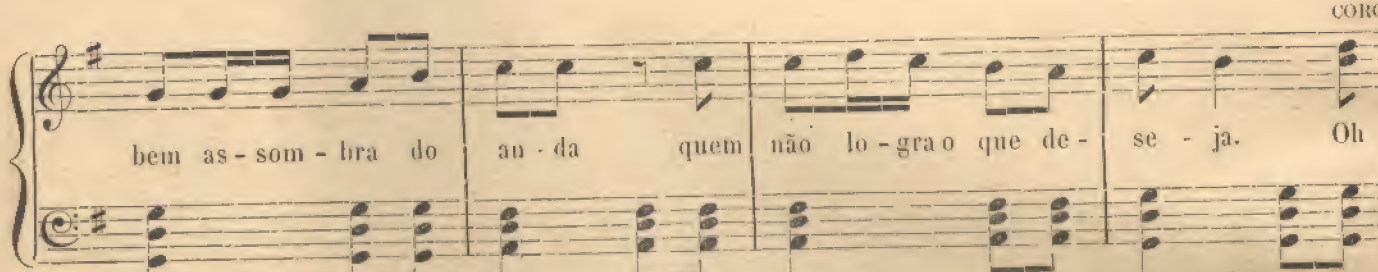
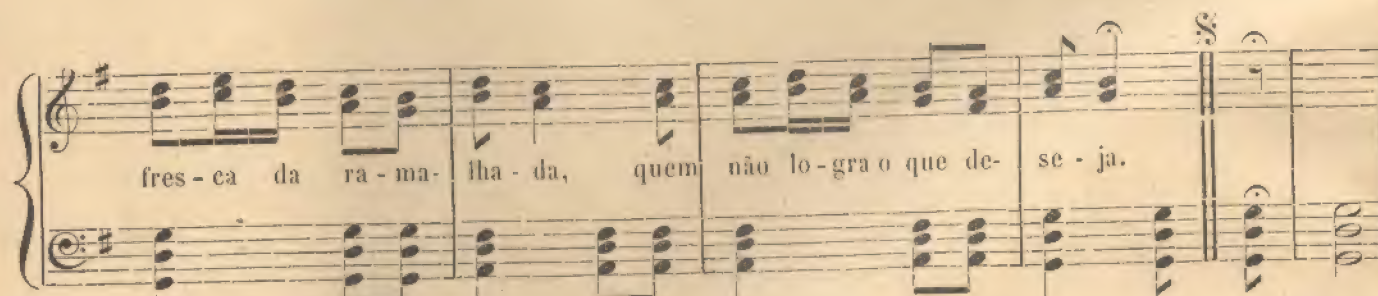
D. DOARDOS

Chegae, infanta á janella,
Ouvi um doce cantar;
Ouvi cantar as sereias
No meio d'aquelle mar.
«Elle não são as sereias,
Nem o seu doce cantar,
Elle é o Dom Doardos,
Que a mim me vem visitar.
—Se elle é o Dom Doardos,
Heide mandal-o matar!
«Se o mandares matar, pae,
Mandae-me a mim degollar.
Mataram a Doardos
A' noite pelo luar;
Degollaram a princeza
Antes do sol arraiar.
Enterrou-se um na capella,
Outro á porta principal;
Della nasceu oliveira,
E d'elle um pinho real;
Cresceu um e cresceu outro,
Ao ár foram-se abraçar.
O pae quando tal soube
Logo os mandára cortar!
Da oliveira corre leite,
Do pinho sangue real.
A rainha com inveja
Mandara-os botar ao mar!
Foram os barcos ao peixe,
Nada de peixe pilharam;
Viram estar uma Ermida
C'uma santa no altar!
Chamaram os padres todos
Que a fossem baptisar.
Que lhe fossem pôr por nome
Sam João da Baixa-mar;
Que a Senhora que está n'ella
Fosse a Virgem do Pilar.
Ajuntou-se muita gente
Onde ia tambem seu pae;
Seu pae, quando lá chegou,
Começára de chorar.
«Calae-vos, pae da minha alma,
Calae-vos, não choreis mais;
Não haja pae, nem mãe
Que tal torne a considerar,
Desmanchar o casamento
Que Deus tem para ajuntar.

OH FRESCA DA RAMALHADA

CANTAROLA

À Ex.ma Snr.a D. Gertrudes Magna da Fonseca e Souza.

235

Andantino SOLO

O - li - vei - ri - nha do a - dro, não as - som-bres a e - gre - ja; CORO oh fres - ca da ra - ma- lha - da, não as -som-bres a e - gre- ja, SOLO que bem as - som - bra do an - da quem não lo - gra o que de - se - ja. CORO Oh fres - ca da ra - ma- lha - da, quem não lo - gra o que de- se - ja.

Oliveirinha do adro
Não assombres a egreja;
Oh fresca da ramalhada,
Não assombres a egreja;
Que bem assombrado anda
Quem não logra o que deseja.
Oh fresca da ramalhada,
Quem não logra o que deseja.

Eu hei de subir ao alto,
Ao alto hei de subir;
Oh fresca da ramalhada,
Ao alto hei de subir.
Quem ao mais alto sobe
Ao mais baixo vem cahir.
Oh fresca da ramalhada,
Ao mais baixo vem cahir.

Puz-me a contar pela lei
As pedras d'uma columna;
Oh fresca da ramalhada,
As pedras d'uma columna;
Nove, oito, sete e seis,
Cinco, quatro, tres, dois, uma
Oh fresca da ramalhada,
Cinco, quatro, tres, dois uma.

Recolhida em Vairão, em 1882 pelo Ex.mo Snr. Dr. Manuel Maria de Castro Corte Real.

FREI PAULINO

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Ambrosina Moreira dos Santos Cunha.

256

Andantino *grazioso*

mf.

Oh se - nhor pa - dre Pau- li - no, ve- nha me fal- lar á gra- de, que eu que ro to - mar a- mo- res com vos - sa pa- ter- ni- da- de. Oh ty- ran na, oh ty ran -nin-ha por mais que fa-ças has de ser mi nha.

Oh senhor padre Paulino,
Venha-me fallar á grade,
Que eu quero tomar amores
Com vossa paternidade.

O frade pediu á freira
Um beijinho pela grade.
A freira lhe respondeu
Vá p'ra missa, senhor padre.

Dizem que um padre namóro,
Que importa isso? essa é boa!
Tenha elle bom coração!
Que importa que tenha corôa!

Recolhida pelo Ex.mo Snr. Conde de Sabugosa. Este lundum é antigo.

A TRISTE PERDIDA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Carlota Joaquina Moreira de Mattos.

Andante

237

mf.

p

Vir-gem cas ta, eu já fui co-mo tu, já vi- vi co-mo os an - jos no ceu; es - ta fron - te que vês hu - mi- lha - - da, foi co - ber - ta com can - di - do veu; es - ta fron - te que vês hu - mi- lha - - - da foi co- ber - ta com can - di - do veu.

A TRISTE PERDIDA

Virgem casta, eu já fui como tu,
Já vivi como os anjos no ceu;
Esta fronte que vês humilhada,
Foi coberta com candido veu.

Eu tambem, como tu, tive flôres,
Tive tanta grinalda singela!
Tive beijos de um pae carinhoso,
Eu tambem, como tu, já fui bella.

Como tu, eu já tive esperança,
Já gosei d'essa vida sagrada;
Hoje vivo a luctar com as dôres,
Que fulmina a mulher desgraçada,

Tive mãe, como tu inda tens,
Qne velava por minha ventura;
Que tornava meus dias ditosos,
De seus labios me dava a doçura.

Mas bem cedo, donzella, essa gloria,
Qual um sonho depressa passou,
Essas flores sagradas que tive,
Foi um beijo infernal que as murchou.

Esse véu innocente que tive,
M'o tiraram sem pena, nem dó;
Impia mão m'o rasgou com desprezo,
Nem as cinzas se encontram no pó.

Ai, perdoa, donzella, este canto,
Repassado de dôr e de fel:
Ouve as queixas da triste perdida,
Que são eccos da sorte cruel.

CANÇÃO DO MARITIMO

FADO

À Ex.ma Snr.a D. Haydée da Conceição Fernandes d'Andrade.

238

Andantino

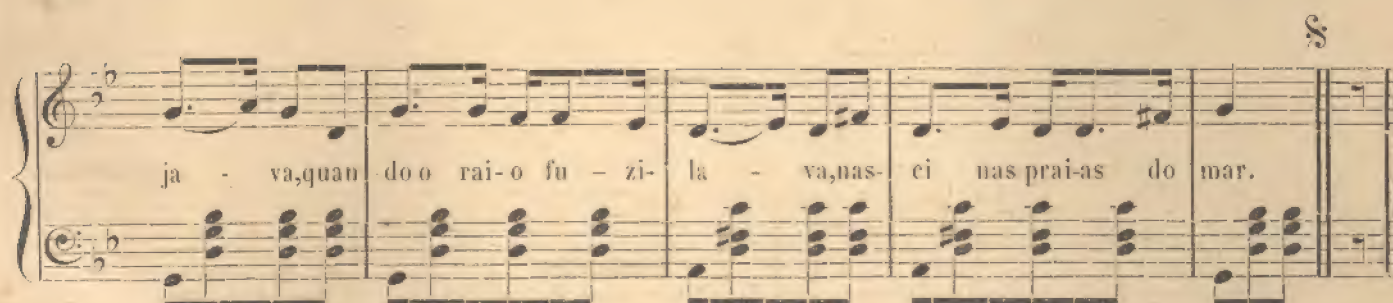
p

Nas- ci nas prai-as do mar, ao im - pul-so de on-das mil, ten-do por ber-ço u ma lan - cha, por co - ber-ta um ceu d'a nil.

mf

Ao ri - gor do ven-da-val, aos im - pul sos do tu- fão, do bar - co a mas tre-a- ção, de que - brar-se dar si- gnal. Ru- ge o ven-to em fu-ria tal, vem meu bar-co ar-re-me- çar. Ru- ge o ven-to em fu-ria tal, vem

meu bar-co ar-re-me- çar, na ro - cha des-pe - da- çar, e quan - do re lam - pe-

ja - va,quan do o rai-o fu - zi- la - va,nas- ci nas prai-as do mar.

Nasci nas praias do mar,
Ao impulso de ondas mil,
Tendo por berço uma lancha,
Por coebrta um ceu d'anil.

Ao rigor do vendaval,
Aos impulsos do tufão,
Do barco a mastreação
De quebrar se dá signal.
Ruge o vento em furia tal...
Vem meu barco arremeçar...
Na rocha despedaçar...
E quando relampejava...
Quando o raio fuzilava...
Nasci nas praias do mar.

Tremia a rocha, o penedo,
Com o embate das ondas,
Altas gigantes, redondas
Assaltavam o rochedo.
Tudo bradava com medo,
E em todos do medo a mancha...
Quantos salvos n'uma prancha,
E eu no mar desamparado,
Pelas ondas embalado,
Tendo por berço uma lancha.

Espumava a vaga irosa...
O trovão rouco troava...
Lugubre celeuma soava,
Co'a tempestade horrorosa.
Que scena tão espantosa,
Cada raio era um fuzil...
Sobre as aguas verde til...
Ceus e mar, e tudo irado.
E assim pois eu fui creado,
Ao impulso de ondas mil.

O vendadal violento,
Ternas treguas não pedia,
Furioso combatia...
Acirrado pelo vento.
Em trevas o firmamento.
Fuzilando raios mil...
Mas a bonança gentil?
Oh! que é d'ella, e o lindo sol?
Tive o p'rigo por lençol,
Por coberta um ceu d'anil.

A' POLKA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Ignez de Castro Bentes.

239

Marcial

Quem ti-ver o-lhos a-zues bem os pó-de ar-re-ca-dar, que os o-lhos a-zues são pou-cos, são cus-to-sos d'al-can-çar, A' pol-ka fiz um ci-gar-ro, á pol-ka o em-bru-lhei á pol-ka vi os teus o-lhos á pol-ka os na-mo-rei.

D. C.

Quem diz que o preto é firme
Entende pouco de cores,
Eu amei dois olhos pretos
Ambos me foram traidores.
A' polka, etc.

Hei de deitar os meus olhos
A'quelle poço sem fundo;
Olhos que não tem ventura
De que servem n'este mundo?
A' polka, etc.

Eu não sei que sympathia
Meus olhos comtigo tem,
Quando estou ao pé de ti
Não me lembra mais ninguem.
A' polka, etc.

Dança.—Dispõem se os pares de mãos dadas, formando roda. Emquanto se canta os primeiros dois versos repetidos da cantiga caminham os pares uns atraz dos outros, em roda para a direita, indo a dama do lado de dentro; depois a roda vira para a esquerda, e as damas sempre do lado de dentro, cantam os ultimos dois versos tambem bisados. No estribilho, ou requebro, os homens voltam-se para o seu par com as costas para fóra e as damas para dentro da roda e fazem *balancé* durante os dois primeiros versos, bisados, dando estallinhos com os dedos. Durante os ultimos dois versos dança-se em polka ou em *gran-chaine*.

Recolhida no Alemtejo pelo Ex.mo Snr. J. M. Soeiro de Brito.

AO VIATICO

RELIGIOSA

À Ex.ma Snr.a D. Ermelinda Adelaide Fernandes das Neves.

Andante

240

Já o Sa-cra-rio es-tá a-ber-to, já o Se-nhor an-da fó-ra: vae vi-si-tar u-ma al-ma que es-tá pa-ra ir em-bo-ra. A' por-ta das al-mas san-tas, ba-te Deus a to-da a ho-ra, tam-bem ba-te a-go-ra á mi-nha, Se-nhor que me q'reis a-go-ra?

Já o Sacrario está aberto,
Já o Senhor anda fóra;
Vae visitar uma alma
Que está para se ir embora.

A' porta das almas santas
Bate Deus a toda a hora;
Tambem bate agora á minha:
—Senhor que me quereis agora?

«Quero que vos prepareis
Para o Reino da Gloria; (1)
Que venho salvar a alma,
Que n'esse teu corpo mora.

—Muito me peza, Senhor,
Não estar já preparado;
Perdoaé-me os meus peccados,
E sempre sejaes louvado. Amen.

Este cantico é antiquissimo; ainda hoje se conserva em uma ou outra freguezia do Minho, e é cantado pelo povo á porta dos enfermos a quem vae o Viatico. Tambem fez parte do reportorio da antiga *sanfona*.

(1) O povo minhoto diz *glora*.

CHULA RABELLA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Margarida Guedes dos Santos Barreto Marques.

Allegro moderato

241

f energico

agitatto

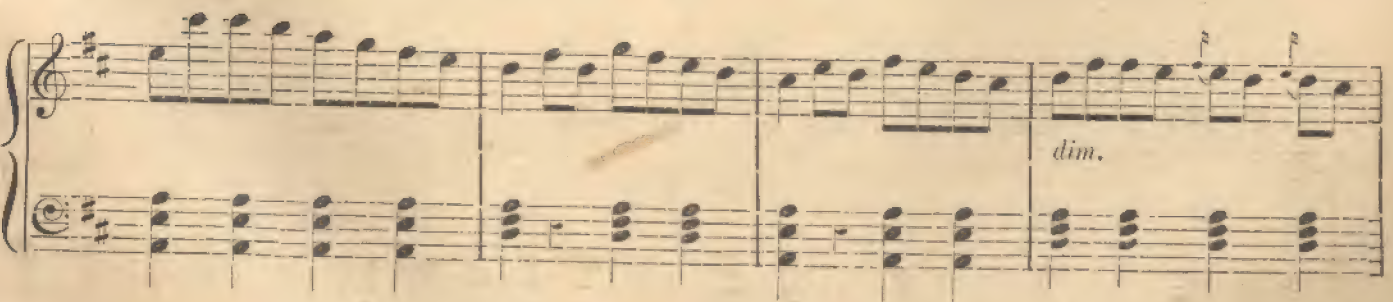
tranquillo

f

mf.

p cres.

f

dim.

Voz em falsete

p dolce

Es - tes se - nho-res me pe - dem

que lhes can - te u ma can - ti-ga,

can - ta-rei du-as ou tres,

que u-ma não é cor - te - - zi - a.

f

tr

dim.

D. C. ou do 𝄋

CHULA RABELLA

Estes senhores me pedem
Que lhes cante uma cantiga,
Cantarei duas ou tres,
Que uma não é cortezia.

Eu quero bem, e não posso
Dizer a quem quero bem;
Quero bem ao meu amor,
Dizel-o não me convem.

Alegria não a tenho,
A tristeza m'a levou;
Perguntei ao meu amor,
Se a viu, por onde andou.

De noite tudo são sombras,
N'ella te hei-de procurar,
Já que de dia não posso
Nem os olhos te botar.

O annel que tu me deste,
Nem o dei, nem o vendi;
Deitei-o por agua abaixo,
O mesmo faria a ti.

Muito bem parece o ouro
No pescoço da donzella;
Ainda mais parece a honra
Se vive no goso d'ella.

Tenho um vestido de penas,
Não m'o fez o alfaiate;
Eu o fiz, eu o talhei,
E' bem que penas me mate.

Tenho penas sobre penas
E inda não posso voar;
A maior pena que tenho,
E' ver-te e não te fallar.

Aqui venho por te ver,
Por te ver aqui cheguei;
Para que saibas amor,
Prometti-te e não faltei.

Escrevera-te uma carta,
Se tu a souberas ler;
Mas, se a vaes dar a outro,
Tudo se vem a saber.

Oh senhor juiz de fóra,
Faça justiça na terra;
Prenda-me aquelles dois olhos,
Que me estão fazendo guerra.

Chora meu pae, que se mata,
Por eu chegar ao estallão;
Não chore, pae da minh'alma,
Os homens para que são?

O meu amor é tão lindo,
Ninguem m'o venha tomar;
Tem os olhos cinzentinhos
De dormir atraz do lar.

Cuidavas que eu que te qu'ria,
Oh guardanapo de meza,
Se algumas fallas te dava,
Eram de pouca firmeza.

Não julgues que por ti morro,
Bem sabes que te não quero,
Tenho meu peito guardado
Para mais alto castello.

O meu amor foi e disse
Que por elle não chorasse,
Que se lembrava de mim,
Que me não mortificasse.

Puz-me a jogar o retroco
N'uma meza de marfim,
Cuidando que te ganhava,
Perdi-te, meu seraphim.

O sapato me aperta,
A meia me faz calor,
O coração me arrebenta,
Se te fallo em amor.

Minha saia azul alegre,
Em solteira a hei de romper,
O meu amor é pequeno
Hei de deixal-o crescer.

Cuidavas que eu te queria,
Enganou-te o coração,
Eu não sou tão rabaceiro
Que coma a fructa do chão.

Cabellinho entrançado,
Serve de toda a maneira,
De dia serve de gala,
A' noite de travesseira.

Eu vou dar a despedida,
Até outra occasião;
Senhores que estão presentes,
A todos peço perdão.

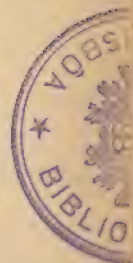
Dou a minha despedida,
Sem offender a ninguem,
O muito cantar enfada,
O pouco parece bem.

Vou refrescar a garganta,
Na fórma do meu costume;
Com agua batida a coices,
Fervida sem ser ao lume.

Esta chula é, ethnographicamente, caracteristica da provincia do Douro. O rythmo original do canto, ora dactylico, a tempo, ora syncopado, ora ambiguo, a ternaria metrificação da phrase musical, e a voz masculina cantando em falsete, torna-a um especimen *sui generis* da musica local. Será o ecco dos cantos celtas, repercutido ainda nos reconcavos das penedias durienses? Parece-o.

Dança. — Formam-se duas filas, quasi sempre de homens, (bastam dois individuos) em frente uma da outra, e, á cadencia da musica, aproximam-se e recuam, dando saltos e reviravoltas, acompanhadas com estallinhos dos dedos, e de vez em quando poem-se de cocoras, fazendo as mesmas evoluções, parecendo imitar um combate de gallos.

No tempo das vindimas, a pisa da uva é geralmente feita ao compasso d'esta chula, que um rebequista contractado e um cantador e ás vezes tambem uma cantadeira para os desafios, desempenham apalancados nos toneis ou á beira dos lagares.

Os instrumentos indispensaveis para uma festa chuleira são: rebeca, viola, ferrinhos e tambor, podendo-se-lhe aggregar indistinctamente todos os mais de corda ou de sopro.

SE EU FÔRA!

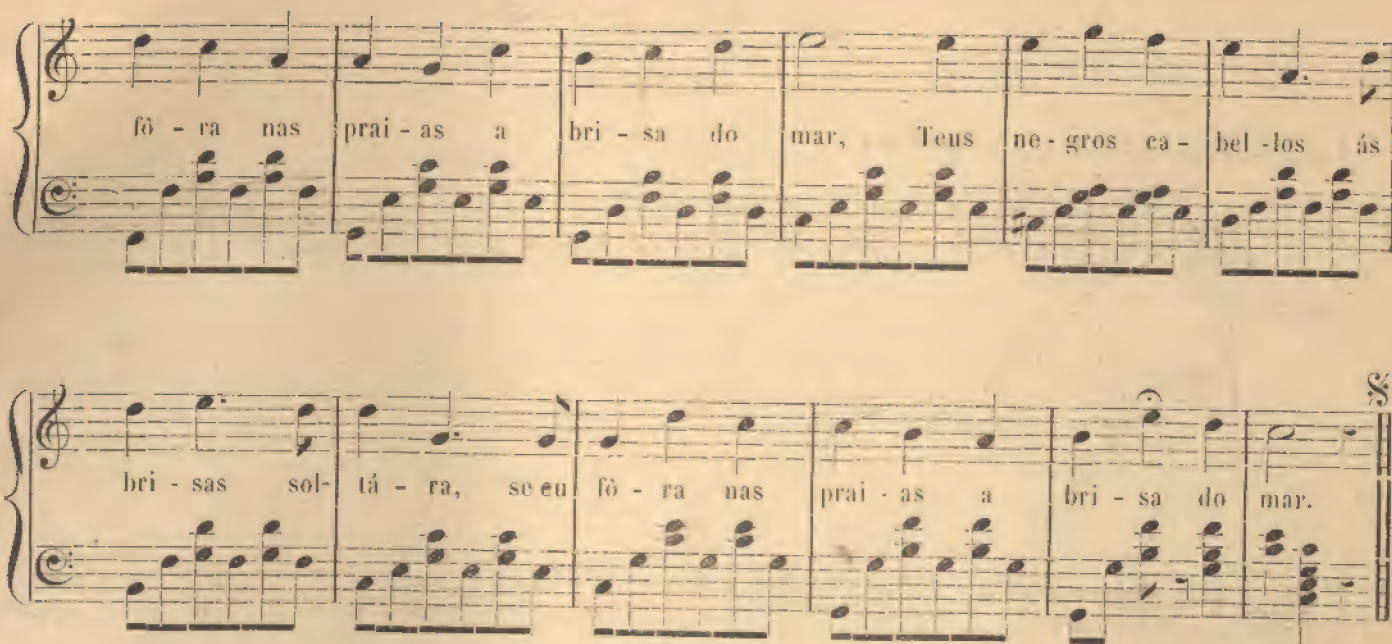
CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Silvina Augusta de Mattos.

Andantino

242

f *p*

Se eu fô - ra das noi - tes o as - tro for - mo - so, em teu lin - do col - lo, qui - ze - ra bri - lhar; teus ne - gros ca - bel - los ás bri - sas sol - ta - ra, se eu fô - ra das prai - as a bri - sa do mar. Teus ne - gros ca - bel - los ás bri - sas sol - tá - ra, se eu

fô - ra nas prai - as a bri - sa do mar, Teus ne - gros ca - bel - los ás

bri - sas sol- tá - ra, se eu fô - ra nas prai - as a bri - sa do mar.

Se eu fôra das noites o astro formoso,
Em teu lindo collo quizera brilhar;
Teus negros cabellos ás brisas soltára,
Se eu fôra nas praias a brisa do mar.

Se eu fôra dos montes o ecco sentido,
Tua falla inspirada quizera imitar;
Se eu fôra das aves a ave mais linda,
N'essas mãos de neve te iria pousar.

Se eu fôra das flores a tua mais querida,
De teus negros olhos quizera um olhar;
Se eu fôra uma pomba, formosa, innocente,
Teus meigos affagos quizera gozar.

Se eu fôra uma trova, cadente, singela,
Por esses teus labios quizera passar;
Se eu fôra uma lyra de cordas douradas,
Quizera teu peito sentir palpitar.

Mas eu não sou astro, nem lyra, nem ecco,
Nem ave, nem trova, nem brisa do mar;
Sou homem que soffre, que ama, e que sente,
Que sente e não póde teu peito abrandar.

VALENTIM AUGUSTO MONTEIRO DA SILVA

(Mossamedes).

Esta poesia appareceu no *Almanach de Lembranças* de 1866, e immediatamente se popularisou com a musica que apresentamos. As imitações tem sido innumeras.

NAS PRAIAS

CANÇÃO ORPHEONICA

À Ex.ma Snr.a D. Laura Augusta de Mattos.

243

Allegretto

8a

f

VOZ — p — Se eu fo-ra das
CORO — praias, Se eu fo-ra das
VOZ — praias, a-re-ia bri-
CORO — lhante, a-re-ia bri-
VOZ — lhante, teu pé de-li-
CORO — cado, teu pé de-li-
VOZ — cado, qui-ze-ra sus-
CORO — ter, qui ze-ra sus-ter.

Se eu fo-ra a-ve-zi - - nha, nos a-res fe-ri - - da, em teu col-lo a vi - da qui-ze ra per-der.

Recolhida em Moncorvo por F. P. Nogueira, em 1895.

NAS PRAIAS

Se eu fôra das praias, * areia brilhante, *
Teu pé delicado * quizera suster; *
Se eu fôra avesinha, nos ares ferida,
Em teu collo a vida, quizera perder.

Se eu fôra dos mares, * a onda nefanda, *
Viera mui branda * teu collo banhar; *
Se eu fôra dos ventos a brisa fagueira,
Viera ligeira teu rosto beijar.

Se eu fôra dos anjos, * o anjo mais bello, *
Dos ceus para ti * quizera fugir; *
Se eu fôra dos deuses, soberano poderoso,
A ti, como esposo, me quizera unir.

Mas eu não sou praia, * nem mar, nem areia, *
Nem briza fagueira, * nem anjo, nem Deus; *
Sou homem perdido, que vive sem esp'rança,
Sem esp'rança na terra, sem esp'rança nos ceus.

Nota.—Todas as phrases que tem no fim o signal * são bisadas pelo coro.

A CREADA E O SOLDADO

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.ma Sur.a D. Laura Eugenia da Fonseca e Souza.

244

Andantino SOLDADO

Oh so - *pei-ra* en-can -ta - do - ra on - de vaes tão a - pres - sa - da,

pa - ra que te can-ças tan-to, com tão pe-que- na sol- da- da? quem tem tan - ta for - mo-

su - ra, não de - vi - a ser cre- a - da.

O piano 8a

CREADA

Que lhe im por - ta on-de vou, de-pres-

sa ou de-va- gar, não sa-be se ga-nho pou - co; é bo-tar-se a a-di-vi-

nhar; com to-do o seu e-lo- gi - o, pou-co po-de a-pro-vei tar.

A CREADA E O SOLDADO

ELLE

—Oh *sopeira* [1] encantadora,
Onde vaes tão apressada,
Para que te canças tanto
Com tão pequena soldada?
Quem tem tanta formosura,
Não devia ser creada.

ELLA

—Que lhe importa onde vou,
Depressa ou de vagar,
Não sabe se ganho pouco;
E' botar-se a advinhar;
Com todo o seu elogio
Pouco póde aproveitar.

ELLE

—Não fallo com interesse,
Não sejas tão caprichosa,
Seduz o mais innocente
Essas faces côr de rosa;
E' pena seres tão bonita,
Não seres mais attenciosa.

ELLA

—São cousas, sou assim mesmo,
Não me tenho achado mal;
Guardando o melhor p'ra mim,
E' a base principal;
Eu até tenho vergonha
De fallar p'ra um *mancipal*. [2]

ELLE

—Que mal te fez essa gente,
São todos uns rapazões,
Segurança da cidade,
Guarda dos teus patrões;
Não sou um rapaz catita?
Olha para estes botões.

ELLA

—Eu não sou das que me illudo
Com falsos botões dourados.
Mal vistos por toda a gente,
Do povo ameaçados;
Amaria um dono d'elles,
Só por mal dos meus peccados.

ELLE

—Fazes caso dos malucos,
Que até nos tratam de guitas;
Com raiva de possuirmos
As sopeiras mais bonitas;
Podes passear commigo,
Que te não desacreditas.

ELLA

—Tenho visto soffrer muito
As moças minhas amigas,
Por isso quando me attentam,
Trato de lhe fazer figas;
Typos de pera e bigode,
Fujo-lhe ás sete partidas.

ELLE

—Toda a sopeira assim diz
Quando é, á primeira vista,
Para o segundo domingo,
A gente segue-lhe a pista;
Assim que chega o terceiro
E' sempre certa a conquista.

ELLA

—Vá ao rancho que são horas,
Que póde aproveitar mais,
Se tem encontrado tôlas,
Não são todas eguaes;
Eu juro que nunca fui
Nem sou para *mancipaes*.

ELLE

—Não jures não vale a pena,
Não é preciso jurar,
Se tu gostares de mim
Nem sempre sou militar;
Estou breve acabar o tempo
Depois podemos casar.

ELLA

—Case-se com quem quizer,
Receba-se na guarita,
A moça que o quizer
Desejo que seja rica,
Mesmo no dia da boda
Comam ambos da marmita.

ELLE

Oh sopeira endiabrada
Estás-me sempre a descompor,
Nem as phrases amorosas,
Te fazem ganhar calor,
A culpa tive-a eu
Confessar-te o meu amor.

ELLA

Se esse amor não é impostura
Vou-lhe offerecer um partido
Se gosta muito de mim,
Se quizer ser meu marido,
Depois de acabar o tempo
Venha então fallar commigo.

ELLE

—Faltam-me só quatro mezes
Pouco temos que esperar,
Que são mais 16 domingos
Que temos para passeiar,
Este tempo é-nos preciso
Para tudo preparar.

ELLA

—E' tempo sufficiente
Para o snr. se prevenir
Eu por mim estou preparada,
Tenho muito que vestir,
Brincos, cordões e anneis
E cama para dormir.

ELLE

—Tens tudo que te é preciso,
Diz-me o q'eu hei de arranjar,
A cama chega para os dois
Já escuso de a comprar;
E' preciso combinarmos
Aonde havemos de ir morar.

ELLA

—Moradia, temos tempo,
Isso não é para agora,
Basta para a occasião,
Que esteja para vir embora,
Ha de ir logo ao barbeiro
Rapar essa pera fóra.

Esta cantiga appareceu no Porto, em 1892, cantada pelos cegos. Em um folheto que vendiam com a poesia, indicava como author Manuel da Silva Teixeira Rebello.

[1] Em giria tarimbeira designam-se por *sopeiras* as creadas de cosinha.

[2] *Mancipal* por municipal.

GIRA, VIRA

DANÇA

À Ex.ma Snr.a D. Maria Judith Fernandes Andrade Mello.

Allegretto

245

A - le - crim á bor - da d'a - gua; a - le - crim á bor - da d'a - gua, de lon - ge faz ap - pa ren - cia, de lon ge faz ap - pa ren - cia.
Mui - tos a - mo - res se per - dem, mui - tos a - mo - res se per - dem pe - la pou - ca de - li - gen - cia, pe - la pou ca de - li - gen - cia.

Oh do gi - ra, vi - ra, vi - ra, vi - ra, oh do gi - ra, vi - ra, vi - ra, vi - ra, gi - ra, gi - ra, vi - ra, o - ra tor - na - te a vol - tar gi - ra, gi ra, vi - ra, mei - a vol - ta e tro - ca o par.

Alecrim á borda d'agua
De longe faz apparencia;
Muitas fortunas se perdem
Pela pouca deligencia.

Oh do gira, vira, vira,
gira, gira, vira,
Ora torna te a voltar
gira, gira, vira,
Meia volta e troca o par.

Amar por vicio é delirio,
Por interesse é villeza;
Por correspondencia é divida,
Por affecto é firmeza.

Eu hei de amar o meu bem,
Diga o mundo o quizer:
Quem ama não quer conselhos,
Quer só tudo o que o amor quer.

As flores do meu jardim
De encarnadas aborrecem;
Não se dão a quem as pede
Só, sim, a quem as merece.

Nada tenho que te dar
Do jardim d'este meu peito:
Só uma flôr, bem bonita,
Que se chama amor perfeito.

Recolhida em Gaya em 1870. E' antiga.

Dança. — Roda; no estribilho os pares giram sobre si para um e outro lado, e por fim trocam os pares, como diz a mesma lettra.

PUDOR E COMPAIXÃO

IDILIO

Á Ex.ma Snr.a D. Julia Helena Fernandes Souza.

246

Andantino

Vir - gem bel - la, dás - me um bei - jo? meu de - se - jo fin - da a - qui,

Dou em tro - ca mi - nha vi - da, se pe - di - da fôr por ti.

1.a vez | 2.a vez

Porque pedes
Coisas d'essas?
Não esqueças
O que sou;
Pede tudo,
Mas um beijo...
Tenho pejo,
Não t'o dou.

Ri–se, córa,
Mas resiste;
Já mais triste
Perde a côr.
Já meus rogos
Não impede;
Mas não cede
Seu pudor.

Rijo o peito
Me batia,
Mais crescia
Meu ardor;
Eis que o pranto,
Me rebenta,
Corre e alenta
Minha dôr.

Sua dextra
Tão formosa,
Melindrosa
Como a flor,
Une á minha
Que procura
Com ternura,
Com amor.

Em vão foge,
Meigos laços,
Já meus braços
A sustem.
Já sou rico,
D'alma e goso,
Mais ditoso
Que ninguem.

Novos rogos,
Eu não cesso.
Em vão peço,
Rogo em vão!
Ajoelho-me,
Aos pés d'ella,
Com singela
Devoção.

Mais não insto;
Despeitado,
A seu lado
Me sentei;
E nos labios,
Um gemido,
Comprimido,
Lhe escutei.

Ella ouvindo
Que eu chorava,
Contemplava
Triste o chão.
N'isto os olhos,
Que occultava,
Em mim crava
Com paixão.

Pára um pouco,
Porém logo,
Volve o fogo
Seductor;
Em meus labios,
Toda pejo,
Dôce beijo,
Vem depôr.

Deus eterno,
Tudo ha feito,
Bem perfeito,
Tua mão.
Té á virgem,
Senhor, déste,
A celeste
Compaixão.

ANTONIO DE SERPA.

Tambem com esta musica se canta a seguinte poesia:

Voga a barca,
Beija a vaga,
E ouve-a, em paga,
Suspirar;
As estrellas,
Scintillando,
Vão brilhando
Sobre o mar!...

Anjo, oh! anjo,
De meus sonhos,
Tão risonhos,
Vem, oh! vem!
Que dormindo,
Com a aragem,
Veja a imagem
Do meu bem!...

Uma vista
De bonança,
Dá me esp'rança
No porvir;
D'essa bocca
Dá me, oh! bella,
Oh! donzella,
Um sorrir!...

Não?! Ingrata!...
Desdenhosa,
Mariposa,
No amor,
Nem persente
O que vela,
Junto d'ella,
Com fervor!...

Triste fado
De quem ama
E o inflamma
Dama assim!...
Leva a vida
Em queixumes,
De ciumes
Morre emfim!...

Voga a barca,
Beija a vaga,
E ouve-a, em paga,
Suspirar!
Tenho n'ella
Confiança,
E uma esp'rança
Salutar!...

AUGUSTO SOARES D'AZEVEDO BARBOSA.

Recolhida em Avanca, em 1878, pelo Ex.mo Snr. Dr. Manuel Maria de Castro Corte Real.

RECORDAÇÕES DA AMERICA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Deolinda do Carmo Braga.

Andante

247

f *p*

Lá quan-do a noi - te já se a- pro- xi- ma, no man-to en vol - ta, de ne-gra côr, por en- tre nu-vens, sur-gin do a lu a, que ao pen-sa- men - to, nos traz a- mor; En-tão eu sin - to cru-eis sau- da - - des, d'es-se meu an - - jo que a-do-ro tan - to; en-tão qui- ze - ra, sul-can do os ma - res, ir ver a A- me - ri - ca, meu do-ce en -can-to.

Recolhida em Avanca, em 1878, pelo Ex.mo Snr. Dr. M. M. Corte Real.

RECORDAÇÕES DA AMERICA

Lá quando a noite já se approxima,
No manto envolta de negra côr;
Por entre nuvens surgindo a lua,
Que ao pensamento nos traz amor;
Então eu sinto crueis saudades
D'esse meu anjo que adoro tanto...
Então quizera, sulcando os mares,
Ir ver a America, meu doce encanto.

Aqui eu vejo tambem bellezas,
Virgens mui puras de meigo olhar;
Vejo florestas sempre virentes,
Que aos ceus parecem querer chegar;
Mas, oh! que tudo bem me recorda
Esse meu anjo que adoro tanto...
Então quizera, sulcando os mares,
Ir ver a America, meu doce encanto.

E quando a noite já vae em meio,
Ouço na rocha o mar bater;
E quando a lua já vae bem alta,
Harpa sonora, ouço tanger;
Então quizera, sulcando os mares,
Voltar à America, meu doce encanto;
Sentir minh'alma gosar venturas,
Ao ver esse anjo que adoro tanto...

AVÈ, REFULGENTE ESTRELLA

PARAPHRASE AO CANTICO RELIGIOSO — AVÈ MARIA

Á Ex.ma Snr.a D. Eliza Julia da Rocha Fernandes. *Musica do Dr. José Maria de Padua.*

248

Allegro moderato

p

O piano 8a sempre

CANTICO

A - - ve, re ful gen - - te, Es - trel - la do mar;

Mãe pu - ra de quem quiz De - - us en - car - nar;

CORO

f A - ve, reful- gen - - te, Es - - trel - la do mar;

Mae pa - ra e a- ma - vel, Vir - gem sin - gu - lar.

FINAL

Este cantico está em uso no Algarve onde o recolheu o rev.mo P.e Alexandre João do Nascimento.

AVÈ, REFULGENTE ESTRELLA

Avé, refulgente,
Estrella do mar,
Mãe pura de quem
Quiz Deus encarnar.

CORO

Avé, refulgente,
Estrella do mar,
Mãe pura e amavel,
Virgem singular.

Avé, gloriosa,
Virgem permanente,
Do ceu feliz, porta,
A todos patente.

Avé, refulgente, etc.

Pois que nós não somos
Dignos de saudar-vos,
Gabriel o — Avé,
Torne a tributar-vos.

Avé, refulgente, etc.

Recebei d'elle
Que de nós vos leva,
E a vós traspasse
O nome de Eva.

Avé, refulgente, etc.

Fundae-nos em paz,
Os reos libertae;
Aos que somos cegos,
Benigna illustrae.

Avé, refulgente, etc.

Os males crueis
De nós expelli;
E todos os bens
Para nós pedi.

Avé, refulgente, etc.

Mostrae que sois Mãe,
E Mãe carinhosa;
Tende dó de nossa
Sorte desditosa.

Avé, refulgente, etc.

Por vós ouça os rogos
O que escolheu ser,
Filho vosso amado,
E por nós morrer.

Avé, refulgente, etc.

Virgem singular,
Mais que todas branda;
Olhae vosso povo,
Que em perigos anda.

Avé, refulgente, etc.

Soltae-nos, Senhora,
Dos crimes nefastos;
Mansos nos fazei,
Humildes e castos.

Avé, refulgente, etc.

Fazei pura, e santa,
Nossa mortal vida,
Seguro o caminho,
Na nossa partida.

Avé, refulgente, etc.

A fim que a Jesus,
Nos ceus vendo um dia,
Comvosco gosemos
De eterna alegria.

Avé, refulgente, etc.

A Deus Padre, gloria,
Ao Filho, ao Amor,
Aos tres se tribute
Sómente louvor.

Avé, refulgente, etc.

DORES

RECITATIVO

À Ex.ma Snr.a D. Maria Leopoldina Penha Vianna.

Musica de José Doria.

Andante

249

p dolce

Recit. declamando

p

Ha dor's na vi - da que não tem al - li - vio, In - ti - mos dra - mas que nin-guem son - dou.

expres.

mui - tos sor - ri - sos es - con - den - do la-gri-mas, mui - tos se - gre - dos que nin guem 'scu - tou.

DORES

Ha dores na vida que não tem allivio,
Intimos dramas que ninguem sondou;
Muitos sorrisos escondendo lagrimas,
Muitos segredos que ninguem escutou.

Ha dores tão fundas, tão acerbas maguas,
Chagas tão vivas a pungir sem fim;
Se tu as visses recuando pávidas,
Perguntarias, ha quem viva assim?

Para ti a vida, minha pomba candida,
E' toda encantos... é poesia, amor,
Nem Deus permitta que em tua face angelica,
Punicea rosa, vá crestar a dôr.

Mas ha tormentos, ha martyrios horridos,
Escondidos n'alma, n'um atroz soffrer;
No vaso d'oiro ha tambem o toxico,
Ai, d'esse triste que lá fôr beber.

Oh quantas vezes ao soltar um cantico,
Se quebra a lyra e nos fallece a voz,
E corre o pranto pelo rosto estatico,
Mostrando a lucta que se trava em nós.

Oh quantas vezes se deseja o tumulo,
Se pede a morte com fervor a Deus;
Se entrega a alma em delirio a Lucifer,
Olhando tristes a mudez dos ceus.

Ha dores na vida que não tem allivio,
Intimos dramas que ninguem sondou;
Muitos sorrisos escondendo lagrimas,
Muitos segredos que ninguem escutou.

VIRA VARINO

CHULA

À Ex.ma Snr.a D. Delphina Laura da Rocha Fernandes.

Allegretto

250

VOZ

p

Por- que o mar é triste e a-

le-gre, faz o pas-sa-do lem-brar,

CORO

mf

Por- que o mar é tris-te e a-

le-gre, faz o pas-sa-do lem-brar.

VOZ

p

Faz lem-brar tem-pos fe-

li-zes, Faz sau-da-des des-per-tar,

mf.

Faz lem brar tem-pos fe-

lizes, Faz sau-da-des des-per-tar.

VOZ

f

O-ra vi-ra, vi-ra, tor-na-te a vi-

CORO · VOZ

rar, O-ra vi - ra, vi - ra, tor na - te a vi - rar, vol-ti - nhas com -

CORO

mi - go, são bo-as de dar, vol-ti-nhas com- mi - go, são bo as de dar.

Se eu entrára no teu peito,
Sabia o teu interior,
Mas eu como lá não entro,
Não sei se me tens amor.

Ora vira, vira,
Torna-te a virar,
Voltinhas commigo
São boas de dar.

Eu amante e tu amante,
Qual de nós será mais firme?
Eu como sol a buscar-te,
Tu como sombra a fugir-me.

Eu a amar-te e a querer-te,
E tu a fugires de mim;
E' certo que mais te quero,
Do que tu me queres a mim.

Não fui eu que te amei,
Nem eu nunca te amaria;
Entre tantos que te adoram
Qual de nós feliz seria?

Sempre estás adeus, adeus,
Com esse adeus me mataes;
Queira Deus não digas tu
Adeus para nunca mais.

Quem pintou o amor cego,
Não o soube bem pintar;
O amor nasce da vista,
Quem não vê não póde amar.

Amor vence o impossivel,
Amor tudo facilita;
Quem quer bem a nada attende,
Quem ama a tudo se arrisca.

O amor emquanto novo
Ama com todo o cuidado;
Depois de venda na mão,
Mostra papel de enfadado.

Amores ao pé da porta,
E' que eu gostava de ter,
Inda que eu lhe não fallasse
Os olhos gostam de ver.

O amor nasce da vista,
E mora no coração;
Vive da correspondencia
E morre de ingratidão.

Quando eu te queria bem,
Mandava parar o vento;
Agora que te não quero,
Nem me vens ao pensamento.

Esta chula é muito antiga e vulgar entre os Varinos.

O Snr. Dr. Corte Real que a ouviu nas praias do Furadouro, diz-nos que alli era conhecida por *Vira do Minho*.

Dança: — Em grande roda, vão os pares girando sobre a esquerda, balanceando-se, durante a quadra. No estribilho cada par, de braços erguidos, dando estallinhos com os dedos, roda sobre si independentemente e cada individuo gira sobre si mesmo, acompanhando a musica e virando conforme diz a lettra. Tanto a musica como a dança, recorda-nos um *fandango* andaluz.

HYMNO DE D. LUIZ I

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Maria Rita Chiappe Cadet.

251

M. M.=126.
Allegro

ff

ff

mf.

f p

Oh pa - - tria re - sur - - ge, com

hym - - nos de fes - - - ta, nas gal - - - las at - -

tes - - - ta que vens com pra - zer, Sau- dar Lu - iz pri -

f

mei - ro; o Rei tão que - ri - - do, que ao thro-no su -

bi - - do, gos to - sa has de ver; que ao thro - no su-

bi - - - do, gos- to-sa has de ver.

CORO

Oh vin de ho - je em

di - a, com ma-ga a - le- gri - a, sau-dar Lu - iz pri- mei - - - - ro, pe-

nh r que af-fian - ça da pa tria a bo-nau - ça, qual ma-go lu-zei ro!

Este hymno foi composto por Manuel Innocencio Liberato dos Santos, mestre de D. Luiz 1.º, para ser tocado pelas bandas marciaes no dia da acclamação d'este monarcha que teve logar a 22 de Dezembro de 1861. A lettra, que lhe foi addiccionada, é da lavra da illustre dama, D. Maria Rita Chiappe Cadet, não logrou popularisar-se talvez por estar em metro differente d'aquelle que a musica requeria.

HYMNO DE D. LUIZ I

Oh patria, resurge!
Com hymnos de festa,
Nas galas attesta
Que vens comprazer;
Saudar Luiz primeiro,
O Rei tão querido,
Que ao throno subido,
Gostosa has de vêr.

CORO

Oh vinde hoje em dia,
Com maga alegria,
Saudar Luiz primeiro,
Penhor que affiança,
Da patria a bonança,
Qual mago luzeiro!

Teus subditos querem,
De louros virentes,
De affectos ardentes,
Teu throno cercar;
Seus votos sinceros,
Leaes e constantes,
Vem hoje, incessantes,
Ao Rei offertar.

Oh vinde hoje, etc.

Senhor, ouve o povo
Que alegre te acclama,
De goso s'inflamma
Na festa real;
Em jubilo immerso,
A fronte, radioso,
Levanta, orgulhoso,
Feliz Portugal!

Oh vinde hoje, etc.

Os brados que solta,
Frenetico, o povo,
Saudando o Rei novo
Que esp'ranças lhe dá;
São brados sinceros,
De amor só nascidos,
Que affectos fingidos
No povo não ha.

Oh vinde hoje, etc.

Ao throno subindo,
Cingiste o diadema,
Na fronte suprema,
Dos annos na flor!
Oh! salvé, monarcha!—
Ao solio elevado,
Será teu reinado,
De paz e de amor!

Oh vinde hoje, etc.

Ampara o teu povo,
Os orphãos abriga,
Que a sorte inimiga,
Deixára sem pae;
Enxuga-lhe o pranto
Co'a regia piedade,
Que amor e bondade,
Mil bençãos attrahe!

Oh vinde hoje, etc.

Um hymno de gloria,
Das almas soltado,
Um vivido brado,
De grato prazer;
Oh Rei, te assegura,
Que um solio brilhante,
No peito constante,
Do povo has de ter!

Oh vinde hoje, etc.

MINHA DOCE LIMA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Josephina Gloria Fernandes d'Almeida.

252

Andante

Os ra-pa-zes d'El-vas vão á mis-sa á Sé de ca-po-te ro-to chi-nel-lo no pé. Mi-nha do-ce li-ma, meu do-ce li-mão, quan-do el-la cho-ra, cho-ra de pai-xão.

Os rapazes d'Elvas,
Vão á missa á Sé,
De capote roto,
Chinello no pé.

Minha doce lima,
Meu doce limão,
Quando ella chora,
Chora de paixão.

Os rapazes d'Elvas,
São muito valentes:
P'ra servir o Rei
Estão todos doentes.

Minha doce lima,
Minha doce bella,
Quando ella chora,
Choro eu mais ella.

Recolhida em Elvas pelo Ex.mo Sr. A. Thomaz Pires

E' notavel o modo de addicionar a lettra á musica d'esta cantiga: depois de cada verso, canta-se a primeira syllaba do verso seguinte na queda da phrase musical, prolongando esta em syncopa.

Dança. — Marcha, 8 compassos; nos outros oito *balance* e *chaine*.

SOLO INGLEZ

DANÇA CLASSICA

Á Ex.ma Snr.a D. Margarida Augusta Franchini.

Allegretto

253

p

mf.

f

p

mf.

Esta dança esteve muito em moda no principio d'este seculo, tanto nos salões aristocratas como nas reuniões burguezas e de pessoas bem educadas, e tambem nos botequins dos portos maritimos, onde havia musicata. Quem não dançasse, ou pelo menos não presenceasse com attenção e silencio, a dança do solo inglez, era censurado por todos como pessoa grosseira e indigna de entrar n'uma sala. E' dança d'uma só pessoa, homem ou senhora. Nos theatros as bailarinas, nos circos os clows e os gymnastas, arrancavam applausos enthusiastas quando dançavam com pericia o solo inglez, ao qual muitas vezes juntavam um passo novo; ainda hoje não ha artista de theatro ou circo que não baile mais ou menos mal o solo inglez, mas é raro o que o execute com o rigor, aprumo e graça dos nossos antepassados. Os clows dançam-no frequentes vezes com uma garrafa na mão.

1.ª 2.ª 8ª

8ª D. C.

FIM

Devemos ao nosso amigo e reputado professor de dança o sr. A. Lopes, as seguintes indicações para dançar o solo inglez, que é de difficil execução sem auxilio de mestre:

Dança.—O solo inglez é um bailado classico maritimo, inglez; fizemos quanto nos foi possivel para coordenarmos os passos mais em voga, quando era dançado em os nossos salões aristocratas. Entendemos que qualquer pessoa que queira dançar o solo inglez deve saber alguma cousa da arte de dança, e por isso damos os nomes dos passos pelos termos proprios.

Posição:—O dançante colloca-se ao fundo da sala, proximo onde é costume estar o piano. Corpo aprumado, cabeça erguida e elegantemente inclinada para traz.

1.ª *posição dos braços:*—Braços cruzados, as mãos proximas dos cotovellos, mas com as costas para fóra, de maneira que se vejam os anneis; os cotovellos ficam levantados, e quasi que em linha recta com os hombros.

2.ª—Mão direita no peito, e com o dedo pollegar (ou os quatro dedos) presos no collete ou no vestido e a mão esquerda na cinta, proximo do quadril.

3.ª—Calcular as distancias dos movimentos em relação ao tamanho da sala, de modo que fique distante dos espectadores pelo menos dois metros.

Regular os passos para diante e para traz em dois ou quatro compassos, segundo o espaço.

Principiar juntamente com a musica, salvo se se fizer introducção.

E' preciso dançar com muita moderação de movimentos, para se não fatigar no decurso da dança, porém se por um motivo qualquer quizer terminar passe aos passos 18 e 19.

A musica compõe-se de tres motivos, que se seguem e se repetem incessantemente. E' preciso que quem dança esteja com muita attenção, porque em todos os passos o ultimo é a preparação para o passo seguinte, e algumas vezes do passo que entre em tempo forte ou brando do motivo seguinte.

Para maior clareza de exposição apresentamos as seguintes abreviaturas:

C.=Compassos de musica.—**t**=tempos de musica. **D**=Pé direito.—**E**=Pé esquerdo. **P.** Passo.—p. posição.—1.ª a 5.ª=numeros das posições na dança

Principia cortejando toda a assembléa.

1.º Passo. 5.ª p. *Promenade en tournant.*

D—*marquer et doubler devant en l'air* . 1 **c.**

D—*glissé.* **E**—*frapper et.... en l'air, demi tour* 1 **c.**

Durante os dois movimentos do pé direito o dançante vae para a direita; no 3.º, quando o pé esquerdo *frapper*, dá meia volta e fica de costas para o centro da sala, então repete com este pé o mesmo que fez o direito, (dois compassos). No fim d'estes quatro compassos fica, como antes, com a frente para o centro da sala: assim vae andando, ora com o pé direito, ora com o esquerdo até chegar ao seu logar primitivo. (16 compassos). Devem precisar bem que os passos são sempre acompanhados de saltos do pé esquerdo, *arsis*, junto aos movimentos do pé direito, e este, por seu turno, repete o mesmo.

2.º P. 3.ª p.—*En avant et en arrière.*

3.ª p. **D.** *marquer le talon la point et le talon* 3 **t.** } 2 **c.**
1.ª » **D.** *plié* (rapido) . . . . 1 **t.** }

3.ª » **E.** *marquer le talon la point et le talon* 3 **t.** } 2 **c.**
1.ª *plié* (rapido) . . . . 1 **t.** }

Continuadamente . . . . 4 **c.**

Quando a ponta do pé marca, o joelho volta todo para dentro; isto se faz no mesmo logar em que o pé marca com o talão.

3.º P. 2.ª p.—*En avant et en arrière.*

D. *talon la point et le talon* . . . . . 3 **t.** } 2 **c.**
D. *assemblé.* . . . . 1 **t.** }

E. *talon la point et le talon* . . . . . 3 **t.** } 2 **c.**
E. *assemblé* . . . . 1 **t.** }

Continuadamente . . . . 4 **c.**

En avant.

4.º P. p. pés fechados.

Calcanhares para o lado } repetidamente. . 4 **c.**
Bicos dos pés para o lado }

Continuadamente . . . . 12 **c.**

Com este passo se anda em linha diagonal quatro comp. para a direita, quatro para a esquerda, e repete.

5.º P. 1.ª p.—*En arrière.*

Fecha bicos; abre calcanhares: abre bicos; *assemblé* . . . . 2 **c.**

Continuadamente . . . . 6 **c.**

6.º P. *Bourrée de côte.*

N'este passo podem entremetter-se alguns *fuétes.* 8 **c.**

7.º P. *Tortille à quatre* (em diagonal).

D. abre calcanhares; abre bicos, repete.

E. *assemblé;* **D.** *croisé;* **D.** *en avant.*

D. *assemblé.* . . . . 4 **c.**

Repete o mesmo o pé esquerdo.

Continuadamente.

8.º P. *En arrière.*

Tombé du pied **D.** } durante . . . . . . 8 **c.**
» » » **E.** }

9.º P. *Pas emboité sur place* . . . . . 8 **c.**

10.º » *Pas de Bourrée e et tour entière de côté* . . . . 8 **c.**

11.º » *Changements de pieds en avant* . . 8 **c.**

12.º » *Pas emboité en arrière* . . . . . 8 **c.**

13.º » *Berceaux en avant et en arrière* . . 8 **c.**

14.º » *Coupé dessous et dessus, avec fuéte derrière sur place.* . . . . . . 6 **c.**

15.º » *Assemblé sur place, et battement du pied* **E.** *en avant* . . . . 16 **c.**

16.º » *Jété sur les points en arrière et en tournant* . . . . 16 **c.**

17.º » Repete o primeiro passo. . . . . 16 **c.**

18.º » *Pas sur les points* . . . . . . 4 **c.**

19.º » *Pas de côté* 1 **c.** *Tour* 1 **c.** *Salut* 2 **c.** 4 **c.**

O RÊMA

CELEUMA

Á Ex.ma Snr.a D. Elvira Augusta Magalhães.

Andante

254

mf.

Rê - ma pa-ra lá lan- chi-nha, Rê - ma pa-ra lá lan- chi-nha, lan- chi-nha de qua-tro rê-mos; lan- chi-nha de qua-tro rê-mos; á - ma-nhã é di-a san-to, á - ma-nhã é di-a san-to, lá em ter-ra fal-la- re-mos; lá em ter-ra fal-la- re-mos.

f

Rê - ma, que rê - - ma, re- al fra - ga - - ta, re - - mi-nho d'oi - - ro, to- lê - - te de pra-ta.

Este cantico maritimo, muito vulgar nas ilhas dos Açores, com pequenas variantes, é antiquissimo, pois como tal já era conhecido a bordo dos navios de guerra no seculo passado.

Dança. — Deve considerar-se mais uma celeuma que dança, pois esta consiste unicamente em formarem-se os pares em duas filas, frente a frente, que se approximam e se affastam semelhando o elevar e abater dos rêmos.

O RÊMA

Rêma para lá lanchinha,
Lanchinha de quatro remos:
A'manhã é dia santo,
Lá em terra fallaremos.

Rêma que rêma,
Real fragata:
Reminho d'oiro
Tolête de prata.

Coitado quem não tem lancha
Que rema na lancha alheia;
Todo o dia rema, rema,
A' noite fica sem ceia.

Rêma que rêma,
Comigo, meu bem:
Diverte-te e passa
Por lá muito bem.

Todo o homem que é casado
No terreiro não tem graça
Muitas fallinhas que diga
Muitos tregeitos que faça.

Rêma que rêma,
Vamos andando
O teu rigor
Me vae matando.

Coitado de quem no mundo
Passa a vida a navegar.
Uns dias passa sem ceia
Outros dias sem jantar.

Rêma que rêma,
Senhor marinheiro,
Quem não rema
Não ganha dinheiro.

HYMNO ACADEMICO DE COIMBRA

(TRANSCRIPÇÃO)

Á Ex.ma Snr.a D. Gizelda Josephina Franchini.

255

Marcial

vibrato

ff

vibrato

ff

p scherz.

f

cres.

ff

p scherz.

cres.

f

ff

CANTO

energico

Do tra ba - lho na li - de af - fa - no - sa, do - ce es - p'ran - ça nos vem af - fa - gar, So - mos jo-vens sen-ti - mos no pei - to san-to a - mor da sci en - cia bro - tar. O que va-lem ri que - zas da ter - ra, sem sci - en - cia no mun - do o que são? Tra - ba - lhae que seus dons nos of - fer - ta O tra ba - lho com pro - vi - da

HYMNO ACADEMICO DE COIMBRA

Do trabalho, na lide affanosa,
Doce esp'rança nos vem affagar:
Somos jovens, sentimos no peito
Santo amor da sciencia brotar.

O que valem riquezas da terra?
Sem sciencia, no mundo, o que são?
Trabalhae que seus dons nos offerta
O trabalho com provida mão.

CORO

E se a Patria, seus ferros quebrando,
Quer seus filhos á guerra chamar,
Vamos todos, no campo, da gloria,
Nossas vidas á Patria votar.

Recordemos os sabios famosos,
Que a sciencia nos vem apontar;
Que souberam, dos sec'los zombando,
Aos vindoiros seus nomes legar.

E attendamos que a terra orgulhosa,
A quem damos o nome de mãe,
Em seus filhos, que a vida lhe devem,
As mais caras esp'ranças detem.

CORO

E se a Patria, seus ferros quebrando,
Quer seus filhos á guerra chamar,
Vamos todos, no campo da gloria,
Nossas vidas á Patria votar.

Aurea estrella, de luz refulgente,
Aqui vem, no horisonte, luzir,
N'esta senda espinhosa da vida,
A mostrar-nos risonho porvir.

E seus brilhos á gloria nos chama,
Alto imperio, soberba, aqui tem:
E a sciencia, que a todos illustra,
Sua luz diffundir em nós vem.

CORO

E se a Patria, seus ferros quebrando,
Quer seus filhos á guerra chamar,
Vamos todos, no campo da gloria,
Nossas vidas á patria votar.

Os alentos que n'alma refervem,
Pela terra da Patria serão:
Ou da paz, no suave descanço,
Ou na guerra ao troar do canhão.

E da gloria, por fim, nós iremos
Doces risos, fagueiros, gosar:
Adornados co'as palmas virentes,
Que Minerva nos quiz dispensar.

CORO

E se a Patria, seus ferros quebrando,
Quer seus filhos á guerra chamar,
Vamos todos, no campo da gloria,
Nossas vidas á Patria votar.

Este hymno foi composto, e offerecido á Academia de Coimbra, em outubro de 1853, pelos estudantes J. A. Sanches da Gama, auctor da lettra, e J. C. de Medeiros, (O' Neill) auctor da musica.

A mocidade academica tinha acabado, havia ainda pouco tempo, de ensarilhar as armas, nitradas nas luctas civis, para cimentar as bases da liberdade e da paz definitiva. E' talvez, por este motivo que esta composição é toda bellica: Na introducção, o vibrato é feito por clarins e redobres de tambores; segue o fortissimo de todo o instrumental; repete-se o vibrato e responde outro fortissimo de instrumental; nos *scherzos* que se seguem os redobres dos tambores são rufados, no aro de madeira, e os crescendos são feitos por todo o instrumental e bateria. O canto deve ser por muitas vozes, a unisono, e o coro a duas ou tres partes; na coda (*ben marcato il basso*), as voses, como indicamos, cantam com enthusiasmo simples accordes de cadencia.

E' este o hymno official da Universidade de Coimbra, e desde que foi ouvido, pela primeira vez, todas as gerações academicas o teem decorado, e hoje, no mais recondito logar, onde exista um doutor, lá se ouve, de vez em quando o canto da mocidade estudiosa, porém mais repassado de saudade do que de sentimento bellico.

Devemos a acquisição d'este hymno á amabilidade do Ex.mo Snr. Dr. Jorge Gonçalves Lima.

OLHA A TRIGUEIRINHA

DANÇA DE RODA

À Ex.ma Snr.a D. Anna de Souza Dias.

Allegretto

256

f

Já lá vae, já se a - ca- bou, a nos - sa fe - li - ci- da-de, Só me res - ta de es - ta vi-da u - ma e - ter-na sau- da-de. O-lha a tri-guei -ri - nha, o-lha a tri-guei-ri-nha cho - ra pe - lo seu bem -zi - nho, ai, ai, ai que se vae em - bo - ra.

Já lá vae, já se acabou,
A nossa felicidade,
Só me resta d'esta vida,
Uma eterna saudade.

Olha a trigueirinha,
Olha a trigueirinha, chora,
Pelo seu bemzinho,
Ai, ai, ai, que se vae embora.

Mal haja quem inventou
No mar andarem navios;
Que esse foi o causador
Dos meus olhos serem rios.

Olha a trigueirinha, etc.

Oh terra dos meus amores,
As costas te vou virando;
Minha bocca vae sorrindo,
Os meus olhos vão chorando.

Olha a trigueirinha, etc.

A saudade é um mal,
Que nem respirar permitte;
E' uma ancia, é um tormento,
E' uma dôr sem limite.

Olha a trigueirinha, etc.

Dizem que o chorar consola,
Eu chorar não chorarei,
Que assim perdia a saudade,
A que já me acostumei.

Olha a trigueirinha, etc.

Recolhida em Villa Flor, por F. P. Nogueira.

OH ANNA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Carminda Alvares Guimarães.

Allegretto

257

p Co-ra- ção por-que pal -pi - tas d'um mo -do tão des-su- sa-do? sen-tes -te d'a-mor fe- ri - do, que as-sim es- tás mal-tra- ta - do.

CORO

f Oh An-na, oh An-na, oh An - na, traz en- lei-o á cin- tu-ra. Na mi-nha ter-ra oh An - na, não se re-sa á Vir-gem pu- ra.

Não se re-sa á Vir-gem pu - ra nem a San Bar-tho-lo- meu. Oh An-na, oh An-na, oh An - na, tu és mi-nha e eu sou teu.

Duas cousas n'esta casa
Trazem a minh'alma afflicta:
Uma a candeia estar alta,
Outra o nada ser bonita.

Subi ás altas muralhas,
Desci ás baixas varandas,
Já que não vejo os teus olhos,
Vejo os sitios por onde andas.

Tenho um amor em Alvito
Criado em Aguiar;
Quem de mim fizer palito
Tem muito que falquejar.

Não digas mal de mim,
Se não queres que eu me sinta,
A minha sistema é esta:
Quem me suja, não me limpa.

O annel que tu me deste,
No Terreiro de S. Pedro,
Atirei com elle á vinha,
Deixou-me sangue no dedo.

Cahiu a torre do sino
E matou o meu amante
Oh! mal empregada morte
N'uma cara tão brilhante.

Ó balas encadeadas,
Matae o capitão mór:
Que me traz o meu amor
Na cabeceira do ról.

Cupido foi um traidor,
Que veio a Portugal:
Veio trazer mal d'amores
Que cá não havia tal.

O sobreiro se obrigou
A sustentar a cortiça:
Tambem me obrigo, menina,
A tiral-a por justiça.

Recolhida em Odemira pelo Ex.mo Snr. Gonçalo Sampaio.

Dança.—Os pares, de braço dado, marcham em grande roda durante a cantiga. No estribilho, o cavalheiro toma a dama pela cintura e dançam em passo de polka.

Observação.—Na segunda parte canta-se na primeira vez da repetição a lettra de cima e na segunda a lettra de baixo. No fim de cada cantiga canta o estribilho: *Oh Anna.*

ROGAE PELAS ALMAS

CANTICO RELIGIOSO

Á Memoria da Ex.ma Snr.a D. Joanna Pecherichi Franchini.

Adagio

258

Dae, Se - nhor, des-can - ço e - ter - - - no aos re - mi - dos de Je - sus, vos - so co - ra - ção cle - men - - te cha-me-os á e - ter - na luz vos so co - ra - ção cle - men - te cha-me-os á e-ter - na luz.

Dai, Senhor, descanço eterno
Aos remidos de Jesus,
Vosso coração clemente
Chame-os á eterna luz.

CORO

Rogai pelas pobres almas
Detidas na expiação;
Vivas, já vos foram caras,
Tende d'ellas compaixão.

Dai esmola de uma prece,
Que bem póde ao céo levar
Almas a quem tanto peza
Não poder de Deus gozar.

Que tormentos e agonias
'Stão no fogo a padecer!
Que gritos tão lastimosos
Como é triste seu gemer!

Não sejaes surdo aos lamentos
De vossos irmãos ou pais!
Não fecheis vossos ouvidos
A' tristeza de seus ais!

Talvez por vosso peccado,
Estarão a padecer!
Sereis vós tão insensiveis
Que não lhe queiraes valer!

Vossos parentes e amigos,
Ha pouco ainda a gosar,
Hoje nas chammas ardentes,
Não os querereis salvar?

Orai, fazei obras pias,
Com que podeis soccorrer
A essas almas infelizes;
Orai, é vosso dever.

Recolhida em Vélas, ilha de S. Jorge, pelo Rev.mo Sr. João Goulart Cardoso. Este cantico é muito cantado pelo povo, não só na ilha de S. Jorge, mas tambem no Fayal, na freguezia dos Flamengos, durante o mez de Novembro.

Observação.—As duas notas da musica são só para o coro; quando canta uma voz é a nota superior.

GENTIL SERRANA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.ª D. Maria Emilia Borges de Medeiros.

Andante

259

p cres.

Gen - til ser- ra - - na por - que não dan - ças, é por-que can - ças ou não tens par? Não, meu se- nhor, eu da ser - ra sou, dan - çar não vou a es - se lo- gar.

Gentil serrana,
Porque não danças,
E' porque canças
Ou não tens par?
—Não, meu senhor,
Eu da serra sou,
Dançar não vou
A esse logar.
—Isso é capricho,
Ou é preceito
D'andar ao geito
Ao teu derriço.
—Não meu senhor,
Eu sou da serra,
Na minha terra
Não ha lá d'isso.
—Se queres, commigo,
Contradançar
Vai ao pomar
Que eu lá vou ter.
—Não meu senhor,
Que eu vou embora,
Que iria agora
Eu lá fazer?

—Anda commigo
Para a minha terra,
Deixa a serra
Com promptidão:
Serás janota
Mais que ninguem,
Terás tambem
Saia á balão.
—Não, meu senhor,
Não quero balão,
Poderia então
Subir ao ar;
Não quero gaiolas,
Porque as molas
São de latão,
Podem quebrar.
—Então que queres?
Estás tão calada,
Não pedes nada,
Que graça tem?
Anda commigo,
Não tenhas mêdo,
Nós em segredo
Dançaremos bem.

—Não, meu senhor,
Que eu sou mui pobre,
Mas sou mui nobre
De coração.
—Anda commigo,
E com decisão
Eu caso comtigo,
Que dirás então?
—Sim, meu senhor,
Então acceito,
Eu tenho geito,
Hei de acertar.
Depois, nas salas,
Sem ser bisonha
Hei de risonha
Contradançar.
—Serrana minha,
Não mais te digo,
Anda commigo,
Meu lindo amor.
Vamos saltando,
De braço dado,
Fica ajustado?
—Sim, meu senhor.

Esta canção ouvimol-a em 1860, mas é mais antiga.

HYMNO DE S. M. A RAINHA D. MARIA PIA

ADOPTADO POR S. M. E OFFICIALMENTE EM 1877

Musica de Antonio d'Almeida e Mello.
Lettra de Eduardo Coelho.

260

Marcial

f

Ao bri-lhar do teu dia - de - - ma; ao des-do-brar do teu man - - to, do po-bre sec-ca-se o pran - - to, sur-ge alli - vio á min - gua ex-tre - ma: Traz, oh i - ris de bo nan - - ça, no fra-gor da tem-pes-ta - - - de, nos la-bios a-mor e es - p'ran - ça, e no seio a ca - ri -

dade.

Ao brilhar do teu diadema,
Do pobre secca-se o pranto;
Ao desdobrar do teu manto
Surge o allivio á mingua extrema.

Traz, oh iris de bonança,
No fragor da tempestade,
Nos labios — amor e esp'rança,
E no seio — a caridade.

Nos antros onde a miseria
Geme em lagrimas e dores,
Brotam sorrisos e flores
Mal chegas, donosa Egeria.

Traz, oh iris de bonança, etc.

O tempo, que a fama illude,
Póde a rainha esquecer,
Mas lembra a mãe, a mulher,
E a c'rôa eterna — a virtude.

Traz, oh iris de bonança, etc.

D'entre as varias poesias que foram applicadas a este hymno foi a presente a que mais logrou vulgarisar-se talvez por traduzir o melhor sentimento da alma popular para com a egregia Dama.

O CEGO

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Deolinda Gomes Silva Rocha.

Andante

261

p

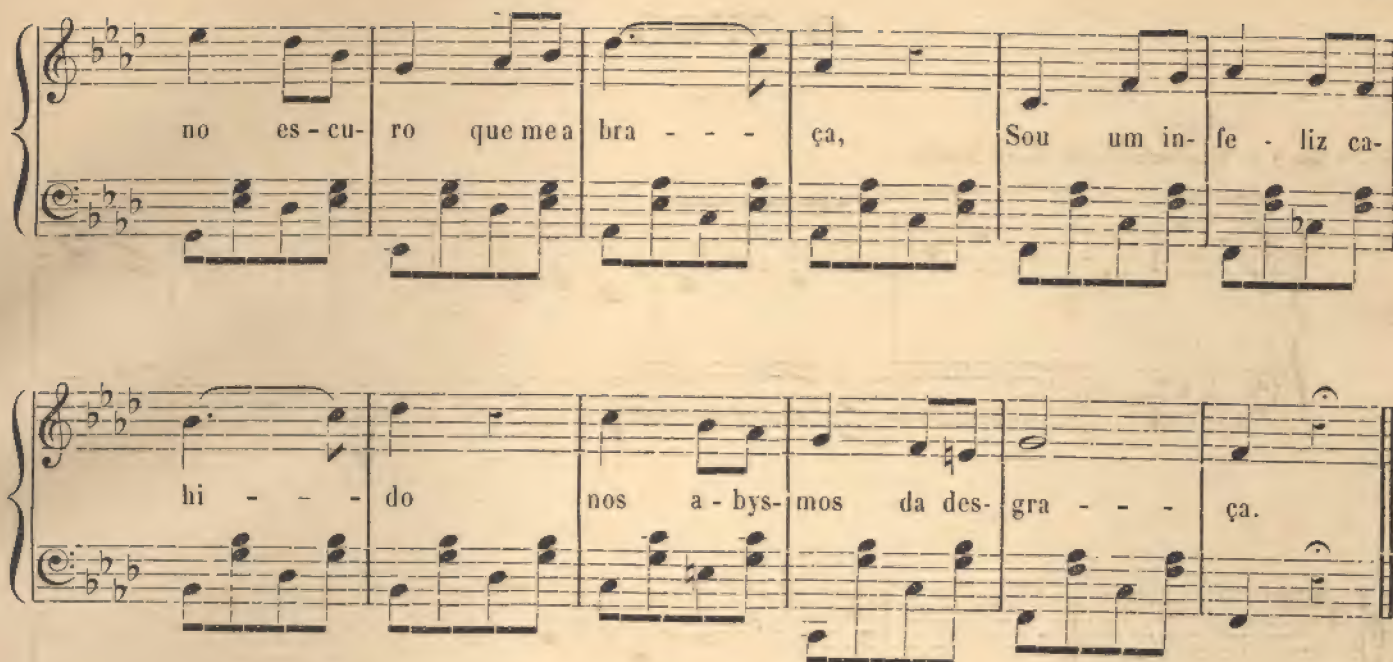
Sou ce-go, quiz a má sor - - - te

rou - bar-me a luz d'a - le- gri - - - a; an - do no

mun - do sem nor - - - te, não vi nun- ca a luz do

di - - a. Ce - go e po - bre, per- di - - - do

no es - cu- | ro que me a | bra - - - | ça, | Sou um in- | fe - liz ca-

hi - - - | do | nos a - bys- | mos da des- | gra - - - | ça.

Sou cego, quiz a má sorte
Roubar-me a luz e a alegria;
Ando no mundo sem norte,
Não vi nunca a luz do dia.

Cego e pobre, perdido
No escuro que me abraça,
Sou um infeliz, cahido
Nos abysmos da desgraça.

Não sei que quer a desgraça
Que atraz de mim corre tanto;
Hei de parar e dizer-lhe
Que de vêl-a não me espanto.

Ouvi, oh senhora, ouvi
Os suspiros d'uma voz
Que quando por vós suspira
Aspira sómente a vós.

Gôsto, prazer, alegria,
Em penas se transformou;
O tempo de ser feliz
Já não existe... acabou.

Não temo a cruenta sorte,
Nem imploro o seu favor,
A' ventura e á desgraça
Tenho uma alma superior.

Escreveu a dura Morte,
Com longos dedos mirrados,
No livro dos infelizes,
Os meus dias desgraçados.

A minha tyranna sorte,
Que a suspirar me condemna:
Só quiz dar-me por herança,
A afflicção, a dôr, a pena.

Recolhida no Porto em 1878.

Esta canção é antiga, e pertence á classe das modinhas que ha mais de cincoenta annos faziam o recreio das salas. As duas primeiras quadras que estão na musica são do escriptor José de Lacerda, as outras são desgarradas, e recolhidas em varias *modinhas.*

COM MINHA MÃE ESTAREI

CANTICO RELIGIOSO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Rita Ferreira de Brito

Andante sustenuto

262

Com mi - nha Mãe 'sta- rei na san - ta glo - ria um di - - a, jun to á Vir gem Ma - ri - - - a no Ceu tri- um - pha- rei.

CORO

Com minha Mãe 'starei
Na santa gloria um dia,
Junto á Virgem Maria,
No Céo triumpharei.

POVO

Com minha Mãe 'starei!
Mas já que hei offendido
O seu Jesus querido,
As culpas chorarei.

CORO

Com minha Mãe 'starei!
Mas só pelas pisadas,
Por ella a nós deixadas,
Seguro chegarei.

POVO

Com minha Mãe 'starei!
E' Mãe immaculada;
De culpa a alma afeiada
Jámais consentirei!

CORO

Com minha Mãe 'starei!
Mãe de summa bondade,
A soberba, a vaidade,
Sempre detestarei.

POVO

Com minha Mãe 'starei!
E já que a obediencia
Foi d'ella toda a sciencia,
Eu sempre a guardarei.

CORO

Com minha Mãe 'starei!
E' Mãe de caridade,
Dos proximos maldade
Nunca cogitarei.

POVO

Com minha Mãe 'starei!
Unindo-me aos anjos,
No côro dos archanjos
Sua gloria cantarei.

CORO

Com minha Mãe 'starei!
E lá muito chegado
Ao seu throno dourado,
Meu amor lhe darei.

POVO

Com minha Mãe 'starei!
Oh viver deleitoso!
Oh sempiterno goso,
Em que me embeberei!

CORO

Com minha Mãe 'starei!
Em seu coração terno,
Em seu collo materno
Sem fim descançarei.

POVO

Com minha Mãe 'starei
Na santa gloria um dia,
Junto á Virgem Maria,
No Céo triumpharei.

Este cantico é actualmente muito em uso na egreja da Ordem 3.a do Carmo do Porto e em alguns templos de Braga, durante o mez de Maria, novenas da Conceição, e outras festas a Nossa Senhora.
O povo responde com a mesma musica que o coro canta.

VARSOVIANA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Odilia Maria Pinto de Vasconcellos.

263

INTRODUCÇÃO

Andante

ff

p

Allegro moderato

DANÇA

p

8a

ff

8a

8ª

8ª 1.ª 2.ª loco f

8ª ff p

5 5 5

dolce

8ª ....
1.ª 2.ª
p
mf
f

Appareceu por volta de 1850, esta dança estrangeira de duas pessoas, cheia de movimentos variados; vulgarisou-se rapidamente; porém, o enthusiasmo não logrou um decennio, e teria desapparecido já completamente se os esforços dos professores de dança a não conservassem, ensinando-a a alguns seus discipulos, mais affeiçoados.

Dança. — Posição de polka-mazurka. 1.º tempo: passo egual ao quarto da polka-mazurka. 2.º tempo: passo egual ao quinto da mesma polka. 3.º tempo: o cavalheiro em logar de approximar o pé direito, estende-o. Descanço d'um tempo e pouco mais. Repetição dos tres tempos do mesmo passo e principiado com o pé direito do cavalheiro. Novo descanço; em seguida executam-se duas vezes os tres primeiros tempos da mesma polka, com mudança de pé.

O QUE É AMOR

FADO

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Sara Leontina da Cunha e Couto.

Andante

264

p

A -

mor é so–nho que ma - ta sor - ri - so que des - fal- le - ce; A -

mor é so-nho que ma - ta sor - ri - so que des - fal - le - ce; a -

mor é nu - vem de pra - - ta que qual fu - mo se es-va- e - ce, a -

mor é nu-vem de pra - - ta que qual fu - mo se es-va- e - ce.

Esta musica é commum a muitas poesias sentimentaes.

O QUE É AMOR

Amor é sonho que mata,
Sorriso que desfallece,
Amor é nuvem de prata
Que qual fumo se esvaece.

Amor é vaga alterosa
Que no peito vem quebrar,
E' o perfume da rosa,
E' um raio do luar.

Amor é a mariposa,
Que vôa sempre e não cança
E morre emfim descuidosa
Nas mãos d'alegre creança.

Amor é um sentimento
Que faz branda a crua fera,
Amor é o sopro do vento,
Amor é uma chimera.

Amor é o canto divino
Das avesinhas implumes,
E' o rocio matutino,
E' o inferno dos ciumes.

Amor é um riso d'aurora
E' a estrella matutina,
E' o punhal que assassina
O mortal que um anjo adora.

Amor é brisa dos mares,
E' o azul do infinito,
E' a canção do proscripto
Chorando os seus patrios lares.

Amor é um silpho que embala
A nossa alma docemente,
Amor é pomba innocente
Que a vida no ar exhala.

Amor é per'la cahida
Dos olhos da pobre mãe,
Que chora a filha perdida,
Junto ao altar do Desdem.

Amor é laço apertado
E o coração é a fivella;
Amor é um beijo dado
Nos labios d'uma donzella.

Esta musica é antiga e commum a muitas poesias sentimentaes; com a presente lettra data de 1884, a qual é do apreciado escriptor theatral e jornalista o Ex.mo Snr. Sousa Rocha.

MENINA DO CASIBEQUE

PASSEATA

Á Ex.ma Snr.a D. Florinda Gomes da Silva Rocha.

Allegretto

265

O meu a-mor é bo-ni-to, bo-ni-to que é u-ma pin-tu-ra: é cla-ro co-mo o pêz, co-m'a a-zei-to-na ma-du-ra. Me-ni-na do ca-si-be-que, do ca-si-be-que de chi-ta, gos-to d'el-la por-que gos-to, gos-to d'el-la que é bo-ni-ta.

O meu amor é bonito,
Bonito que é uma pintura:
E' claro como a pêz,
Como a azeitona madura.

Menina do casibeque,
Do casibeque de chita:
Gosto d'ella porque gosto,
Gosto d'ella que é bonita.

Menina lá da janella
Dê-me a mão, quero subir:
Que eu sou muito vergonhoso
Pela porta não sei ir.

Menina do casibeque,
Do casibeque de lona:
Gosto d'ella porque gosto,
Gosto d'ella que é pimpona.

Dança. — Os pares de braço dado, marcham em bicha, e contramarcham sem tornarem a voltar ao mesmo sitio por onde uma vez passaram.

O FOLGADINHO

LUNDUM

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Emma Pinto d'Almeida.

266

Andantino

UMA VOZ

p Es-ta rua é bem es- cu-ra, não ve- jo na-da por

CORO

el - la; *f* vae tu- do cer-to, Fol-ga-di-nho, cer-to, cer - to? vae tu- do cer-to, Fol-ga-di-nho? cer-to

UMA VOZ

não. *p* Bem pu -de-ras meu a mor, pôr can dei as á ja - nel-la

CORO

f Vae tudo cer-to, Fol ga-di-nho, cer - to cer - to? vae tudo cer to, Fol-ga di-nho? cer - to não.

A' entrada d'esta rua
Dei um ai que nunca dera;
Vae tudo certo, Folgadinho, certo, certo?
Vae tudo certo, Folgadinho? certo não.

Recolheram-se as estrellas,
Sahiu o sol á janella;
Vae tudo certo, Folgadinho, certo, certo?
Vae tudo certo, Folgadinho? certo não.

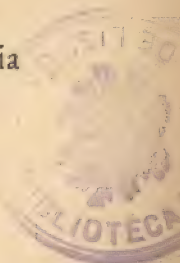
A' entrada d'esta rua
Está aqui mesmo á entrada,
Uma pereirinha nova
Que ainda não foi abanada.

Quem vae pela tua rua
E te não vê, meu amor,
E' como quem vae ao ceu
E não vê Nosso Senhor.

Se passares pela rua,
Escarra e cospe no chão;
Que estou cosendo á candeia
Não sei se passas ou não.

Alegria não a tenho,
Tristeza commigo móra;
Em chegando á tua rua
Logo a tristeza vae fóra.

Esta musica foi recolhida em 1864, no Porto, mas deve ser mais antiga e de outra localidade talvez da Figueira.

Dança.— Os pares formam-se em duas filas, frente a frente, fazem *en avant*, e voltando as costas dão uma volta, e tornam ao seu logar. No estribilho, todos os pares, batendo as palmas, fazem *en avant*, e dão uma volta com o par vis-a-vis, (sempre batendo as palmas), e tornam ao seu logar. Este lundum dançava-se tambem em marcha pelas ruas.

A MARSELHEZA

CANTO NACIONAL FRANCEZ

Ás damas da colonia franceza em Portugal.

Lettra e musica de Rouget de l'Isle.

Marche energico

267

f *f* Al-lons, en - fants de la pa-

tri - - e, Le jour de gloi-re est ar-ri- vé; Con-tre

nous de la ty-ran- ni - - e; L'é-tan- dard san-glant est le-

vé; L'é-tan - dard san-glant est le- vé. En-ten-dez

Ped. *

vous dans les cam- pa - gnes Mu - - gir ces fé-ro - ces sol-

dats? Ils vien - nent jus-que dans vos bras E'-gor -

tremolo

ger vos fils, et vos com - - pa - - - gnes. Aux

REFRAIN

ff

ar - - - - - mes ci toy-

ens! For - mez vos ba tail lons! Mar -

Ped. * Ped. * Ped. *

chons! Mar - chons! Qu'un sang im -

pur a - breu - - - ve nos sil - lons! *ff*

𝄋

A MARSELHEZA

Allons, enfants de la patrie,
Le jour de glorie est arrivé!
Contre nous de la tyrannie
L'etandard sanglant est levé, *(bis)*
Entendez vous dans les campagnes
Mugir ces féroces soldats?
Ils viennent jusque dans nos bras
E'gorger vos fils, et vos compagnes!

Aux armes, citoyens! Formez vos bataillons!
Marchons! Marchons!
Qu'un sangue impur abreuve nos sillons!

Que veut cette horde d'esclaves,
De traitres, de rois conjurés?
Pour qui ces ignobles entraves?
Ces fers dés longtemps prèparés? *(bis)*
Français! pour nous, ah! quel outrage!
Quels transports il doit exciter!
C'est nous qu'on ose méditer
De rendre á l'antique esclavage!

Aux armes, citoyens, etc.

Quoi! des cohortes étrangères
Feraient la loi dans nos foyers!
Quoi! ces phalanges mercenaires
Terrasseraient nos fiers guerriers! *(bis)*
Grand Dieu! par des mains enchainées
Nos fronts sous le joug se ploiraient?
De vils despotes deviendraient
Les maîtres de nos destinées?

Aux armes, citoyens! etc.

Tremblez, tyrans! et vous, perfides,
L'opprobre de tous les partis!
Tremblez! vos projects parricides
Vont, enfin, recevoir leur prix! *(bis)*
Tout est soldat pour vous combattre.
S'ils tombent, nos jeunes héros,
La terre en produit de nouveaux
Contre vous tous prêts á se battre!

Aux armes, citoyens! etc.

Français, en guerriers magnanimes,
Portez ou retenez vos coups;
E'pargnez ces tristes victimes,
A' regret s'armant contre nous. *(bis)*
Mais ces despotes sanguinaires,
Mais ces complices de Bouillé,
Tous ces tigres qui, sans pitié,
Dèchirent le sein de leur mère!

Aux armes, citoyens! etc.

Amour sacré de la patrie,
Conduis, soutiens nos bras vengeurs!
Liberté, Liberté chérie,
Combats avec tes défenseurs! *(bis)*
Sous nos drapeaux que la victoire
Accoure á tes mâles accents!
Que tes ennemis expirants
Voient ton triomphe et notre gloire!

Aux armes, citoyens! etc.

Strophe des enfants

Nous entrerons dans la carrière
Quand nos ainés n'y seront plus;
Nous y trouverons leur poussière
Et la trace de leurs vertus. *(bis)*
Bien moins jaloux de leur survivre
Que de partager leur cercueil,
Nous aurons le sublime orgueil
De les venger ou de les suivre!

Aux armes, citoyens! etc.

Vamos, oh filhos da França,
Da gloria o dia chegou;
A bandeira da matança
A tyrannia arvorou:
Não ouvis, nos vossos prados,
Feros soldados bramar?
Junto a vos, correm irados
Mães e filhos degollar.

A's armas cidadãos! em batalhões formar!
Marchar! Marchar!
Que vá o sangue vil nas vallas trasbordar.

Que quer ess'horda d'escravos,
Falsos reis, tredos vilões?
Para nós farão, oh bravos,
Já d'ha tanto, os seus grilhões?
P'ra nós, francezes! Que affronta!
Que transporte! que rancor!
Para nós o crime aprompta
Priscos ferros em furor.

A's armas, etc.

Como! um bando de estrangeiros
Dar as leis em nosso lar!
Phalange de guerrilheiros
Nossos fortes derrotar!
Santo Deus! ao torpe jugo
Nossas frontes curvarão?
Dependentes d'um verdugo
Nossos destinos serão?

A's armas, etc.

Tremei reis, tremei falsarios,
Negro opprobrio dos mortaes!
Pagareis os sanguinarios,
Vis projectos infernaes:
Contra vós os nossos fortes,
Se perdem a vital luz,
Novas, armadas cohortes
Prestes a terra produz.

A's armas, etc.

Francezes! como soldados
Ide a morte fulminar:
Mas poupae aos que, obrigados,
Contra vós correm luctar:
Porém não aos assassinos,
Aos socios de Boullié,
Aos que devoram ferinos,
Suas mães, sem dó nem fé.

A's armas, etc.

Da patria, oh santa amisade,
Conduz hoje o vencedor,
Liberdade! Liberdade!
Defende o teu defensor!
Traze-lhe a doce victoria,
Que a tua voz faz nascer!
Teu triumpho, nossa gloria
Contemple o crime ao morrer.

A's armas, etc.

Estrophe dos meninos

Entraremos na carreira
Só depois de nossos paes:
Lá veremos sua poeira,
Os seus dotes immortaes:
Desejando a sua morte,
Desprezando este viver
Poderemos (doce sorte!)
Ou vingal-os ou morrer.

A's armas, etc.

HISTORIA DA MARSELHEZA

E' este *Canto nacional francez* o hymno universal da republica. Foi uma inspiração de momento de Rouget de l'Isle, official de engenheiros na guarnição de Strasburg em 1792. O titulo que lhe deu o author foi *Canto de guerra do exercito do Rheno*. A denominação de *Marselheza* proveio-lhe de ser um batalhão de Marselha o primeiro que entrou em Paris entoando esta canção patriotica.

Em 1793 a republica triumphante fez d'este canto o seu hymno de guerra.

Em Portugal, o povo, cujas ideias democraticas principiaram com o advento da França á aspiração da liberdade, recebeu este canto como um incitamento que tomou para si, fazendo-se varias traducções da lettra; foi preciso, muitas vezes, aos governos, suffocar pela força a expansibilidade d'este canto, temendo-o como faula que viesse atear um incendio na nossa politica interna.

Depois de 1870, quando a França, emancipada do interregno napoleonico, proclamava a sua soberania democratica, em Portugal principiaram a germinar de novo, mas agora, francamente, ao ar livre, as ideias avançadas; o canto nacional francez ecoou por todo o paiz, e, saudando uma nação amiga, alistava proselitos em um novo partido, suggestionado pelas glorias da França que se erguia mais orgulhosa que abatida sobre os escombros do throno do seu imperio.

A musica que apresentamos é puramente a que Rouget de l'Isle escreveu. As introducções e codas com que apparece em algumas edições são accrescentos apocryphos, assim como os innumeros *arranjos* e *desarranjos* de acompanhamentos.

A traducção da poesia é do fallecido dr. Alexandre Braga, porém o *refrein* tivemos de o substituir por não estar em metro, nem em euphonia musical.

A ultima estrophe, para meninos, não é de Rouget de l'Isle, mas do poeta Luiz Dubois, que a addiccionou tambem em 1792.

O fanatismo popular em França, despertado pela *Marselheza*, chegou a proporções extraordinarias: quando os francezes entraram na Saboya, proclamando a liberdade, sessenta mil pessoas que desceram das montanhas entoaram de joelhos a 6.ª estrophe, entre as acclamações da multidão.

As condições em que a *Marselheza* foi inspirada e as suas consequencias tem dado logar a que distinctos escriptores se tenham occupado d'este assumpto com interesse historico; d'elles transcrevemos os seguintes periodos:

Rouget de l'Isle nascera na Franche-Comté, em Lons-le-Saunier. Aos vinte annos completára os seus estudos, e estava feito official de engenharia. Além da sciencia, que lhe pozera nos hombros as dragonas de official, Rouget cultivava as musas: era bom poeta e bom musico. A sua agradavel presença, a sua jovialidade e o seu talento faziam-no estimado de todos. «Cabeça esquentada do Meio-dia», — como no norte da França se chama aos Provençaes, — foi dos primeiros a responder ao grito da patria, que convocava todos os seus filhos contra a colligação dos soberanos da Europa, declarada pela voz da Austria. As indomitas legiões de valentes, que, do extremo Sul da França correram ao extremo Norte, alistados e formados sob o nome de *Voluntarios do 93* já lá encontraram Rouget de l'Isle para os receber e encorporar-se-lhes. A joven França confluia toda ás margens do Rheno. Strasburg constituira-se o ninho de milhares de heroes e de martyres. Muitos ali receberam o baptismo, que devia fazer immortaes os seus nomes. Rouget de l'Isle teve a gloria de o ser, ainda antes de entrar em combate. Não foi a sua espada foi a sua penna que lhe alcançou a immortalidade.

Era a cidade de Strasburg ponto de reunião de impavidos e patrioticos voluntarios, que iam dizer a toda a terra: — Não mais escravidão! E' esta a suprema lei do universo. Ensina-a claramente a natureza: codificou-a o evangelho.

Estava-se a 24 d'abril de 1792. — O cidadão Dietrich, *maire* da famosa cidade de Strasburg convidára para um jantar em sua casa todos os officiaes dos corpos de voluntarios que chegavam ali de marcha para a campanha, e que deviam partir no dia seguinte. Com elles estavam tambem os seus camaradas da guarnição fraternisando e abraçando-se por despedida.

As jovens Dietrichen, e muitas outras donzellas e donas alsacianas abrilhantavam e alegravam o banquete.

O enthusiasmo lavra em todos os corações, enebria todas as almas.

Entre os convivas via-se um joven official de artilheria, cujo olhar de fogo denunciava um grande artista, ou um heroe.

Era Rouget de l'Isle.

No meio d'aquella commoção geral, em que ás graças e lagrimas femininas se alliavam, confundindo-se, os discursos e as saudes patrioticas, o *maire* Dietrich, mais commovido de que todos, e encarando o seu joven commensal, disse:

— Rouget de l'Isle, o senhor que é tão bom musico quanto poeta, escreva, componha alguma coisa que se cante e nos alegre na marcha.

Rouget de l'Isle não se fez rogar. Retirou-se para o seu quarto, pegou na sua rebeca (Lamartine diz que foi ao clavicinio) e, posto á secretária, foi compondo a musica, ao passo que escrevia os versos d'essa famosa inspiração que devia tornar immortal o seu nome.

Assim passou a noite.

O somno nem se quer lhe deslisou pelas palpebras.

Quando o sol se erguia estava composto esse canto sublime.

Eram dois astros que despontavam e se saudavam. Ambos escandecentes e universaes. Ambos derramando luz e liberdade.

No dia seguinte, — 25 d'abril — pelas sete horas e meia da manhã entrava Rouget de l'Isle no quartel de Marcelet, official do estado maior, que estivera presente ao festim da vespera com Rouget em casa de Dietrich, dizendo-lhe:

— «Aqui está. — Dietrich com a sua incitação não me deixou «pregar ôlho: levei toda a noite a esboçar esse canto de guerra e «a compor-lhe a musica. — Lê, e dize-me que tal o achas.»

Marcelet respondeu-lhe estreitando-o nos braços.

D'ali correu Rouget a casa de Dietrich, e apresentou-lhe a sua composição. Uma neta do *maire*, — filha do seu primogenito, porque, embora varios authores que escreveram a historia da Revolução Franceza o digam, o *maire* de Strasburg não teve senão filhos varões, — sentando-se ao piano, acompanhou o sublime canto. A impressão por elle causada foi magica! O velho patriota ria e chorava ao mesmo tempo. Sentia-se transportado, electrisado! N'aquella musica havia um que quer que fosse de divino, dizia elle; nas palavras, uma inspiração sobrenatural!

A seu pedido, Rouget teve de repetir muitas vezes o seu hymno, ao qual poz por titulo — *Canto do exercito do Rheno*. —

N'esse mesmo dia, 25 de abril, foi Rouget de l'Isle apresentar ao marechal Lukner a sua maravilhosa lucubração, executando-a na presença do marechal e do brilhante estado maior que o acompanhava.

Não foi menos profunda e enthusiastica a sensação produzida nos corações d'aquelles bravos athletas da liberdade, de que a já produzida na alma do velho *maire* Dietrich.

N'aquelles dias todos se sentiam enthusiasmados. Saturava-os a electricidade da gloria. E era de emancipação, de liberdade que esse divino canto fallava. Aquellas palavras eram centelhas; aquellas notas, correntes magneticas. Assim as grandes commoções trasbordavam, n'aquellas jovens almas.

No dia 29, na parada, foi o *Canto do exercito do Rheno* tocado pela guarda nacional pela primeira vez.

O effeito por elle produzido é indescriptivel!

A formosa, a opulenta cidade de Marselha, um dos mais antigos e patrioticos baluartes da independencia nacional, era o ponto para onde convergiam esses heroicos batalhões de voluntarios, para d'alli marcharem a Paris. Por toda a parte se cantava, se fraternisava, se banqueteava.

Foi n um d'esses banquetes civicos, a 25 de junho, que o cidadão Mirens entoou, pela primeira vez em Marselha, o canto guerreiro composto por Rouget de l'Isle. O seu effeito foi qual o de uma corrente magnetica. D'ali a poucas horas já toda a gente o cantava, e no dia seguinte, 26 de junho, apparecia publicado em todos os jornaes, recebendo cada voluntario, que marchava para Paris, um exemplar.

No dia 30 de junho entravam aquelles bravos em Paris, cantando em unisono o enthusiastico hymno, e foi entoando-o que no dia 10 de agosto assaltaram as Tuilherias. Aquellas palavras casadas com aquellas melodias obravam maravilhas! Era o canto da victoria! Nada lhe resistia! Paris, com toda a França, admirou-o e venerou-o; e, como tinham sido os voluntarios marselhezes que alli o levaram e popularisaram, rebaptisou-o com o titulo de *Canto dos Marselhezes*, e logo depois de *Marselheza*.

Aqui está como foi que o inspirado e famoso canto de guerra, composto pelo joven official de artilheria Rouget de l'Isle, sob o titulo — *Canto do exercito do Rheno* — impéra hoje universalmente com o nome de — *Marselheza*.

Alguns criticos teem controversado sobre o modo e circumstancias em que, e como, foi escripto. A mesma Allemanha intentou pretender-lhe a paternidade da musica, chegando até a affirmar que ella se encontrava no *Credo* da *Missa solemnis*, numero 4 de Haltzmann, — compositor que nunca existiu.

O certo é que hoje ninguem pode pôr em duvida que foi Rouget de l'Isle quem teve tão sublime inspiração, sem recurso nem concurso de inspirações extranhas. Elle mesmo o diz no prologo dos seus *Cincoenta Cantos*, que deu á estampa em 1860: «*escrevi* a musica e as palavras d'este hymno, em Strasburg, na «noite seguinte á declaração da guerra, por fins de abril de 1792»,

AVE MARIS STELLA

CANTICO SACRO

Á Ex.ma Snr.a D. Conceição d'Araujo Lima.

Moderato 𝄋 O piano 8a

268

A - ve ma - ris stel - la De - i ma - ter al - ma at que sem-per Vir - go Fe - lix cœ - li por - ta at que sem-per Vir - go Fe - lix cœ - li por - ta

𝄋 Final

A - - - - - - - - - - - - men.

Recolhido pelo Rev.mo Prior d'Almancil, Alexandre João do Nascimento.

Este cantico foi entoado por uma peregrinação belga em Nossa Senhora de Lourdes, e de lá o trouxeram alguns peregrinos portuguezes, sendo cantado a primeira vez em Portugal pelo povo, em S. Braz d'Alportel (Algarve) em 1886.

No canto é accentuada a ultima syllaba da primeira e ultima palavra de cada verso. O coro responde sempre á primeira estrophe e só depois da ultima é que canta *Amen*.

AVE MARIS STELLA

Ave maris stella,
Dei mater alma,
Atque semper Virgo,
Felix cœli porta.

CORO

Ave maris stella,
Dei mater alma,
Atque semper Virgo,
Felix cœli porta.

Sumens illuda Ave,
Gabrielis ore,
Funda nos in pace
Mutans Hevæ nomen.

Ave maris, etc.

Solve vincla regis,
Profer lumen cæcis,
Mala nostra pelle,
Bona cuncta posce.

Ave maris, etc.

Monstra te esse matrem,
Sumat per te preces,
Qui pro nobis natus,
Tulit esse tuus.

CORO

Ave maris stella,
Dei mater alma,
Atque semper Virgo,
Felix cœli porta.

Virgo singularis,
Inter omnes mitis,
Nos culpis solutos,
Mites fac et castos.

Ave maris, etc.

Vitam præsta puram,
Iter para tutum,
Ut videntes Jesum,
Semper collætemur.

Ave maris, etc.

Sit laus Deo Patri,
Summo Christo decus,
Spiritui Sancto,
Tribus honor unus.

Amen.

A traducção d'este cantico encontra-se paraphraseada na musica 248, a pagina 161, sob a inicial — *Ave refulgente estrella.*

AMOR FINGIDO

ARIA

Á Ex.ma Snr.a D. Laura das Dôres Magalhães. *Poesia da Marqueza d'Alorna.*

Andante

269

p

Ca - so d'a - mor tão fin - gi - do Que já fiz, ho - je não fa - - ço; Eu por ti já dei a vi - da, Ho je não dou nem um pas-so. Bas-ta, oh cru - el, já não pos - so Sof-frer da sor-te o ri - gor; Pois não vés que por ti pa - de - ço Lem-bran - ças do nos - so a - mor? Lem - - bran - ças Lem - - bran - ças Lem-bran - ças do nos - so a - mor

Esta aria de sala, foi muito apreciada no principio d'este seculo.

AMOR FINGIDO

Caso de amor tão fingido
Eu já fiz, hoje não faço;
Eu por ti já dei a vida,
Hoje não dou nem um passo.

Basta, oh cruel, já não posso
Soffrer da sorte o rigor;
Não vês que por ti padeço
Lembranças do nosso amor?

Se fazes gosto em deixar-me,
Ninguem te priva, oh cruel;
Mas ao menos saiba o mundo
Que te fui sempre fiel.

Basta, oh cruel, etc.

Um pensamento de morte,
Uma lembrança de amor,
Uma esperança perdida
Eis o que faz minha dôr.

Basta, oh cruel, já não posso
Soffrer da sorte o rigor;
Não vês que por ti padeço
Lembranças do nosso amor?

Vem, oh Lilia, vem chorosa,
Em meus braços reclinar-te;
Vem ouvir ternos queixumes,
Quero tudo relatar-te.

Basta, oh cruel, etc.

Vês, cruel, quanto padeço?
Vê tambem qual é meu fado;
Vê que na vida de amôres
Quem ama quer ser amado.

Basta, oh cruel, etc.

CHARAMBA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Emilia de Souza.

Allegretto

270

f

De-fron - te de mim e-

xis-te

To-da a glo-ria do meu

bem:

A quem a mi-nh'al-ma

ado-ra,

E o meu a mor tam-

bem.

O cantar á meia noite
E' um cantar excellente:
Accorda quem está dormindo,
Alegra quem está doente.

A viola sem a prima
E' como a filha sem pae:
Cada corda seu suspiro,
Cada suspiro seu ai.

Senhor mestre da viola,
Dizei se quereis ou não
Que eu cante uma cantiga
Ao toque da vossa mão.

Cante lá uma cantiga,
Deixe ouvir a sua voz;
Ou diga lá um segredo,
Que fique aqui entre nós.

Ai! quando eu aqui cheguei
Esqueceu-me a cortezia;
Agora, que estou cá dentro,
Viva toda a bizarria.

Cantae, menino, cantae,
Se não cantaes canto eu,
Eu não posso estar calada,
Foi dote que Deus me deu.

Esta dança é dos Açores; é a primeira dos bailes dos povos insulanos.
Dança.— Dois passos para a direita e dois para a esquerda girando para um ou outro lado e trocando pares.

S. MIGUEL

DANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Adelaide Ferreira da Silva.

Andantino

271

f

p Oh meu bem bal-las te pas-sem,

Do ceu te ve-nha o cas-ti-go,

se tu tens ou-tro a-mor,

Pa-ra que fal-las com-mi-go.

Esta noite ha de chover,
Chuva que derrama a salsa;
Tu dizes que tens amores,
Eu tambem não estou descalça.

Inda não tomei amores,
Nem tenção de os tomar;
Se um dia me resolver,
Estás em primeiro logar.

A pombinha vae voando,
Nas azas leva o descanço;
Assim são estes meus olhos
Em olhar p'ra os teus não cançam.

Rua abaixo, rua acima,
Toda a gente me quer bem;
Só a mãe do meu amor
Não sei que raiva me tem.

Fui á fonte dos amores,
Tornei pela dos cuidados;
Enchi o cantaro de rosas,
Fiz a rodilha de cravos.

Oh que lindo luar faz
Para irmos ás maçãs,
Na rua da formosura,
Onde estão as tres irmãs,

Esta dança açoriana fórma a continuação da *Charamba*.

COSINHEIRA DA'-ME AGUA

CHOREOGRAPHICA

À Ex.^{ma} Snr.^{a} D. Olinda Julia d'Oliveira.

Andante

272

p A- quel - la co - si - nhei - ra Que co - si-nha - va bem,
Dei - xou - se da co - si - nha E foi fal - lar ao seu bem.

o piano 8^{a}

Dá-me a - gua, dá - me a - gua Por um co - po de be - ber,
f Dá me cá es - ses teus bra - ços Que eu n'el - les que-ro mor- rer.

Aquella cosinheira,
Que cosinhava bem:
Deixou-se da cosinha
E foi fallar ao seu bem.

Dá-me agua, dá-me agua,
Por um copo de beber;
Dá-me cá esses teus braços,
Que eu n'elles quero morrer.

Aquella cosinheira
Que andava de balão
Deixou-se da cosinha
P'ra fallar ao João.

Aquella cosinheira,
Que andava de *jaquet:*
Deixou-se da cosinha
P'ra fallar ao José.

Aquella cosinheira,
Que ia pelo jardim:
Deixou-se da cosinha
P'ra fallar ao Joaquim.

Aquella cosinheira
A quem déste um annel:
Deixou-se da cosinha
P'ra fallar ao Manoel.

Recolhida em Chaves pelo Ex.^{mo} Snr. P. Ribeiro. Esta musica é antiga.

Dança.—Os pares formam roda de mãos dadas; no centro fica um cavalheiro ou dama que escolhe o seu par quando se canta o verso: —*Dá-me cá esses teus braços*—com quem dança até ao fim da quadra. A pessoa escolhida fica no centro quando se reconstitue a roda, até que por seu turno possa escolher par.

LÍLIA

ARIETA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria da Gloria Fernandes Mourão.

Andantino

273

N'a- quel-las al-tas mon-ta - nhas a - on- de Lí-lia nas- ceu: ah, vei - o ri-gor do in ver - no, a mi - nha Lí-lia mor- reu.

N'aquellas altas montanhas
Aonde Lilia nasceu:
Ah, veio o rigor do inverno,
A minha Lilia morreu.

Assim como as flores nascem
A minha Lilia nasceu:
Assim como as flores morrem
A minha Lilia morreu.

Do monte veio um pastor,
A' minha porta bateu:
Sòmente dar-me a noticia
Que a minha Lília morreu.

O ceu cobriu-se de nuvens,
A propria terra tremeu:
Ouvindo a triste noticia
Que a minha Lília morreu.

Oh morte que mataste Lília,
Mata-me a mim que sou teu,
Fere-me com o mesmo ferro
Com que minha Lília morreu.

Recolhida pelo Ex.mo Snr. Gonçalo Sampaio, na Povoa de Lanhoso. Esta arieta é muito antiga.

SAN MACAIO

BAILADO AÇORIANO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Victoria d'Almeida.

Allegretto

274

f

San Ma- cai-o, San Ma-cai-o, deu á cos - ta; San Ma - cai-o, San Ma-cai-o, deu á cos - ta, ai, deu á cos-ta nos bai-xos do Ma-ra - nhão, ai, deu á

To-da a gen-te, to-da a gen-te se sal - vou; To-da a gen-te, to-da a gen-te se sal - vou; ai, se sal - vou só o San Ma-cai - o não, ai, se sal -

8ª sempre

cos-ta, nos bai-xos do Ma-ra-nhão.
vou, só o San Ma-cai-o não.

f

San Macaio, San Macaio deu á costa,
Ai deu á costa,
Nos baixos da Urzelina;
Toda a gente, toda a gente se salvou,
Ai se salvou!
Só morreu uma menina.

San Macaio, San Macaio deu á costa,
Ai deu á costa,
La na ponta dos Monteiros;
Toda a gente, toda a gente se salvou,
Ai se salvou!
Morreram dois passageiros.

San Macaio, San Macaio deu á costa,
Ai deu á costa,
Na bahia da Feiteira;
Toda a gente, toda a gente se salvou,
Ai se salvou!
Só morreu uma feiticeira.

San Macaio, San Macaio deu á costa,
Ai deu á costa!
Nos baixos do Maranhão;
Toda a gente, toda a gente se salvou,
Ai se salvou!
Só o San Macaio não.

Macaio é provavelmente corrupção de *Macario*.
Esta dança é antiga nas ilhas dos Açores, e faz parte dos bailes populares insulanos. A dança é simplesmente de roda, com algumas voltas similhantes ás das chulas do continente.
A introducção ao canto é tocada por violas e a melodia da *coda*, depois do canto é feita pela flauta.

INVOCAÇÃO AO ESPIRITO SANTO

CANTICO SACRO

Á Ex.ma Snr.a D. Lucrecia Julia Ferreira da Silva Brito.

Musica do dr. J. M. de Padua.

275

Moderato

mf

CORO

f

Vem Es-pi - ri-to Crea- dor, vi - - si-ta as al-mas dos te - - - us, En - - che os pei-tos que cre - as - - - tes De gra - ça e go-so dos ce - - - us.

CANTO

Tu és nos-so Pa-ra - cle - - - to,

Dom de Deus es-pe-ci-al. Fon - - te vi-va, ca-ri-

da - de, Fo - - go, un-ção espi-ri-tu - al.

Vem, Espirito Creador,
Visita as almas dos teus;
Enche os peitos que creastes,
De graça e goso dos ceus.

Tu és nosso Paracleto,
Dom de Deus especial,
Fonte viva, caridade,
Fogo, uncção espiritual.

Tu setiforme em teus dons,
Dedo da dextra paterna,
Tu és promessa do Pae,
Rio d'eloquencia eterna.

Dá luz a nossos sentidos,
Gera amor nos corações;
Firma com perpetuo esforço
As enfermas compleições.

Lança longe o inimigo,
Dá prompto segura paz,
Tendo-te guia evitamos
Tudo quanto mal nos faz.

Por teu meio nos concede
Padre, Filho conheçamos,
E a ti, Espirito d'ambos
Em todo o tempo crêamos.

Gloria a Deus Padre se dê,
Gloria ao Filho que da morte
Resurgiu; e ao Paracleto
Sempre gloria d'egual sorte.

Este cantico, recolhido pelo Rev.mo Snr. P.e Alexandre do Nascimento, foi escripto para a devoção do Mez de Maria, em Olhão (Algarve), mas generalisou-se rapidamente.
A letra, traducção livre do hymno *Veni, Creator Spiritus*, é de auctor anonymo.

AMELIA

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Joanna Brou.

Moderato

276

Eu vi A - me - - lia no ar - vo - re - - do, tão pe - que - ni - - na não ti - nha me - - do. Vem tu com - mi - - go, A - me - lia, vem, se tu não a - - mas a mais nin - guem.

Eu vi Amelia
No arvoredo,
Tão pequenina,
Não tinha medo.

Oh, vem commigo,
Amelia, vem,
Se tu não amas
A mais ninguem.

Eu vi Amelia
No campo só:
Tão pequenina,
Mettia dó,

Oh, vem commigo, etc.

Eu vi Amelia,
La em Coimbra,
Tão pequenina
Era tão linda.

Oh, vem commigo, etc.

Eu vi Amelia,
La em Lisboa,
Tão pequenina
Era tão boa.

Oh, vem commigo, etc.

Eu vi Amelia,
La em Cascaes:
Tão pequenina
Já dava ais.

Oh, vem commigo, etc.

Eu vi Amelia,
Eu bem a vi,
Assentadinha
Ao pé de ti.

Oh, vem commigo, etc.

Eu vi Amelia
A beira mar,
Sem ter receio
De se molhar.

Oh, vem commigo, etc.

Eu vi Amelia,
La no jardim:
Era mais linda
Que um cherubim.

Oh, vem commigo, etc.

Esta canção, recolhida em 1879, é vulgarissima na Beira.

ADEUS, MINHA TERRA

CANTAROLA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Philomena de Faria e Vasconcellos.

Largo e lento

277

dolce

A - deus mi - nha ter-ra, a - de - us, a - deus, meu pae mi - nha mãi, A - deus mi - nha ter-ra, a - deus, a - deus meu pae mi - nha mãi, Que eu vou pa-ra ter-ra a - lhei-a, Pe - ça a Deus que me dê bem. Que eu vou pa-ra ter - ra a - lhei-a, Pe - ça a Deus que me dê bem.

Adeus, minha terra, adeus;
Adeus, meu pae, minha mãe,
Que eu vou para terra alheia,
Peça a Deus que me dê bem.

Não quero nada do adro
Senão uma sepultura
Para enterrar os meus olhos
Fechados para a ventura.

Oh alto pinheiro verde
Aonde foste nascer?
Aonde não ha saudade
Tambem não ha bem querer.

Não sou pedra valadia,
Nem parede mal assente;
Aonde puzer meus olhos
Hei-de pol-os para sempre.

Fugiu-me a minha pombinha,
Já não tenho portador,
Ja não tenho quem me leve
Uma carta ao meu amor.

Não sei que sinto no peito,
Não sei se é magua se é dor;
A não ser o que presumo,
Não sei o que seja amor.

Recolhida pelo Ex.mo Snr. Dr. M. M. Castro Corte Real.

Esta musica é vulgar na beira-mar, nas praias desde Estarreja a Ovar, e no Minho, onde tem differentes denominações conforme a lettra que lhe addiccionam. Canta o primeiro verso uma voz, em seguida entram todas, fazendo uma, a mais vibrante, a terceira superior.

HYMNO DOS CAMPOS

Á Ex.ma Snr.a D. Anna Florinda Cardoso Franchini.

Lettra do Visconde de Castilho.
Musica de Joaquim Casimiro.

278

Maestoso

f

con 8a

con 8a

SOLO

p Can-tae pas - sa- ri - nhos, can-tae ar - vo - re - dos, can-tae fres - cas fon - tes, can-tae vi - ra- ções, Can-tae ceus e ter - ra, can-tae os se - gre - dos da vi - da ine -

HYMNO DOS CAMPOS

Cantae, passarinhos, cantae arvoredos,
Cantae, frescas fontes, cantae, virações,
Cantae ceus e terra, cantae os segredos
Da vida ineffavel que anima as soidões.

D'espigas e palmas c'roemos a enxada,
Morgado e não pena dos filhos de Adão;
Mais velha que os sceptros, mais util que a espada,
Thesouro é só ella, só ella é brazão.

Romper tenta o sabio do mundo a cortina,
Ao bello dá culto, o artista, o pintor:
O obreiro transforma, o astuto domina,
Mas o homem do campo só é creador.

D'espigas, etc.

Da terra sahimos, á terra volvemos,
A terra nos veste, nos traz, nos mantem,
Quem mais do que a terra merece os extremos
Que obtem dos bons filhos a próvida mãe.

D'espigas, etc.

Quem nutre as cidades, as frotas, armadas,
Quem serve, ás mil artes, banquete real?
A mãe do commercio; varinha das fadas,
A fada incançavel, a industria rural.

D'espigas, etc.

Virtudes á patria! Virtudes ao povo!
Virtudes aos chefes que ditam as leis;
Já foi sceptro a enxada que o seja de novo
Diniz lá da campa que a amostre aos reis.

D'espigas, etc.

Este hymno parece que fôra escripto para um certamen agricola, mas tinha o fim de ser adoptado nas escolas, em que o illustre poeta tentou introduzir o canto coral, recorrendo á collaboração de compositores distinctos.

APERTA, AMOR

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Mary Assumpção de Faria e Vasconcellos.

279

p O - ra a - per - ta, a - - - mor, a - per - ta, A - per - ta a mi - - - nha cin - tu - ra: Que es - te nos - so bem que - rer, só tem fim na se - pul - tu - ra.

D. C.

O raminho que te dei
Com quatro castas de flores,
Todas quatro significam
Parte dos nossos amores:

Ora aperta, amor, aperta,
Aperta a minha cintura;
Que este nosso bem querer
Só tem fim na sepultura.

O branco que elle levava
Significa virgindade,
Quando me fallam no ramo,
Ainda tenho saudade.

Ora aperta, etc.

O azul que elle levava
Significa os ciumes:
Se tu de mim queixas levas
Eu de ti levo queixumes.

Ora aperta, etc.

O roxo que elle levava
Significa sentimento;
Eu já sinto no meu peito
A dôr do apartamento.

Ora aperta, etc.

O verde que elle levava
Quer dizer firme esperança;
Já tenho ouvido affirmar:
Quem espera sempre alcança.

Ora aperta, etc.

Aqui tens este raminho,
Que no matto apanhei,
Ainda vem orvalhado
Das lagrimas que eu chorei.

Ora aperta, etc.

Aqui tens este raminho,
Que no meio leva hera:
Nunca acharás outro amor
Tão leal como te eu era.

Ora aperta, etc.

Fui ao jardim ás flores,
Apanhei quantas havia:
Só me faltou um suspiro
Que por ti dei algum dia.

Ora aperta, etc.

Recolhida em Villa Flor, em 1893, por F. P. Nogueira.

Dança.—Canta-se primeiro uma quadra, durante a qual se dança em grande roda; repete-se depois a mesma musica com o estribilho. Quando cantam *ora aperta, amor, aperta,* largam as mãos, virando-se cada um para o seu par, fazendo menção de se abraçarem; depois voltando-se cada um para o par immediato, cantando: *aperta a minha cintura,* executam o que dizem. O resto do estribilho dança-se em passo de valsa vagaroso.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA VI

Á Ex.ma Snr.a D. Mary Clara de Faria e Vasconcellos.

Poesia de Thomaz Antonio Gonzaga.
Lyra XI, Parte II.

Andante moderato

280

A es-tas ho - - ras eu pro-cu ra - - va os meus a - mo - res; ti - - nham-me in- ve - ja os mais pas - to - res.

D. C.

A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos bellos,
Sem flôr, nem fita
Nos seus cabellos.

Ah! Que assim mesmo
Sem compostura,
E' mais formosa,
Que a estrella d'alva,
Que a fresca rosa.

Mal eu a via,
Um ar mais leve,
(Que dôce effeito!)
Já respirava
Meu terno peito.

Do cerco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquella ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio, e fonte,
No prado, e selva,
Agua mais clara,
Mais branda relva.

No collo a punha;
Então brincando
A mim a unia;
Mil cousas ternas
Aqui dizia.

Marilia vendo,
Que eu só com ella
E' que fallava;
Ria-se a furto,
E disfarçava.

D'esta maneira
Nos castos peitos,
De dia em dia,
A nossa chamma
Mais se accendia.

Ah! Quantas vezes
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas rócas,
Em que fiava!

Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho.

Na quente sésta,
D'ella defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ella por dar-me
De ouvir o gosto,
Mais se chegava;
Então vaidoso
Assim cantava:

«Não ha pastora,
Que chegar possa
A' minha bella,
Nem quem me eguale
Tambem na estrella:

Se amor concede
Que eu me recline
No branco peito,
Eu não invejo
De Jove o leito:

Ornam seu peito
As sãs virtudes,
Que nos namoram;
No seu semblante
As graças moram.»

Assim vivia:
Hoje em suspiros
O canto mudo:
Assim, Marilia,
Se acaba tudo.

Continuado de pag. 78

GUALDIR E GUALDAR

JOGO INFANTIL

Á Ex.ma Snr.a D. Noemia Olympia Nogueira.

281

Andante SOLO

p Ma-ri-qui-tas, mui bel-la mo-ci-ta, sois tão bo-ni-ti-ta, quer us-ted bai-lar? CORO Gual-dir, e gual-dar. SOLO U-ma vol-ta que da-re-is vós, por a-mor de Di-os, se a qui-ze-reis dar. CORO Gual-dir, e gual-dar.

Ou-tra vol-ta pe-los por-tu-gue-zes, que são mui cor-te-zes, e sa-bem bai-lar; Gual-dir, e gual-dar. Ou-tra vol-ta pe-los hes-pa-nhoes, que são mui he-roes, e sa-bem bai-lar. Gual-dir, e gual-dar.

SOLO Pas-sa-reis ao meu lo-gar. CORO Não ha mór pra-zer do que o de bai-lar. D. C.

Mariquitas,
Mui bella mocita,
Sois tão bonitita
Quer usted bailar?
Gualdir e gualdar.

Uma volta
Que dareis vós,
Por amor de Diós,
Se a quizereis dar.
Gualdir e gualdar.

Outra volta
Pelos portuguezes,
Que são mui cortezes,
E sabem bailar.
Gualdir e gualdar.

Outra volta
Pelos hespanhoes,
Que são mui heroes,
E sabem bailar.
Gualdir e gualdar.

Passareis ao meu logar;
Não ha mór prazer
Do que o de bailar.

Este jogo infantil deve ser antiquissimo; como se deprehende da linguagem mixta da poesia portugueza e hespanhola, do antigo verbo gualdir e egualmente da musica, monotona e caracteristicamente iberica. Ha muitas variantes.

Dança.—Formam-se as creanças em grande roda, que gira, e fica uma no centro, que canta a solo, dirigindo-se a uma das meninas da roda, tirando-a para par quando o *coro*, em que todas cantam, diz: *Gualdir e Gualdar;* e dança com ella, dando repetidas voltas, como dizem os versos. No fim a que estava no meio vae para a roda e a que foi tirada fica no logar d'ella. E recomeça o jogo, até que todas tenham ido ao meio.

HYMNO POPULAR A PIO IX

Ás piedosas Filhas de Maria.

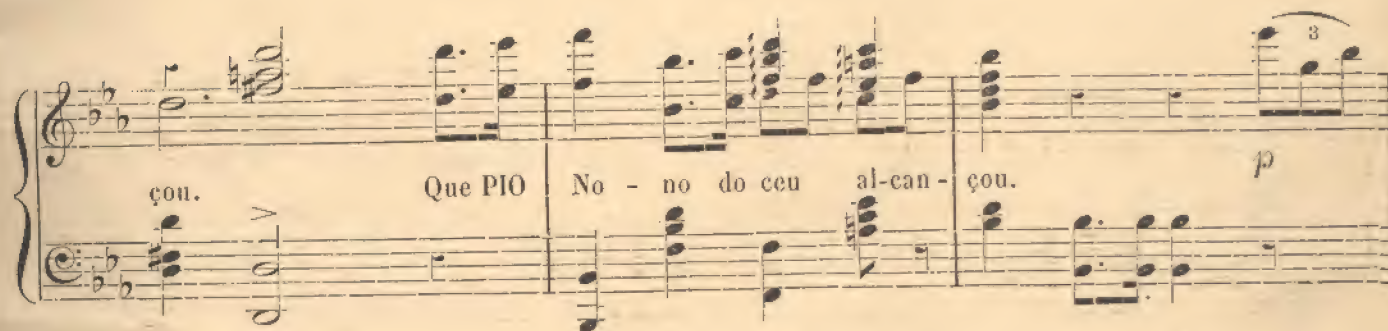
Lettra franceza de Paul Shmith.
Musica de Magazzari.

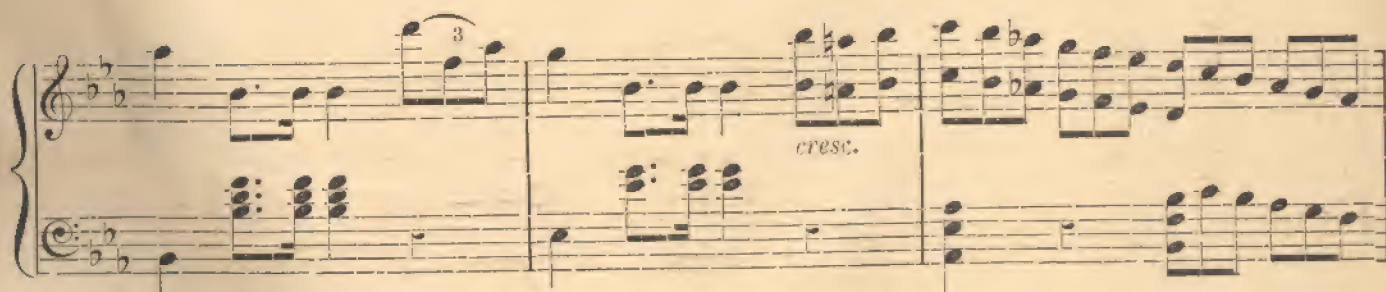
Movimento de marcha

282

ff

CORO A UNISONO — O piano 8ª

p

De f'liz tem - po a au-ro - ra bri-lhan - te, Eis sor-ri no ho - ri-son - te de Ro - ma, E nos mos - tra a sa-gra - da ban-dei - ra, Que o Vi-ga - rio de Chris-to ex - al - tou. Ex - ul - tae, oh Chris-tãos, d'a - le-

f

cresc.

ff

con 8ª

de-mos o so - lio de PI - O. El - le rei - na de to - dos no

f *cresc.*

loco

pei - to, E d'a - mor di - vo sce-ptro em-pu - nhou. Bem di -

8ª 8ª

to - so quem tem fé in - tei - - - ra! Quem dis - ser: No E-ter - no con -

8ª

fi - o, Bem di - to - so quem crê na ban - dei - - - ra, Que o Vi -

f *ff*

8ª

ga - rio de Chris - to ex - al - tou. Bem di - to - so quem crê na ban-

HYMNO DE PIO IX

FRANCEZ

D'un beau jour l'aube enfin nous éclaire,
Et déjà voyez vous Rome entière,
Se ranger sous la sainte bannière,
Que releve un élu du Seigneur.
Accourrez, amis que l'on s'empresse
A' chanter les hymnes d'allégresse,
Célébrons les vertus, la sagesse
De ce grand et sublime Pasteur.

Pleins d'espoir en la paix qu'il nous donne,
Serrons nous à l'ombre de son trone,
Sur son front la magesté rayonne:
La clémence habite dans son cœur.
Gloire à Dieu dont toute puissante
A toujours embrassé la défense
De qui met en lui sa confiance.
Gloire, gloire à l'élu du Seigneur!

Vive, vive l'elu du Seigneur
Vive notre grand Pasteur.

ITALIANO

Del nuov'anno gia l'alba primiera
Di Quirino la stirpe ridesta,
E l'invita alla santa bandiera
Che il Vicario de Christo innalzó.
Esultate, fratelli, accorrete;
Nuova gioja a noi tutti s'appresta:
All'Eterno preghiera porgete
Per quel Grande che pace donò.

Su rompete le vane dimóre,
Tutti al trono accorrete di PIO:
Di ciascuno Egli regna nel cuore,
Ei d'amore lo scetro impugnó.
Benedetto chi mai non dispera
Dell'aita suprema di DIO;
Benedetta la santa bandiera
Che il Vicario di Christo innalzò

Benedetta la santa bandiera
Che il Vicario de Christo levó.
Viva PIO, viva.

PORTUGUEZ

De feliz tempo a aurora brilhante
Eis sorri no horisonte de Roma,
E nos mostra a sagrada bandeira
Que o Vigario de Christo exaltou.
Exultae, ó christãos, d'alegria,
Que brilhante p'ra todos assoma,
D'onde Deus d'aurea paz almo dia
Que PIO Nono do ceo alcançou.

Confiança, valor e respeito
Circumdemos o solio de PIO.
Elle reina de todos no peito
E d'amor divo sceptro empunhou.
Bem ditoso quem tem fé inteira!
Quem disser: No Eterno confio;
Bem ditoso quem crê na bandeira
Que o Vigario de Christo exaltou.

Viva PIO o Grande Pastor!

ALLEMÃO

Roma's Volk, sieh ein Frühroth erglänzen,
Als den Vorboten licht voller Tage!
Auf! die heilige Fahne zu kränzen,
Welche PIUS der Hehre erhob!
Reine Lust soll die Länder all durchbeben;
Friedens glück hat der Herruns gegeben;
Auf zu Ihm lasst den Blick uns erheben;
Laut ertöne des Ewigen Lob!

Fort der Zwietracht umdüsterndes Grauen!
Auf den Freund lasst, den Vater uns schauen!
Jedes Herz fliegt Ihm zu voll Vertrauen;
Denn die Liebe ist PIUS'Herrscherstab!
Heil dem Manne, der nimmer verzaget,
Der mit Gott selbst das Segenswerk waget!
Heil der Fahne, die siegreich nun raget,
Die kein Feind, keine Macht reisst herab!

PIUS lebe, er lebehoch!

Pio IX teve varios hymnos, porém o presente foi o que se popularisou por todo o orbe catholico, sendo cantado em varias linguas, das quaes apresentamos quatro com que foi cantada em alguns collegios em Portugal. Este hymno, que na sua essencia era a manifestação de respeito e sympathia pelo chefe da Egreja, tornou-se politico, servindo tambem como brado de protesto ultramontanista contra os liberaes e dos partidarios do poder temporal do Papa contra os unificadores da Italia.

DA'-ME UM SORRISO

CANÇÃO

À Ex.ma Snr.a D. Aurora dos Santos Lima.

Andante

283

p

Diz-me, oh bel-la, se me a----mas, es-cu-ta com at-ten-ção:

Dá-me um ri-so de teus la-----bios, con-so-la meu co-ra-ção.

Diz-me, oh bella, se me amas,
Escuta com attenção,
Dá-me um riso de teus labios,
Consola meu coração.

Se teu affecto é voluvel,
Porque me illudes em vão?
Pede a teu anjo um punhal
E me crava o coração.

Ah! Como sou infeliz,
Amar e não ser amado!
Ser pelo anjo que adoro
Pouco a pouco desprezado!

Prudencia, tu és a mãe
D'um infeliz como eu;
Já gosei horas felizes,
Meu coração já bateu.

Esta canção é brazileira, mas está muito vulgarisada em Portugal. Recolhida em 1870.

ATIRA, TYRANNA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Augusta de Vasconcellos.

Andantino

284

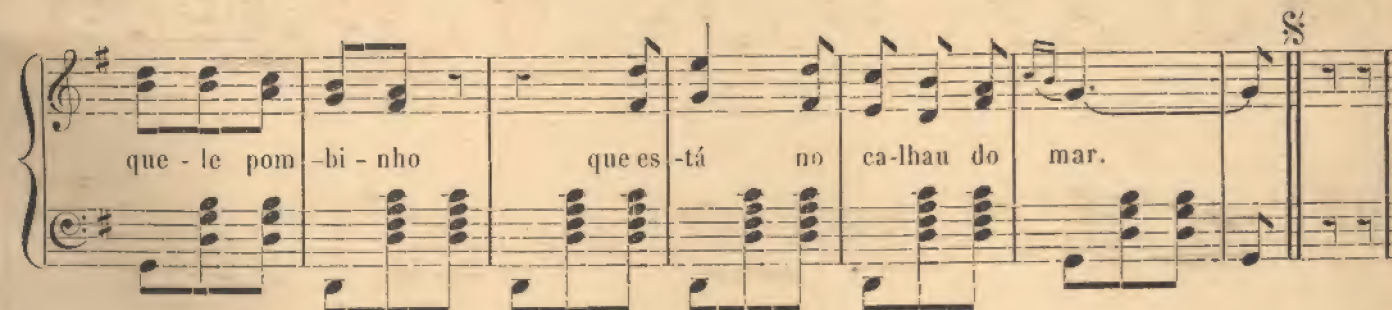
f

p Ty-ran - na, a - ti - - - ra,

ty-ran-na, a-ti-ra, ty-ran-na, a-ti-ra, ty-ran-na,

a-ca-ba já de a-ti-rar, ai! de a-ti-

rar. ai, de a-ti-rar, Ma-ta-me a-

que-le pom-bi-nho que es-tá no ca-lhau do mar.

Tyranna, atira, tyranna,
Acaba já de atirar:
Mata-me aquelle pombinho
Que está no calhau do mar.

Tyranna, atira, tyranna,
Tyranna, olé, olé,
Casar com mulher sem dote
E' remar contra a maré.

Tyranna, atira, tyranna,
Tyranna, vem ver, vem ver,
E verás como se morre,
Sem se acabar de morrer.

Tyranna, atira, tyranna,
Vem a mim tira-me a vida:
A prenda que eu mais amava
Já de mim foi suspendida!

Dança.—Esta dança açoriana fórma a quarta marca dos antigos bailados insulanos. E' em grande roda, virando se uns para os outros.

OH QUITUM

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Bernardina Augusta Alves Coelho.

Andante

285

p Se - - nhor Fran ci-sco Ban-dar-ra, fi-ta ver - de no cha-peu, *f* oh qui - tum, vae vae oh qui - tum, meu bem.

Quan - - do pas-sei - a na ru - a pa - re - ce um an - - jo do ceu: *f* Oh qui - tum, vae vae, oh qui- tum meu bem.

Senhor Francisco Bandarra,
Empreste-me a sua burra:
Oh quitum, vae, vae,
Oh quitum, meu bem.

Que eu quero dar um passeio,
Esta vida não se atura.
Oh quitum, vae, vae,
Oh quitum, meu bem.

Senhor Francisco Bandarra,
Empreste-me o seu lampeão:
Não quero andar ás escuras,
Tenho medo do papão.

Senhor Francisco Bandarra,
Deite-me aqui um tacão:
Deite-m'o bem deitadinho,
Que o dinheiro está na mão.

Este lundum é hoje mais em voga como cantiga das ruas do que como dança. Já era conhecido no principio d'este seculo.

AI QUE RISO ME DA'

LUNDUM

Á Ex.ma Snr.a D. Deolinda de Castro Magalhães.

Andantino

286

Man- dei fa-zer um ves - ti - do, das pen - nas do sa-bi- á Man-

dei fa-zer um ves -ti - do, das pen - nas do sa-bi- á, Pa- ra man-dar de pre-

sen - te á mi - nha -aman-te Si -nhá. *rall.* Ai que *a tempo* ri - so, que ri -so, me dá, *rall.* la-drão

a tempo si-nho da mi-nha Si -nhá, gos-to de ti, oh la-drão dá cá, dá cá, oh la-drão dá cá:

Mandei fazer um vestido,
Das pennas do sabiá,
Para mandar de presente
A' minha amante Sinhá.

Ai que riso me dá,
Ladrãosinho da minha Sinhá;
Gosto de ti,
Oh ladrão dá cá.

Sobrancelhas de retroz,
Olhos de viva alegria,
Vê o pago que tu deste
A quem tanto te queria.

A'lerta, pombinha branca,
Que anda caçador na terra,
Com espingarda de ouro,
Onde faz ponto não erra.

Recolhida em Chaves em 1893 pelo Ex.mo Snr. P. Ribeiro. Esta musica é mais antiga e parece ter vindo do Brasil.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA VII

Á Ex.ma Snr.a D. Silvina de Castro Magalhães.

Poesia de Thomaz Antonio Gonzaga.
Lyra XIII, Parte II.

Andante gracioso

287

Ar - de o ve-lho bar- ril, ar-de a ca- be-ça, (1) Em hon - ra de Jo-

ão na lar - ga ru a. O cre - du-lo mor- tal a-go - ra in -da-ga

Qual se - ja a sor - - - - - - te su - - - - - a.

Eu não tenho alcachofra, que á luz chegue,
E n'ella orvalhe o céu de madrugada,
Para ver se rebentam novas folhas
Aonde foi queimada.

Tambem não tenho um ovo, que despeje
Dentro d'um copo d'agua, e possa n'ella
Fingir palacios grandes, altas torres,
E uma náu á véla.

Mas ah! Eu bem me lembro; eu tenho ouvido
Que na bôcca um bochecho de agua tome,
E atraz de qualquer porta attento esteja,
Até ouvir um nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, é esse
O nome que ha de ter a minha amada:
Póde verdade ser; se fôr mentira,
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar, e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena:
Despejo logo a bôcca: ah! não sei como
Não morro ali de pena!

Apparece Cupido: então, soltando
Em ar de zombaria uma risada:
«E que tal, me pergunta, esteve a peça?
Não foi tão bem pregada?

Eu já te disse, que Marilia é tua:
Tu fazes do meu dito tanta conta,
Que vaes acreditar o que te ensina
Velha mulher ja tonta.»

Humilde lhe respondo: «Quem debaixo
Do açoite da fortuna afflicto geme,
Nas mesmas cousas, que só são brinquedos,
Se agouram males, teme.»

Continuado de pag. 116.

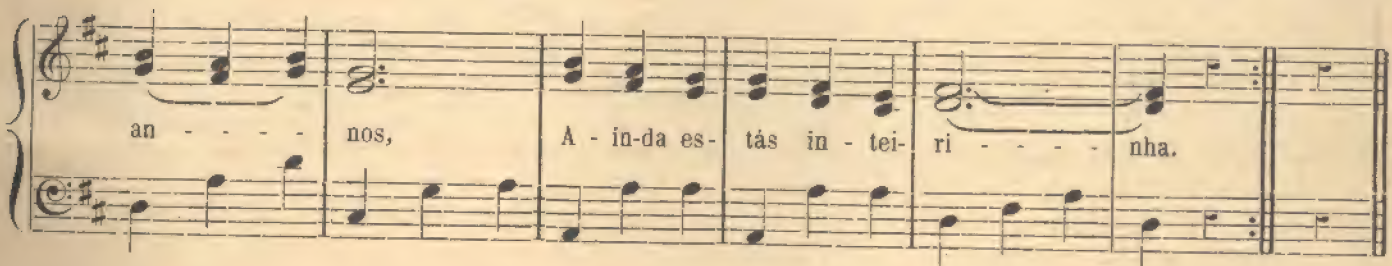
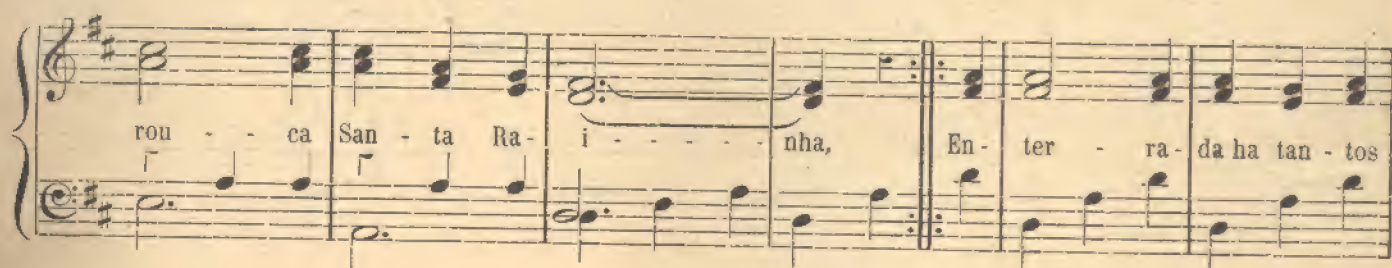
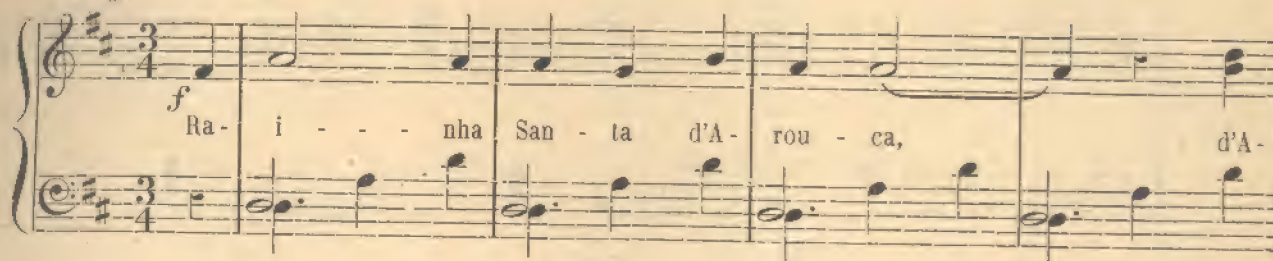
(1) *Cabeça de breu:* mólho de cordas embreadas para servir de fogacho na extremidade d'um pau, muito usado antigamente em Lisboa nas festas populares de Santo Antonio, S. João e S. Pedro.

SANTA MAFALDA

CORO DE ROMEIRAS

Á Ex.ma Snr.a D. Beatriz Augusta Fernandes das Neves.

Largo

288

Ra- i - - - - nha San - ta d'A - rou - ca, d'A - rou - - ca San - ta Ra - i - - - - - nha, En - ter - ra - da ha tan - tos an - - - - nos, A - in-da es - tás in - tei- ri - - - - nha.

Rainha Santa d'Arouca,
D'Arouca Santa Rainha:
Enterrada ha tantos annos,
Ainda estás inteirinha!

Rainha Santa d'Arouca,
Pequenina e tão airosa:
Quem é que vem de tão longe,
Para ver a linda rosa?

Rainha Santa d'Arouca,
Da côr da maçã madura:
Quem é que vem de tão longe,
P'ra ver tua formosura?

Oh meu Senhor d'Agonia,
Vinde abaixo dar-me a mão;
Eu sou romeirinha nova,
Canço do meu coração.

Recolhida em S. Pedro do Sul, em 1895, pelo Ex.mo Snr. Conde de Sabugosa.

A PORTUGUEZA

HYMNO NACIONAL PORTUGUEZ

Ás damas da colonia Portugueza no Brazil.

Letra de H. LOPES DE MENDONÇA.
Musica de A. KEIL.

Marcial

289

ff

Ped. * Ped. * Ped. * Ped. * Ped. *

p

He-roes do mar no - - - bre po - - - vo, Na-ção va-

Ped. *

len - - - - te, im - mor- tal, le - van- tae ho - - je de

Ped.

no - - - - vo O es - plen- dor de Por - tu- gal.

p

3

En - tre as bru - mas da me-mo - ria, Oh pa - - tria sen - te - se a

A PORTUGUEZA

Heroes do mar, nobre povo,
Nação valente, immortal,
Levantae hoje de novo
O explendor de Portugal!
Entre as brumas da memoria,
Oh patria, sente-se a voz
Dos teus egregios avós,
Que ha de guiar-te á victoria!

Ás armas! sobre a terra, sobre o mar,
Pela patria luctar!
Contra os canhões marchar!

Desfralda a invicta bandeira
Á luz viva do teu ceu!
Brade a Europa á terra inteira:
Portugal não pereceu!
Beija o solo teu jucundo
O Oceano a rugir d'amor;
E o teu braço vencedor
Deu mundos novos ao mundo!

Ás armas, etc.

Saudae o sol que desponta
Sobre um ridente porvir;
Seja o ecco d'uma affronta
O signal do resurgir.
Raios d'essa aurora forte
São como beijos de mãe,
Que nos guardam, nos sustem,
Contra as injurias da sorte.

Ás armas, etc.

XIRO, XIRO

CHAMARRITA

A' Ex.ma Snr.a D. Laura de Mattos.

Andante

290

Man-dei fa - zer al - tas tor-res, o - lé, xi - ro, xi - ro, No re- ti - ro on-de mo - ro: E vi-va o mi- né, to-que o chi-ri- né, xi - ro, xiro, tri-lo- lé, Quan-do eu te - nho sau- da-des, o - lé, xi - ro, xi-ro, Quan-do eu te-nho sau- da-des, o - lé, xi - ro, xi-ro, Vou pa- ra o re - ti - ro e cho-ro. E vi-va o mi- né, to-que o chi-ri- né, xi-ro, xi-ro, tri-lo- lé.

con 8a

D. C.

Mandei fazer altas torres,
Olé, xiro, xiro,
No retiro onde moro:
E viva ominé
Toque o chiriné
Xiro, xiro, trilolé.
Quando eu tenho saudades,
Olé, xiro, xiro,
Vou para o retiro, choro.
E viva ominé
Toque o chiriné
Xiro, xiro, trilolé.

Quem me dera ser a franja
Que tu tens no teu vental;
Quem me dera ser a rosa
Que tu colhes no quintal.

Quem me dera ser as contas
D'esse teu lindo collar,
Para dormir em teu seio
E nunca mais accordar.

Toda esta noite sonhei
Que te tinha nos meus braços,
Oh que bello braçadinho
Se os sonhos não fossem falsos.

Quem quizer tomar amores,
Sem ninguem o suspeitar:
Se passar não se ha de rir,
Se se rir não ha de olhar.

Chamarrita é uma classe de danças populares das ilhas dos Açores.

Dança. — Os pares em grande roda, ou *á bicha*, vão cantando e gesticulando, a proposito dos versos que dizem; ao chegarem ao *xiro, xiro*, dão voltas, com os braços levantados; ao dizerem *E viva ominé* levantam os braços; ao dizerem *toque o chiriné* imitam o toque d'instrumentos; ao *xiro, xiro*, dão voltas e ao *trilolé* batem tres castanholas com os dedos erguidos.

A DONZELLA

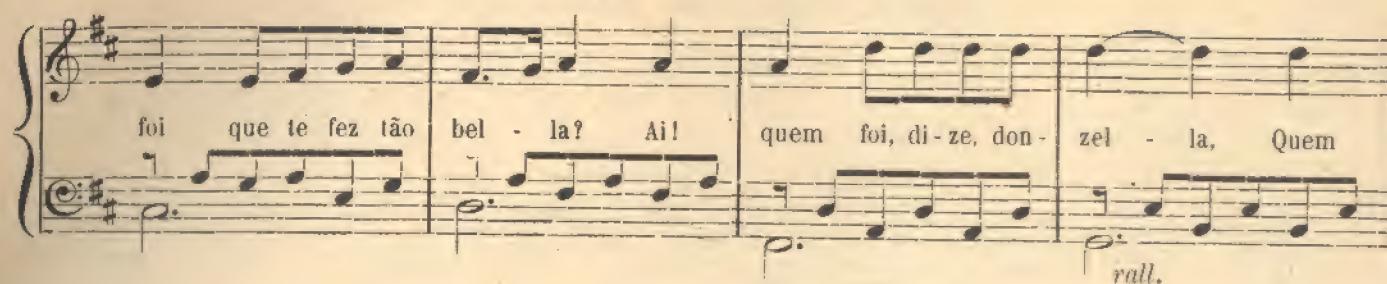
CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Albertina Nazareth Garcia.

Andante

291

dolce *p*

Quem cre - ou, ter-na dei- da - de, o ceu d'es-se a-zul, sem fim? Quem cre - ou, ter-na dei- da - de, o ceu d'es-se a-zul, sem fim? Quem cre - ou a im-men-si- da - de? Quem te fez tão bel-la as- sim? Quem cre - ou a im-men-si- da - de? Quem te fez tão bel-la as- sim? Ai quem foi, di - ze, don- zel - la, Quem

foi que te fez tão bel - la? Ai! quem foi, di - ze, don - zel - la, Quem

rall.

D. C.

foi que te fez tão bel - la?

a tempo

Quem creou, terna deidade,
O ceu — d'esse azul sem fim;
Quem creou a immensidade,
Quem te fez tão bella assim?
    Ai, quem foi, dize, donzella,
    Quem foi que te fez tão bella?

Quem creou a lua, os ares,
O mar, estrellas e sol;
As tintas que tingem os mares
Ao assomar do arrebol?
    Ai, quem foi, dize, donzella,
    Quem foi que te fez tão bella?

Quem creou tantos peixinhos
No mar ou rio, a saltar?
Esse leves passarinhos
Co'as azas fendendo o ar?
    Ai, quem foi, dize, donzella,
    Quem foi que te fez tão bella?

Quem fez o pégo profundo,
Quem foi que a terra creou;
Quem do nada fez o mundo,
Quem tantas cousas formou?
    Ai, quem foi, dize, donzella,
    Quem foi que te fez tão bella?

Quem formou as maravilhas
Vistas na terra e nos ceus;
Quem deu perfume ás baunilhas,
Quem fez tudo isso? — Foi Deus!
    — Ai, foi Elle, sim, donzella,
    Foi Deus quem te fez tão bella!

Recolhida pelo Rev.^mo^ Padre Alexandre José do Nascimento, Prior d'Almancil (Algarve). Esta canção é brazileira.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA VIII

Poesia de Thomaz Antonio Gonzaga.
Lyra XIV, *Parte* II.

Á Ex.ma Snr.a D. Amelina Camarinha S. Fernandes.

Andante

292

Ah! Ma - ri - lia, que tor- men - to não tens

de sen - tir sau- do - sa! Não po- dem ver os teus o - lhos a cam -

pi - na de - lei- to - sa, Nem a tu - - a mes-ma al- dei - a, Que ty-

ran - nos não pro - po - nham A in- da in - qui-e-ta i- dei - a U-ma i-

ma - gem de af - fli - cção.

Adagio em recitativo

Man - da-ràs aos sur - - - - dos

1.° tempo

deu - ses Novos sus - pi - ros em vão, no - vos sus - pi - ros em

vão, no - vos sus - pi - ros em vão.

D. C.

Ah Marilia, que tormento
Não tens de sentir saudosa!
Não podem ver os teus olhos
A campina deleitosa,
Nem a tua mesma aldeia,
Que tyrannos não proponham
A' inda inquieta ideia
Uma imagem de afflicção.
    Mandarás aos surdos deuses
    Novos suspiros em vão.

Quando levares, Marilia,
Teu ledo rebanho ao prado,
Tu dirás: aqui trazia
Dirceu tambem o seu gado.
Verás os sitios ditosos
Onde, Marilia, te dava
Doces beijos amorosos
Nos dedos da branca mão.
    Mandarás aos surdos deuses
    Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires,
Sem quereres, descuidada,
Tu verás, Marilia, a minha,
A minha pobre morada.
Tu dirás então comtigo:
«Alli Dirceu esperava
Para me levar comsigo:
E alli soffreu a prizão».
    Mandarás aos surdos deuses
    Novos suspiros em vão.

Quando vires egualmente
Do caro Glauceste a choça,
Onde alegre se juntavam
Os poucos da escolha nossa.
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás de mágoa cheia:
«Todo o congresso alli anda,
Só o meu amado não».
    Mandarás aos surdos deuses
    Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com elle
Caminhar emparelhado,
Tu dirás: «Não foi tyranna
Sómente comigo a sorte;
Tambem cortou deshumana
A mais fiel união».
    Mandarás aos surdos deuses
    Novos suspiros em vão.

N'uma masmorra mettido,
Eu não vejo imagens d'estas,
Imagens, que são por certo
A quem adora, funestas.
Mas se existem separadas
Dos inchados, roxos olhos,
Estão, que é mais, retratadas
No fundo do coração.
    Tambem mando aos surdos deuses
    Tristes suspiros em vão.

Continuado de pag. 228.

CHEGOU, CHEGOU

CONTRADANÇA

Á Ex.ma Snr.a D. Luiza de Souza Gonçalves.

Allegretto

293

Es- ta ru-a não tem no - me Hei de lh'o ago - ra pôr; E' a ru-a das *Fe- lo - res* on - de mo - ra o meu a- mor. Che - gou, che - gou, che - gou, A - go - ra, a - go-ra, a- go - ra, Che - gou á bo - ca - di - nho, in - da não ha mei - a ho - ra.

'Stá quieto, José, não bulas,
Não sejas tão buliçoso,
Olha que te vou prender
A' almofada onde côso.

Chegou, chegou, chegou
Agora, agora, agora:
Chegou á bocadinho,
Ainda não ha meia hora.

O landreiro é temido,
Eu não me temo de nada;
Temo-me da tua lingua
Que me dizem é damnada.

Eu hei de ir morar no campo
Um anno só por meu gosto;
Para ver as camponezas
Com que agua lavam o rosto.

Minha mãe casou-me em Braga
Com uma menina rica:
Morre o pae, fica sem nada,
Morre a mãe, sem nada fica.

Minha mãe casou-me em Braga
Com um rapaz de Lisboa;
Sapatos não os usava,
Camisa nem má, nem bôa.

Esta cantiga foi recolhida no Alemtejo, no verão de 1890.

OH ANNA SÓ TU ÉS ANNA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Anna de Jesus Teixeira.

Andante

294

p

A - lém vae a pre - su - mi - da, Ru - a chei-a de nin - guem; El - la cui-da que é bo - ni - ta, Na - da d'is-so el - la tem.

f

Oh An - na, só tu és An - na, Oh An - na, só tu és mi - nha, Oh An - na, só tu és An - na, Das An - nas a mais lin - di - nha.

D. C.

Além vae a presumida,
Rua cheia de ninguem:
Ella cuida que é bonita
Nada d'isso ella tem.
Oh Anna, só tu és Anna,
Oh Anna, só tu és minha;
Oh Anna, só tu és Anna,
Das Annas a mais lindinha.

Aquella menina cuida
Que não ha outra no mundo:
Não ha poço, por mais alto,
Que se lhe não chegue ao fundo.
Oh Anna, tres vezes Anna,
Oh Anna, feita de cêra:
Quem fôra braza de lume,
Anna, que te derretêra.

Quem é pobre sempre é pobre,
Quem é pobre nada tem:
Quem é rico, sempre é nobre,
E ás vezes não é ninguem.
Oh Anna, só tu és Anna,
Anna do meu coração;
Hei de te roubar um beijo
Quer tu o queiras quer não.

VOCÊ, SÔ MANEL, TEM COISAS

DANÇA PULADA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria d'Araujo Silva.

Allegretto

295

Tris - te vi-da, cru - el sor - te, Já é tem-po de a - ca - bar: Se hei de vi-ver em tor - tu - ra, Oh mor - te vem-me bus - car.

Ai, vo - cê, sô Ma-nel, tem coi - sas, que me faz'ar-re - ne - gar: Co-si - do, não o quer co - mer, As - sa - do, não o quer pro - var.

Triste vida, cruel sorte,
Já é tempo de acabar:
Se hei de viver em tortura
Oh morte vem-me matar.

Ai, você, sô Manel, tem coisas,
Que me faz'arrenegar:
Cosido, não o quer comer,
Assado, não o quer provar.

Oh rosa de mim te queixas,
Tu te queixas sem razão:
Eu já te achei desfolhada,
Não te colhi em botão.

Não me venhas alterado
Suspende a tua vingança,
Bem me basta o meu martyrio
Em te amar sem ter esperança.

Eu hei de ir á tua rua,
Saltar á tua janella,
Só p'ra ver a tua cama
Se cabemos ambos n'ella.

Oh rapaz, tu és pimpão,
Com respeito ao cantar:
Tua mãe que te dê pão,
P'ra te acabar de crear.

Recolhida na Villa do Cano, concelho de Souzel, Alemtejo, pelos Ex.mos snrs. J. M. Soeiro de Brito e Victorino d'Almeida, em 1891.

Dança.—Passo de polka.

OLHA O BICHO!

JOGO INFANTIL

À Ex.ma Snr.a D. Aida Fortunata de Moraes.

296

Andante SOLO o piano 8ª

p Te - nho tres o - ve - lhas, mais u-ma cor- dei - ra, que - ro-me ca - sar, não ha quem me quei - ra.

RECIT. *Pergunta* Que - res-me? *Resposta* Não. CORO O-lha o bi - - - - - cho! 'stá lá den - - - - tro.

SOLO *p* Pois se es -tá dei - xa-lo es- tar; 'stá a dor mir, 'stá a des - can -çar. *f* CORO O - lha o bi - - - - - cho!

Tenho tres ovelhas
Mais uma cordeira,
Quero-me casar
Não ha quem me queira.
— Queres-me?
— Não.
«Olha o bicho!
Está lá dentro,
— Pois se está deixal-o estar;
Está a dormir, 'stá a descançar.
«Olha o bicho!

Tenho um campinho,
E mais uma leira:
Quero-me casar,
Não ha quem me queira.
— Queres-me? etc.

Tenho tres toalhas,
Todas tres de linho;
Tenho um alguidar,
Mais um pucarinho.
— Queres-me? etc.

Tenho duas arcas,
E uma maceira,
Onde amasso o pão
A' segunda feira.
— Queres-me? etc.

Tenho uma caravella,
Que anda no mar:
A ganhar dinheiro
P'ro meu enxoval.
— Queres-me? etc.

Este jogo é antigo.

Jogo.—Grande roda de pares e uma creança no centro; esta canta a solo a quadra; depois uma creança da roda pergunta-lhe: *Queres-me?*—a que a outra responde: *Não.* As da roda cantam em coro, *Olha o bicho! Está lá dentro!* A que está no meio responde: *Pois se está deixal-o estar; está a dormir, está a descançar.* O coro termina, dizendo: *Olha o bicho!*

Se a creança que está no meio diz *sim* em logar de *não*, toma para par a que escolheu e a outra vae para o meio, e continua o jogo.

HYMNO NACIONAL HESPANHOL

(VULGO HYMNO DEL RIEGO)

Ás damas da colonia hespanhola em Portugal.

297

Allegretto

ff

mf

fz

fz

f

dim.

cresc.

fz

tri - a nos lla - ma a la lid, Ju - re - - mos por

fz

el - - la ven- cer ó mo - rir.

f

fz

dim. cresc.

marcato

f

8a 8a

ff

dim.

D. C.

HYMNO NACIONAL HESPANHOL

Blandamos el hierro
Que el timido esclavo
Del libre, del bravo
La faz no osa ver.
Sus huestes cual humo
Vereis disipadas
Y a nuestras espadas
Fugaces correr.

CORO

Soldados, la patria
Nos llama a la lid.
Juremos por ella
Vencer ó morir.

El mundo vió nunca
Mas noble osadia?
Lució nunca un dia
Mas grande en valor,
Que aquel que inflamados
Nos vimos del fuego
Que escitara en Riego
De la Patria el clamor?

CORO

Soldados, la patria
Nos llama a la lid.
Juremos por ella
Vencer ó morir.

Honor al caudillo,
Honor al primero
Que el civico acero
Osó fulminar.
La patria afligida
Oyó sus acentos
E vió sus tormentos
En gozo tornar.

CORO

Soldados, etc.

Su voz fué seguida,
Su voz fué escuchada,
Tuvimos en nada,
Soldados, morir;
Y osados, quisimos
Romper la cadena,
Que de afrenta llena
Del bravo el vivir.

CORO

Soldados, etc.

Mas ya alarma tocan:
Las armas tan solo
El crimen, el dolo
Podran abatir.
Que tiemble, que tiemble,
Que tiemble el malvado,
Al ver al soldado,
La lanza esgrimir.

CORO

Soldados, etc.

La trompa guerrera
Sus ecos dá al viento;
De horrores sediento
Ya muge el canon;
Ya Marte sañudo
La audacia provoca,
Y el genio se invoca
De nuestra nacion.

CORO

Soldados, la patria
Nos llama a la lid.
Juremos por ella
Vencer ó morir.

Se muestran, volemos,
Volemos, soldados:
Los veis aterrados
Su frente bajar?
Volemos, que el libre
Por siempre ha sabido
Del siervo vendido
La frente humillar.

CORO

Soldados, la patria
Nos llama a la lid.
Juremos por ella
Vencer ó morir.

Em 1812, livre a Hespanha da invasão napoleonica, proclamou a sua constituição, e quando offereceu a Fernando VII o sceptro e a corôa, apresentou-lhe juntamente o seu codigo politico. Aquelle monarcha acceitou-o; porém, pela sua indole absolutista, abusou demasiadamente do poder, o que motivou uma revolução militar que teve por chefes os generaes Queiroga e Riego. Este ultimo, de grandes sympathias no exercito, mereceu que lhe f. sse dedicado o presente hymno que se chamou *Hymno del Riego*. Quando em 1816 a causa constitucional triumphou e Fernando VII jurou solemnemente a constituição, este hymno tornou-se nacional.

Portugal estava então sob uma tutella estrangeira. O rei D. João VI tinha fugido para o Brazil, deixando o paiz entregue aos inglezes; por isso os successos de Hespanha influiam poderosamente no animo popular, que se reconheceu no direito de se proclamar soberano, depondo d'esse attributo o monarcha covarde. As ideias constitucionaes germinadas no nosso paiz avolumaram-se e o *Hymno del Riego* achou ecco em Portugal; todas as classes o cantavam, e distribuiam-se por toda a parte varias poesias que lhe eram adequadas. Foi como um estimulo para a propaganda da nossa constituição de 1820.

A apreciação d'este hymno acha-se perfeitamente descripta pelo Ex.^mo Snr. Barros e Cunha na *Historia da Liberdade em Portugal*. Eis o que diz o illustre critico:

«Este hymno, cantado pelos hespanhoes, assobiado nos quarteis, não tinha a inspiração do infinito com que a *Marselheza* arrebatava, enlouquecia a alma da França.

No hymno francez erguia-se, expandia-se a nobre aspiração da humanidade na lucta do cidadão contra o soldado, do direito contra a força, do braço contra o ferro, do peito contra o canhão, do amor da patria contra os invasores.

No hespanhol era um homem o assumpto, uma classe a invocação.

Esse mesmo defeito o tornou comprehensivel ao exercito, e com elle se excitou o espirito de constitucionalismo militar, que por muitos annos fez, em Portugal e na Hespanha, da rebellião vencida um crime, da revolução victoriosa uma virtude.»

ECCO E NARCISO

ROMANCE

Á Ex.ma Snr.a D. Maria da Conceição Magalhães.

Poesia do Visconde de Castilho.

Adagio

298

p

Jo - vem Li-lia a-ban-do - na - da, por seu lin-do ingra to a-

man - - te, so - - li - ta-ria e de - li - ran - - te,

di - - va - ga-va em seu jar - dim, e ás flo - ri - - - nhas que a cer-

ca - - - vam e ás flo - ri - - - nhas que a cer - ca - - - vam, a cho -

rar, a cho -rar, a cho -rar, di-zi-a as- sim:

ECCO E NARCISO

Joven Lilia, abandonada
Por seu lindo ingrato amante,
Solitaria delirante
Divagava em seu jardim,
E ás florinhas, que a cercavam
A chorar dizia assim:

«Vosso fado e curta vida,
Quanto invejo, ó minhas flores!
Se gosaes breves amores
Co'a existencia os acabaes:
Eu perdi ternos affagos,
E ainda existo entre os mortaes.»

N'isto aos olhos por acaso
Se lhe offerece alvo Narciso:
Corre a Nympha e de improviso
Quer a flor aos pés calcar;
Que o retrato d'um perverso
Não se deve conservar.

Sobre o pé da tenra planta
Vingativa dextra alçara;
Porem treme, hesita e pára,
Não se atreve a ser cruel:
«Vive, diz, ó linda imagem,
Do meu barbaro infiel.»

«Vive, ó flor, e ás inexpertas,
Qual eu fui, traze á memoria
De Ecco afflicta a escura historia,
Triste victima do amor,
Vive e lembrem-se os ingratos,
Qual se pune atroz rigor.»

Esta aria de sala foi a que mais voga teve e mais popular se tornou na sua epocha, principio do segundo quartel d'este seculo.

MEU BEMZINHO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Claudina Hebréa Dias de Carvalho.

299

UMA VOZ

Can - ta o mel - ro no lou-rei - ro, e o par-dal nos mi - lhei-raes;

CORO

Can ta o mel - ro no lou rei - ro, e o par dal nos mi - lhei-raes;

UMA VOZ

Os ra - pa - zes can - tam, ri - em, só as ra - pa - ri - gas dão ais;

CORO

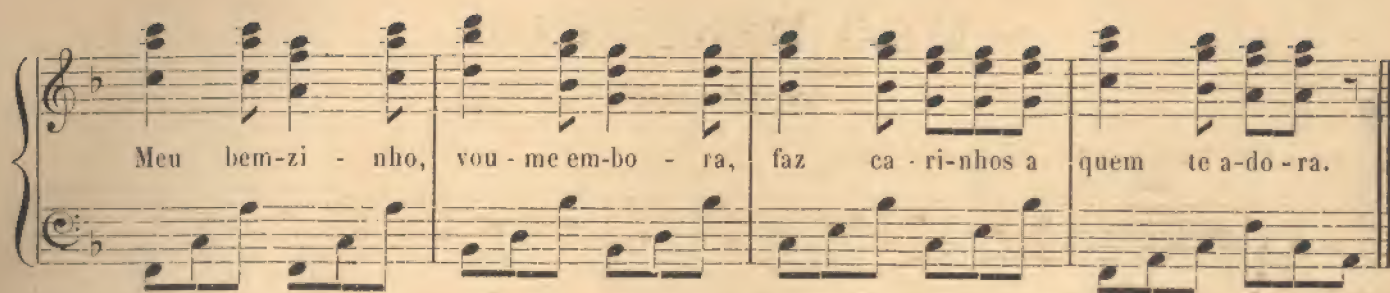
Os ra-pa - zes, can - tam, ri - em, só as ra - pa - ri - gas dão ais.

Estribilho

Meu bem-zi - nho vou - me em-bo - ra, faz ca - ri - nhos a quem te a-do - ra.

Meu bem-zi - nho, vou - me em-bo - ra, faz ca - ri-nhos a quem te a-do - ra.

Meu bem-zi - nho já cá 'stou, faz ca - ri - nhos a quem te a-mou.

Meu bem-zi - nho já cá 'stou, faz ca - ri - nhos a quem te a-mou.

Canta o melro no loureiro,
E o pardal nos milheiraes;
Os rapazes cantam, riem,
Só as raparigas dão ais.

Meu bemzinho,
Vou-me embora,
Faz carinhos
A quem te adora.
Meu bemzinho,
Já cá estou,
Faz carinhos
A quem te amou.

Eu nasci entre as estrellas,
Ao pé do ceu fui creado,
Perdi-me na noite escura,
Em teus braços fui achado.

O sol para todos nasce,
Só para mim escurece,
Desgraçada creatura
Que até o sol me aborrece!

O sol é a caixa d'ouro,
A lua é fechadura,
As estrellas são as chaves
Que fecham minha ventura.

Oh estrellinha do norte,
Vae andando que eu já vou,
Deitando claras luzes
Já que o amor me deixou.

Lá no ceu está uma estrella,
Que se parece comtigo,
Nos dias que te não vejo
A estrella é meu allivio.

Eu hei de amar, hei de amar,
Hei de amar bem sei a quem,
Eu hei de amar a meu gosto
Não ao gosto de ninguem.

Recolhida em Espinho, em 1884, por F. P. Nogueira.

Dança. — Grande roda e um par no centro. A roda gira para a direita e depois para a esquerda, emquanto se canta a quadra; e juntamente o par que está no centro vae dançando em passo de valsa vagarosa. No estribilho, quando cantam *meu bemzinho, vou me embora*, etc., o par do centro sae para fora da roda, o cavalheiro para um lado e a dama para o lado opposto, e assim acompanham a grande roda, tornando a entrar n'ella quando dizem: *meu bemzinho já cá'stou*, etc., dançam ainda, e na repetição o cavalheiro toma uma dama das da roda, e a dama um cavalheiro com quem dançam, e que deixam ficar no meio para de novo recomeçar a dança; tomando, o par que dançou, logar na grande roda.

LAGRIMAS

CANÇÃO ELEGIACA

Á Ex.ma Snr.a D. Delmira Rosalina d'Oliveira Cruz.

Andantino

300

p

f

p

Com as la - - gri- mas nos o - lhos,

Com a dôr no co - - ra- ção,

vou sol - tar da

tris - - - te ly - ra a mi- nha tris- te can - ção;

E' sin - ge - la, tão sen - ti - da co - mo os ais da

so - - li - dão; mas ar- den - te, a - bra - - za - do - - ra,

co - mo a dôr do co - - ra - ção! mas ar - den - te, a-

bra - za- do - ra, co - mo a dôr do co - ra - ção!

Com as lagrimas nos olhos.
Com a dôr no coração,
Vou soltar da triste lyra
A minha triste canção;
E' singela, tão sentida
Como os ais da solidão;
Mas ardente, abrazadora,
Como a dôr do coração!

Dentro d'alma foi nascida,
Foi a dôr que m'a inspirou,
Foi a férvida saudade
Que no meu peito m'a gerou;
Foi a benção derradeira
Que minha mãe me lançou!...
Foi a dôr, a — dôr immensa —
Que este canto me inspirou.

Minha mãe!... primeiro nome
Que a sorrir balbuciei!
Minha mãe!... doce harmonia
Que jámais olvidarei!
—Eu, por ella, as santas crenças
No meu peito acalentei;
Mãe, e Deus!... foram os nomes
Que a sorrir balbuciei.

Minha mãe!... oh minha amiga!
Meu primeiro e santo amor!
Para mim foste na vida
Mais que um anjo do Senhor!
Quantas vezes no teu peito,
Escondi a minha dôr!...
Mãe! oh mãe! Tu foste sempre,
Meu primeiro e santo amor!

Sempre meiga e carinhosa
Vi o teu pranto correr,
Dôce pranto que soltavas
A' voz do meu padecer...
Eras mãe!... só tu podias
Minhas maguas compr'ender...
Ah! mil vezes com meu pranto
Vi o teu pranto correr...
....

Amor de mãe!...—amor santo—
Ai de mim! já o perdi!
Tão ardente, tão sagrado,
Nunca, nunca o conheci!
Ha muito amor, n'esta vida,
Mas, tão puro, nunca o vi;
«Amor de mãe» conheci-o
Só depois... quando o perdi!
....

E perdi-o!... sim, no mundo
Ao desamparo fiquei...
Foram lagrimas de fogo
Lagrimas que então chorei...
De joelhos sobre a campa,
«Mãe! oh mãe!» por ti bradei;
Mas debalde... não me ouvias...
Ao desamparo fiquei!...

Mãe! oh mãe!... Adeus... eu calo...
Mais não póde o coração!
Expirou... morreu nos labios
A minha triste canção!
Só teu nome inda repetem
Os eccos da solidão...
Teu nome — que o tenho n'alma
Como a dôr do coração!

Novembro, 1850.

Esta poesia é do fallecido poeta Pinheiro Caldas, e de todas a que mais popular se tornou.

ZINI, PINI, PINI

PASSEATA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Adelina Reis.

Allegretto

301

p Pas - sei pe - la tu - a por - ta, puz a mão na fe - cha - du - ra, Pas - sei pe - la tu - a por - ta, puz a mão na fe - cha - du - ra,

Se es - tás dor - min - do ac - cor - da, co - ra - ção de pe - dra du - ra. S'es - tás dor-min - do ac - cor - da, co - ra - ção de pe - dra du - ra.

Estribilho

f Zi-ni, pi-ni, pi - ni, ai qu'eu mor - ro, Zi-ni, pi-ni. pi - ni, é por ti; Zi-ni, pi ni, pi - ni, quem me a - co - de se - não que se - rá de mim.

D. C.

Muita pedra faz parede,
A muita parede altura,
A muita fome faz sede
A muita sede seccura.

Oh amor, na tua rua
Perdi um lenço encarnado,
N'uma ponta tinha a lua
E no meio o sol dourado.

Se eu tivesse que dar, dava,
Não tenho que dar, acceito,
Acceito penas e dôr
Causadas a teu respeito.

Venho de penha em penha
Chorando a minha agonia,
A terra me não sustenha
Se te for falso algum dia.

Já sou de caras a Hespanha,
Já volto p'ra Portugal,
As mulheres têm mais manha
Que sete zorras n'um valle.

De noite estragando solas,
Quem não anda não aprende:
De homens, cartas e bolas
Só o diabo é que entende!

Recolhida, a musica em Villa Viçosa pelo Ex.ᵐᵒ Snr. Eugenio J. Tarana, e a lettra pelo Ex.ᵐᵒ Snr. Thomaz Pires.

OH PAVÃO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Isabel Maria da Rocha.

Allegretto

302

p Lem - bran - ças do tem - po an - ti - go, me fa - zem en - tris - te -

cer; Lem - bran - ças do tem-po an - ti - go, Me fa - zem en - tris - te -

cer; Quem a - ma não con - si - de - ra o que po - de a - con - te -

cer, Quem a - ma não con - si - de - ra o que pó - de a - con - te - cer.

D. C.

Oh pavão, lindo pavão,
Linda penna o pavão tem:
Não ha olhos para amar
Como são os do meu bem.

Como são os do meu bem,
E como os da minha amada;
Oh pavão, lindo pavão,
Pavão de penna dobrada.

Oh coração de tres azas,
Dá-me uma, quero voar;
Eu quero subir ao ceu,
E vindo tornar-t'a dar.

Oh penas não venhaes juntas,
Que não quer meu coração:
Vinde de duas a duas,
Dae logar ás que cá estão.

Oh amor, namora a graça,
Não namores formosura,
Que a formosura sem graça
E' viver em noite escura.

Tenho pena de quem pena,
De quem pena e pena bem;
Tenho pena de mim mesmo
Que peno mais que ninguem.

Recolhida em Coimbra em 1890.
Depois de cada quadra repetem-se as duas do estribilho: *Oh pavão, lindo pavão,* etc. e *Como são os da meu bem.*

SAN JOÃO DE POMBAL

CORO DE ROMEIROS

Á Ex.^ma Snr.^a D. Amelia Marques Pinto.

Andante

303

p

Oh San Jo-ão vin-de cê - - do, ao ac - cen der das fo-

guei - - ras, Vin- de pe la mi-nha por - - ta. Que as mi - nhas

gracioso

são as pri- mei - - ras. *f* Ai, que é a -quil-lo que é a -quil-lo que é a - quil - lo?

San Jo- ão, a - traz d'um gri - - lo? Ai, não é na-da, não é na-da, não é

na - da. San Jo - ão, a co - mer pes- ca - - da.

S. JOÃO DE POMBAL

Oh meu querido San João,
Dae-me breve um noivo rico,
Com a vossa protecção,
Lá solteira é que eu não fico.

Ai, que é aquillo, que é aquillo, que é aquillo?
San João atraz d'um grillo.
Ai não é nada, não é nada, não é nada,
San João a comer pescada.

Eu hei de ir ao San João,
Amanhã, depois da sesta,
Com o meu amor ao lado...
Ai Jesus que rica festa!

Pelariga, Pelariga, [1]
Quem podesse ir lá agora,
P'ra cantar uma cantiga
Ao santinho que lá mora.

Eu hei de ir ao San João,
E levar-lhe um bom presente,
Se der vida e der saude
Ao meu bem que está doente.

O meu amor é Antonio
Mas antes fôra João,
Que é o nome do santinho
Mais da minha devoção.

Vamos, cachopas, á dança,
Haja vida... animação!
Ninguem dorme, ninguem cança
Na noite de San João.

Vinde, oh bellas, sem demora
Dar começo á vossa lida,
O San João vae-se embora,
São dois dias esta vida.

As moças de Pombal, são
Ternas pombas a arrular.
E chegando o San João
São rouxinoes a cantar.

Meia noite está soando
No relogio de Cardal, [2]
Vou saber das alcachofras
Se me queres bem ou mal.

(1) Pelariga é a sede d'uma freguezia, cujo orago é S. João Baptista, e que fica a distancia de cinco kilometros de Pombal.
(2) O Cardal é um formoso logar da villa, onde se acha edificado o magestoso convento de Santo Antonio, onde estiveram depositados, até 1854, os ossos do Marquez de Pombal; ainda se lá vê o caixão que conteve aquelles restos até que foram transportados para Lisboa, no referido anno.

SERENATA D'UM LOUCO

SERENATA

Á Ex.ma Snr.a D. Augusta Amelia Pinheiro.

Moderato

304

Mu-lher for- mo - sa, se-du-cto-ra e lin - da, que a-mor me pa - gas com des-pre-zo teu: Mu-lher for- mo - sa, se-du-cto-ra lin - da, que a-mor me pa - gas com des-pre zo teu: Hei de pro- var - te que a pai-xão não fin - da E vi - ve a- in-da e vi-ve a-in-da qual nas-

rall.

a tempo

ceu, E vi - ve a- | in - da, vi-ve a-in - da qual nas- | ceu, E vi - ve a-

in - - da, vi-ve a-in-da qual nas- | ceu, Hei-de pro- | var-te que a pai-xão não

fin - da E vi - ve a | - in - da, vi-ve a-in - da qual nas | - ceu.

Mulher formosa, seductora e linda,
Que amor me pagas com despreso teu:
Hei de provar-te que a paixão não finda,
E vive ainda,
E vive ainda,
Qual nasceu.

Se alta noite, no silencio, um canto
Repercutir no aposento teu:
Triste, tão triste, qual sentido pranto,
Esse canto,
Esse canto,
Será meu.

Se pelas ruas divagando um louco,
Misero ente que a rasão perdeu:
Se á tua porta fôr sentar-se um pouco,
Esse louco
Esse louco
Serei eu!

Recolhida em Moncorvo, em 1897, pelo Ex.mo Snr. Antonio Joaquim Vieira de Barros.

VAE-TE EMBORA, PASSARINHO

DESCANTE

À Ex.ma Snr.a D. Emilia Reis.

305

Adagio — o piano 8a — p

O mar pe-diu a Deus pei - xes, O pei-xe pe-diu fun-du - ra,

O ho-mem pe-diu ri - que - za, a mu-lher a for - mo- su - ra.

Vae-te em-bo-ra pas-sa - ri - nho, dei-xa a ba-ga do lou- rei - ro;

dei - xa dor-mir a a-çu- ce - na, qu'es-tá no so-mno pri -mei - ro.

O mar pediu a Deus peixe,
O peixe pediu fundura,
O homem pediu riqueza
E a mulher, formosura.

Vae-te embora, passarinho,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir a açucena,
Que está no somno primeiro.

Oh que linda troca d'olhos
Que fizeram dous amantes:
Trocaram dous olhos pretos
Por dous azues tão galantes.

Vae-te embora, passarinho, etc.

Quem tiver olhos azues
Bem os pode arrecadar;
Os olhos azues são poucos,
São custosos d'encontrar.

Vae-te embora, passarinho, etc.

Recolhida em Odemira (Alemtejo) pelo Ex.mo Snr. Gonçalo Sampaio em 1893.

OS OLHOS DA MARIANITA

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ma Snr.a D. Margarida Ludovina de Oliveira Andrade.

Andantino

306

f Os o - lhos da Ma-rian- ni - ta, São ver - des co-mo o li- mão, Os

o - lhos da Ma - rian - ni - ta, São ver - des co-mo o li - mão, Ai!

sim, Ma-rian-ni - ta, ai! sim, Ai! sim, Ma-rian-ni ta, ai! não. Ai!

D. C.

sim, Ma-rian-ni-ta, ai! sim! Ai! sim, Ma-rian-ni-ta, ai! não.

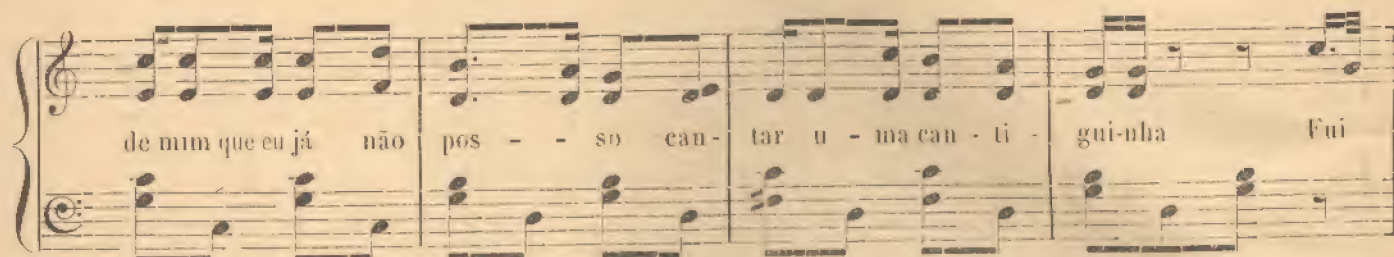
Os olhos da Mariannita
São verdes como o limão,
Ai! sim, Mariannita, ai! sim,
Ai! sim, Mariannita, ai! não.

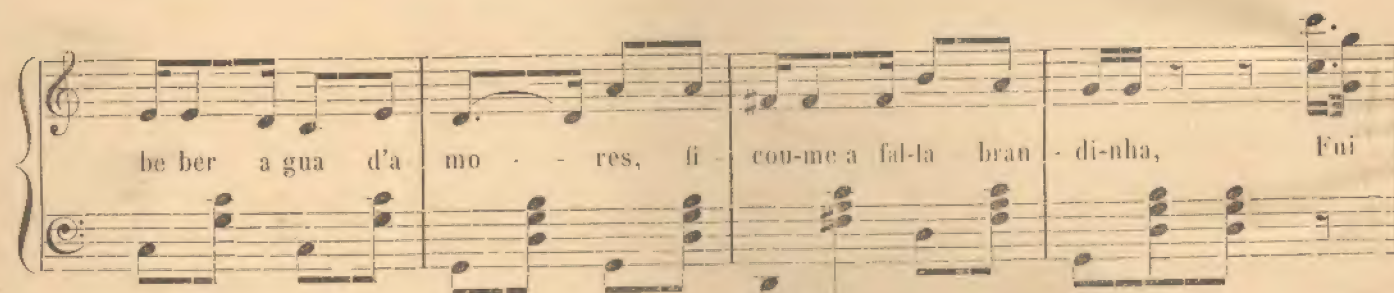
Os olhos da Mariannita
Tenho-os eu aqui na mão,
Ai! sim, Mariannita, ai! sim,
Ai! sim, Mariannita, ai! não.

Os olhos da Mariannita
Já lá vão para o Japão,
Ai! sim, Mariannita, ai! sim,
Ai! sim, Mariannita, ai! não.

Esta cantiga foi recolhida em 1852.

ROLINHA QUE VAE ROLANDO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Palmira Anjos.

Andantino

307

Ai de mim que eu já não pos - so can- tar u - ma can - ti gui nha; Ai

de mim que eu já não pos - - so can- tar u - ma can - ti - gui-nha Fui

be ber a gua d'a mo - - res, fi - cou-me a fal-la bran - di-nha, Fui

be ber a-gua d'a- mo - - res, fi - cou-me a fal-la bran -di-nha.

Ai de mim que eu já não posso
Cantar uma cantiguinha;
Fui beber agua d'amores,
Ficou-me a falla brandinha.

Rolinha que vae rolando,
Por cima do meu chapeu;
Vae rolando e vae dizendo:
Nós anjinhos vamos p'ra o ceu.

Eu perdi o bem que tinha,
Nunca o pude restaurar;
Tenho pena, sentimento,
Do meu amor me deixar.

Rolinha, etc.

Se eu fora rico e feliz
Eu fidalgo e tu ninguem,
Nada d'isso me importava
Bondava eu querer-te bem.

Rolinha, etc.

Ferros d'el-rei são prisões,
Mas o amor inda é mais forte;
Para os ferros inda ha limas,
Para o amor, nem a morte.

Rolinha, etc,

Uma só palavra tua
Decide da minha sorte;
Dar-me o sim é dar-me a vida,
Dar-me o não é dar-me a morte.

Rolinha, etc.

Recolhida em Oliveira de Cunhedo, em 1889 por F. Pinto Nogueira.

BATE, LAVADEIRA

CORO

Á Ex.ma Snr.a D. Augusta Bandeira.

308

Allegretto o piano 8a

f Ba-te, la-va-dei-ra, la-va-dei-ra ba-te, Que as nos-sas can-ti-gas não teem re-ma-te! Ba-te, la-va-dei-ra, la-va-dei-ra ba-te, que as nos-sas can-ti-gas não teem re-ma-te. Fim

O meu a-mor é bar-quei-ro, ga-nha a vi-da a le-var fre-te, Quan-do che-ga da jor-na-da, diz-me a-deus co'o seu bar-re-te. 1.a vez re-te. D. C.

Em quanto o rio sosinho
Vae de longada pr'a o mar,
Fica a triste lavadeira
Sempre a lavar, a lavar.

Bate, lavadeira,
Lavadeira bate,
Que as nossas cantigas
Não teem remate.

Que dirão os marinheiros
Do barquinho manso e leve,
Quando virem nossos braços
Tão brancos da cor da neve?

Bate, lavadeira, etc.

Que dirá o proprio rio
Quando vier disfarçado,
Beijar-me o pé dentro d'agua
Tão fresquinho e tão lavado?

Bate, lavadeira, etc.

Este coro pertence a uma ligeira operetta (A Noiva de João), de que é author o Ex.mo Snr. dr. Adolpho Portella, e que ha annos foi cantada n'um modesto theatrinho de Agueda, mas que ali se popularisou.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA IX

À Ex.ma Snr.a D. Maria Isabel de Souza Loureiro.

Poesia de Thomaz Antonio Gonzaga.
Lyra XVI, Parte II.

Adagio

309

Al-ma di-gna de mil a-vós au-gus-tos! tu sen-tes, tu so-

lu - - ças ao ver ca-hir os jus - - - - - - - - - tos; hon-

ras as san-tas leis da huma-ni-da-de e os teus e-xem-plos

de - - ve gra-var com let-tras de ou-ro no seu tem-plo a

can - - - - - - - - - - - di-da A - - mi-za - - - - de.

D. C.

Continuado da pag. 236.

MARILIA DE DIRCEU

Alma digna de mil avós augustos!
Tu sentes, tu soluças,
Ao ver cahir os justos;
Honras as santas leis da humanidade:
E os teus exemplos deve
Gravar com letras d'ouro no seu templo
A candida Amizade.

Não é, não é d'heróe uma alma forte,
Que vê com rosto enxuto
No seu igual a morte.
Não é tambem d'heroe um peito duro,
Que a sua gloria firma
Em que lhe não resiste ao ferro, e fogo,
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado chefe me namora,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeu, e chora,
E' grande para mim, quem move os passos,
E de Dario aos filhos,
Que como escravos seus tratar pudera,
Recebe nos seus braços.

Se alcanças Eneas, capitão piedoso,
Entre os heróes do mundo
Um nome glorioso,
Não é, porque levanta uma cidade;
E' sim, porque nos hombros
Salvou do incendio ao Pai, a quem detinha
A mão da longa edade.

Ah! se ao meu contrario entre as chammas vira,
Eu mesmo, sim, da morte
Aos hombros o remira:
Inda por elle muito mais obrara;
E se nada servisse,
Fizera então, amigo, o que fizeste;
Gemêra, e suspirára.

Oh! quanto são duraveis as cadeias
De uma amizade, quando
Se dão iguaes idêas!
Se apesar dos estorvos se sustinha
Nossa união sincera,
Foi por ser a minha alma egual á tua,
E a tua igual á minha.

Se o caro amigo te merece tanto,
Lá lhe fica a sua alma,
Limpa-lhe o terno pranto.
De quem eu fallo, és tu, Marilia bella,
Ah! sim, honrado amigo,
Se enxugar não puderes os seus olhos,
Prantea então com ella.

ESTOU-ME ALINHAVANDO

CANTIGA

À Ex.ma Snr.a D. Maria Pereira Magro.

Moderato

310

Quem dis- ser que o amar que cus - ta estou-me a li-nha -van-do já me a - li-nha-
Eu a - mei e fui a - ma-do

vei 'stou-me re-men- dan-do, já me re-men -dei,
é cer - to que
nun - ca o a - - mar

1.a vez 2.a vez D. C.

nun - - ca a -mou me cus- tou

Quem disser que o amar custa
Estou-me alinhavando,
Já me alinhavei:
Estou-me remendando,
Já me remendei.
E' certo que nunca amou:
Eu amei e fui amado,
Estou-me alinhavando,
Já me alinhavei;
Estou-me remendando,
Já me remendei.
Nunca o amar me custou.

* Da janella do palacio
Me atiraram com uma funda,
Deu na guarda, deu na ronda,
Deu nas costas d'um corcunda.

Muito padece quem ama,
Mais padece quem adora;
Mais padece quem não vê
Seu amor a toda a hora.

Meu amor que estás tão longe
Auzenta-te e vem-me ver:
Olha que as vidas são curtas,
Póde algum de nós morrer.

Esta musica é muito antiga. No reinado de D. Miguel os constitucionaes serviam-se d'ella para allusões politicas, como a quadra que está indicada com *.

VA'! LARANJA AO AR!

DANÇA DE RODA

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Laura Victorina da Silva.

Andantino

311

Qua - tro coi - sas são pre- ci - zas pa- ra sa ber na - mo- rar: O - lho fi - - no, pé li - gei - ro, res - pon-der, sa-ber fal- lar. Vá! la ran ja ao ar! que eu ve-nho de Lis - bo - - a, tu não tens em ca - sa u-ma coi-sa boa. Vá! la ran-ja ao ar! que eu ve-nho da Fi - guei ra tu não tens em ca - sa a flor da la-ran - gei-ra.

Quatro coisas são precizas,
Para saber namorar:
Olho fino, pé ligeiro,
Responder, saber fallar.
  Vá! laranja ao ar!
  Que eu venho de Lisboa:
  Tu não tens em casa
  Uma coisa boa.
  Vá! laranja ao ar!
  Que eu venho da Figueira,
  Tu não tens em casa
  A flor da laranjeira.

Oh meu amor, se partires,
Escreve-me do caminho,
Se não tiveres papel,
Nas azas d'um passarinho.
  Vá! laranja ao ar!
  Que eu venho, eu venho,
  Da fabrica nova,
  De ver o engenho.
  Vá! laranja ao ar!
  Fita no chapeu:
  Quando estou comtigo
  Cuido estar no ceu.

Tenho dentro do meu peito
Um logar para te dar,
Faz, amor, por o merecer,
Que eu não t'o hei de negar.
  Vá! laranja ao ar!
  Quem me dera ver,
  O meu amorzinho,
  Que inda ha de nascer.
  Vá! laranja ao ar!
  Quer sim e quer não,
  Tu ès a alegria
  Do meu coração.

Recolhida em Coimbra, em 1880.

A ROLINHA ANDOU

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Amelina da Rocha Fernandes.

Andantino

312

O meu co - ra - ção fe - chou - se com u - ma cha - vi-nha d'ou - ro, O meu

co - ra - ção fe - chou - se com u - ma cha - vi - nha d'ou - ro, Des - fe-

char nos - sa a - mi - za - de, nem o rei com o seu the - sou - ro. Des fe-

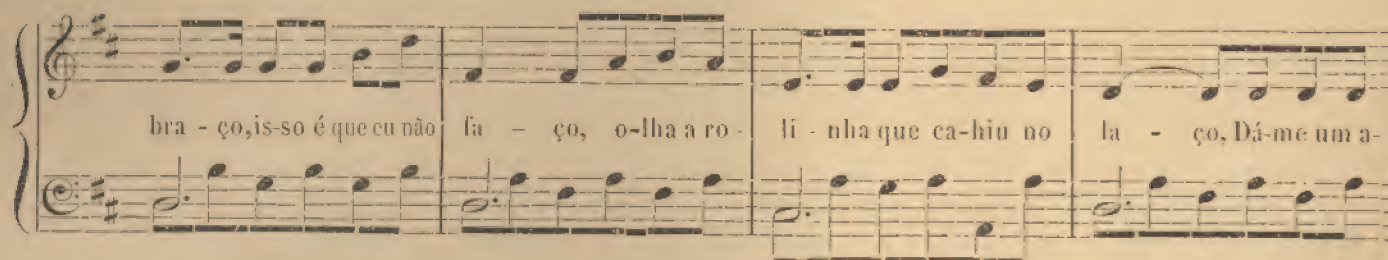
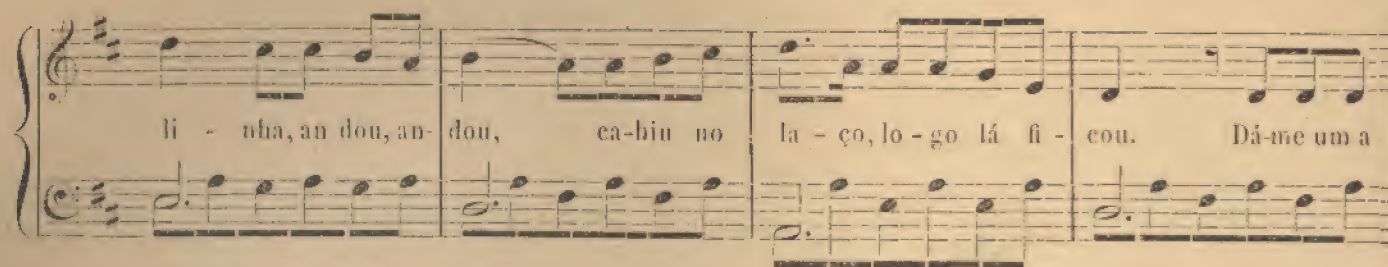
char nos - sa a - mi - sa - de, nem o rei com o seu the - sou - ro. O-lha a ro-

con 8a

li - nha an-dou, an-dou, ca - hiu no la - ço, lo - go lá fi - cou. O-lha a ro-

li - nha, an dou, an- dou, ca-hiu no la - ço, lo - go lá fi - cou. Dá-me um a

bra - ço, is-so é que eu não fa - ço, o-lha a ro - li - nha que ca-hiu no la - ço, Dá-me um a-

bra - ço, is-so é que eu não fa - ço, O-lha a ro li - nha que ca hiu no la - ço.

O meu coração fechou-se
Com uma chavinha d'ouro:
Desfechar nossa amizade,
Nem o rei com seu thesouro.
Olha a rolinha,
Andou, andou,
Cahiu no laço,
Logo lá ficou.
Dá-me um abraço,
Isso é que eu não faço;
Olha, a rolinha
Que cahiu no laço.

Adeus jardim das flores,
Meu lindo amor-perfeito,
Quando alguem te procurar
Seja dentro do meu peito.

Eu amei esses teus olhos,
Cravo roxo bem parecido,
Dentro do meu coração
Andas todo já mettido.

Plantei-te no meu peito
Arvore de tóro grosso;
Deixei-te crear raizes,
Quiz arrancar-te, não posso.

Já me tinhas bem captiva,
Isto é uma verdade;
Agora já me não tens,
Que és cheio de falsidade.

Jã os meus olhos não olham
P'ra quem olhavam em tempo,
Porque os tenho obrigado
A fugir do seu intento.

Escuta, se queres ouvir,
O que diz meu coração:
Em tempos gostei de ti,
Agora não gosto, não.

Dança.—Durante a quadra dança-se de roda; e no estribilho os pares soltam as mãos; na primeira quadra cada par dá duas voltas, e na segunda as damas passam ao cavalheiro do par immediato, com quem repetem a dança e assim continuam até voltar ao seu par.

CHAMARRITAS

DANÇA INSULANA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Walter da Fonseca e Souza.

313

N.º 1

Variada

Allegretto con 8ª

Oh olhos a - zues que-ri - dos, côr do mar quan-do es-tá man - so, No di - a que te não ve - jo meu co - ra-ção dá ba-lan - ço.

N.º 2

Velha

Andante con 8ª

Bas - ta pen - sa-men - to, bas - - ta, Dei-xa-me em-fim des - can-çar;

Um bem que ser meu não pó - de, E' um tor - men-to lem-brar.

D. C.

N.º 3
Nova

De-li-ca-do é o fu-mo que pas-sa a te-lha do-bra-da,

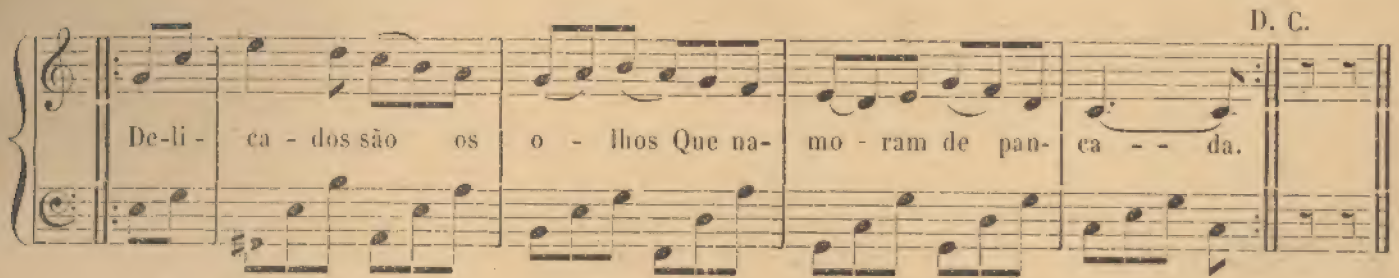
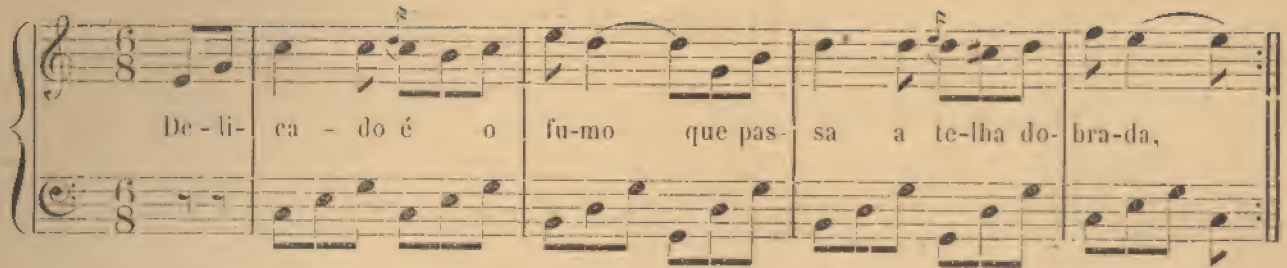
De-li-ca-dos são os o-lhos Que na-mo-ram de pan-ca--da.

D. C.

N.º 4
Michaelense

Quem tem ja-nel-la de vi-dro não po-de a-ti-rar pe-dra-da.

Vae a-ti-rar ás a-lhei-as, já a-cha a su-a que-bra--da.

D. C.

Basta, pensamento, basta,
Deixa-me, emfim, descançar;
Um bem que ser meu não pode
E' um tormento lembrar.

Andae cá á Chamarrita,
Com garrafas e não bilhas,
E' assim como se canta
A Chamarrita das ilhas.

Deixae vós fallar quem falla,
Deixae vós dizer quem diz,
Deixae vós correr as aguas
Direitas ao chafariz.

Coração não gostes d'ella,
Que ella não gosta de ti,
Não estejas coração,
Tepe, tepe, tepe, ti.

Delicado é o fumo
Que passa a telha dobrada,
Delicados são os olhos
Que namoram de pancada.

Oh olhos azues queridos,
Côr do mar quando está manso,
No dia que te não vejo
Meu coração dá balanço.

Tenho pennas sobre pennas,
Todas da banda direita;
Como póde adormecer
Quem sobre pennas se deita?

Oh minha Ribeira secca,
Minha Ribeira de flores,
Para lá de ti, Ribeira,
E' que eu tenho os meus amores.

Deste-me alecrim por prenda,
Por ter a folha meúda:
Quizeste-me experimentar,
Amor firme não se muda.

Estas danças pertencem aos bailados açorianos. E' costume, nas ilhas, nas casas onde se esteja a dançar a Chamarrita, não se negar a entrada a qualquer individuo, mesmo que seja estranho, que peça para assistir ao divertimento.

AVÉ! CHEIA DE GRAÇA

Avé! Cheia de graça,
Mãe do Verbo Encarnado,
Horto não maculado
Com a culpa d'Adão.

CORO

Cantae, oh filhos da culpa,
Cantae, oh filhos d'Eva,
A que o anjo da treva
Com pé firme esmagou.

Potestades e Thronos,
Cherubins e Archanjos,
A' Rainha dos Anjos
Sublimae, sem cessar.

CORO

Cantae, etc.

Diademas gementes,
A' Mãe terna d'encantos,
Offereçam os Santos
Na celeste mansão.

CORO

Cantae, etc.

Reluzentes estrellas,
Que brilhaes nas alturas,
Proclamae as doçuras
Da Estrella do Mar.

CORO

Cantae, etc.

Meteoros e nuvens,
Maravilhas do Eterno,
Em poema superno
A Maria cantae.

CORO

Cantae, etc.

Em suaves trinados,
Creaturas voantes,
Celebrae incessantes
Casta Flor de Jessé.

CORO

Cantae, etc.

Habitantes dos mares,
Com os brutos da serra,
E as plantas da terra
A Maria adorae!

CORO

Cantae, etc.

Este hymno é muito popular nos Açores, onde o reverendo padre michaelense, Benevides, e o reverendo padre Moniz, exercem o seu ministerio.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA X

Á Ex.ma Snr.a D. Guilhermina de Souza Loureiro.

Poesia de Thomaz Antonio Gonzaga.
Lyra XIX, Parte II.

Andantino

315

Ve-jo, Ma - ri - lia, que o ne-dio ga - do an da dis - per - so no mon-te, e pra - do; que as-sim suc - ce - de ao des-gra - ça - do, que a per-der che - ga o seu pas - tor.

Mas in - da sof - fro a vi - va dôr.

Tambem conheço
Que os pegureiros,
Que apascentavam
Os meus cordeiros,
Darão suspiros,
E verdadeiros,
Porque perderam
Um pae no amor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Eu mais alcanço
Que a minha herdade,
Estando eu prezo,
Soffrer não ha de
Nem a charrua,
E nem a grade,
Que a mão lhe falte
Do lavrador.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Mas quando sóbe
A' minha idéa,
Que tu ficaste
Lá n'essa Aldea,
De mil cuidados
E mágoa cheia,
Das paixões minhas
Não sou senhor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

A quanto chega
A pena forte!
Peza-me a vida,
Desejo a morte,
A Jove accuso,
Maldigo a sorte,
Trato a Cupido
Por um traidor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

Mas este excesso
Perdão merece,
E d'elle Jove
Se compadece:
Que Jove, oh Bella,
Mui bem conhece,
Aonde chega
Paixão de amor.
Eu já não soffro
A viva dor.

Continuado da pag. 262.

O CHAPEU NOVO

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Palmira Fortunata de Moraes.

Allegretto

316

Eu comprei um chapeu novo para ir a namorar, Eu comprei um chapeu novo para ir a namorar, ai, ai, para ir a namorar, ai, ai, Para ir a namorar.

Já o sapato me aperta
E a meia me dá calor,
Ai, ai,
E a meia me dá calor;
Meu coração me arrebenta
Se me não fallas, amor.
Ai, ai,
Se me não fallas, amor.

Eu comprei um chapeu novo
Para ir a namorar,
Ai, ai,
Para ir a namorar,
O chapeu vae-se rompendo
E o amor vae-se a acabar.
Ai, ai,
E o amor vae-se a acabar.

A borda do meu chapeu
E' de linhas de marcar;
Em morrendo vou p'ro ceu,
Que já lá tenho logar.

Eu comprei um chapeu branco
Para namorar de noite,
O chapeu branco rompeu-se
O amor logrou o *oitro*.

Puz-me a brincar com a rosa
Piquei-me nos seus espinhos,
E' bem feito, quem me manda
A' rosa fazer carinhos?

Eu comprei um chapeu novo
Todo feito ao desdem,
Para ir ver as meninas
Que juram me querem bem.

Por usar chapeu pequeno
Me chamam estravagante,
P'ra fallar ao meu amor
Tenho juizo bastante.

Chapeu novo, chapeu novo,
Essa fita não é tua,
Já me vae par'cendo mal
Tanta conversa na rua.

Tanto chapeu de borlinha,
Tanta agulheta de prata.
Tanta menina bonita,
Nenhuma por mim se mata.

A's abas do meu chapeu
Devo mil obrigações,
Que me encobrem os meus olhos
Em certas occasiões.

Recolhida em Elvas pelo Ex.mo Snr. Antonio Thomaz Pires.

Dança. — Em quanto cantam a quadra é dança de roda, para a direira na primeira parte e para a esquerda na segunda; quando cantam o estribilho, na primeira parte dançam o *fandango*, e na segunda cada cavalheiro fórma cadeia com a dama do par immediato e volta em seguida á sua dama.

AS IRMÃS DA CARIDADE

CANTIGA DAS RUAS

Á Ex.ᵐᵃ Snr.ª D. Maria José de Moraes Faria Braga.

Allegretto

317

f As ir - mãs da ca - ri - da - de mo - ram na Quin - ta A - ma - rel - - la, ai, oh ai, Mo - ram na Quin-ta A - ma - rel - la; Tam-bem can - tam o Ma - lhão e dan - çam o Mi - ron - del - - la, ai oh ai, e dan - çam o Mi - ron - del - la.

As irmãs da caridade
Moram na Quinta Amarella.
Ai, oh ai,
Moram na Quinta Amarella;
Tambem cantam o Malhão,
E dançam o Mirondella,
Ai, oh ai,
E dançam o Mirondella.

As irmãs da caridade
Andam c'os olhos no chão;
De touca e vestido preto,
E de camandolas na mão,

As irmãs da caridade
Não dão bons dias á madre,
Mas á noite? oh que pagode!
Dão boas noites ao padre.

As irmãs da caridade,
Quer chova ou faça calor,
Vão sempre á obediencia
Do seu padre director.

As irmãs da caridade
São filhas d'um serafim,
Fogem ás coisas do mundo,
Agora... só p'ra o bom fim.

Esta musica foi recolhida no Porto, em 1880, é uma variante da do *Chapeu novo* ou vice versa.

Estas cantigas partiram das grandes collectividades femininas, das fabricas de fiação e tabacos. e tiveram origem, por occasião de se estabelecer n'esta cidade, na freguezia de Paranhos, em uma propriedade denominada Quinta Amarella, o Recolhimento do Bom Pastor, para regeneração de peccadoras arrependidas. E'a estas a que a satyra popular se dirige, sob o nome de irmãs da caridade, e não, por certo, ás respeitaveis religiosas que são sympathicas pela sua abnegação e carinho para com os infelizes.

O MORIBUNDO

CANÇÃO

Á Ex.[ma] *Snr.*[a] *D. Eugenia de Moraes Pereira.*

Poesia do dr. José Simoes Dias.

Andante

318

p

Da vi - da vou fin-dar o meu de - gre - - do, E não mais te ve-rei so-nha-do a -mor, E dei xo - te so-si-nha a-qui tão ce - do sem ao me - nos con-tar-te a mi-nha dôr!

Da vida vou findar o meu degredo,
E não mais te verei, sonhado amor;
E deixo-te sósinha aqui tão cedo
Sem ao menos contar-te a minha dôr!

E morro sem o abraço da partida,
Longe de ti, pombinha, que eu amei!...
E vou-me, sem te ver, cá d'esta vida,
Trilhar novos caminhos, que eu não sei.

A morte não vem longe, que eu bem vejo
O término fatal do meu viver;
E morro sem sequer um leve beijo
Levar de cá por premio ao meu soffrer.

Podesse ao menos ver-te junto ao leito,
Dizer-te o que este amor por ti me diz:
Podesse ainda unir-te n'este peito,
Depois... oh ceus! morria tão feliz!...

Recolhida em Unhaes da Serra (patria do author da lettra, Bemfeita,) em 1870, onde era cantada pelos cegos, de quem a aprendeu o povo d'aquelle e outros logares.

FADO AMPHIGURI

Á Ex.ma Snr.a D. Francelina Moreira Campos.

Andantino

319

f Quan do em Be-lem se for -mou pa - la - cio de grande al -tu - ra, Mui - ta gen-te lá fi - cou, Ou - tra foi p'ra se - pul- tu - ra.

D. C.

Os palacios da rainha
São casas de grande altura
Os que vão p'ra lá morar
Tambem vão p'r'a sepultura.

Quando em Belem se formou
Palacio de grande altura,
Muita gente la ficou,
Outra foi p'r'a sepultura.
Casa cheia tem fartura,
Quem doba tem seu sarilho;
Corre a gallinha p'ra o milho,
Quem paga são os pardaes.
Um burro tem atafaes,
Tambem se lhe põe estribos;
Todas as tendas tem figos
P'ra contentar os rapazes.
No mar andam alcatrazes,
D'estes que apanham gaivotas,
Aos que tem as pernas tortas
Todos lhe chamam *canéjos*.
Vão-se as sezões co'os desejos,
As feridas com unguento;
O moinho anda com o vento,
E lá no ar tece a aranha.
Esta cantiga é tamanha,
Não tem principio nem fim;
Um raminho d'alecrim
E' bom para os namorados.
As armas são p'ra os soldados
E tambem p'ra os caçadores;
Isto de quem tem amores
Traz o juizo a arder.
Tenho ouvido dizer
Quem é vario que padece,
Você diz que não conhece,
A'ruda pela toada;
Faço-me desentendida,
A mim não me escapa nada.
Você diz que marmellada
E' uma comida quente;
Ella se dá ao doente
E áquelles que bem se tratam;
P'ra os ricos os bois se matam,
Come o pobre o pão de rala.
Não ha correio sem mala,
Nem cegonha sem ter bico;
Vão para a ilha do Pico,
Que é terra de boa ameixa.
A paga que a fructa deixa
E' causar indigestões;
Pilhei já umas sezões
Por causa da melancia.
Tornemos á vacca fria
Que nos ficou do jantar,
Mais podéra o mar seccar,
A praia ser levadiça,
Tornar-se a penha em cortiça,
A agua fria escaldar,
Tornar-se o fel em doçura,
Em tudo haver mudança,
Do que em ti firmeza pura.

Este amphiguri cantava-se em Lisboa ha cincoenta annos, aproximadamente: mas é mais antigo.

O NÓ DA GRAVATINHA

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Ephigenia Pereira.

Andantino

320

Se eu do -min-go for á mis-sa, não ve nhas com-mi-go, não; Nem eu re-zo nem tu re-zas, não pos-so dar-te at-ten-ção.

CORO con 8a

A-qui se can-ta, a-qui se dan-ça, a-qui se jo-ga a la-ran-ji-nha. Eu co-nhe-ço o meu a-mor pe-lo nó da gra-va-ti-nha.

D. C.

Se eu domingo for á missa,
Não venhas commigo, não;
Nem eu rezo nem tu rezas,
Não posso dar-te attenção.

Suspirar é meu destino
Quando de ti ando ausente;
Nada me serve d'allivio
Só comtigo estou contente.

Eu ausente do meu bem,
Meu bem ausente de mim,
Diga-me quem sabe amar,
Se eu posso viver assim.

Aqui se canta, aqui se dança,
Aqui se joga a laranjinha:
Eu conheço o meu amor
Pelo nó da gravatinha.

Foram tantos meus suspiros
Ao ver que me ias deixar,
Que as mesmas aguas do rio
Inda vão a suspirar.

Lá no ceu está uma estrella
Que se parece comtigo;
Nos dias que te não vejo
A estrella é meu allivio.

Esta musica era conhecida no principio d'este seculo.

HYMNO DE S. S. LEÃO XIII

TRANSCRIPÇÃO

Ás damas do orbe catholico.

Lettra italiana do Prof. G. Brunelli.
Musica de F. Frenguelli.

Marcial assai mosso

321

f Squillo di tromba *f* *f*

ff *f*

Sôe o can - to, e se dif - - fun - da Por to - do o mun - do a har-mo - ni - - - - a, Des - - pon - te a au - ro - ra ju - cun - da Que o Le - ão de Deus en - - - via

Sal-vé oh gran - de, em san - to ar - ca - no, Deus te e - le - ge e te su - - - pé - - - - ra E o u - ni - ver - so ao Va - ti - - ca - no Vol - ve a vis - ta e te ve - - - ne - ra.

ff

1.ª vez

2.ª vez

vi - a - - - do do Ceu. No en- vi - - - - - - - a - do do Ceu.

Sôe o canto, e se diffunda
  Por todo o mundo a harmonia;
  Desponte a aurora jucunda
  Que o Leão de Deus envia.
Salvé, oh grande, em santo arcano
  Deus Te elege e Te supéra;
  E o universo ao Vaticano
  Volve a vista e Te venera.
Todo o mundo Te tributa,
  Como a Deus, incenso e ouro,
  Mas a Italia em Ti saúda
  O seu filho, o seu thesouro.

Viva o Padre, viva o forte,
  Viva o enviado do Ceu;
  Que o mundo se conforte
  Com o Leão que Deus lhe deu.
O teu braço estende, estende;
  Ruge, ruge, oh gran Leão;
  E o Teu rebanho defende
  Dos lobos e do dragão.
Ainda narra o Eridano
  D'aquelle Magno o valor,
  Quando d'Attila inhumano
  Foi oppresso o seu furor.

Áquelle não és menor
  No gran nome e no poder;
  Tu, de Pedro o Successor,
  Tu, Vigario ao Summo Ser.
Á sombra d'esse Teu Vulto
  O orbe em paz pousará;
  E o inimigo do culto
  Por teu valor cahirá.
Vive, oh principe, vive, oh forte,
  Vive, oh Pae que a Fé nos deu,
  Gose o mundo e se conforte
  No enviado do Ceu.

Suoni il canto, si diffonda
  L'armonia de' lieti dì:
  Di Quirino in sulla sponda
  Il Leon di Dio ruggì.
Salve, o grande; nom invano
  Dio Ti elesse e a noi Ti diè;
  L'universo al Vaticano
  Volge il guardo e fida in Te.
Tutto il mondo a Te tributa,
  Come a Dio, l'incenso e l'or;
  Ma l'Italia Ti saluta
  Suo figliuolo e su decor.

Viva il Padre, viva il forte,
  Viva il messo a noi dal ciel;
  Viva Italia, e si conforte
  Nel gran duce d'Israel.
Le tue braccia stendi, stendi;
  Ruggi, ruggi, o gran Leon;
  E la greggia ognor difendi
  E dai lupi e dai dragon.
Ancor narra l'Eridàno
  Di quel Magno la virtù,
  Quando d'Attila inumano
  Il furore oppresso fu.

Tu di quel non sei minore
  Nel gran nome e nell'ardir;
  Tu de Pietro il Successore,
  Tu Vicario al Sommo Sir.
Così all'ombra dè tuoi vanni
  L'orbe in pace poserà;
  E l'Italia ai crudi affanni
  Per Te lieta il fin vedrà.
Vivi, o prence, vivi o forte,
  Vivi, o Padre della Fè:
  Godi, Italia, e ti conforte
  Nel Leon che il ciel ti diè.

A transcripção d'este hymno é apenas uma *particella* da voz e côro, com a guia d'acompanhamento, para piano. O arranjo completo para piano e canto é edição da casa Lucca de Milão.

A traducção da poesia para portuguez, conforme se canta entre nós, é por vezes livre para a apropriar na generalidade aos outros paizes catholicos, fóra da Italia.

COM A PENNA

DANÇA DE RODA

A Madame Marie Rochet.

Allegretto

322

p Com a pen na e a pra - ta se ma - ta, sem o ou - ro se po - de pas- sar, Com a pen-na e a pra - ta se ma - ta, sem o ou -ro se pó - de pas - sar; Com o co-bre se co-me e se be - be; vi-vam as mo ças que sa-bem dan- çar. Com o co-bre se co-me e se be - be: vi-vam as mo-ças que sa-bem dan -çar.

N'um só momento que tenha
A dita de te encontrar,
Em segredo te direi
O motivo de eu penar.

O amor e o ciume
Fizeram paz e união;
Quem tem amores tem ciumes,
Quem tem zelos tem paixão.

Hei de escrever a Cupido
Mandando-lhe perguntar,
Se um coração offendido
Tem obrigação de amar.

Com a penna e a prata se mata,
Sem o ouro se póde passar,
Com o cobre se come e se bebe;
Vivam as moças que sabem dançar.

Vae, amor, por esse mundo
Procurar melhor riqueza;
Se não a encontrares, volta
Aos restos d'esta pobreza.

Lá no ceu vae uma nuvem,
Todos dizem — bem a vi;
Todos falam e murmuram,
Ninguem olha para si.

Recolhida em Coimbra, em 1886, por F. P. Nogueira.

ADORO OS TEUS OLHOS

DESCANTE

Á Ex.ma Snr.a D. Josephina Reis.

Andantino

323

p A - do - ro es-ses teus o-lhos, co-mo os an - jos a-do - ram a De - us; da - ri - a quan-to pos-su - o, se os ti-ve - ra por meus. Se os ti-ve - ra por me - us, Se os ti-ve - ra por me - us, A - do - ro es - ses teus o - lhos co-mo os an - jos a-do - ram a Deus.

Adoro esses teus olhos,
Como os anjos adoram Deus;
Daria quanto possuo,
Se os tivera por meus.

Hei de te amar ao meu gosto,
Corra o p'rigo que correr;
Uma vida só que tenho
Quero por ti padecer.

Tenho-te dito mil vezes,
Mil vezes á luz da lua,
Que as almas nascem aos pares
E a minha é gemea da tua.

Se te não amo falleço,
E se te amo ha quem me mate;
De todas as sortes morro,
Quero morrer a adorar-te.

Amar e saber amar
São pontinhos delicados;
Os que amam não teem conta,
Os que o sabem, são contados.

O meu coração é teu,
Bem o podes entender,
Antes que a morte me leve
Nos teus braços me hei de ver.

Recolhida em Penacova, em 1884, por F. P. Nogueira.

O MANELZINHO DE JOVIM

CHULA REISEIRA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria da Graça Carvalho Araujo.

Andantino

324

f Fe-li - zes fe - tas, se nho - res, bo - as fes - tas vi - mos dar, e fu -

gi - dos aos fo - gue - tes que se bo - tam no lo - gar. Pum! Fo - gue - tes

De bom - ba re - al, E são de *la - mi te*, o - lé! Que fa - zem tão

mal, Ah! são ver - des, An tão? e - ra pas - tor,

Is - to não se a -tu - ra, o - lé! Se-nhor re - ge- dor.

D. C. Final

O MANELZINHO DE JOVIM

CORO

Pum! foguetes!
De bomba real,
E são de *lamite* (1). . . olé!
Que fazem tão mal;
Ah! são verdes. . .
Antão? era pastor,
Isto não se atura. . . olé!
Senhor regedor.

VOZ

Felizes festas, senhores,
Boas festas vimos dar;
E fugidos aos foguetes
Que se botam no logar.

São chegados os tres Reis,
Não julguem que é palanfrorio;
Que lá, no nosso concelho,
Atormenta o foguetorio.

Já chegaram honte'a casa
Do Manelzinho brazileiro,
Que mandou logo o sobrinho
Botar vinte e um morteiro!

E logo p'ra a retirada,
O Manelzinho tem já
Um foguete *tão tamanho*,
Que vae-se ouvir no Pará!

Lá na nossa freguezia
Reina grande animação!
Mas anda tudo a tremer,
Por causa do foguetão.

As cachopas de Jovim
Teem uma dança ensaiada;
E á porta do Manelzinho
Já hontem houve espadelada.

Houve fogo de bonecos,
Muitos foguetes arderam;
E ao som da philarmonica
Os tres Reis adormeceram.

Os tres Reis como eram santos,
Sonharam a noite inteira,
E accordaram estremunhados
Com o restolho do Zé Pereira.

Foram ter com o Manelzinho
Que estava com o fogueteiro,
Disseram-lhe: — D'hora avante
És commendador Morteiro!

Os tres Reis então pediram
Ao bravo commendador,
P'ra lhe fazer companhia
A casa do professor.

Em casa do mestre-eschola
Houve um banquete de truz!
Comeram-se dez gallinhas,
Oito patos, seis perùs!

Durante o real banquete
Brindaram uns cinco ou seis;
No fim botaram um foguete:
Custou um cento de *malreis!* (2)

Rei preto brindou por troça
Ao commendador Morteiro
Que ficou todo inchado
Inda a dever-lhe dinheiro.

E vae *ospantão* (3) para o fi n,
Brindou o senhor abbade,
Que pediu para que Jovim
Fosse a primeira cidade.

Devem partir de manhã
Com destino a Belem;
E á passagem em Campanhã
Diz que ha foguetes tambem.

Gloria dámos a Deus,
E á cautella, prevenção!
Se sentir tremer a casa
Não se assuste — é o foguetão!

A musica e lettra d'esta chula (cantada pela primeira vez no dia de Reis de 1897), é de Belmiro da Silva Porto, fecundo author d'este genero de cantigas, de quem a recolhemos directamente, assim como outras que archivaremos no nosso Cancioneiro. O assumpto que a motivou é o seguinte:

«Ha na freguezia de Jovim, suburbios do Porto, um individuo que voltando do Brazil com alguma fortuna, é apaixonadissimo pelas festas estrondosas, e por isso todas as vezes que póde patentear o seu regosijo manifesta-o especialmente em foguetes e morteiros de grande estampido, chegando já a dizer, n'um momento de enthusiasmo, que ainda havia de mandar fazer um foguete que se ouvisse no Pará.»

O mestre Belmiro canta a solo e rege um grupo de coristas, que se vestem a caracter quando tomam parte nas festas populares; a primeira vez que cantaram esta chula, andavam vestidos com palhoças, como os lavradores do norte de Portugal, em dias de inverno. Cantam primeiro o coro e depois a quadra.

(1) *Lamite* por dinamite.
(2) *Malreis* por mil reis.
(3) *Ospantão* por ao depois então.

FLORES TRISTES

CANÇÃO

Á Ex.ma Snr.a D. Esther d'Amorim.

Andante

325

p Oh ter - na sau - da - de mi - mo - si - nha flor, Fi - el com - pa - nhei - ra Nas pe - nas d'a - mor. Só tu me a - com - pa - nhas no pran to e na dôr. que - ro, que-ro, sem-pre a - mar - te, mi - mo - si - nha flor.

Oh terna saudade, Mimosinha flôr, Fiel companheira Nas penas d'amor.	Oh meu lyrio roxo, Creado no matto; Tu és de minh'alma O fiel retrato.	Oh goivo tristonho, Das campas ornato, Do meu coração Tu és o retrato.
Só tu me acompanhas No pranto e na dor; Quero sempre amar-te, Mimosinha flor.	Só tu me acompanhas No pranto e na dôr; Quero sempre amar-te, Mimosinha flôr.	Só tu me acompanhas No pranto e na dôr; Quero sempre amar-te, Mimosinha flôr.

Recolhida em Coimbra, em 1890; porém deve se muito mais antiga.

LOUVORES DA SENHORA

SAUDAÇÃO RELIGIOSA

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Victoria de Mattos.

Andante religioso

326

Mil lou - vo - - res vos dê - em lá nos ceus on - de es - taes Eu res pon - do cá na ter - ra Bem - di - - ta se - jaes.

Oh mil vezes bemdita
E louvada sejaes,
Pelos homens e anjos
E por Deus ainda mais.

Mil louvores vos dêem
Lá nos ceus onde estaes:
Eu respondo cá na terra:
Bemdita sejaes.

Tantas graças, senhora,
Amorosa nos daes!
Que eu só possa dizer-Vos:
Bemdita sejaes.

Eu Vos tenho offendido,
E Vós inda me amaes,
Como se eu Vos amasse!...
Bemdita sejaes.

Vosso Filho ultrajei,
E ainda assim me amaes!
Quem vira tal coração.
Bemdita sejaes.

Os fervores que eu sinto
São tantos e taes,
Que outro diga e eu só diga
Bemdita sejaes.

Dizei sol, lua, estrellas,
Ceus e terra, animaes,
Dizei como poderdes:
Bemdita sejaes.

Nove córos d'anjos
Tanto admiraes
Cantem todos commigo:
Bemdita sejaes.

Minh'alma se inflamma,
Já não posso mais;
Coração vae dizendo:
Bemdita sejaes.

Vós, Senhora, por nós
Lá no ceu advogaes,
Sendo nós tão perversos!...
Bemdita sejaes.

Por tão grandes offensas
Que Vós supportaes,
Haja alguem que Vos diga:
Bemdita sejaes.

Vossos filhos Vos fogem
E Vós sempre os buscaes;
Cantae peccadores:
Bemdita sejaes.

Vós sois vida de doçura,
E de esperança ainda mais,
Quereis ser nossa Mãe:
Bemdita sejaes.

Eu sou um filho tão mau,
E Vós ainda me amaes,
Oh que amor e que ternura!
Bemdita sejaes.

Diz o meu coração,
Nos alentos vitaes,
Cada vez que palpita:
Bemdita sejaes.

A minha alma Vos dou,
Se Vós m'acceitaes,
Sem cessar cantarei:
Bemdita sejaes.

Que ditosa eu seria
Entre os outros mortaes,
Se expirasse cantando:
Bemdita sejaes.

A Vós, Senhora, ainda bem,
Lá nos ceus onde estaes,
Dirá sempre a minh'alma:
Bemdita sejaes.

A Vossa alma é mais pura
Que os puros crystaes;
Sois formosa sem mancha!
Bemdita sejaes.

Vós sois Virgem e sois Mãe,
E um Filho nos daes,
Que é Deus, que é Homem:
Bemdita sejaes.

Vós n'um pobre presepio,
Um grande Deus reclinaes,
Para o termos patente.
Bemdita sejaes.

Sem ter mancha, no templo
Vós Vos purificaes,
Por tão grande exemplo,
Bemdita sejaes.

Vosso Filho offereceste,
Não póde ser mais!
Por nossa alma, Senhora,
Bemdita sejaes.

Que tormento e que dôr,
Junto á cruz supportaes,
Por nossos crimes enormes
Bemdita sejaes.

Vosso Filho n'uma cruz,
Por nossa alma nos daes.
Tanto amor vos devemos,
Bemdita sejaes.

Do sepulchro e da morte
Já Vós triumphaes;
Levae-me comvosco:
Bemdita sejaes.

Rainha dos ceus,
Sobre os anjos reinaes;
Cantem todos comnosco
Bemdita sejaes.

Mil louvores vos dêem
Lá nos ceus onde estaes:
Eu respondo cá na terra:
Bemdita sejaes.

Este cantico foi recolhido pelo Rev.mo Snr. Padre João Goulart Cardoso que teve a amabilidade de nos enviar juntamente uma carta com a seguinte nota explicativa:

«Faz exactamente um anno que eu, a bem dizer, sobre o caes da Horta, resolvi, a instancias d'um amigo, dar um passeio á ilha do Corvo, aproveitando a occasião da visita do Ex.mo Prelado d'Angra.

Uma das coisas que mais me impressionaram n'aquella aprasivel digressão foi o cortejo singelo do bom povo da ilha, que no dia 13, á noite (julho de 1896), foi esperar, a curta distancia do povoado o Ex.mo Prelado, que com a sua comitiva havia feito uma digressão aos altos da ilha — ao *Caldeirão*. Depois de victoriado o illustre principe da egreja, regressa todo o cortejo á povoação illuminada. A's portas das casas estacionavam as mulheres e creanças com velas nas mãos, emquanto todo o povo, em unisono, cantava os *Louvores da Senhora*, em toada singella e emocionante.

Lembrei-me de a escrever e envial-a ao Cancioneiro, como especimen do canto simples d'aquella pequenina parcella do povo portuguez, que habita um rochedo quasi perdido no Atlantico.» . . . .

VALSA REVALSA

CHOREOGRAPHICA

Á Ex.ma Snr.a D. Margarida Sampaio.

Allegretto

327

A val - sa re - val - sa Tor - na a re - val - - sar; Es -
ta re - val - si - nha Veio da bei - ra mar. Veio
da bei - - ra mar, Veio da bei - - ra mar; A
val - sa re - val - sa tor - na a re - val - - sar.

A valsa revalsa,
Torna a revalsar;
Esta revalsinha
Veio da beira-mar.

Veio da beira-mar,
Veio da beira-mar,
A valsa revalsa,
Torna a revalsar.

Não canteis a valsa
Porque a não sabeis;
Cantae-a commigo
Vo'la aprendereis.

Vo'la aprendereis,
Vo'la aprendereis;
Não canteis a valsa
Porque a não sabeis.

A valsa de quatro
Tem muito que ver,
Ella bem dançada
E' ver e morrer.

E' ver e morrer,
E' ver e morrer;
A valsa de quatro
Tem muito que ver.

Recolhida na Povoa de Lanhoso pelo Ex.mo Snr. Gonçalo Sampaio.
Era muito cantada pelo tempo da invasão franceza, e dançava-se figuradamente como era costume n'aquella epocha.

ISABEL MARTINS

DESCANTE

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Candida de Figueiredo.

Andante

328

O a- mor nas-ceu pe que -ni-no, oh I-za-bel Mar tins, O a- mor nas-ceu pe-que-

ni-no, oh I za bel Mar tins, Sen-do el - le um ta-ma nhão, Sen-do el - le um ta-ma-

nhão, oh I- sa bel Mar -tins car-re ga o ti - mão, oh I - za - bel Mar -tins do meu co - ra - ção.

O amor nasceu pequenino,
Oh Isabel Martins,
Sendo elle um tamanhão;
Oh Isabel Martins,
Carrega o timão,
Oh Isabel Martins
Do meu coração.

O amor é o que agarra,
Oh Isabel Martins,
E' um grande maganão,
Oh Isabel Martins,
Carrega o timão,
Oh Isabel Martins,
Do meu coração.

O amor é o que agarra,
Mora da banda d'álem;
Não passes p'r'a outra banda,
Porque te agarra tambem.

Ouvi cantar a sereia,
No meio d'aquelle mar,
Muitos navios se perdem
Ao som d'aquelle cantar.

Quando eu era rapaz,
Que jogava o meu peão,
Diziam-me as moças todas:
«Bota-m'o aqui na mão.

Se fores ao mar pescar
Leva redes de arminho;
Pesca lá pelo mar dentro,
Que eu serei o teu peixinho.

Que serve agora chorar
Se já remedio não tem?
Se o chorar fosse remedio,
Chorava mais que ninguem.

O meu amor me pediu
Dos meus olhos as meninas;
Eu não sei p'ra que elle quer
Coisinhas tão pequeninas.

Esta cantiga cantava-se em Coimbra, em 1860.

FADO MAGGIOLLI

Á Ex.ma Snr.a D. Alice Borges d'Almeida.

Moderato

329

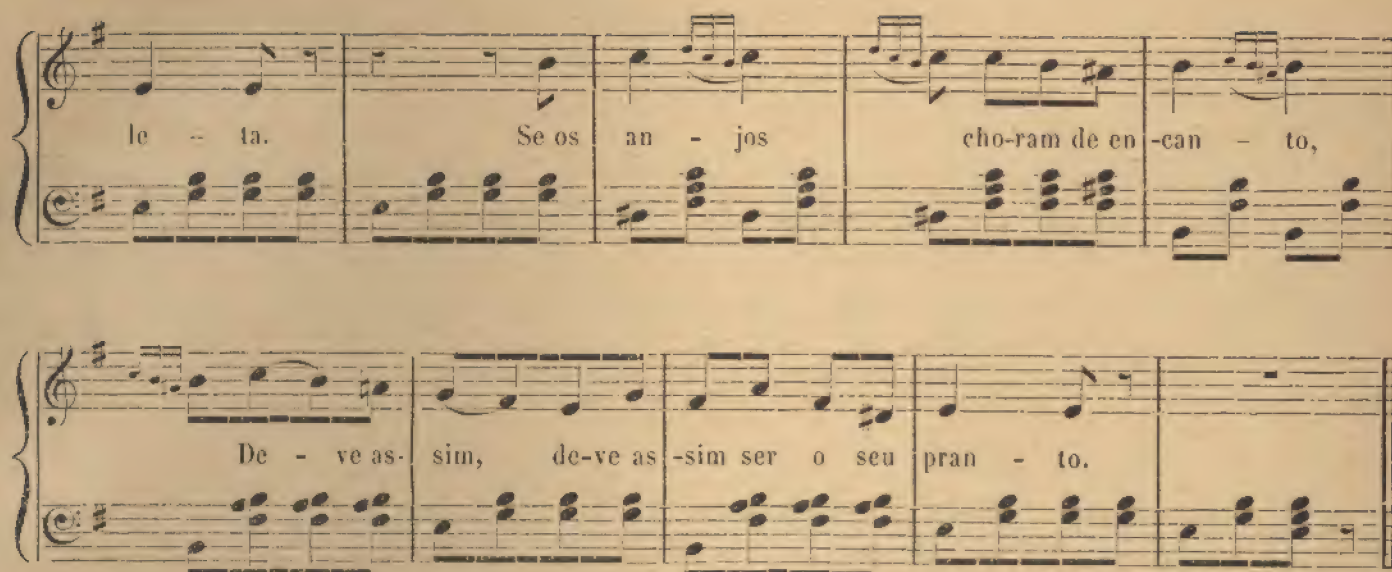
f

Ás ve - zes tre-mu-la in-

quie - ta, Co - mo es- trel - la em noi-te es- cu - - ra,

En - - - - con - tro-a, la - gri - ma pu - ra, N'um

ca - lix de vi - o - le - - ta, En - - - con - tro-a,

la - gri - ma pu - ra, N'um ca - lix, n'um ca - lix de vi - o -

le - ta. Se os an - jos cho-ram de en -can - to,

De - ve as- sim, de-ve as -sim ser o seu pran - to.

Ás vezes trémula, inquieta,
Como estrella em noite escura,
Encontro-a, lagrima pura,
N'um calix de violeta.
Se os anjos choram de encanto
Deve assim ser o seu pranto.

Oiço-lhe em noites serenas,
E noites tempestuosas,
Como umas vozes saudosas
Que parecem ais apenas.
Não sei que linguagem falla
N'esses gemidos que exhala.

Que vezes a não admiro
A exhalar-se da rosa,
Como de boca formosa
Mudo e intimo suspiro?
Então a sua existencia
Não passa de pura essencia.

Quantas vezes, ao sol-posto,
N'aquellas nuvens douradas
Lhe estou a ver desmanchadas
As tranças por sobre o rosto!
Fica-me a alma suspensa
N'aquella abobada immensa!

Mas quanto mais admiravel
Quando tudo em si resume!...
Quando é orvalho e perfume,
Mysterio e luz ineffavel!...
E' não me fartar de a ver,
Em fórma d'Anjo ou Mulher!

JOÃO DE DEUS.

A musica d'este fado foi recolhida em 1870 O nome provém-lhe do appellido do author, que era, segundo nos consta, um bohemio da fina roda de Lisboa.

O MANGERICO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Constança Ayres d'Oliveira.

Andante con 8a

330

p Man-ge - ri - co, oh meu man-ge - ri - co se te vaes em- bo - ra eu a-qui não fi - fi - co. Man-ge -ri - co meu man-ge-ri -cão, A mor da mi-nh'al-ma dá-me a tu - a mão.

sem 8a

f Man - ge - ri-cão da ja - nel - la, bem te po - des ir mur -chan - do, Quem te re - ga - va mor - reu, Eu já me vou en -fa - dan - do.

Oh meu mangericão verde,
Já meu peito foi teu vaso;
Já lá tens outros amores,
Já de mim não fazes caso.

Mangerico, oh meu mangerico,
Se te vaes embora eu aqui não fico.
Mangerico, meu mangericão,
Amor da minh'alma, dá-me a tua mão.

De encarnado veste a rosa,
De verde o mangericão,
De branco veste a açucena,
De luto o meu coração.

Na janella onde eu coso
Tenho um mangericão,
Dá-lhe o sol por entre as folhas,
Fico n'uma escuridão.

Se me quizeres vir ver,
As noites bem bellas são,
Foge de casa a teu pae,
Vem p'ra aqui fazer serão.

Quem quizer armar á rôla,
Arme-lhe ao pé da ladeira
Um laço de fita azul,
Que a rôla vem de carreira.

Recolhida em Coimbra, em 1894.

MANGERICÃO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Angelica de Jesus Pinheiro.

Andantino

331

Vae-se o di - a vem a noi-te, Che-gou a mi - nha a-le- gri-a, Pa-ra fal - lar ao meu bem Já que não pos - so de dia. Man-ge- ri - cão á ja - nel-la, me - ni - na, não o te - nha-es, Dá-lhe o ven - to, bo-le a fran - ça, Cui-dam que vós me cha- maes.

Amor, se queres, façamos
Uma troca sem lezão:
E' trocar alma por alma,
Coração por coração.

Mangericão á janella,
Menina, não o tenhaes,
Dá-lhe o vento, bole a frança,
Cuidam que vós me chamaes.

Se eu fôra sol que subira,
Dava na tua janella;
Fôra-te fallar á cama,
Raios da manhã te dera.

O meu amor é um cravo,
Deus m'o deu, não lh'o mereço;
Já m'o quizeram comprar,
Um cravo só não tem preço.

O sol quando quer nascer
Bota seus raios ao monte;
Quem quizer que a rosa abra
Ponha-lhe o cravo defronte.

Se quereis passar a serra,
Zabellinha, madrugae:
Por detraz d'aquella serra
Outra maior serra vê.

MARIA DO CARMO

DANÇA DE RODA

Á Ex.ma Snr.a D. Belmira Anjos.

Moderato

332

Se o meu bem a- | go - ra | vi-es-se a-qui | ter, | se o meu bem a | -go-ra, ai, sim, |

sim, vi-es-se a-qui | ter, pois sim, | sim, ha mais quem | quei-ra, cró, có, | có, o gal-lo can- | tou.

U - ma mis-sa ás | al - mas | man-da-va di- | zer, | U - ma mi-sa ás | al-mas, ai, sim, |

sim, man-da-va di- | zer, pois sim, | sim, ha mais quem | quei-ra, cró, có, | có, o gal lo can | tou.

Ma - ri-a do | Car - mo, | mi - nha com-pa | nhei - ra, | dá - me qua-tro | fi-gos, ai, sim,

O meu amor novo
E' muito engraçado;
Se elle aqui estivesse,
Ai, sim, sim,
Vinha p'ra o meu lado,
Pois, sim, sim,
Ha mais quem queira,
Cró, có, có,
O gallo cantou,
Cró, có, có,
Deixal-o cantar,
Maria do Carmo,
Ai, sim, sim,
Eu hei de te amar,
Pois, sim, sim,
Ha mais quem queira,
Cró, có, có,
O gallo cantou.

O meu bem agora
Já me não vem ver,
Está amuado,
Ai, sim, sim,
Mas cá virá ter,
Pois, sim, sim,
Ha mais quem queira,
Cró, có, có,
O gallo cantou.
Maria do Carmo,
Minha companheira,
Dá-me quatro figos
Ai, sim, sim,
Da tua figueira.
Pois, sim, sim,
Ha mais quem queira,
Cró, có, có,
O gallo cantou.

O meu amor novo
Anda carrancudo,
Porque não lhe fallo
Vezes a meúdo.

O meu amor novo
Já não sae de casa,
Tem medo d'um gallo
Que me arrasta a aza.

O meu amor novo
E' muito elegante,
Mas tem um defeito,
E' ser estudante.

Oh meu amorzinho,
Que vida é a tua?
Comer e beber,
Passear a rua.

Oh amor, amor,
Não te vás embora,
Se fico sósinha
A minha alma chora.

Recolhida em Villa Viçosa pelo Ex.mo Snr. Nunes Sereno em 1893; porém é muito mais antiga.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA XI

Á Ex.ma Snr.a D. Maria Rodrigues Lobo.

Poesia de Thómaz Antonio Gonzaga.
Lyra XXV, Parte II.

Allegretto

333

Por morto, Ma-ri-li-a, a-qui me re-pu-to; *f* mil ve-zes es-cu-to o som do ar-ras-ta-do e du-ro gri-lhão, *Adagio* Mas ah! que não tre-me, *1.° tempo* não tre-me de sus-to o meu co-ra-ção o meu co-ra-ção o meu co-ra-ção.

Por morto, Marilia,
Aqui me reputo;
Mil vezes escuto
O som do arrastado
E duro grilhão.
Mas, ha! Que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

A chave lá sôa
Na porta segura:
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prisão.
Mas, ah! Que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Eu vejo, Marilia,
A mil innocentes,
Nas cruzes pendentes
Por falsos delictos,
Que os homens lhes dão.
Mas, ah! Que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Se penso que posso
Perder o gosar-te,
E a gloria de dar-te
Abraços honestos,
E beijos na mão.
Marilia, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

Repara, Marilia,
O quanto é mais forte
Ainda que a morte,
N'um peito esforçado
D'amor a paixão.
Marilia, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

Continuado da pag. 262.

MARILIA DE DIRCEU

ARIA XII

Á Ex.ma Snr.a D. Mafalda Rodrigues Lobo.

Poesia de Thomaz Antonio Gonzaga.
Lyra XXXVII, *Parte* II.

Andantino

334

p Se o vas - to mar se enca - pel - - la e na ro-cha em flôr re- ben - - ta gros-

sa nau que não tem le - - me, em vão sus-ten-tar-se en -ten - - ta a - té que nau - fra - ga, e

cor - re á dis - cri-pção da tor - men - - - - - - - - - - - - - - - - ta.

Quem não tem uma belleza,
Em que ponha o seu cuidado;
Se o ceu se cobre de nuvens,
E se assopra o vento irado,
Não tem forças, que resistam
Ao impulso do seu fado.

N'esta sombria masmorra
Aonde, Marilia, vivo,
Encósto na mão o rosto,
Fico ás vezes pensativo.
Ah! Que imagens tão funestas,
Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra,
Marilia, toda enlutada;
A face de um pae rugosa,
N'um mar de pranto banhada:
Os amigos macilentos;
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
Para outro diverso lado;
Vejo n'uma grande praça
Um theatro levantado;
Vejo as cruzes, vejo os potros,
Vejo o alphange afiado.

Um frio suor me cobre,
Lassam-se os membros, suspiro:
Busco allivio ás minhas ancias,
Não o descubro, deliro.
Já, meu bem, já me parece,
Que nas mãos da morte expiro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes crystallinos,
A tua bôca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,
Que a negra noite afugenta;
Qual o sol que a nevoa espalha
Apenas a terra aquenta;
Ou qual iris, que o ceu alimpa,
Quando se vê na tormenta.

Assim, Marilia, destérro
Triste illusão e demencia;
Faz de novo o seu officio
A razão e a prudencia;
E firmo esperanças doces
Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,
Sóbe a viva côr ao rosto;
Gira o sangue pela veia,
E bate o pulso composto:
Vê, Marilia, o quanto póde
Contra os meus males teu rosto.

Terminam aqui as doze arias da segunda parte do poema *Marilia de Dirceu* que possuimos, e cuja musica nos parece ser de Marcos Antonio Portugal, um dos mais illustres musicos portuguezes.

PHILOMENA

CANTIGA DAS RUAS

À Ex.ma Snr.a D. Isaura Peregrina de Macedo.

Andantino

335

Oh q'ri - da Phi - lo - me - na, Quem fô - ra co - mo tu, As cre- a - das de ser vir an - dam to - das de *ter - nú.* Oh q'ri - da Phi - lo - me - na, Quem fô - ra co - mo tu.

Se el - las an-dam de *ter- nú.* Fa-zem el - las mui-to bem; não de - vem na - da a nin- guem, Se-el- an - dam de *ter - - nú,* Fa - zem el - las mui - to bem.

Oh querida Philomena,
Assim, assim, assim,
As creadas de servir
Vão passear p'ra o jardim.

Se passeiam no jardim,
Fazem ellas muito bem;
As creadas de servir
Não devem nada a ninguem.

Oh querida Philomena,
Verde canna no botão;
As creadas de servir
Andam tolas co'o patrão.

Se andam tolas co'o patrão,
Fazem ellas muito bem,
As creadas de servir
Não devem nada a ninguem.

Oh querida Philomena
Não vás sósinha ao mercado;
As creadas de servir
Todas tem o seu soldado.

Se ellas teem o seu soldado,
Fazem ellas muito bem;
As creadas de servir
Não devem nada a ninguem.

Oh querida Philomena
Não namores o sargento;
As creadas de servir
São tão varias como o vento.

Se são varias como o vento,
Fazem ellas muito bem;
As creadas de servir
Não devem nada a ninguem.

Oh querida Philomena,
Olha como o mundo anda,
As creadas de servir
Veem conversar p'r'a varanda.

Se conversam na varanda,
Fazem ellas muito bem;
As creadas de servir
Não devem nada a ninguem.

Oh querida Philomena,
Hoje as coisas não estão boas,
As creadas de servir
Mandam mais do que as patroas.

Se mandam mais que as patroas,
Fazem ellas muito bem;
As creadas de servir
Gozam mais do que ninguem.

Recolhida no Porto, em 1893, onde appareceu, cantada pelos cegos ás portas dos mercados.

INDICE

MUSICAS

FIM DO SEGUNDO VOLUME.